

Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

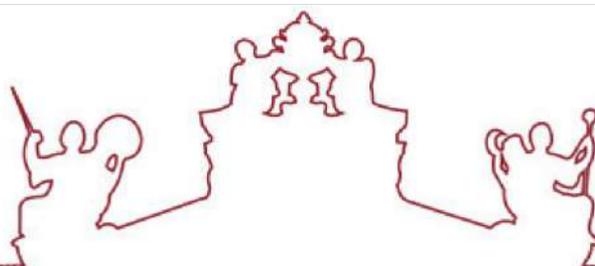
Curia - Arquitetura para Termas

Ana Beatriz Da Silva Mieiro

Orientador(es) | João Rocha

Évora 2024





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Dissertação

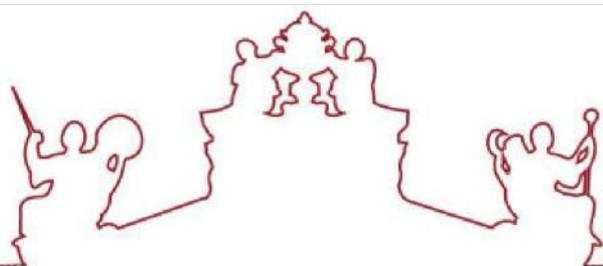
Curia - Arquitetura para Termas

Ana Beatriz Da Silva Mieiro

Orientador(es) | João Rocha

Évora 2024





A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Maria Teresa Alves (Universidade de Évora)

Vogais | João Barros Matos (Universidade de Évora) (Arguente)
João Rocha (Universidade de Évora) (Orientador)





Agradecimentos

À minha família por todo o apoio, em especial ao meu pai e ao meu irmão, por estarem lá em todos os momentos desde o início desta jornada, à minha cunhada pelos ensinamentos e partilha de experiências através de uma câmara fotográfica, e aos meus sobrinhos por acreditarem que a tia é capaz de tudo, mesmo quando nem eu própria acreditava.

Ao meu orientador por todo o apoio, doutrina, orientação e motivação, que me acompanhou desde o início deste objetivo e que comigo continuou até ao fim.

Aos colegas e professores que me acompanharam ao longo do curso, pela partilha de conhecimento. E a todos os que se cruzaram na minha vida que me fizeram de alguma forma chegar a este momento. Não posso deixar de agradecer particularmente ao Dr. Nuno Rosmaninho que me facultou o acesso ao seu arquivo pessoal fornecendo-me elementos essenciais para erigir esta Dissertação, tal como o Engenheiro Alberto Simões que se prontificou a fornecer elementos para este trabalho.

Aos meus amigos, eles sabem a quem me refiro, que sempre me acompanharam neste percurso, as longas conversas a meio da noite, a motivação, as mensagens do “tu consegues” a partilha de experiências e acima de tudo a amizade, sem vocês não sei se seria possível chegar até aqui.

Ao Rui e ao Miguel, por todo o apoio, partilha de conhecimentos, ensinamentos e acima de tudo pela amizade, incentivo e motivação para a conclusão deste trabalho.

Por fim, dedico este trabalho, à minha Mãe que sem ela e o seu amor e apoio incondicional não seria possível estar aqui hoje nesta fase final, à pessoa que mais acreditou no meu potencial, e que nunca duvidou que este dia ia chegar, que viu este ciclo iniciar-se, mas que partiu a saber que a data do seu fim estava marcada.

O meu mais sincero Obrigada.

Índice

Agradecimentos

Índice de figuras

1 Introdução	
1.1 Resumo. Abstract	1
1.2 Objeto e Objetivo	3
1.3 Motivação e Pertinência	4
1.4 Estrutura e Metodologia	5
1.5 Estado da Arte	6
2 Águas	10
2.1 Termalismo	16
- Idade Antiga	17
- Idade Média	21
- Renascimento	22
- O século XIX	23
- Atualidade	25
3 Concelho de Anadia	33
3.1 Enquadramento local	34
3.2 Termas de Vale da Mó	47
4 Termas da Curia	53
4.1 Curia	
- Etimologia	54
4.2 A água termal da Curia	57
4.3 A origem das Termas	58
4.4 O desenvolvimento das Termas	63
4.5 Atualidade	94
4.6 Registo fotográfico “ <i>in situ</i> ”	99
4.7 Alojamento	124
- Grande Hotel da Curia	125
- Palace Hotel	130
- Vila Rosa	137
- Hotel do Parque	140
- Hotel Boavista	143
- Hotel das Termas	148

5 Cronologia Comparada dos protagonistas da arquitetura na Curia durante o Séc.XX.	156
5.1 Manuel Joaquim Norte Júnior	157
- Intervenção na Curia	161
5.2 Raul Lino	166
- Intervenção na Curia	173
5.3 Cassiano Branco	178
- Intervenção na Curia	184
5.4 Cottinelli Telmo	188
- Intervenção na Curia	193
6 Conclusões	
6.1 Considerações finais	201
6.2 Bibliografia	209
6.3 Webgrafia	218
6.4 Anexos	223

Lista de Figuras:

Fig. 01 | Fotografia do Aqueduto Romano 1960.

Fonte | <https://www.metmuseum.org/art/collection/h/286414?ft=roman+Aqueduct&offset=0&rpp=40&ppos=5>

Fig. 02 | Termas Estabianas, Pompéia, Ruínas de um Tepidarium.

Fonte | <https://thearcheology.wordpress.com/2010/06/25/thermae-os-banhos-na-roma-antiga-parte-2/>

Fig. 03 | Postal de Karlsbad (Karlovy Vary), República Checa, (s.d.).

Fonte | <https://www.thermal.cz/en/history>

Fig. 04 | Planta esquemática dos Jardins do Palácio de Monserrate

Fonte | <https://made-portugal.blogspot.com/2017/06/percurso-pelos-jardins-historicos-do.html>

Fig. 05 | Jardim da Quinta da Regaleira (Sintra)

Fonte | <https://cm-sintra.pt/atualidade/cultura/jardins-da-quinta-da-regaleira-entre-os-mais-notaveis-do-mundo>

Fig. 06 | Mapa de Portugal com a localização das termas ativas e inativas existentes em Portugal.

Fonte | Elaboração própria

Fig. 07 | Gráfico relativo à frequência termal em Portugal entre 1999 e 2010.

Fonte | Elaboração própria baseada nos dados da direção geral de energia e geologia.

Fig. 08 | Gráfico relativo à frequência termal em Portugal entre 2010 e 2022.

Fonte | Elaboração própria baseada nos dados da direção geral de energia e geologia.

Fig. 09 | Mapa de Portugal segundo o sistema NUT I e NUT II.

Fonte | Elaboração própria baseada no sistema NUT

Fig. 10 | Localização do município de Anadia no distrito de Aveiro e as suas 19 concelhias.

Fonte | Elaboração própria

Fig. 11 | Mapa aproximado de Anadia e das cidades que a rodeiam.

Fonte | elaboração própria

Fig. 12 | Mapa de localização das freguesias pertencentes ao concelho de Anadia.

Fonte | Elaboração própria baseada na Câmara Municipal de Anadia.

Fig. 13 | Tabela relativa à diferença entre do nº de habitantes do concelho de Anadia entre 2011 e 2021 baseada nos censos.

Fonte | Elaboração própria baseada nos censos

Fig. 14 | Mapa da caracterização biofísica hidrogeológica de Anadia.

Fonte | Elaboração própria baseada na Câmara Municipal de Anadia

Fig. 15 | Mapa de caracterização dos declives do concelho de Anadia.

Fonte | Elaboração própria baseada na Câmara Municipal de Anadia

Fig. 16 | Mapa de identificação dos pontos mais alto e mais baixo do concelho de Anadia e das linhas de água principais do concelho pertencentes à REN (Reserva ecológica nacional).

Fonte | Câmara Municipal de Anadia

Fig. 17 | Mapa de identificação da ocupação do solo do concelho de Anadia.

Fonte | Câmara Municipal de Anadia

Fig.18 | Fotografia da escola Vitivinícola de Anadia e das suas vinhas (a vinicultura é uma prática característica da região e por isso esta imagem vinícola é bastante recorrente na localidade)

Fonte | Município de Anadia (2019), Anadia, Terra de Paixões, Anadia (1ª edição), pág.35

Fotógrafo | Miguel Rolo

Fig. 19 | Mapa de localização das Termas que se encontram em Anadia

Fonte | Elaboração própria

Fig. 20 | Garrafas e copo característicos das termas de Vale da Mó para uso dos aquistas para o seu tratamento.

Fonte | Município de Anadia (2019), Anadia, Terra de Paixões, Anadia (1ª edição), pág.28

Fotógrafo | Miguel Rolo

Fig. 21 | Buvette das Termas de Vale da Mó.

Fonte | Município de Anadia (2019), Anadia, Terra de Paixões, Anadia (1ª edição), pág.28

Fotografo: Miguel Rolo

Fig. 22 | Planta e Fachada Principal do pavilhão da Fonte de Vale da Mó projetado pelo engenheiro António Rodrigues (1932).

Fonte | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.482

Fig. 23 | Fachada lateral e Corte do pavilhão da Fonte de Vale da Mó projetado pelo engenheiro António Rodrigues (1932).

Fonte | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves

(2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.483

Fig. 24 | Buvette das Termas de Vale da Mó (s.d., no entanto antes de 1939).

Fonte | Acciaiuoli, Luiz (1941), Águas de Portugal: relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939, Lisboa (1941 ou MCMXLI)

Fig. 25 | Postal da Buvette das Termas de Vale da mó (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em Arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/Anadia01.htm>

Fig. 26 | Placa de discrição à entrada das Termas. Fotografia | Elaboração própria.

Fig. 27 | Orto de localização do perímetro das termas 2023. Fonte | Elaboração própria.

Fig. 28 | Copo por onde os aquistas bebiam a água da Buvette (neste caso, copo comemorativo da reunião do curso médico de 1959, em 1978). Fonte | Elaboração própria (arquivo pessoal da autora).

Fig. 29 | Postal com outra perspetiva do primeiro estabelecimento termal (por volta de 1905).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais3/Curia/Curia016.jpg>

Fig. 30 | Planta do balneário desenhado pelo Engenheiro Leonardo de Castro Freire (1901)

Fonte | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.426

Fig. 31 | Ampliação do primeiro balneário (s.d. mas será por

volta de 1909).

Fonte | Acciaiuoli, Luiz (1941), Águas de Portugal: relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939, Lisboa (1941 ou MCMXLI)

Fig. 32 | Planta urbana onde se encontra o balneário de Leonardo de Castro Freire e o Hotel Villa Figueiredo (s.d. após 1907).

Fonte | Arquivo pessoal do Professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 33 | Balneário e a sua envolvente (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/023_Curia.jpg

Fig. 34 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos (cerca de 1913/1914).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/024_Curia.jpg

Fig. 35 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos com o jardim de frente a este (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/056_Curia.jpg

Fig. 36 | Planta urbana (1914) já com a Buvette e o balneário, e o retângulo do perímetro termal definido.

Fonte | Direcção-Geral de Energia e Geologia em : Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.183

Fig. 37 | Fachada da Buvette onde se encontra inscrito o ano da sua construção.(s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/042_Curia.jpg

Fig. 38 | Interior da Buvette (com ênfase na Fonte Albano Coutinho (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/049_Curia.jpg

Fig. 39 | Sala de espera da Buvette (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/060_Curia.jpg

Fig. 40 | Escadaria ao lado da Buvette contendo uma gruta por baixo.(s.d).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/043_Curia.jpg

Fig. 41 | Planta da escadaria e muro de suporte de terras junto da Buvette de Jaime Inácio dos Santos (1914).

Fonte | Rosmaninho, Nuno; Simão, Maria Cristina B. (Agosto, 2002), Seis Projetos de Arquitetura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.61.

Fig. 42 | Edifício termal, Challet Pinheiro e Grande Hotel (1915).

Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 43 | Buvette com o Grande Hotel como plano de fundo (cerca de 1915).

Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 44 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos (1914).

Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 45 | Planta do piso superior do balneário do Arq. Jaime Inácio dos Santos (1910)

Fonte | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 136.

Fig. 46 | Planta do piso inferior do balneário do Arq. Jaime Inácio dos Santos (1910).

Fonte | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág 136.

Fig. 47 | Barcos a passearem no lago (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/092_Curia.jpg

Fig. 48 | Embarcadouro das gaivotas (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia372.jpg>

Fig. 49 | Barcos no lago e o hotel Boavista como plano de fundo (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/098_Curia.jpg

Fig. 50 | Alçados e cortes do da buvette, do primeiro balneário e engarrafamento (1935).

Fonte | Direção-Geral de Energia e Geologia em : Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.427.

Fig. 51 | Parte de trás do balneário e escadaria adjacente à Buvette vista do Grande Hotel (cerca de 1915).

Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 52 | Lago com o Grande Hotel e o balneário como plano de fundo (cerca de 1915).

Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 53 | Lago com o Grande Hotel ao fundo (1922).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/077_Curia.jpg

Fig. 54 | Entrada neomedieval do parque termal (s.d., acreditando ser após 1917/1918).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia137.jpg>

Fig. 55 | Jardim de frente ao balneário (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia413.jpg>

Fig. 56 | Alameda do parque (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia416.jpg>

Fig. 57 | Projeto para uma padaria e habitação para Manuel Marques da Silva pelas mãos de Jaime Inácio dos Santos (1926).

Fonte | Arquivo pessoal do Professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 58 | Parque (zona arborizada de frente às atuais termas) (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia328.jpg>

Fig. 59 | Piscina praia paraíso do Palace Hotel (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia490.jpg>

Fig. 60 | Parque (zona arborizada de frente às atuais termas) (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia485.jpg>

Fig. 61 | Planta para a construção de uma casa e garagem a construir pelo mestre de obras Francisco Leandro Cardoso (1926).

Fonte | Arquivo pessoal do Professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 62 | “Um trecho do lago” com uma das pontes de madeira que dão acesso à ilha central (1940).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/003_Curia.jpg

Fig. 63 | Interior do salão do baile (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/063_Curia.jpg

Fig. 64 e 65 | Planta do balneário (rés-do-chão), dos arquitetos Eduardo Martins e Manuel Passos (1944/1945).

Fonte | Direcção-Geral de Energia e Geologia em: Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.194.

Fig. 66 | Alçados do balneário dos arquitetos Eduardo Martins e Manuel Passos (1944/1945).

Fonte | Direcção-Geral de Energia e Geologia em: Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.194.

Fig. 67 | Cafeteria Biju (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia125.jpg>

Fig. 68 | Gráfico relativo à frequência de aquistas na Curia entre 1905 e 1945.

Fonte | Elaboração própria baseada em: Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação.

Fig. 69 e 70 | Ortofotomapa da Curia (Abril, 1979)

Fonte | Câmara Municipal de Anadia.

Fig. 71 | Folheto promocional da Curia (1954).

Fonte | Arquivo pessoal de Alberto Simões.

Fig. 72 | Folheto promocional da Curia (1957/1958).

Fonte | Arquivo pessoal de Alberto Simões.

Fig. 73 | Planta do 1º andar do antigo balneário (anos 80/90).

Fonte | Arquivo pessoal do Professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 74 | Planta do rés do chão do antigo balneário (anos 80/90).

Fonte | Arquivo pessoal do professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 75 | Laboratório de análises clínicas (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/CuriaPostais/064_Curia.jpg

Fig. 76 | Planta do rés do chão (1993).

Fonte | Arquivo pessoal do professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 77 | Planta do 1º andar (1993).

Fonte | Arquivo pessoal do professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 78 | Alçado do novo balneário (1993).

Fonte | Arquivo pessoal do professor Doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 79 | Casa de chá e campo de jogos anexo a esta. (s.d., após 1960).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia132.jpg>

Fig. 80 | Casa de chá (s.d., após 1960).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia131.jpg>

Fig. 81 | Cafeteria Biju (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia445.jpg>

Fig. 82 | Fachada Norte do antigo balneário do Arq. Manuel Gil Graça (2002).

Fonte | Lacerda, Rui; Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal (2011), Dissertação de doutoramento, Universidad de A Coruña, Escola Técnica Superior de Arquitectura, pág.167.

Fig. 83 | Planta do primeiro piso do antigo balneário do Arq. Manuel Gil Graça), (2002).

Fonte | Lacerda, Rui; Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal (2011), Dissertação de doutoramento, Universidad de A Coruña, Escola Técnica Superior de Arquitectura, pág.167.

Fig. 84 | Alçado Sul do “novo” balneário (proposta de alterações do Arq. Manuel Gil Graça), (2002).

Fonte | Lacerda, Rui; Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal (2011), Dissertação de doutoramento, Universidad de A Coruña, Escola Técnica Superior de Arquitectura, pág.168.

Fig. 85 | Alçado para a casa de chá museu do Arq. Manuel Gil Graça.(2002).

Fonte | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 170.

Fig. 86 e 87 | Fotografias do campo de golfe ainda em construção (2003).

Fotógrafo | Duarte Belo

Fonte | Marques, Litério; Carvalho, José (2013), Novos Urbanismos, Novas Paisagens: Monólogos de Memória, Anadia, Museu do Vinho da Bairrada, pág.37.

Fig. 88 e 89 | Campo de golfe atualmente (ao abandono) (Agosto, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 90 | Campo de golfe (2012).

Fonte | <https://golfdesign.pt/wp-content/uploads/2023/04/PORTEFOLIO.pdf>

Fig. 91 | Gráfico relativo à frequência de aquistas na Curia entre 2012 e 2022.

Fonte | Elaboração própria baseada em: Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação.

Fig. 92 | Planta de localização e identificação dos edifícios inerentes e que circundam o complexo termal.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 93 | Folheto informativo dado pelas termas.

Fonte | Termas da Curia

Fig. 94 | Planta de localização das fotografias da Buvette.

Fonte | Elaboração própria

Fig. 95 | Conjunto de imagens da Buvette exterior e interior (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 96 | Planta de localização das fotografias da gruta dos amores.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 97 | Conjunto de imagens com a gruta dos amores localizada por baixo da escadaria que se encontra de frente à Buvette, e o que inicialmente seria a pia em que davam água aos aquistas tornando-se mais tarde o vestiário das funcionárias (isto por volta dos anos 20/40). (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 98 | Planta de localização das fotografias do novo edifício termal.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 99 | Conjunto de imagens do “novo” edifício termal exteriormente e interiormente (salas de tratamentos e banhos consultório médico, ginásio, salas de espera, piscina e salas de estética) (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 100 | Conjunto de imagens do estado da antiga sede da SAC (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 101 | Planta de localização das fotografias da zona de captação de água.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 102 | Conjunto de imagens da zona de captação da água e local onde esta desagua (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 103 | Planta de localização das fotografias do edifício de manutenção.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 104 | Conjunto de imagens do edifício de apoio à manutenção (em avançado estado de degradação) (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 105 | Planta de localização das fotografias da casa de chá.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 106 | Conjunto de imagens das fachadas da casa de chá, pormenor de um vão e imagem do que foi possível ver do interior (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 107 | Planta de localização das fotografias do campo polivalente, casa de chá e campo de ténis.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 108 | Campo polivalente (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 109 | Parque infantil (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 110 | Campo de ténis (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 111 | Planta de localização das fotografias da passagem coberta que liga o antigo balneário às novas termas.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 112 | Antes (1ª linha), durante (2ª linha) e depois (3ª linha) das melhorias realizadas, respetivamente (2019, 2021 e 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 113 | Planta de localização das fotografias da rotunda à entrada do parque.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 114 | Alameda e rotunda de frente à entrada do parque (2023, 2012 e s.d. respetivamente).

Fonte | Elaboração própria, fotografia cedida pelo arquiteto Rui Rosmaninho e postal de Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro, disponível em: <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia467.jpg>, respetivamente.

Fig. 115 | Escultura “A gota da Curia” durante a fase de construção (2020) e após ser feita (2023)..

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 116 | Planta de localização das fotografias da alameda que vai da entrada do parque ao lago.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 117 | Conjunto de imagens do caminho que vai desde a entrada do parque até ao lago (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 118 | Planta de localização das fotografias da zona junto ao lago.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 119 | Conjunto de imagens do lago com bilheteira e fonte de homenagem a Manuel Pinto de Azevedo (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 120 | Planta de localização das fotografias do antigo balneário.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 121 | Conjunto de imagens exteriores/interiores do antigo balneário/ casino (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 122 | Planta de localização do Grande Hotel da Curia.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 123 | Primeira fase do Grande Hotel da Curia (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia196.jpg>

Fig. 124 | Postal já com o novo corpo que compõe o Grande Hotel (s.d).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia199.jpg>

Fig. 125 e 126 | Projeto para um Grande Hotel na Curia de Deolindo Vieira e Rafael Duarte de Mello, publicação na revista “A Construção Moderna” de 25 de Abril de 1916.

Fonte | Revista “A Construção Moderna”.

Disponível em | <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-construcao-moderna/search/article?q=curiab>

Fig. 127 | Fachada do Grande Hotel vista do Casino (s.d., acreditando ser após 1912).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia201.jpg>

Fig. 128 | Fachada já com nova ampliação do Grande Hotel (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia202.jpg>

Fig. 129 | Postal já com nova ampliação do Grande Hotel (s.d. acreditando ser após 1929).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia207.jpg>

Fig. 130 | Postal do hotel e do seu interior (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais3/Curia/Curia535.jpg>

Fig. 131 | Capela anexa ao hotel (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia168.jpg>

Fig. 132 | Entrada principal do Hotel (s.d.).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 133 | Fachadas exteriores do Hotel (s.d).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 134 | Piscina interior (s.d.) .

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 135 e 136 | Piscina exterior (s.d.).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 137 | Quarto (s.d.).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 138 | Sala de espera e zona de receção (s.d.).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 139 | Fachada Este e zona de entrada para a zona de estacionamento do Hotel (s.d.).

Fonte | <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Fig. 140 | Fachada Este do Grande Hotel da Curia, onde é visível parte da intervenção exterior (provavelmente datada a 2016) (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 141 | Fachada Sul do hotel onde é notório a intervenção na entrada principal (não é possível precisar a data desta intervenção) (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 142 | Corpo realizado na última intervenção de frente à fachada Este (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 143 | Capela adjacente ao Grande Hotel da Curia (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 144 | Fachada Sul do Grande Hotel da Curia (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 145 | Fachada Sul com ênfase nas janelas em arco, produto de uma outra intervenção (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 146 | Parte da fachada Este com a capela (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 147 | Planta de localização do Palace Hotel da Curia.

Fonte | Elaboração própria

Fig. 148 | Postal com o Challet Navega e com o edifício primitivo do Palace hotel (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia177.jpg>

Fig. 149 | Fachada principal e anexos datada a Julho de 1926

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia190.jpg>

Fig. 150 e 151 | Projeto para uma casa para o Dr. Luís Navega na Curia, acredita-se ser a primeira planta do Palace projetada por Deolindo Vieira e Rafael Duarte de Mello, publicação na revista “A Construção Moderna e as artes do metal”.

Fonte | Revista “A Construção Moderna e as artes do metal”(1913).

Disponível em | <https://pt.revistasdeideias.net/pt-pt/a-construcao-moderna/search/article?q=curiab>

Fig. 152 | Postal do salão de festas do Palace (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia180.jpg>

Fig. 153 | Fachada Poente (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia183.jpg>

Fig. 154 | Salão de baile do Palace (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeye.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia02/Curia191.jpg>

Fig. 155 | Piscina Praia-Paraíso (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia235.jpg>

Fig. 156 | Fachada Nascente do Palace Hotel (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia230.jpg>

Fig. 157 | Hall de entrada e recepção do Palace (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia220.jpg>

Fig. 158 | Jardins do Palace após renovação (2008).
Fonte | <https://www.portaldojardim.com/pdj/wp-content/uploads/Centro-425.jpg>

Fig. 159 | Capela, Chalet das Rosas e Palace (1951).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia248.jpg>

Fig. 160 | Jardins do Palace (anos 80/90).
Fonte | Arquivo pessoal da autora.

Fig. 161 | Garagem do Palace (1985)
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian em Maria Ludovice da Paixão, arquiteto Norte Júnior.
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=165700&img=103763>

Fig. 162 | Parte da Fachada principal (1985).
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian em Maria Ludovice da Paixão, arquiteto Norte Júnior.
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=165700&img=103763>

Fig. 163 | Challet das Rosas, edifício anexo ao Palace (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia217.jpg>

Fig. 164 | Postal da entrada do Palace (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia234.jpg>

Fig. 165 | Fachada principal do Palace e dos seus jardins (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro.
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia214.jpg>

Fig. 166 | Capela anexa ao Palace (1943).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia218.jpg>

Fig. 167 | Piscina Praia-Paraíso atualmente (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 168 | Fachada principal do Palace e dos jardins (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 169 | Fachada principal do Palace e dos jardins, num plano mais aproximado (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 170 | Entrada da capela atualmente (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 171 | Fachada principal da capela (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 172 | Entrada da capela com a vegetação envolvente

(2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 173 | Antigo challet Navega atualmente (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 174 | Antigo challet Navega visto do Hotel do Parque (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 175 | Entrada para o antigo Challet Navega (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 176 | Garagem do Palace atualmente (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 177 | Fachada principal do Palace Garage (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 178 | Fachada principal do Palace Garage e envolvente (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 179 | Caminho entre a Garagem e a capela do Palace (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 180 | Fachada lateral do Palace (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 181 | Fachada lateral do Palace, vista do Hotel do Parque (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 182 | Planta de localização do Villa Rosa.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 183 | Hotel Rosa (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia313.jpg>

Fig. 184 | Villa Rosa (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais3/Curia/Curia519.jpg>

Fig. 185 | Postal dos tempos áureos do Villa Rosa (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia281.jpg>

Fig. 186 | Fachada principal do Villa Rosa (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 187 | Fachada sudoeste do Villa Rosa (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 188 | Fachada principal do Villa Rosa (Maio, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 189 | Fachada sudoeste do Villa Rosa (Maio, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 190 | Fachada sudoeste do Villa Rosa num plano mais afastado (Maio, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 191 | Fachada principal do Villa Rosa, com nova pintura exterior (Agosto, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 192 | Fachada sudoeste do Villa Rosa, com nova pintura exterior (Agosto, 2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 193 | Planta de localização do Hotel do Parque na Curia
Fonte | Elaboração própria

Fig. 194 | Postal do Hotel do Parque (s.d.).
Fonte | https://www.facebook.com/HoteldoParqueCuria?locale=pt_PT

Fig. 195 | Hotel do Parque com vista da zona do Palace (s.d.).
Fonte | https://www.facebook.com/HoteldoParqueCuria?locale=pt_PT

Fig. 196 e 197 | Piscina (s.d.).
Fonte | <https://www.booking.com/hotel/pt/do-parque-anadia.pt-pt.html>

Fig. 198 e 199 | Fachada Principal (s.d.).
Fonte | <https://www.booking.com/hotel/pt/do-parque-anadia.pt-pt.html>

Fig. 200 | Fachada Principal (s.d.).
Fonte | <https://www.booking.com/hotel/pt/do-parque-anadia.pt-pt.html>

Fig. 201 | Sala de jantar (s.d.).
Fonte | <https://www.booking.com/hotel/pt/do-parque-anadia.pt-pt.html>

Fig. 202 | Sala de estar (s.d.).
Fonte | <https://www.booking.com/hotel/pt/do-parque-anadia.pt-pt.html>

Fig. 203 | Entrada para o Hotel do Parque (s.d.).
Fonte | https://www.cm-anadia.pt/pages/772?poi_id=85

Fig. 204 | Fachada principal do Hotel do Parque (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 205 | Fachada lateral e parque de estacionamento do Hotel (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 206 | Parte da fachada do Hotel do parque e a proximidade com o Palace Hotel (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 207 | Rampa de entrada para o Hotel (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 208 | Vista da estrada da entrada do Hotel (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 209 | Planta de localização do Hotel Boavista na Curia
Fonte | Elaboração própria

Fig. 210 | Hotel Boa Vista com vista sobre o lago (1926)
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia296.jpg>

Fig. 211 | Fachada voltada para o parque (s.d.)
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia298.jpg>

Fig. 212 | Hotel Boa Vista da zona da entrada e galeria (s.d.)
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia301.jpg>

Fig. 213 | Hotel Boa Vista com vista sobre o lago (s.d.)
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia299.jpg>

Fig. 214 | Hotel Boa Vista com vista sobre o parque (s.d.)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia04/Curia303.jpg>

Fig. 215 | Entrada do hotel, dando ênfase aos vitrais da entrada (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 216 | Fachada exterior voltada para a estrada que vai para a Mata (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 217 | Fachada voltada a Nascente (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 218 | Parte da fachada dando ênfase à zona circular onde se encontra inscrito o nome do hotel e a data (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 219 | Fachada exterior num plano mais afastado (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 220 | Planta do hotel Boavista do arquiteto Jaime Inácio dos Santos (1922).

Fonte | Arquivo pessoal do professor doutor Nuno Rosmaninho.

Fig. 221 | Alçados do hotel Boavista do arquiteto Jaime Inácio dos Santos (1922).

Fonte | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 2001), Hotel Boavista: In Memoriam?, Aqua Nativa nº21, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.40.

Fig. 222 | Fotografia interior onde o teto cedeu (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 223 | Zona onde partes do edifício já cederam (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 224 | Antiga instalação sanitária (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 225 | Avançado estado de degradação do edifício (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 226 | Corredor (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 227 | Zona da escadaria (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 228 | Fotografia interior de uma janela (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 229 | Área usada para arrecadação de mobiliário antigo (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 230 | Corpo circular da fachada sul (2012/2013).

Fonte | <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Fig. 231 | Planta de localização do Hotel das Termas na Curia

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 232 | Postal da Pensão Oceano (s.d., entre 1920 e 1937).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia284.jpg>

Fig. 233 | Postal do que já era Hotel das Termas (s.d., após 1937).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro

Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia288.jpg>

Fig. 234 | Postal do Hotel das Termas (s.d., após 1937).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia425.jpg>

Fig. 235 | Postal do Hotel das Termas (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia287.jpg>

Fig. 236 | Postal do Hotel das Termas (s.d., após 1960).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia460.jpg>

Fig. 237 | Postal do Hotel das Termas (s.d., após 2002).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais3/Curia/Curia517.jpg>

Fig. 238 | Postal da sala de jantar do hotel (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia05/Curia492.jpg>

Fig. 239 | Postal da sala de estar do hotel (s.d.).
Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro
Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais2/Curia03/Curia289.jpg>

Fig. 240 | Planta do 2º piso do Hotel das Termas, Arq. António Romão (por volta de 2002).
Fonte | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade

Lusíada de Lisboa. pág. 159.

Fig. 241 | Detalhe do nome “Hotel das Termas” (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 242 e 243 | Ênfase na cobertura na zona da entrada (2022)
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 244 e 245 | Zona da entrada com envolvente (2022).
Fonte | Elaboração própria

Fig. 246 | O Hotel visto da estrada que vai para a Mata (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 247 | Fotografia da zona do restaurante (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 248 | Fotografia da zona onde estão as bicicletas (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 249 | Detalhe da única varanda nesta fachada (2022).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 250 | Zona da receção voltada para a sala de estar (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 251 | Núcleo de acesso aos pisos superiores (2023)
Fonte | Elaboração própria

Fig. 252 e 253 | Vão da sala de estar voltado para a receção (2023).
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 254 e 255 | Escadaria de entrada para a sala de estar (2023)

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 256 e 257 | Salas de estar de cada lado da escadaria (2023).

Fonte | Elaboração própria

Fig. 258 | Detalhe da caixa do elevador (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 259 | Porta antiga na zona da sala de estar (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 260 e 261 | Sala de jantar (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 262 | Quarto com cama de casal (s.d.)

Fonte | <https://termas-curia-hotel.booked.com.t/#lg=381718&slide=1284865306>

Fig. 263 | Quarto duplo (s.d.)

Fonte | <https://termas-curia-hotel.booked.com.pt/#lg=381718&slide=1100700198>

Fig. 264 | Porta de acesso à sala de bilhar (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 265, 266 e 267 | Sala onde se encontra a mesa de bilhar (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 268, 269 e 270 e 271 | Zona do bar (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 272 | Retrato de Norte Júnior

Fonte | Raízes & Memórias. nº 29, (Dezembro de 2012). pág. 285

Fig. 273 | Fachada da Casa Malhoa Prémio Valmor de 1905.

Fonte | A Architectura Portuguesa, Fevereiro de 1909, Nº2, pág.10

Fig. 274 | Planta de um prédio para rendimento

Fonte | A Architectura Portuguesa, Novembro de 1910, Nº11, pág.41

Fig. 275 | Fachada da Voz do Operário

Fonte | Maria da Conceição Bravo Ludovice da Paixão, Fundação Calouste Gulbenkian

Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=165700&img=103747>

Fig. 276 | Fachada do prédio Visconde de Salreu (Prémio Valmor 1915)

Fonte | Maria da Conceição Bravo Ludovice da Paixão, Fundação Calouste Gulbenkian

Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=165700&img=103723>

Fig. 277 | Planta do Royal Cine

Fonte | José Leite

Disponível em | <https://restosdecoleccion.blogspot.com/2016/08/arquitecto-manuel-norte-junior.html>

Fig. 278 | Planta do rés-do-chão (1920).

Fonte | Rosmaninho, Nuno; Simão, Maria Cristina B. (Agosto,2002), Seis Projetos de Arquitetura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág. 64.

Fig. 279 | Planta do 1º piso (1920).

Fonte | Rosmaninho, Nuno; Simão, Maria Cristina B. (Agosto,2002), Seis Projetos de Arquitetura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág. 65.

Fig. 280 | Casino, Fachada posterior (1935)

Fonte | Direcção-Geral de Energia e Geologia em: Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.187

Fig. 281 | Alçados do balneário (1935)

Fonte | Direcção-Geral de Energia e Geologia em: Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor. pág.187

Fig. 282 | Fachada principal do Palace Hotel (s.d.anos 20).

Fonte | Simão, Maria Cristina B. (Junho,1998), Estância Termal da Curia- História e Arte (última parte): O Palace Hotel da Curia, Aqua Nativa nº14, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.27

Fig. 283 | Fotografia de Raul Lino no ciclo de conferências “Raul Lino . Exposição retrospectiva da sua obra” de 18 de Novembro de 1970.

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian

Disponível em | <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/62/>

Fig. 284 e 285 | Planta e fachada da Quinta da Comenda do Conde Armand (1903-1908)

Fonte | A Architectura Portuguesa, Junho de 1908, Nº6, pág.22 e pág.25 respetivamente.

Fig. 286 | Alçado casa dos Patudos de José Relvas (1904), em Alpiarça.

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=187841&img=26004>

Fig. 287 | Vila Tânger (1903), Monte Estoril

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino

Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=191743&img=28365>

Fig. 288 | Ex-Libris de Raul Lino (1900)

Fonte | Godinho, Aulo-Gélio Severino (1972), Raul Lino: O Artista e a Obra; Porto: Associação Portuense de Ex-Libris Nº57 pág. 12.

Fig. 289 | Ex-Libris para a Academia Nacional de Belas Artes (desenhado em 1914)

Fonte | Godinho, Aulo-Gélio Severino (1972), Raul Lino: O Artista e a Obra; Porto: Associação Portuense de Ex-Libris Nº57 pág.9

Fig. 290 e 291 | Planta, Alçados e Pormenores da Casa dos Penedos (1922), Sintra

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=188397&img=89168>

Fig. 292 | Planta do Jardim Zoológico de Lisboa (1935-1972)

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=198688&img=111877>

Fig. 293 | Capa do Livro “A Nossa Casa”

Fonte | Lino, Raul (2015), “A nossa Casa: Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples”, Sintra: Colares Editora

Fig. 294 | Planta, Corte e Alçados da Casa Para Sacadura Cabral, Rua Castilho, Lisboa (1923), Prémio Valmor em 1930.

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=188800&img=66548>

Fig. 295 | Planta do anteprojecto para o novo balneário.

Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino

Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=189856&img=28294>

Fig. 296 | Planta do projeto para o novo balneário
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=189856&img=28294>

Fig. 297 | Corte do projeto para o novo balneário.
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=189856&img=28293>

Fig. 298 | Alçado principal do projeto para o novo balneário
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=189856&img=28292>

Fig. 299 | Planta e cortes do anteprojecto para o pavilhão das fontes.
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=189856&img=28295>

Fig. 300 | Alçado frontal e posterior do projeto para o palácio das diversões.
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=192785&img=29042>

Fig. 301 | Cortes do projeto para o palácio das diversões.
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, Espólio Raul Lino
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=192785&img=29042>

Fig. 302 | Retrato de Cassiano Branco (1933, Pélys fotografia)
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1547067&type=PCD>

Fig. 303 | Fachada do Teatro Eden (1930)
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa
Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1580971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Fig. 304 | Desenho da Fachada do Teatro Eden (1929)
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa
Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Result.aspx?id=1529305&type=PCD>

Fig. 305 | Plano urbano da Costa da Caparica (1930)
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa
Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.ID=1591363&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Fig. 306 | Proposta para a Cidade do Cinema Português, Cascais 1932
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa
Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWeb/Result.aspx?id=1539407&type=PCD>

Fig. 307 e 308 | Planta geral e alçados dos pavilhões do Minho e Beiras do Portugal dos Pequenitos (1937-1961)
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, estúdio Mário Novais.
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=187098&img=74687>

Fig. 309 | Alçado do Hotel Victória (assinatura de 12 de Junho de 1946)
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=188646&img=57032>

Fig. 310 e 311 | Alçado e Corte do Coliseu do Porto (1939)

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | (Corte) <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1580972&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

(Alçado) <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumento.aspx?DocumentoID=1580971&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>

Fig. 312 | Planta do banco de pedra

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Fonte>

Fig. 313 | Planta de fundações e esgotos

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Fonte>

Fig. 314 | Planta da cave (Posto da Polícia e depósitos)

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Fonte>

Fig. 315 | Planta do piso térreo

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/Fonte>

Fig. 316 | Alçado principal

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Fig. 317 | Alçado lateral direito

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Fig. 318 | Alçado posterior

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Fig. 319 | Alçado lateral esquerdo

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Fig. 320 | Postal do Posto de Turismo (s.d.)

Foto | Horácio Novais

Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa

Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Fig. 321 | Fotografia do Posto de Turismo (2022),

Fonte | Elaboração própria

Fig. 322 | Posto de Turismo (2022) e avenida que vai para a estação ferroviária.

Fonte | Elaboração própria

Fig. 323 | Retrato de Cottinelli Telmo

Fonte | Padrão dos descobrimentos

Disponível em | https://padraodosdescobrimientos.pt/wp-content/uploads/2019/04/cinema_doc.osCP_05-2.jpg

Fig. 324 | Revista ABC, “Aventuras inacreditáveis (e com razão) do “Pirilau” que vendia balões” Nº16 de 28.10.1920

Fonte | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimientos, 2015, pág.56

Fig. 325 | Torre de Sinalização de Ermezinde, 1935
Fonte | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015, pág.34

Fig. 326 | Standard elétrica (1945-1948), Lisboa
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, estúdio Horácio Novais.
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=275902&img=128610>

Fig. 327 | Estação fluvial de Sul e Sueste, Lisboa
Fonte | Arquivo Municipal de Lisboa, do fotógrafo Fernando Manuel de Jesus Matias (fotografia de 1959-06).
Disponível em | <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/xarqdigitalizacaocontent/PaginaDocumentoentoID=282457&AplicacaoID=1&Pagina=1&Linha=1&Coluna=1>.

Fig. 328 | Porta da fundação da exposição do Mundo Português (1940).
Fonte | Fundação Calouste Gulbenkian, estúdio Mário Novais
Disponível em | <https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=186852&img=105189>

Fig. 329 | Guia oficial da Exposição do Mundo Português de 1940.
Fonte | Biblioteca Nacional de Portugal
Disponível em | <https://purl.pt/28025>

Fig. 330 | Apeadeiro da estação da Curia no dia da inauguração deste (1944).
Fonte | Comboios de Portugal
Disponível em | <https://www.cp.pt/institucional/pt/cultura-ferroviaria/galeria-fotos#prettyPhoto>

Fig. 331 | Planta do apeadeiro da Curia
Fonte | Comboios de Portugal
Disponível em | <https://www.cp.pt/institucional/pt/cultura-ferroviaria/historia-cp/boletins>

Fig. 332 | Alçado principal do apeadeiro da Curia
Fonte | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015, pág.126.

Fig. 333 e 334 | Fachada principal da estação ferroviária.
Fonte | Elaboração própria.

Fig. 335 | Antiga zona de bilheteira, com proteções em ferro forjado. (s.d., após 2010)
Disponível em | https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189139-d15123653-Reviews-Associacao_Rota_da_Bairrada-Anadia_Aveiro_District_Northern_Portugal.html

Fig. 336 | Antiga sala de espera da 3ª classe (s.d., após 2010).
Disponível em | https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189139-d15123653-Reviews-Associacao_Rota_da_Bairrada-Anadia_Aveiro_District_Northern_Portugal.html

Fig. 337 | Zona de receção dos visitantes (s.d., após 2010)
Disponível em | https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189139-d15123653-Reviews-Associacao_Rota_da_Bairrada-Anadia_Aveiro_District_Northern_Portugal.html

Fig. 338 | Antiga entrada para a sala de espera de 1ª, 2ª e 3ª classe. (s.d., após 2010)
Disponível em | <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/associacao-rota-da-bairrada>

Fig. 339 | Antiga zona de despacho do volume de mão (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 340 | Antiga bilheteira (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 341 | Átrio de entrada com a sala de espera de I, II e III classe (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 342 | Local onde era a antiga tabacaria (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 343 | Antiga zona de Turismo (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 344 | Sala de espera da I e II classe, atualmente é uma sala para prova de vinhos (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 345 e 346 | Antiga sala de espera da III classe, atualmente é uma pequena biblioteca (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 347 | Átrio de entrada da estação (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 348 e 349 | Apeadeiro da estação da Curia com a linha de caminho de ferro (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 350 | Estrada de terra batida (s.d)

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro . Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/Avcultur/postais/CuriaPt01.htm>

Fig. 351 | Mapa de acessibilidades de Anadia, de modo a perceber o acesso as termas da Curia.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 352, 353 e 354 | Mobiliário urbano autoral e estradas de acesso ao parque termal em cubo de granito (2012).

Fonte | Fotografias cedidas pelo arquiteto.

Fig. 355 | Mobiliário urbano do arq. Rui Rosmaninho na atualidade (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 356 | Desenvolvimento urbano em relação ao postal anterior, onde já é possível ver que já existem passeios e estrada em cubo de granito (s.d.).

Fonte | Alberto Simões em arquivo do distrito de Aveiro. Disponível em | <http://ww3.aeje.pt/avcultur/Avcultur/postais/CuriaPt01.htm>

Fig. 357 | Entrada medieval do parque termal (2023).

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 358 | Proposta da revitalização urbana da Curia do arquiteto Rui Rosmaninho (2010 / 2011)

Fonte | Planta cedida pelo arquiteto.

Fig. 359 | Caminho e lago da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

Fonte | José Manuel Costa Alves

Disponível | <https://gulbenkian.pt/jardim/percursos/percursos-no-jardim/percurso-do-lago/>

Fig. 360 | Waterfall, (Palácio de Versailles, 2016).

Fonte | Olafur Eliasson

Disponível em | <https://olafureliasson.net/artwork/waterfall-2016/>

Fig. 361 | Esculturas do parque de Serralves.

Fonte | Fundação de Serralves

Disponível em | <https://www.serralves.pt/ciclo-serralves/1907-olafur-eliasson-o-v-nosso-futuro-e-agora/>

Fig. 362 | Vidago, Palacce Hotel e Parque Termal. Arq. Siza Vieira.

Disponível em | <https://vidagustermas.com/site/vidagopalace-2/>

Fig. 363 | Antigo Balneário das Pedras Salgadas

Disponível em | <https://www.nit.pt/fora-de-casa/turismos-rurais-e-hoteis/sugestao-nit-casa-arvore-pedras-salgadas/attachment/75975>

Fig. 364 | Conjunto de Imagens 3D, do parque termal da Curia e edifícios/ terrenos circundantes.

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 365 | Planta de localização dos Cortes

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 366 | Corte AA'

Fonte | Elaboração própria.

Fig. 367 | Corte BB'

Fonte | Elaboração própria.

Resumo

Curia- Arquitetura para Termas

Numa cidade onde se encontram duas incidências termais distintas, vê uma delas erguer-se de no meio de um terreno baldio transformando-se numa grande e luxuosa estância termal, equivalente aos seus congêneres europeus.

O conhecimento relativo à sua origem e desenvolvimento nos primeiros 50 anos desde a sua descoberta, levam-nos a uma percepção do valor patrimonial e paisagístico que recebemos de herança do passado. Desenvolvimento esse que não se limitou à estância termal, mas que se estendeu ao redor, com todo o núcleo urbano que se ergueu e que complementou, por parte de privados, o que esta estância não tinha forma de providenciar.

Após profunda análise, procura esta dissertação dar a conhecer a história, o património arquitetónico e paisagístico local acompanhando a sua evolução desde uma simples barraca de madeira até ao complexo termal de 14 hectares que ainda hoje se encontra erguido no local.

PALAVRAS-CHAVE: Água; Termalismo; Arquitetura Termal; Curia; Século XX.

Abstract

Curia- Architecture for thermae

In a city where there are two different thermal springs meet, a thermal complex emerged from a vacant lot, which has been transformed into a large, luxurious spa, on par with its European counterparts.

The knowledge of its origins and development over the first 50 years gives us an idea of the heritage and landscape value that we have inherited from the past. This development was not limited to the spa, but extended to the surrounding area, with an entire urban center that was built and that complemented, provided by private individuals, what the spa was unable to service.

After in-depth analysis, this dissertation seeks to reveal the history, architectural heritage and landscape, following its evolution from a simple wooden hut to the 14-hectare spa complex that still stands on the site today.

KEYWORDS: Water; Thermalism; Thermal Architecture; Curia; 20th Century.

Objeto

Esta Dissertação, tem como Objeto de estudo, as Termas da Curia e o seu parque termal. A presente dissertação, assenta no estudo dos 14 hectares do complexo termal, incluindo os diversos edifícios de apoio à prática do termalismo.

Objetivo

Este trabalho tem como principal objetivo dar a conhecer as Termas da Curia e a sua história. Para isso, é essencial compreender a importância que a água teve para a conceção, desenvolvimento e evolução das estruturas termais levando ao desenvolvimento não só de um complexo termal, mas de todo um conjunto urbanístico que se desenvolve em torno destas.

Deste modo, é necessário ter em consideração que a água para além de um elemento essencial à vida, é também um elemento estruturante na conceção arquitetónica ainda com os elementos condicionantes que acarreta. Tendo em conta a evolução do termalismo não só em Portugal como na Europa.

No caso específico das Termas da Curia, importa compreender que a sua origem e os esforços para uma constante evolução local, quer arquitetónica, material, urbanístico e paisagístico leva a que a caracterização dos edifícios ligados ao complexo termal, venham a responder a um programa que dê resposta à componente termal, tendo em conta que de modo a trazer para os dias de hoje a viliégiatura vivida anteriormente, estratégias evolutivas para estes locais têm de ser propostas ainda que conceptualmente.

Motivação e Pertinência

Esta Dissertação de Mestrado intitulada “Curia – Arquitetura para Termas”, surge de um interesse pessoal pelo local, e pelo reconhecimento de todo o potencial que as Termas da Curia tiveram e ainda têm, sendo que sem uma profunda investigação pouco se sabe sobre a sua origem, história e vivências, tendo felizmente um habitante local expressado interesse neste local, publicando alguns livros e artigos sobre o assunto, de modo a ser possível compreender e analisar um pouco destas Termas.

Com a contemporaneidade que atualmente vivemos, o interesse arquitetónico de outras épocas e a degradação deste património leva a que, quem, tal como a autora presenciou e usufruiu deste espaço em toda a sua plenitude, ainda que, já numa época onde o termalismo se encontrava em queda, o interesse da autora por conhecer toda a sua história fosse inerente.

Assim, após um estudo prévio sobre o local e passando por nomes de arquitetos de referência do século XX, muitos dos quais a autora teve a oportunidade de se deparar no decorrer do seu percurso académico, nada mais fazia sentido do que querer conhecer profundamente as suas origens, ainda com a adjuvante do tema da água que é um elemento inerente à vida e é o mote para a existência não só deste local, mas de todos os complexos termais um pouco por todo o mundo.

Atualmente, com cada vez mais complexos termais a fecharem portas e a acabarem com os programas onde natureza e arquitetura se fundem, onde também as termas da Curia se encontram em risco de vir a fechar portas, é sem dúvida essencial repensar o espaço e pensar em estratégias de requalificação, modernização e tornar a chamar mais aquistas, locais e transeuntes para tornar a dar vida a este local.

Estrutura e Metodologia

A presente dissertação de Mestrado é composta por seis capítulos, os quais são fruto de um trabalho contínuo de profunda pesquisa, interpretação crítica e conjunto variado de ideias conceptuais para as Termas da Curia.

Assim, o primeiro e o último capítulo são compostos respetivamente de redações introdutórias que dão a conhecer os métodos, objetivos e motivos para esta dissertação bem como as conclusões/críticas finais inerentes a este trabalho.

O segundo capítulo apresenta a importância das águas, as práticas e usos que estas tiveram, levando a uma melhor perceção do património termal e da sua evolução temporal quer a nível nacional que internacional.

O terceiro capítulo advém de um estudo aprofundado do concelho de Anadia, para uma melhor compreensão espacial e enquadramento local, dando ainda a conhecer as outras termas que se encontram no concelho.

O quarto capítulo diz respeito ao objeto de estudo desta dissertação, aqui para além de dar a conhecer a origem destas termas e a sua história até aos dias de hoje, apresenta um levantamento fotográfico "*in situ*" para dar a conhecer o património assim como o seu estado de conservação dentro e fora do perímetro termal, apresentando o alojamento que no passado teve uma maior relevância chegando aos dias de hoje a ter ainda uma imagem bastante impactante a quem visita o local.

O quinto capítulo dá a conhecer os arquitetos de maior importância para a História da Arquitetura em Portugal no Século XX que nos apresentaram com a sua arquitetura na Curia, aqui para além de dar a conhecer a sua vida e obras de arquitetura também é mostrado o património que nos deixaram e que se encontra erguido até hoje.

Em suma, pretende-se que com este estudo o leitor compreenda a importância e origem da prática termal de modo a ter uma melhor perceção relativa à origem do termalismo, dando assim a conhecer as Termas da Curia na sua plenitude quer com o ambiente que as rodeiam e onde estão inseridas quer com um levantamento/memória fotográfica "*in situ*" para uma melhor compreensão local, patrimonial e espacial.

Estado da Arte

Para a realização da presente dissertação foi necessário uma profunda consulta bibliográfica quer através de inúmeros livros, revistas, periódicos, dissertações, pesquisas eletrónicas e ainda consultas de arquivos pessoais aos quais me foi dado acesso e possibilidade de recolha de informação.

Cada elemento que me instruiu sobre este tema teve um papel de grande relevância para este trabalho, no entanto, existiu um conjunto de referências bibliográficas que tenho de ressaltar e que foram fundamentais para a realização desta dissertação, logo, em suma:

No segundo capítulo de modo a compreender as origens do termalismo e as práticas termais ao longo do tempo saliento *“O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística”* (Tese de Doutoramento de Adília Ramos), onde ficamos a conhecer o termalismo e o seu percurso histórico, a origem deste conceito e os seus banhos *“Os usos sociais do Termalismo: Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das Termas da Curia”* (Tese de Mestrado de Claudino Ferreira), aqui vemos como este é definido em 4 fases baseado não só num conceito global mas concretamente no caso de estudo, a “Curia”. Por fim, o livro *“À volta das termas-viagens no espaço e no tempo”* (Livro de Jorge Mangorrinha), este diz respeito ao estudo relativo á origem das águas termais e como estas se empregam a nível mundial, tratando-se assim de uma viagem espacial e temporal relativo ás termas.

No terceiro capítulo para conhecer o concelho de Anadia é de ressaltar *“Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico”* (Livro de Nuno Rosmaninho, Ana Santos e Rui Gonçalves), que nos trás uma visão geral tanto sobre a Curia como sobre Vale da Mó, saliento ainda o livro *Monografias do Concelho de Anadia* (Livro de Bento Lopes), este para além de mostrar uma das teorias relativas ao nome “Curia”, também nos dá uma perceção de como era inicialmente o lugar. Por último, mas não menos importante saliento a revista *AQUANATIVA* (Revista, nº 0 e nº47), que nos trás a etimologia do nome Anadia e a história das Termas de Vale da Mó.

No quarto capítulo saliento nos postais antigos a consulta eletrónica de um arquivo digital cujo autoria pertence a Alberto Simões <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/CuriaPt29.htm>, nas referências bibliográficas destaca-se para além de vários artigos presentes nas Revistas *AQUANATIVA*, vários

livros antigos que diziam respeito às atas das reuniões da sociedade detentora das termas, como por exemplo *“As Aguas da Curia e a sua Estancia”*, folhetos informativos como o intitulado *“Termas da Curia- Época 95”*, todas estas revistas dão-nos um panorama geral de como estava o local na época das suas publicações. Ressalto ainda *“O desenho das Termas”* (Livro de Jorge Mangorrinha e Helena Pinto) que para além de nos mostrar a cultura termal também nos mostra as termas de Portugal e a cronologia de cada uma delas desde a sua origem até aos dias de hoje. Por último ressalto o Livro *“Cronologia das Termas da Curia- Das origens a 1950”* (Livro de Nuno Rosmaninho) que nos dá a conhecer a Curia e as suas termas até ao mais ínfimo pormenor. Para a elaboração desta parte foi ainda indispensável a consulta de duas teses intituladas *“Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal”* (Tese de Mestrado de Ana Coimbra) e *“Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal”* (Tese de Doutoramento).

No quinto capítulo pertencente à cronologia comparada dos arquitetos, para a sua elaboração ressalto *“Catálogo Cassiano Branco”* (Catálogo de Raul Hestnes e Fernando Silva), *“Raul Lino: O Artista e a Obra”* (Livro de) Aulio-Gélio Godinho, *“Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também”* (Livro de Margarida Carvalho, Cecília Cameira e João Martins) e Folgado, Deolinda; Oliveira, Catarina (2015), *“Norte Júnior: Um inventário, um autor, uma obra”* (Artigo de revista escrito por Deolinda Folgado e Catarina Oliveira) todo este conjunto bibliográfico de um modo geral mostra-nos uma descrição do que terá sido a vida destes arquitetos bem como as obras que realizaram.

Fig. I | Capa do Livro “Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico”

Fonte | Rosmaninho, Nuno; Santos, Ana Paula Figueira; Gonçalves, Rui Miguel Rosmaninho (2007), Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico, Paredes: Reviver Editora.

Fig. II | Capa do Livro “À volta das Termas”.

Fonte | Mangorrinha, Jorge; Guerra, Luís (2002), À volta das termas: viagens no espaço e no tempo, Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, 1ª edição.

Fig. III | Capa do folheto informativo “Águas Medicinaes- Curia 1918”

Fonte | Navega, Luis (1919), Águas medicinaes - Curia 1918, Oficinas “O commercio do Porto” (1919).

Fig. IV | Capa do Livro “O desenho das Termas”.

Fonte | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor.

Fig. V | Capa do folheto informativo “Termas da Curia-Época 95”.

Fonte | Termas da Curia, época de 95 (s.d.).

Fig. VI | Capa do Livro “Cronologia das Termas da Curia”.

Fonte | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das origens a 1950, Óbidos: Curia Associação.

Fig. VII | Contracapa do “Catálogo Cassiano Branco”
Fonte | Ferreira, Raúl Hestnes; Silva, Fernando Gomes - Catálogo Cassiano Branco. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses

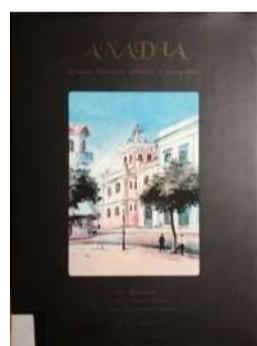


Fig. I

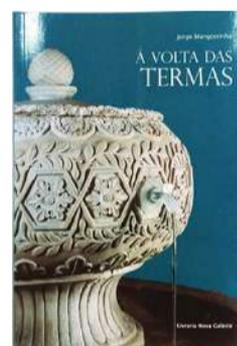


Fig. II



Fig. III



Fig. IV



Fig. V



Fig. VI



Fig. VII

Águas

“A água é o princípio de todas as coisas” – estas são palavras de Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia Antiga, na explicação que postulou o princípio do Mundo.”⁰¹

A água é dos elementos mais ricos e abundantes no planeta, sendo considerado o elemento que não só está na origem da vida como é vital para a existência do homem. Esta encontra-se associada à fonte da vida, à purificação, à cura e ao desenvolvimento social e económico.

“Ao longo da história, foi deixando raízes na cultura europeia uma especial dedicação à água e uma atenção à riqueza e diversidade que a caracterizam. O culto da água, na qualidade de produto natural e específico remonta aos primórdios do Império Romano.”⁰²

“A ÁGUA É O ELEMENTO VITAL da existência da humanidade e a simbologia associada confere-lhe três grandes temas de análise --- fonte de vida, meio de purificação e centro de regeneração --- associados em diferentes combinações.”⁰³

Desde muito cedo que este recurso natural se encontra associado à religião, exemplo disso são as fontes que eram vistas pela mitologia como símbolo de imortalidade e sabedoria. Na época dos romanos ao nome dados as fontes relacionavam-se com as divindades (ninfas) aí veneradas, no entanto no cristianismo as fontes são vistas como símbolo de purificação, fertilidade e cura logo o seu nome era relacionado com a virgem Maria.

Como as doenças eram vistas como castigos de deus, e conseqüentemente as suas causas também eram derivadas de uma razão transcendente, logo, nos complexos termas mais antigos foram encontradas inscrições evocando os

01 | Águas de Portugal (2016), Águas de Portugal, Lisboa: By The Book pág.05

02 | ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE ÁGUAS MINERAIS NATURAIS E DE NASCENTE (APIAM). Águas Minerais Naturais e Águas de Nascente- Livro branco. Lisboa, 2015 pág.07

03 | Mangorrinha, Jorge (2002), À volta das termas- viagens o espaço e no tempo, Livraria Nova Galáxia, Caldas da Rainha, 1ª edição agosto 2002. pág.27

deuses que protegiam as nascentes, pois estas águas eram vistas como símbolo de purificação/cura, assim sendo, o homem procurou sempre este recuso natural, maioritariamente, as águas quentes para a cura das doenças.

O descobrimento das virtudes medicinais das águas minerais é atribuído à deusa Minerva, o que fez com que os povos ao longo da história usufríssem das propriedades destas águas, o que levou a que fosse essencial que estas fossem classificadas para isso Vitruvius e Plínio trataram de estudar e iniciar a classificação destas.

“Portugal é um país rico em ocorrências de águas minerais naturais e de nascente. Muitas delas estão aproveitadas e valorizadas, quer na vertente do termalismo quer na vertente de engarrafamento.”⁰⁴

As águas podem ser de domínio público ou privado, as de domínio público são as águas minerais naturais e as de domínio privado são as águas de nascente, ambas estas águas são as únicas que se mantêm puras, ou seja, sem aditivos e sem produtos químicos.

A sua exploração é feita através da concessão hidromineral para as águas minerais naturais, (estas poderão ser favoráveis para a saúde sendo usadas tanto no contexto termal como na comercialização para o seu consumo, o engarrafamento), e através de licença de exploração para as águas de nascente (usadas na comercialização para consumo). Estas devido à sua qualidade e aos benefícios que trazem para a saúde provocam um interesse não só em Portugal, mas por todo o mundo.

Devido à qualidade e ao benefício para a saúde que estas águas acarretam, o interesse por elas era cada vez maior, o que fez com que no séc. XVII fossem feitos os primeiros estudos científicos às suas propriedades, onde os primeiros ensaios sobre a água datam 1670 por Duclos e Bourdelin, já em 1680 é Herner que estuda as águas da Suécia.

04 | Cortez, José António Simões (Cord) (2012), Águas minerais naturais e de nascente da região centro, Mare Liberum, dezembro 2012, pág.18

Em Portugal, é em 1726 que o Dr. Francisco da Fonseca (médico do rei João V) publica o seu Aquilégio medicinal onde estrutura as águas medicinais de Portugal, após esta publicação é Marquês de Pombal que contrata o italiano Domingos Vandelli para estudar as nascentes minerais do país (e para ser professor do colégio dos nobres em Coimbra).

Anos mais tarde, a universidade de Coimbra em 1778 efetuou a primeira análise às águas minerais, que a partir do século seguinte ganhou um grande interesse, havendo várias publicações a esse respeito, uma delas publicada em 1949, por Luiz Acciaiuoli que apresenta um estudo sobre “A história da química na hidrologia Portuguesa”, esta conta com estudos realizados por Charles Lepierre, Bonhorst entre outros ao longo de vários anos. Esta análise, mostra como as águas usadas nas práticas termais têm propriedades específicas, nunca havendo duas cem por cento iguais, o que leva a que dependendo da doença que o ser humano apresenta, este tenha de se deslocar até à parte do país que tens as águas com as propriedades químicas indicadas.

As características deste recurso mineral, são consequência da profundidade e da temperatura a que o aquífero está (logo as águas mais profundas são as que estão mais quentes, consequentemente maior teor de sais minerais), o tipo de material rochoso onde circula (responsável pela absorção de sais minerais que vão conferir características únicas às águas) e do tempo que a água se mantém em contacto com o subsolo (maior o contacto, maior o nível de mineralização). Apesar da água que conhecemos não ter sabor ou cheiro, estas podem apresentar tanto odor como sabor e em alguns casos cor dependendo das suas propriedades químicas.

Como as águas minerais emergiam naturalmente, a sua captação era feita sobre estas ou através de pequenas escavações ou pequenas galerias que levavam diretamente este recurso para os balneários ou buvettes. Apesar da vulnerabilidade que acarretam estas captações, a exposição destas perante a poluição ou através da mistura com águas da chuva e alterações climáticas da região que levavam a que as suas propriedades químicas fossem alteradas, no entanto, devido à grande procura termal houve necessidade de alteração de um sistema de captação destas águas profundas onde permanecia acima de tudo a preservação da qualidade e das propriedades químicas destas águas. Porém nem todas apresentavam risco de contaminação e como tal, nestes casos, continua a usar-se nascentes tradicionais quer para o engarrafamento como

para o abastecimento das buvettes.

Devido à riqueza destas águas, em 1928 foi criada uma lei que incluía que, *“a nascente quanto a fonte de um complexo termal ou de uma indústria de engarrafamento deveria incluir uma área reservada”*,⁰⁵ no entanto, nos atualmente esta lei também inclui a preservação do ambiente/natureza que envolvem este património aquoso, o que garante uma boa gestão deste recurso natural. Assim, classificam-se os três tipos de águas engarrafadas em Portugal como as águas de nascente (requerem um processo de qualificação antes da sua comercialização), as águas minerais naturais (requerem autorização do ministério da economia e do emprego) e as águas de consumo humano.

05 | Cortez, José António Simões (Cord) (2012), Águas minerais naturais e de nascente da região centro, Mare Liberum, dezembro 2012, pág.32

Termalismo

Entende-se por termalismo o *“uso da água mineral natural e outros meios complementares para fins de prevenção, terapêutica, reabilitação ou bem-estar”*.⁰¹ ou como define Adília Ramos *“o termalismo inclui, pois, o conjunto dos todos os meios medicinais, sociais, sanitários, administrativos e de acolhimento, devidamente estruturados, com vista à utilização para fins terapêuticos das águas minerais, do gás termal e de lamas. A palavra “termalismo” implica, desde logo, a indicação e utilização de uma água termal com virtudes curativas reconhecidas, através dos seus efeitos químicos térmicos e mecânicos, pela classe médica”*.⁰²

Para uma melhor compreensão temporal e espacial é necessário contextualizar cronologicamente os diferentes períodos do termalismo enunciando assim estes em épocas diferentes:

O período da Grécia Antiga e o período romano (pertencentes à idade antiga),
A Idade Média
O Renascimento
O século XIX
Atualidade

01 | Dicionário do termalismo (s.d.), pág.31

02 | Ramos, Adília (2005) O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, pág. 13

Idade Antiga

Na Grécia antiga, os espaços destinados aos banhos tiveram início devido ao embelezamento do corpo humano, pretendendo assim procurar o equilíbrio entre o corpo e a mente. Os primeiros banhos na Grécia terão surgido ao ar livre junto de locais onde a prática de exercício físico era bastante habitual, estes estavam associados a descontração física, procurando assim o equilíbrio entre o corpo e a mente, no entanto, estes eram banhos frios que eram dados aos militares/ guerreiros por se tratarem banhos revigorantes.

“Mais tarde, e com a melhoria das condições das áreas de lazer, os banhos passam a ser integrados nestas instalações, e realizados em piscinas normalmente circulares, munidas de degraus para facilitar o acesso permitindo, assim, que os seus utilizadores repousassem sentados, antes dos exercícios ou treinos filosóficos.”⁰³

Logo, após os exercícios, começaram a surgir os tratamentos através de banho a vapor seguido de água quente terminando com um banho de água fria seguido de uma massagem vitalizadora. Os banhos frios estavam associados ao exercício por serem vistos como revigorantes, enquanto os banhos quentes encontravam-se associados ao relaxamento, levando a que estes fossem bem vistos apenas quando eram prescritos por Hipócrates (considerado o pai da medicina), no entanto, estes banhos assim como os banhos a vapor também eram bastante associados a eruditos e filósofos, por estarem associados ao convívio e à descontração, sendo nesta altura que surgiu as primeiras teorias do aquecimento de água através da circulação de ar quente sob o solo.

“É durante o séc. IV a.C., que nasce verdadeiramente a arte do banho na Grécia, praticado em salas, algumas vezes escavadas nas próprias rochas, ornamentadas por mosaicos (alguns deles ainda chegados aos nossos dias, e evidenciando cenas ligadas aos banhos e balneários), onde o solo era lajeado de pedra polida. Os gregos banhavam-se, normalmente, uma vez por dia, ao meio do dia ou antes da refeição da noite.”⁰⁴

03 | Ramos, Adília (2005) O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, pág.24

04 | Ibidem, pág.24



Fig. 01 | Fotografia do Aqueduto Romano 1960

“Os mais antigos vestígios de estâncias até ao momento são os da cidade da Índia de Mohenjo-Daro, anteriores ao ano 2000 a.C.”⁰⁵

Os romanos, influenciados pela cultura e práticas gregas, disfrutavam dos banhos ao ar livre não só pela vertente do equilíbrio entre o corpo e a mente, mas também pelo lazer e convívio, para isso construíram luxuosos edifícios que asseguravam que para isso uma parte da população (camadas sociais mais altas) usufruíssem destes banhos nas devidas condições, transformando estes espaços em centros de socialização assim como de discussão política e social.

“Os primeiros edifícios termais apareceram em Itália no séc. II a.C. Tratava-se de edifícios formados por três ou quatro habitações interligadas entre si e com sistemas de aquecimento e condução de águas sofisticados.”⁰⁶

Foi ainda no séc. IV a.C que *“a edificação de monumentos, de maior ou menor ostentação, passa a acompanhar o desenvolvimento e a melhoria de condições das termas e das suas fontes, através da construção de santuários (com templos e capelas), o que confirma e consolida a forte ligação entre o termalismo e a religião. A alteração do outro domínio, não constitui uma verdadeira criação, mas sim uma mudança de escala: trata-se da prática do banho que, tomado apenas no domicílio (por pessoas que dispusessem de meios suficientes), passa a poder ser igualmente apreciado, em edifícios públicos, por um número alargado de utilizadores.”⁰⁷*

Foi ainda, por volta deste período que o homem, para conviver socialmente e para práticas religiosas começou a usar águas termais, tendo sido os banhos mais conhecidos pelas curas que ali aconteciam, como por exemplo nos banhos de Scotusa e Epidauro, no entanto, em Roma, as termas mais conhecidas eram

05 | Mangorrinha, Jorge; Guerra, Luís (2002), À volta das termas: viagens no espaço e no tempo, Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia. pág.15

06 | Carriço, Ana (2013) Metamorfoses do espaço termal: O caso das termas de S.Pedro do Sul, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior, pág.25

07 | Ramos, Adília (2005) O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, pág.28

as de Diocleciano, Pompeu e Caracala. Estas termas eram recomendadas para a aplicação em banhos pelos médicos Hipócrates (o "Pai da Medicina"), Galeno e Heródoto.

Construíram-se ainda importantes obras de engenharia hidráulica, sendo o transporte das águas vindas da montanha para a cidade feitas através destas obras, onde o primeiro aqueduto romano (aqua Appia) foi construído em 312 a.c. por Appius Crassus, assim estes foram os grandes impulsionadores das vantagens destas águas termais, levando a que na altura da ocupação romana em França a utilização destas águas minerais aumentou bastante, e as estâncias termais deixaram de ser vistas apenas como locais de cura mas também como locais de repouso e lazer.

A presença dos romanos nas termas faz-se notar maioritariamente em Portugal, pela presença de vestígios como as ruínas de Conímbriga e em São Pedro do Sul por exemplo. As termas de Miróbriga (Santiago do Cacém) foram

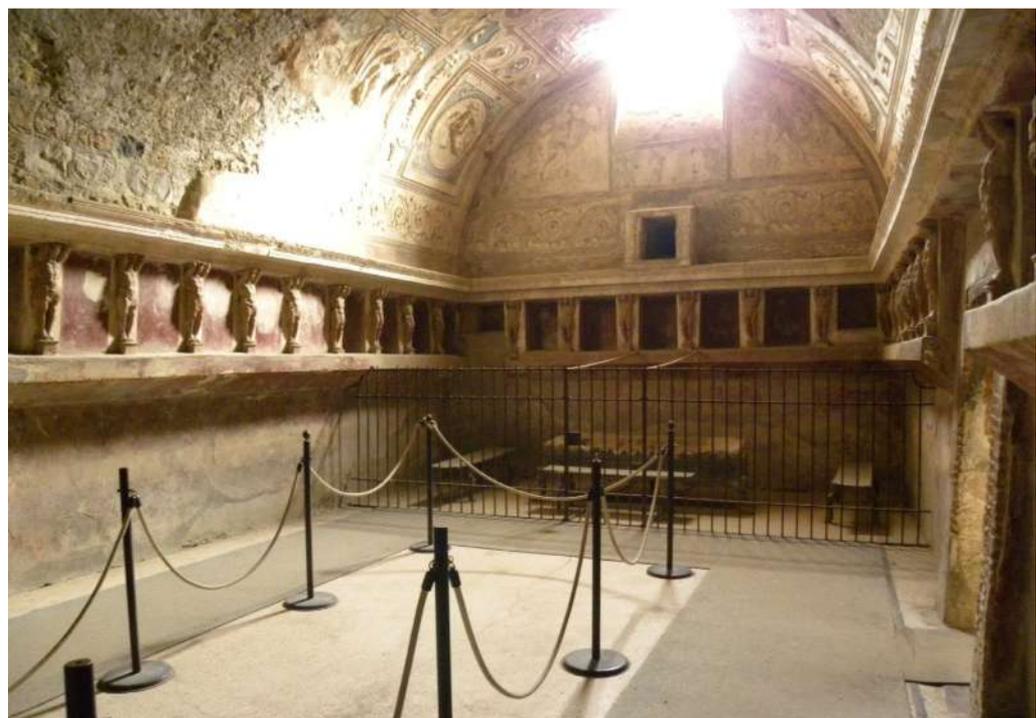


Fig. 02 | Termas Estabianas, Pompéia, Ruínas de um Tepidarium.

das mais céleres termas romanas de Portugal onde se encontrava vestíbulos, salas de vestiário, sala de banhos quentes (caldarium) e sala de transpiração (laconium), outros locais que eram bastante característicos das termas romanas eram o o apodyterium (local onde trocavam de roupa), tepidarium (local para banhos de água morna/tépida) e o frigidarium (local para banhos frios).

Este povo, foi o principal propulsor das aplicações hidroterápicas de acordo com as diferentes temperaturas da água desenvolveram-nas em 4 fases: a dos banhos de imersão, os duches, as estufas húmidas e secas e através da ingestão.

Existia um circuito para a prática termal nesta época, esta dizia respeito ao paciente que se dirigia *“para o apodyterium, onde se despia; entrava no untorium, afim de ser untado com óleo perfumado; fazia exercícios no sheristerium; seguia para o laconicum, estufa de ar quente; depois, coberto de suor, lançava-se no caldarium, ampla banheira, cuja água era bastante quente; passava ao tepidarium, com água de temperatura inferior aquela; antes e depois deste era friccionado no dstrictarium, e, depois de enxuto e perfumado, seguia para o apodyterium, onde se vestia.”*⁰⁸

O edifício termal, construído que proporcionava a ideia de uma obra luxuosa levou o seu conceito funcional às termas românticas erguidas na Europa no séc. XIX.

08 | Mangorrinha, Jorge; Guerra, Luís (2002), À volta das termas: viagens no espaço e no tempo, Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, 1ª edição. pág.16

Idade Média



Fig. 03 | Postal de Karlsbad (Karlovy Vary), República Checa, (s.d.)

Com o declínio do império romano, e com o forte crescimento do cristianismo as práticas termais entram em declínio, por serem vistas como práticas imorais, muitas vezes associadas a “expressões de decadência moral, feitiçaria e bruxaria”⁰⁹.

O cristianismo não favoreceu em nada a prática termal pois considerava-a de imoral, condenando o nudismo imposto pela prática, logo, o uso dos banhos termais no contexto social entra em decadência, levando a que apenas os banhos feitos num contexto terapêutico e medicinal fossem aceites ainda que com alguma consternação por parte da igreja, o que levou a que os poços pagãos se transformassem em poços sagrados dedicados aos santos que fizeram milagres ou foram martirizados naquele local ou perto dele, acabando por se tornarem locais de veneração/ peregrinação.

Neste período, “as Termas eram procuradas para recursos terapêuticos, mas sem os aspetos exuberantes dos romanos. O «banho» passou a ser limitado, não existiam grandes preocupações com a higiene e misturavam a sua vida boémia dos jogos, tabernas e bordeis com o culto das águas. O declínio dos tempos do prazer e da cura eram visíveis, e pioraram com o aparecimento da lepra na Europa do séc. XI a XII, forçando a construir hospitais (gafarias) junto às nascentes a mando da realeza e nobreza.”¹⁰

Na segunda metade da Idade Média, a procura termal teve um grande aumento, havendo um grande desenvolvimento nas estâncias termais na europa, ficando o complexo termal mais conhecido nesta altura o de Karlovy Vary na República Checa, descoberto pelo imperador Carlos IV em 1347.

09 | Carriço, Ana (2013) Metamorfoses do espaço termal: O caso das termas de S.Pedro do Sul, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior, pág.34

10 | Coimbra, Ana (2013) Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal, Tese de Mestrado, Universidade Lusíada, pág.30

Renascimento

Foi entre o séc. XV e XVI, com maior expressão neste último século que a prática do termalismo na Europa entrou novamente em ascensão, levando à realização de diversas viagens (feitas maioritariamente por pessoas classes sociais mais elevadas) a diferentes complexos termais na europa, levando à comparação não só destas estâncias, como de diferentes culturas, mas também dos resultados da cura aí obtidos.

“É neste contexto que se consolida, entre as diferentes elites, o hábito de proceder a circuitos entre vilas termais notáveis, procurando não só, o restabelecimento físico pela cura mas, também, proceder a uma análise comparativa entre as diferentes estações termais de renome e conhecer e admirar paisagens, hábitos e costumes estrangeiros. Desta forma, se passa a associar e a evidenciar a beleza e a exuberância, assim como o pitoresco de certas paisagens com os diferentes resultados e a notoriedade dos lugares de cura, e ainda com a qualidade do acolhimento.”¹¹

Motivado pela elevada procura e afluência destes espaços, começaram a construir e modificar vários complexos termais cada vez mais elegantes e mais exuberantes, os grandes jardins, o alojamento e todos os edifícios que completavam o panorama termal albergando tudo o que as classes sociais mais almejavam encontrar o que fez com que estas não fossem procuradas apenas pela sua vertente curativa, mas também para férias e até mesmo festas, levando ainda a uma maior difusão entre a nobreza.

“Com o renascimento das práticas termais após o século XV, o termalismo científico inicia o seu percurso, dotado da experiência médica em contexto hospitalar e acarinhado pela corte.”¹²

11 | Ramos, Adília (2005) O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro, pág.40.

12 | Mangorrinha, Jorge (2012), O que é uma cidade termal ?, Lisboa: Gráfica 99, 2ª edição. pág.39

O século XIX

A procura por estas estâncias termais deixou de ser maioritariamente pela saúde e passou a ser por uma razão mais lúdica, o lazer, levando a que os próprios complexos termais desenvolvessem edifícios para este efeito, assim para além da componente termal estas passaram a ser compostas por grandes parques, hotéis, casinos, casas de chá, salões de dança etc. tendo influência no contexto económico, político e social, levando a florescerem na Europa as Termas românticas.

Após a segunda guerra mundial, os complexos termais da Europa ocidental entraram numa fase de estagnação, porém, os da Europa central e oriental tiveram uma nova fase de desenvolvimento.

Já no século XIX, administra-se a água não só em banho mas também em ingestão, duche, inalação, pulverização ou injeção, em períodos e ritmos comportamentais medicamente determinados para o ritual de cura no interior do balneário.

O espaço público é a extensão do balneário, e, em sua volta, aglomeram-se as unidades de alojamento e outros edifícios induzidos pelo termalismo.”¹³

As propriedades da água quer para banhos quer para ingestão, difundiu-se pela Europa na primeira metade do séc. XIX, levando a que vários complexos termais se erguessem, tendo em conta que o desenvolvimento dos caminhos de ferro se deu nesta altura, várias termas tenham beneficiado com a construção inerente das linhas ferroviárias facilitando a acessibilidade a estes locais e tal como referiu Ramalho Ortigão a escolha do lugar para a prática termal *“segundo o preceito já exposto da mudança de modalidade, deve ser escolhido nas condições mais opostas áquellas em que o doente ordinariamente vive. As caldas preferidas para a cura, no caso de igualdade na composição química das águas, não devem ser as mais próximas, mas sim as mais distantes dos sítios em que habitualmente residimos.”¹⁴*

13 | Mangorrinha, Jorge (2012), O que é uma cidade termal ?, Lisboa: Gráfica 99, 2ª edição. pág.39

14 | Ortigão, Ramalho (2008), Banhos de Caldas e Águas minerais, Lisboa: Direção- Geral de Energia e Geologia, pág.22



Fig. 04 | Planta esquemática dos Jardins do Palácio de Monserrate (Sintra).



Fig. 05 | Jardim da Quinta da Regaleira (Sintra)

A prática do termalismo pela nobreza teve início sobretudo em França na segunda metade do séc. XIX (maioritariamente nas termas de e Plombières e de Vichy) seguindo posteriormente para outros países onde se tornou uma prática mais popular (na Alemanha temos o exemplo de Baden-Baden, em Inglaterra as termas de Bath, entre outras), já em Portugal, um dos edifícios de maior relevância foi sem dúvida o hospital termal das Caldas da Rainha (fundado em 1485, pela Rainha D. Leonor).

“Por consequência, a necessidade de parques arbóreos nas estâncias termais coincide com essa necessidade climática associada ao movimento de resposta à industrialização generalizada do século XIX, mas ultrapassando os factores higienistas e de esparecimento inerentes à construção de parques urbanos. De facto, a dimensão social da qualidade ambiental das áreas verdes construídas nestas estâncias prende-se com a efectiva prescrição médica e apreciação por grupos aquistas, dada a importância da adequação do espaço e dos equipamentos aí construídos às necessidades recreativas e de interação social, para além da segurança, do conforto e da qualidade ambiental.”¹⁵

Assim, neste século após surgir a arquitetura romântica, também as áreas verdes e a paisagem tomaram uma nova relevância não só a nível das termas mas também em outras obras emblemáticas portuguesas, temos como exemplo o parque do Palácio de Monserrate e a Quinta da Regaleira.

15 | Mangorrinha, Jorge (2012), O que é uma cidade termal ?, Lisboa: Gráfica 99, 2ª edição. pág.44

Atualidade

Claudino ferreira classifica o termalismo português atualmente em 4 fases distintas, na primeira fase que vai de 1900 a 1930 é a fase que considera como o período de ascensão e auge do termalismo e distingue duas vocações nesta fase a vocação lúdica e a terapêutica, o que atrai diferentes tipos de pessoas.

As edificações erguidas ao longo dos primeiros 30 anos dizem respeito a vários equipamentos quer lúdicos quer hoteleiros contando ainda com várias infraestruturas para a prática desportiva, zonas lúdicas como casino, cinema salão de baile, um lago onde se realizavam passeios de barco, nos hotéis havia vários jantares e saraus dançantes, bastante característicos de certas classes sociais.

Devido a terem sido feitos progressos no âmbito da farmacologia moderna, a cultura termal começa a entrar em declínio, entrando assim na segunda fase do termalismo.

A segunda fase, diz respeito ao período entre 1930 e 1970 e foi nesta altura que se deu o declínio do turismo termal, devendo-se esta decadência às novas práticas de veraneio que surgiram após a segunda guerra mundial, no entanto tinha havido uma estagnação ou falta de evolução tanto no sentido do tratamento como no aspeto lúdico nas termas.

*“Apenas na década de 1970, com o advento do termalismo social, as termas recuperaram capacidade de atracção sobre as clientelas iniciando uma fase de relativa recuperação no seu ciclo de vida”.*¹⁶

Assim, a prática termal encontra-se lado a lado com uma componente lúdica, o que leva a que aquistas mais jovens se sintam mais atraídos a esta prática, o que levou a que se pode rotular o termalismo moderno em três componentes: a água mineral, a envolvente (o que engloba a zona rural, a zona urbana e a história) e a animação (que engloba a animação cultural, desportiva e recreativa).

16 | Ferreira, Claudino (1994), Os usos sociais do Termalismo: Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das Termas da Curia, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra, pág.50

A terceira fase vai de 1970 a 1990 diz respeito a recuperação das termas e do termalismo, aqui após a instauração da democracia, o Estado teve um papel fundamental na área da saúde e com os apoios da segurança social as estâncias termais voltaram a ver o seu número de aquistas crescer, no entanto era sobretudo a população mais envelhecida que procurava esta prática.

A procura pela beira-mar, pela natureza e pelo repouso levou a burguesia a eleger as estâncias termais como local indicado não só para férias, mas também para turismo, sendo que, do que advinha do local (como os tratamentos, o contacto com a natureza, a quietude da área termal) levou não só em Portugal, mas também na Europa, a que as pessoas procurassem cada vez mais as estâncias termais, levando a que à medida que a evolução no âmbito da prevenção e tratamento medicinal a procura pelos tratamentos de águas termais diminui, os complexos termais tendem a evoluir passando não só a servir para tratamentos, mas sim para atividades lúdicas e relaxantes, por esse motivo, foram construídos campos de golf, casinos, casas de chá e piscinas olímpicas, para além destes, estas estâncias ainda levavam a construção de hotéis, pensões, novos balneários, levando a criação de um novo negócio a partir destas águas. Logo, esta seria considerada a quarta e última fase teve início na década de 90 e prolonga-se até aos dias de hoje, onde se vê a procura pelo espaço social, mas não tanto pela componente termal.

Deste modo, o Homem quando procura as termas, procura também uma separação da sua vida quotidiana, procurando assim um local e vivências diferentes às que está habituado, esta prática leva o homem a um reencontro com o próprio corpo através de uma sucessão de processos relativos aos banhos, novos ambientes e pessoas de diferentes classes. Esta vilegiatura, leva muitas vezes à junção do tratamento clinicamente prescrito durante um curto período de tempo com um diferente microclima.

A localização das nascentes e a topografia são essenciais para determinar o perímetro termal, levando a que os edifícios criados devido ao desenvolvimento termal assim como as vias de comunicação sejam motivo de crescimento e desenvolvimento local. Com diferentes geografias e topografias os edifícios termais têm programas diferentes apesar de terem funções comuns, criando assim espaços intemporais.

Foi no ano de 1892 que após a legislação para a regularização da exploração

das nascentes de água começou a construir-se os edifícios balneares, os hotéis, espaços recreativos entre outros, levando a que as estâncias fossem erguidas como um núcleo urbano, estes tinham sempre em consideração o lazer, a cura e a natureza, criando um microcosmos autossuficiente e capaz de promover tudo o que o aquista necessitava (alojamento, casino, salões de baile, cafés, lojas, serviços de transporte, salas de teatro e concertos, tudo o que levasse o aquista a melhorar), estas “cidades de água” ao longo do tempo vão evoluindo e recebendo novas reinterpretações projetuais.

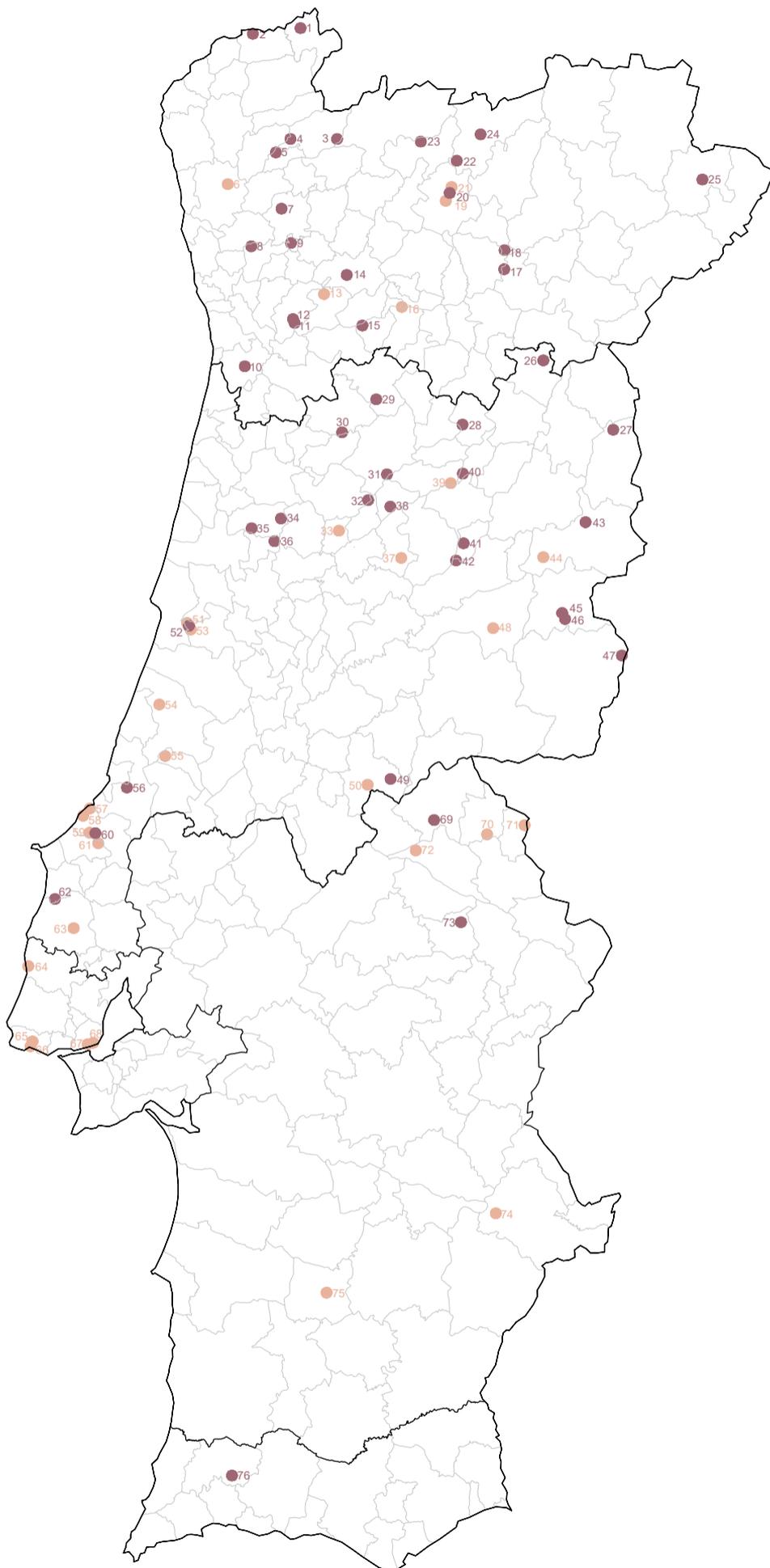
Com a evolução e desenvolvimento termal, não só os edifícios, mas também os equipamentos foram alvo de melhorias, tendo como referência o caso de Baden-Baden que recebe uma licença de exploração de casino em 1748, também outras grandes estâncias europeias tornaram-se uma referência como é o caso de SPA na Bélgica e Bath em Inglaterra.

A prática termal despoletou na Europa na segunda metade do século XIX, dando-se esta moda sobretudo em França (nas termas de Vichy e Plombières (estas foram transformadas por Napoleão III em deslumbrantes estâncias) e na Alemanha (nas termas de Baden-Baden e Erms). França chega ainda a designar o conjunto de edificações que estão ligadas á exploração das águas termais que quando usadas para a cura tenham o seu tempo, infraestruturas e espaços adequados como “Ville d’eaux”.

*“A arquitectura termal europeia ergue-se sob alguns módulos característicos, em torno, sobretudo, das estâncias termais da Alemanha, Itália, França e Sabóia (território francês a partir de 1860). A buvette surge no século XVIII em diferentes países e sob variados tipos, dentro ou fora dos balneários, mas desde o início do século XIX que toma uma concepção específica, associada a uma galeria”.*¹⁷

O termalismo português evolui de várias formas, a nível territorial, arquitetónico e através da capacidade de investimento pelas entidades a que estava a cargo as termas, sendo, estas condições económicas, sociais e políticas de cada local

17 | Mangorrinha, Jorge; Guerra, Luís (2002), À volta das termas: viagens no espaço e no tempo, Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, 1ª edição. pág.20.



Norte:

- 1- Termas de Melgaço
- 2- Caldas de Monção
- 3- Caldas do Gerês
- 4- Termas de Moimenta
- 5- Termas de Caldelas
- 6- Termas de Eirogo (Inativa)
- 7- Caldas das Taipas
- 8- Caldas da Saúde
- 9- Caldas de Vizela
- 10- Caldas de S.Jorge
- 11- Termas Entre-os-Rios
- 12- Termas de S. Vicente
- 13- Caldas de Canaveses (Inativa)
- 14- Caldas de Amarante
- 15- Caldas de Aregos
- 16- Caldas de Moledo (Inativa)
- 17- Caldas de S.Lourenço
- 18- Caldas do Carlão
- 19- Fonte Romana (água romana) (Inativa)
- 20- Termas de Pedras Salgadas

- - Termas Inativas
- - Termas Ativas

Escala | 1: 2 250 000 

Fig. 06 | Mapa de Portugal com a localização das termas ativas e inativas existentes em Portugal

- 21- Termas do Cardal (Inativa)
- 22- Termas de Vidago
- 23- Termas de Carvalhelhos
- 24- Caldas de Chaves
- 25- Termas da Torronha

Centro:

- 26- Termas de Longroiva
- 27- Termas de Almeida
- 28- Caldas da Cavaca
- 29- Termas do Carvalhal
- 30- Termas de S. Pedro do Sul
- 31- Banho de Alcafache
- 32- Caldas de Sangemil
- 33- Termas do Granjal (Inativa)
- 34- Termas de Vale da Mó
- 35- Termas da Curia
- 36- Termas do Luso
- 37- Caldas de S. Paulo (Inativa)
- 38- Caldas de Felgueira
- 39- Água de Abruñosa (Inativa)
- 40- Termas de S. Miguel
- 41- Caldas de Manteigas
- 42- Termas de Unhais da Serra
- 43- Caldas do Cró
- 44- Águas Radium (Inativa)
- 45- Termas de S. Tiago
- 46- Termas de águas- Penamacor
- 47- Termas de Monfortinho
- 48- Termas de Touca (Inativa)
- 49- Caldas da Amieira (Inativa)
- 50- Termas de Bicanho
- 51- Banhos de Azenha (Inativa)
- 52- Fadagosa de Mação (Inativa)
- 53- Termas da Ladeira de Envedos

- 54- Termas de Monte Real (Inativa)
- 55- Salgadas da Batalha (Inativa)
- 56- Termas da Piedade
- 57- Águas de Salir (Inativa)
- 58- Águas da Serra do Bouro (Inativa)
- 59- Águas Santas (Inativa)
- 60- Caldas da Rainha
- 61- Termas das Gaeiras (Inativa)
- 62- Termas do Vimieiro
- 63- Termas do Vale dos Cucos (Inativa)

Área Metropolitana de Lisboa:

- 64- Águas de Santa Marta (Inativa)
- 65- Termas do Estoril (Inativa)
- 66- Banhos da Póça (Inativa)
- 67- Banhos de S. Paulo (Inativa)
- 68- Banhos de Alfama (Inativa)

Alentejo:

- 69- Fadagosa de Nisa
- 70- Castelo de Vide (Inativa)
- 71- Fadagosa (Maria Viegas) de Marvão (Inativa)
- 72- Termas do Monte da Pedra (Inativa)
- 73- Termas da Sulfúrea
- 74- Termas de Moura (Inativa)
- 75- Termas de S. João do Deserto (Inativa)

Algarve:

- 76- Caldas de Monchique

um fator distintivo de cada uma das termas portuguesas. Aqui, existem cerca de 400 fontes termais, sendo que, não existem duas com as mesmas características, nem mesmo se estas forem vizinhas, estas diferenças vão desde a temperatura a outras propriedades. Algumas nascentes são ainda associadas a falhas tectónicas como é o caso de S. Pedro do Sul, das Termas da Cavaca e das Termas de Vidago.

Em suma, em Portugal, a procura termal tem vindo a diminuir ao longo do tempo, nos últimos 20 anos nota-se uma decadência na procura termal, este também poderá ser um dos motivos pelos quais várias termas terão fechado portas permanentemente, contudo, este declínio terá atingido o seu auge no ano de 2020 devido à pandemia da COVID-19. Apesar de já se notar alguma melhoria na procura termal nos últimos dois anos, ainda não chega aos números que havia no início deste século.

Atualmente apenas 76 incidências termais podem ser encontradas, no entanto destas 30 encontram-se fora de uso o que leva a que apenas 46 termas ainda estejam abertas hoje em dia. Estas encontram-se divididas em cinco zonas distintas a zona norte (conta com 25 incidências termais das quais 5 encontram-se inativas), a zona centro que é a que conta com mais termas, (tendo assim 38 das quais 15 estão inativas), a área metropolitana de Lisboa que tem todas as suas 5 termas fora de atividade, o Alentejo que das 7 termas apenas 2 estão a funcionar e o Algarve com as Caldas de Monchique. A tendência a perder cada vez mais estas águas e estes locais torna-se infelizmente cada vez mais recorrente.

Fig. 07 | Gráfico relativo à frequência termal em Portugal entre 1999 e 2010.

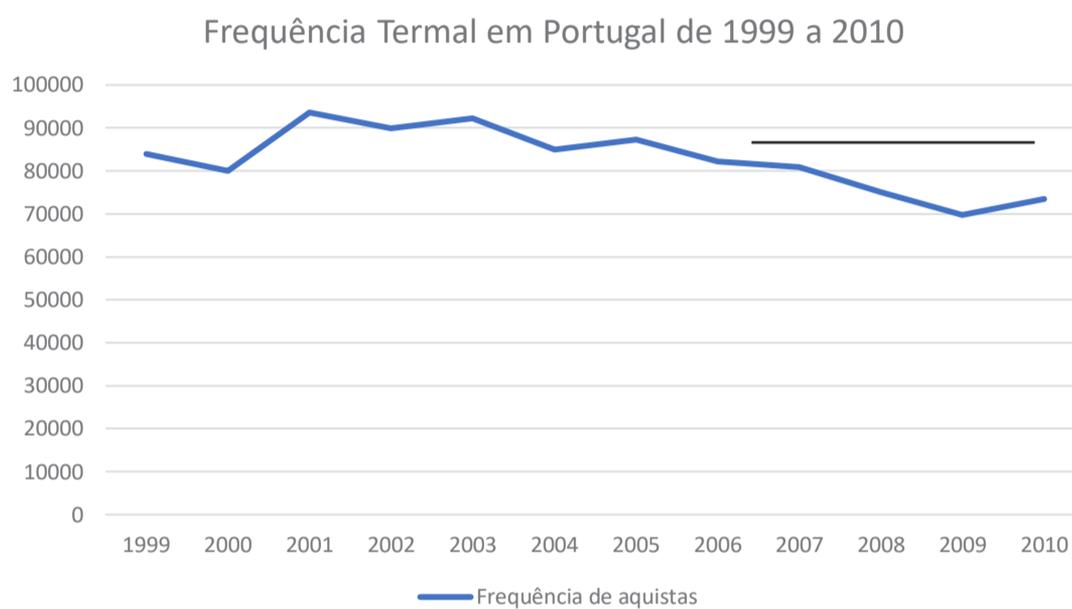
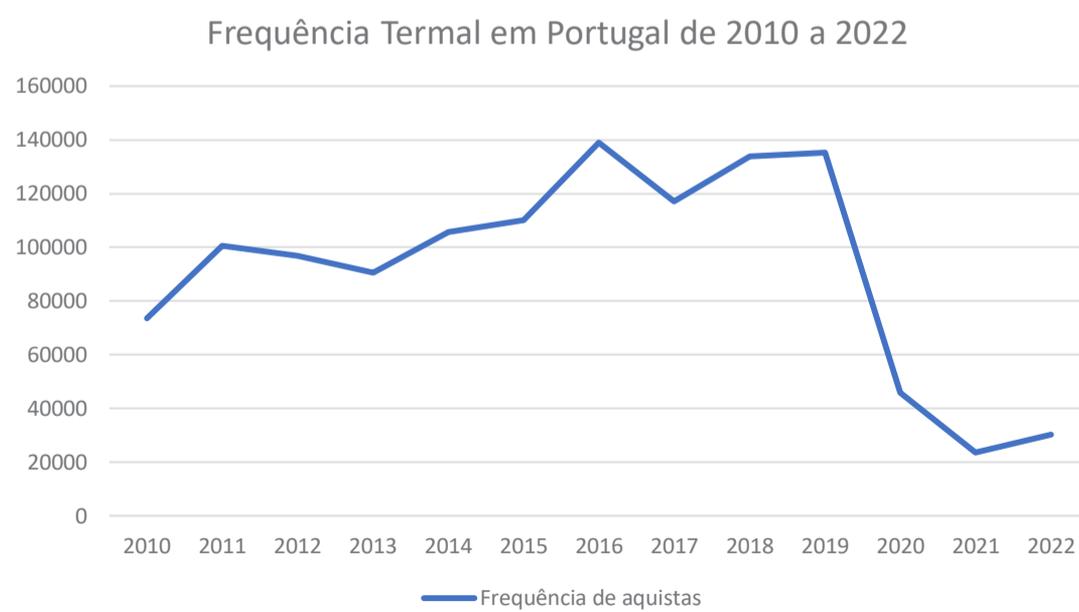


Fig. 08 | Gráfico relativo à frequência termal em Portugal entre 2010 e 2022.



Concelho de Anadia

Enquadramento local

Portugal, de modo a entrar para as estatísticas da União Europeia foi dividido e subdividido por um sistema conhecido pelo NUT (Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins estatísticos), tendo sido criado pelo Eurostat (Serviço de Estatística da União Europeia) no início de 1970, encontra-se subdividido em três níveis diferentes, o NUT I, NUT II e NUT III, sendo estes compostos por três, sete e vinte e cinco áreas administrativas respetivamente.

Nesta tese apenas irei falar apenas de Portugal Continental, deixado assim a Região Autónoma da Madeira e a Região Autónoma do Açores de parte, por esse motivo, unicamente posso falar de uma área administrativa no NUT I, cinco no NUT II e vinte e três no NUT III.

De acordo com este sistema, encontramos-nos no Continente (segundo o NUT I), que se encontra subdividido em cinco áreas administrativas (pelo NUT II):

- Norte
- Centro
- Área Metropolitana de Lisboa
- Alentejo
- Algarve

Estas áreas administrativas encontram-se ainda subdivididas em entidades intermunicipais de acordo com o NUT III, assim sendo, temos: (Fig.09)

- Norte:
 - Alto Minho
 - Cávado
 - Ave
 - Área Metropolitana do Porto
 - Alto Tâmega
 - Tâmega e Sousa
 - Douro
 - Terras de Trás-os-Montes
- Centro:
 - Oeste
 - Região de Aveiro
 - Região de Coimbra
 - Região de Leiria

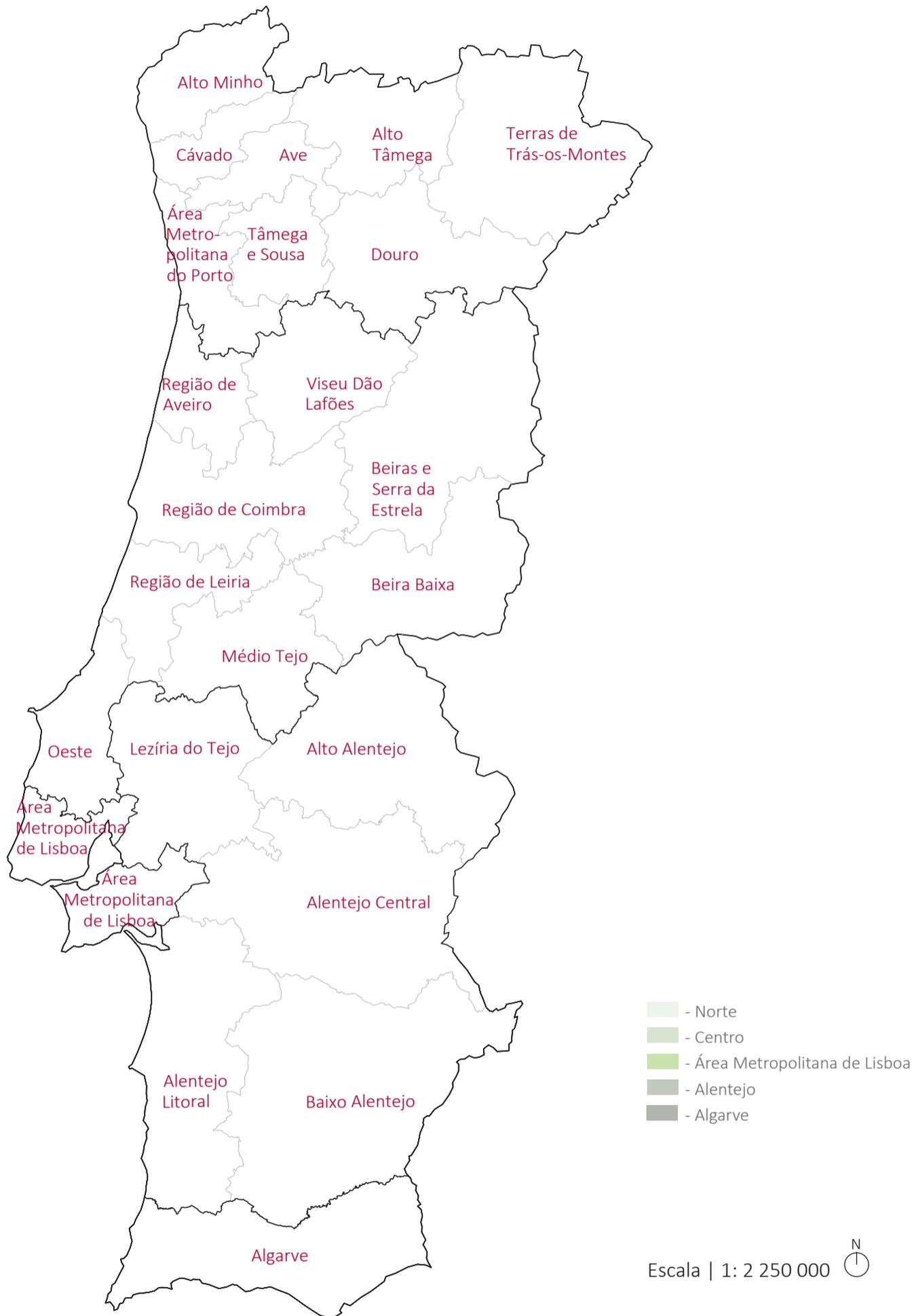


Fig. 09 | Mapa de Portugal segundo o sistema NUT I e NUT II

- Viseu Dão Lafões
- Beira Baixa
- Médio Tejo
- Beiras e Serra da Estrela

- Área Metropolitana de Lisboa

- Alentejo

- Alentejo Litoral
- Baixo Alentejo
- Lezíria do Tejo
- Alto Alentejo
- Alentejo Central

- Algarve

Focando apenas na Região Centro que é onde se insere o local que vai ser estudado nesta tese, temos uma zona centro constituída por 77 municípios abrangidos pelo CCDRC, ou seja, pela comissão de coordenação e desenvolvimento regional do centro, estes pertencem a seis distritos diferentes:

- Aveiro
- Coimbra
- Viseu
- Leiria
- Castelo Branco
- Guarda

O distrito de Aveiro encontra-se rodeado a Norte pelo Porto, a Este por Viseu e a Sul por Coimbra, englobando ainda 19 concelhos, dos quais 12 pertencem à zona centro (à Região de Aveiro e os restantes à área metropolitana do Porto). (Fig.10).

Anadia é um dos concelhos pertencentes à Região de Aveiro, encontrando-se rodeada a Norte por Águeda, a Sul pela Mealhada, a Oeste por Cantanhede a Este por Mortágua e a Noroeste por Oliveira do Bairro. (Fig.11)



Escala | 1:600 000



Fig. 10 | Localização do município de Anadia no distrito de Aveiro e as suas 19 concelhias



- Cidade de Anadia
- Cidades que rodeiam Anadia (Cantanhede, Mealhada, Mortágua, Águeda e Oliveira do Bairro)

Escala | 1:600 000



Fig. 11 | Mapa aproximado de Anadia e das cidades que a rodeiam

A origem do nome “Anadia” leva-nos a algumas conjeturas para o nome, uma destas deriva de uma lenda enquanto a outra aparenta ter uma origem no latim.

A primeira hipótese remete a uma lenda sobre uma produtora vinícola de um vinho excepcional, chamada Ana Dias que vendia o seu vinho á beira da estrada de Coimbra, ficando assim o seu nome ligado a este local. A segunda hipótese para o nome encontra-se datado a 1082, onde esta é chamada de “illa Nadia”,

“Nadia representa sem dúvida o lat.nativa (sc. Aqua ou fons) (...) significativo de “nascente, fonte natural espontânea” com referência ao exuberantíssimo manancial das Fontes que brata à entrada da vila, do lado norte.”⁰¹ Levando assim a que Anadia também fosse conhecida por Aqua Nativa.

“o povoamento do concelho encontra-se mal documentado para épocas anteriores ao domínio romano: carecem ainda de comprovação alguns vestígios alegadamente pertencentes ao Paleolítico (...), ao Neolítico (...) e à Idade do Ferro (...). Mas os testemunhos da presença romana nestas terras são, esses sim, inequívocos e têm sido detectados um pouco por toda a área do concelho.....”⁰²

Esta localidade com cerca de 216.6 Km², era considerada vila até 2004, altura em que ganhou o estatuto de cidade, é constituída por 15 freguesias, Avelãs de Cima, Avelãs de Caminho, Moita, Vila Nova de Monsarros, Arcos, Aguim, Tamengos, Óis do Bairro, Mogofores, São Lourenço do Bairro, Paredes do Bairro, Ancas, Sangalhos, Amoreira da Gândara e Vilarinho do Bairro.

No entanto em 2012, de acordo com a UTRAT (Unidade técnica para reorganização administrativa do território) a reorganização administrativa territorial sofre alterações, levando assim à junção de freguesias devido aos limites territoriais do município, relacionando assim o número de habitantes e a densidade populacional do mesmo, portanto, em Anadia segundo esta nova

01 | Silveira, Joaquim (Junho,1991), Toponímia Portuguesa, Aqua Nativa nº1, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.4

02 | Rosmaninho, Nuno; Santos, Ana Paula Figueira; Gonçalves, Rui Miguel Rosmaninho (2007), Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico, Paredes: Reviver Editora. pág.13

- União das Freguesias de Amoreira da Gândara, Paredes do Bairro e Ancas
- União das Freguesias de Arcos e Mogofores
- União das Freguesias de Tamengos, Aguim e Óis do Bairro

Escala | 1:150 000



Fig. 12 | Mapa de localização das freguesias pertencentes ao concelho de Anadia

reorganização o concelho teve de passar de 15 freguesias para 10, pois foi considerado um município de nível 2 (ou seja tem uma densidade populacional superior a 1000 habitantes por km² e tem de ter população inferior a 40 000 habitantes ou densidade populacional entre 100 e 1000 habitantes km² com população igual ou superior a 25 000 habitantes).

Segundo os censos de 2011 (dados usados para esta reorganização administrativa) Anadia tinha 29 150 habitantes, sendo Arcos a sede do município e visto que, tem uma malha urbana continua para Mogofores estes agregaram-se criando assim a União das Freguesias de Arcos e Mogofores.

Como este novo sistema pretende que a dimensão demográfica para freguesias de nível 2 seja com cerca de 3000 habitantes (onde o território não se encontre em lugar urbano), levou a que por Amoreira da Gândara, Ancas e Paredes do Bairro ao serem contiguas se agreguem levando assim à União das Freguesias de Amoreira da Gândara, Paredes do Bairro e Ancas, o mesmo se sucedeu com Óis do bairro, Tamengos e Aguim dando-se a União das freguesias de Tamengos, Aguim e Óis do Bairro.

<i>Freguesias de Anadia</i>	Nº de habitantes em 2011	Nº de habitantes em 2021	<i>Diferença entre o nº de habitantes de 2011 e 2021</i>
Moita	2484	2203	- 281
Avelãs de Cima	2185	1954	- 231
Avelãs de Caminho	1252	1300	+ 48
Vilarinho do Bairro	2764	2491	- 273
São Lourenço do Bairro	2414	2288	- 126
Sangalhos	4068	3855	- 233
Vila Nova de Monsarros	1713	1545	- 168
União das Freguesias de Arcos e Mogofores	6331	6241	- 90
União das Freguesias de Tamengos, Aguim e Óis do Bairro	3264	3256	- 8
União das Freguesias de Amoreira da Gândara, Paredes do Bairro e Ancas	2675	2429	- 246
<i>Nº total de habitantes</i>	29 150	27 542	- 1608

Fig. 13 | Tabela relativa à diferença entre do nº de habitantes do concelho de Anadia entre 2011 e 2021 baseada nos censos

- Sistemas Aquíferos:
- Sistema Cretácico de Aveiro
 - Cársico da Bairrada
 - Sistema Quaternário de Aveiro
- Unidades Hidrogeológicas:
- Maciço Antigo
 - Orla Ocidental

Escala | 1:200 000

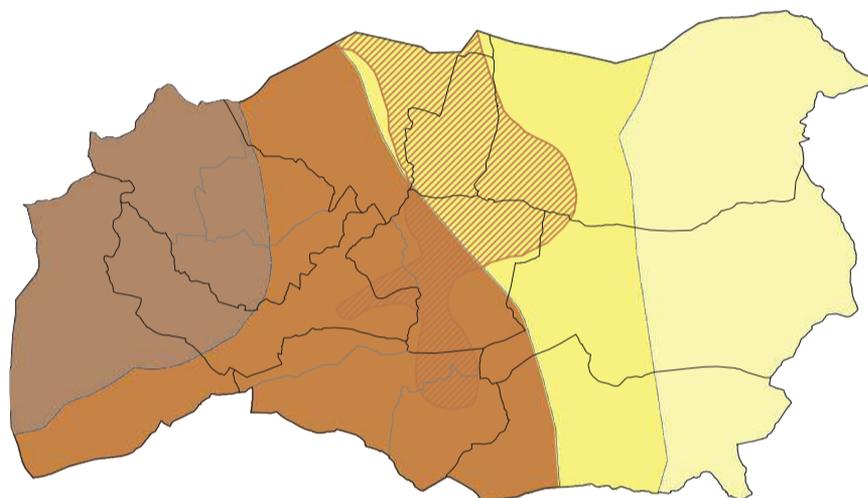


Fig. 14 | Mapa da caracterização biofísica hidrogeológica de Anadia

- Zona com declives acentuados
- Zona com declives suaves
- Zona com declives moderados

Escala | 1:200 000

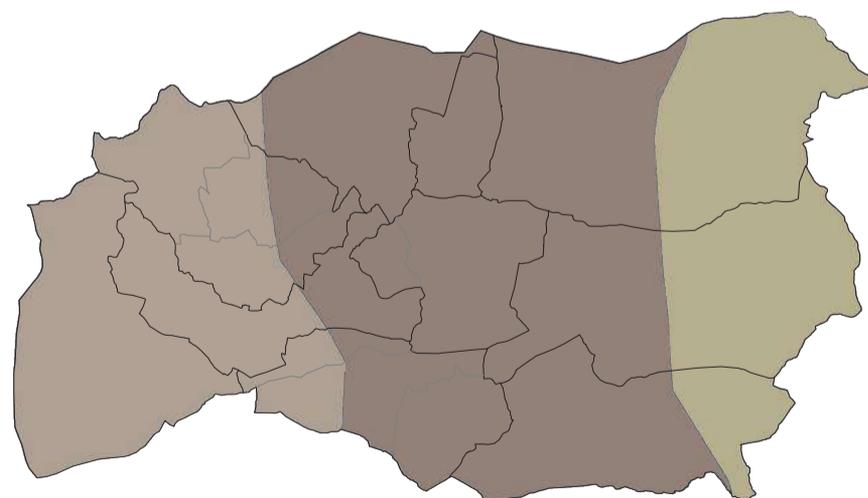


Fig. 15 | Mapa de caracterização dos declives do concelho de Anadia

Como se pode verificar através da tabela (Fig.13), em 10 anos houve um decréscimo de 1608 habitantes, este verificou-se em nove das dez freguesias presentes no concelho, onde a perda de cidadãos foi mais acentuada na Moita (-281) e menor na União das Freguesias da Amoreira da Gândara, Paredes do Bairro e Ancas (-8), e apenas em uma freguesia houve um aumento de população em 48 habitantes.

O concelho contém duas unidades de paisagem, a Beira Litoral (a que corresponde a subunidade da Bairrada, encontrando-se mais a Oeste) e a Beira Alta (que contém a subunidade Montes Ocidentais da Beira Alta, a Este).

A sua caracterização biofísica é constituída por duas unidades hidrogeológicas, o Maciço Antigo e a Orla Ocidental, dentro do maciço antigo podemos encontrar diferentes tipos de rochas tais como as rochas eruptivas básicas e ácidas, xistos, calcários e depósitos meso-cenozóicos. A Orla Ocidental é constituída por três sistemas aquíferos diferentes, o sistema Cretácico⁰³ de Aveiro (composto por três aquíferos sobrepostos), o Sistema Quaternário de Aveiro (também composto por três unidades diferentes) e o Cárstico⁰⁴ da Bairrada (onde as principais formações aquíferas são os calcários margosos de Lemedede e a camada de Coimbra). (Fig.14)

É possível verificar que em Anadia podemos encontrar declives suaves, moderados e acentuados, encontrando-se os mais acentuados a Nascente, os mais suaves a Poente e os moderados no centro (Fig.15). Como os declives a nascente são mais acentuados, englobam assim parte das freguesias de Avelãs de Cima, Moita e Vila Nova de Monsarros, nestes, podemos encontrar vales encaixados, no entanto como a Poente, são mais suaves, concentram-se em toda a freguesia de Vilarinho do Bairro e parte das freguesias de São Lourenço do Bairro, Sangalhos, União das Freguesias da Amoreira da Gândara, Aguium e Óis do Bairro, podendo encontrar-se alguns sedimentos costeiros e cascalhos.

03 | Cretácico- corresponde ao último período da era mesozóica

04 | Cárstico- *“corresponde ao relevo de regiões calcárias, produzido pelo trabalho de dissolução das águas superficiais e subterrâneo”* - Costa, J.Almeida, Melo, A. Sampaio e (1976). Dicionário da Língua Portuguesa (5ª ed.), Porto, Portugal: Porto Editora pág.277

- Ponto mais baixo de Anadia (10m)
- Ponto mais alto de Anadia (545m)
- Lago da Curia
- Linhas de água principais do concelho

Escala | 1:200 000

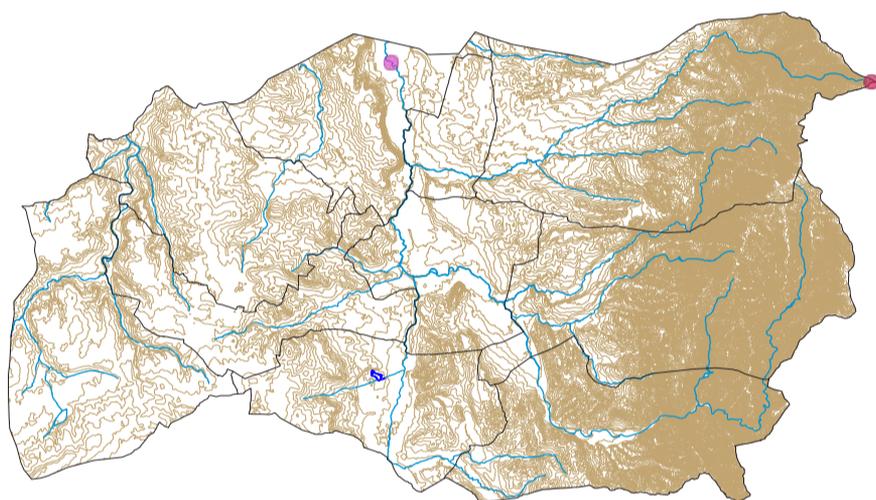


Fig. 16 | Mapa de identificação dos pontos mais alto e mais baixo do concelho de Anadia e das linhas de água principais do concelho pertencentes à REN (Reserva ecológica nacional)

- Área florestal
- Área agrícola
- Área social
- Área de solo improdutivo
- Área de massas de água
- Edificado

Escala | 1:200 000

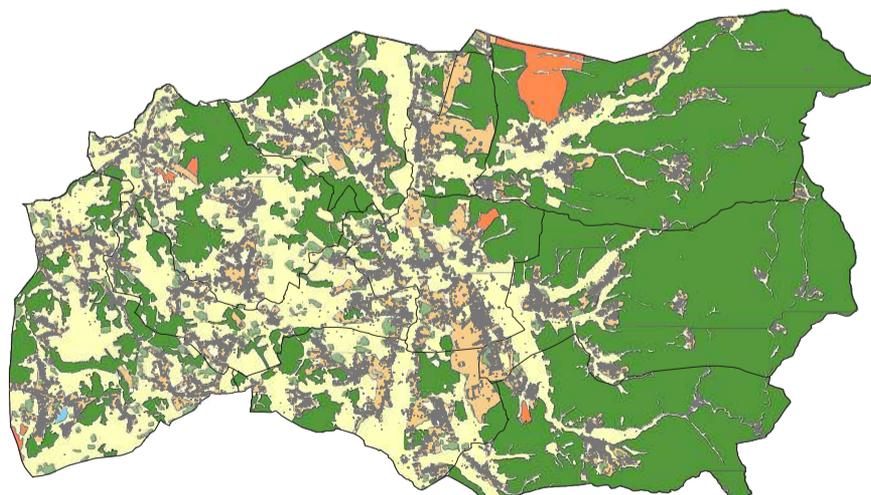


Fig. 17 | Mapa de identificação da ocupação do solo do concelho de Anadia

Os declives mais moderados, concentram-se nas freguesias de Avelãs de Caminho e União das freguesias de Arcos e Mogofores encontrando-se também em apenas parte das freguesias de Sangalhos, são Lourenço do Bairro, União das freguesias de Amoreira da Gândara, Paredes do Bairro e Ancas e União das Freguesias de Tamengos, Aguium e Óis do Bairro, Avelãs de Cima, Moita e Vila Nova de Monsarros, podendo encontrar solos aluvionares associados ao Rio Cértima e Rio da Serra.

Em cerca de 62% da área total do concelho imperam declives inferiores a 5° (o que corresponde a cerca de 13431 ha), a 15% da área total representa declives entre 5° e 10° (o que corresponde a cerca de 3249 ha), outros 15% da área total corresponde a declive de 10° a 15° e 15° a 20° (outros 3249 ha), menos significativo são os declives superiores a 20° que apenas representam 8% da área total do concelho (o que corresponde a cerca de 1733 ha).

A altitude vai aumentando gradualmente do sentido Poente-Nascente, assim sendo, sofre variações desde o ponto mais baixo do concelho à cota 10m (na zona Norte (em Sangalhos)) até ao ponto mais alto à cota 545m (perto do limite Nordeste do concelho (Avelãs de Cima)). As linhas de água principais do concelho são o Rio Cértima (sentido N-S), o Rio da Serra, Ribeira do Escoural (sentido NE-W) e Rio Levira (sentido S-N), no entanto na reserva ecológica nacional (REN) estão contidas outras linhas de água do concelho (Fig.08).

“Apesar do termo Bairrada nos remeter para terras de relevo suave e cobertas por vinha, o certo é que o território deste concelho também apresenta outro tipo de características morfológicas. Se a zona ocidental do concelho corresponde efectivamente àquela imagem, o mesmo já não acontece com a sua orla nascente, que bordejia as serras do Caramulo e do Buçaco, sendo por isso acidentada e repleta de floresta.”⁰⁵

Na zona Poente e Central o terreno é mais aplanado, apenas tem uns declives mais acentuados junto dos vales do Rio Cértima e Levira, sendo o solo nesta

05 | Rosmaninho, Nuno; Santos, Ana Paula Figueira; Gonçalves, Rui Miguel Rosmaninho (2007), Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico, Paredes: Reviver Editora. pág.9

área, maioritariamente para uso agrícola e urbano/industrial.

A Nascente, o terreno apresenta uma topografia irregular, por vezes marcada por zonas com declive bastante acentuado, sendo a utilização do solo maioritariamente florestal, ocupado principalmente por eucaliptos.

No entanto, Anadia tem um povoamento florestal de quatro espécies distintas, o eucalipto, o pinheiro-bravo, o pinheiro manso e povoamentos mistos. O eucalipto ocupa a maior parte da mancha florestal, responsável por cerca de 5653.15 ha, ou seja, mais de 25% da área total do concelho, é composta por eucaliptos, seguido pelo povoamento misto que ocupa cerca de 4272.85 ha, contudo, apesar de ser numa massa florestal bastante inferior às acima referidas, temos ainda o pinheiro-bravo com cerca de 619.75 ha seguido do pinheiro manso com apenas 8.62 ha. É ainda possível observar alguns sobreiros ao longo de Anadia que são considerados exemplares da *Quercus*.

O concelho tem uma vasta área florestal (ocupando 50,33% da área do concelho), no entanto como é possível verificar que é dotada também tem uma vasta área agrícola (ocupando cerca de 33% da área total), isto deve-se ao facto do solo do concelho ter uma grande capacidade produtiva, por esse motivo, as zonas onde o solo é improdutivo são escassas.

A flora da região é caracterizada por 73 espécies de animais divididas em quatro subclasses diferentes havendo assim 43 espécies de aves, 13 espécies de mamíferos, 11 espécies de répteis e 6 espécies de anfíbios, sendo as mais representativas do município a águia-cobreira, bufo-real e falcão peregrino, o javali, a raposa, a doninha, a víbora-cornuda e a rã-ibérica.



Fig.18 | Fotografia da escola Vitivinícola de Anadia e das suas vinhas (a vinicultura é uma prática característica da região e por isso esta imagem vinícola é bastante recorrente na localidade)

Em suma, num concelho com uma vasta manta verde e com uma variedade de espécies arbóreas distintas, temos de ter em conta que apesar de em zonas de declives acentuados apenas se encontrarem zonas florestais, nos declives suaves e moderados dá-se toda a urbanização do concelho.

Assim, para uma melhor compreensão e perceção do que se passa no concelho e do desenvolvimento da Curia particularmente nos dias de hoje, temos de ter em consideração todos os fatores enumerados neste capítulo.

Contudo, é um concelho onde existem duas incidências termais distintas como iremos ver de seguida que o ponto que têm em comum é a vasta gama arbórea que as rodeiam apesar de em situações distintas, vista uma estar rodeada de floresta e a outra estar inserida num parque no qual a vegetação foi escolhida de modo a ir de encontro com a fauna local, por consequência a flora também foi preservada.

Termas de Vale da Mó

■ - Termas de Vale da Mó
■ - Termas da Curia

Escala | 1:200 000

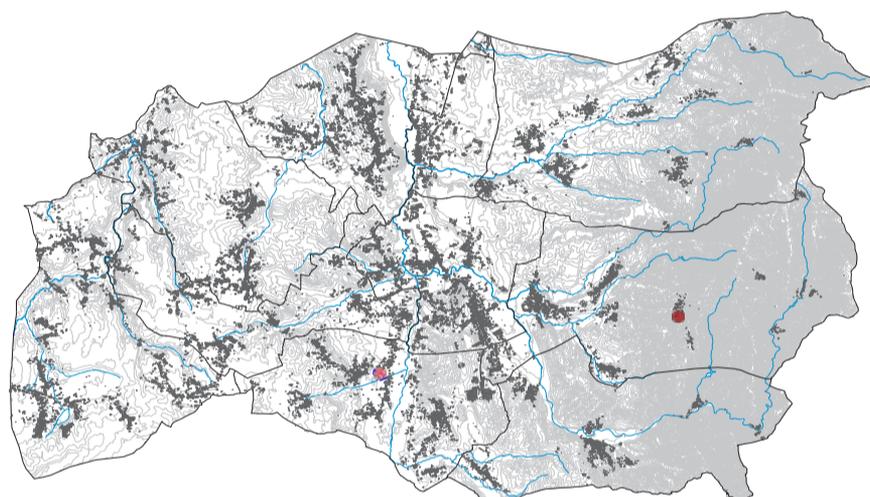


Fig. 19 | Mapa de localização das Termas que se encontram em Anadia

No concelho de Anadia existem dois estabelecimentos termais, as termas de Vale da Mó, e as mais conhecidas e sobre as quais incide esta tese, as Termas da Curia.

As termas de Vale da Mó encontram-se a 5km do centro de Anadia na aldeia de Vale da Mó a uma altitude de 250m, estas devem “(...) a sua notoriedade a um convento construído no início do século XVIII (...) e, sobretudo, a uma nascente de águas férreas, cujas propriedades terapêuticas são destacadas há mais de duzentos anos.”⁰⁶

“O topónimo “Vale da Mó” quer dizer isso mesmo, “Vale do moinho”, um local que era peculiar porque nele brotava uma água também especial, e um povoado cujo elemento mais visível e identificativo teria sido um primitivo moinho.”⁰⁷, no

06 | Rosmaninho, Nuno; Santos, Ana Paula Figueira; Gonçalves, Rui Miguel Rosmaninho (2007), Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico, Paredes: Reviver Editora. pág.92

07 | Alegre, Carlos (Abril, 2017), Vale da Mó, Aqua Nativa nº42, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.06

entanto, antes de ser “Vale da Mó” era conhecido apenas por Mó, a póvoa da Mó.

Estas águas terão sido descobertas em 1730 pelo Padre Manuel Almeida que ao notar um sabor férreo, terá contado ao seu irmão que era juiz em Lisboa, este espalhou a palavra, o que levou a que várias pessoas procurassem este local. Uma das primeiras análises feitas a esta água terá sido em 1789 pelo Dr. Dom Francisco de Almeida Beja e Noronha.

No entanto os registos datam que, com a afluência a este local em 1839 a Câmara Municipal atuou de modo que houvesse obras para melhoria da fonte. Apesar de possuir apenas uma fonte (a Fonte de Águas Férreas), devido a terem uma natureza “*Hipossalina ferruginosa, hipotermal*”⁰⁸, estas águas são consideradas únicas em Portugal, são bacteriologicamente puras, não contêm cor e têm um sabor ligeiramente férreo.

Em 1912 após o primeiro pedido de concessão surgir o Dr. Von Bonhorst recolheu uma amostra de água para análise determinando os componentes principais destas, e Charles Lepierre em 1930 torna-as a analisar concluindo que é uma água “*essencialmente bicarbonatada férrea cálcica e sódica (quase 70% da sua mineralização), levemente cloretada (21%), muito pouco sulfatada (6%) e levemente litínica*”.⁰⁹

Ainda em 1912, a 1 de Julho abre o primeiro hotel neste local, outrora eram apenas hospedarias que ali se encontravam.

A sua primeira concessão deu-se a 21 de Novembro de 1920 pertencendo a Jaime Moreira de Carvalho, após ter sido negligenciada foi declarada abandonada a 23 de Abril de 1929. No entanto o farmacêutico Óscar Alvim a 19 de Outubro de 1931 recebe o alvará de concessão desta.

08 | Acciaiuoli, Luiz (1941), Águas de Portugal: relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939, Lisboa (1941 ou MCMXLI), pág.15

09 | Acciaiuoli, Luiz (1949), História da Química na Hidrologia Portuguesa, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa (1949), pág.32

“Na década de 1930, Vale da Mó ainda era uma povoação bisonha, desleixada na seu aspecto, sem qualquer atractivo específico para além do seu enquadramento paisagístico.”¹⁰

Como acontece em todas as termas o desenvolvimento urbanístico do local onde se encontram deu-se com a sua exploração o que fez com que fossem criadas pensões para alojamento dos aquistas, no entanto, algumas casas particulares também alugavam quartos para a sua estadia. Em 1932, o engenheiro António Rodrigues, projeta a buvette (com base na arquitetura moderna) para estas termas, este foi durante muitos anos único edifício existente visto que nestas termas o método de tratamento é apenas a ingestão da água.

Voltam a fechar em 1998, mas desta vez devido a falta de condições sanitárias, no entanto, em 2001 a Câmara Municipal comprou-as fazendo-lhe obras de requalificação inaugurando assim em Agosto de 2003. A intervenção consistiu na construção de um edifício de apoio que serve vários serviços (como sala de espera, consultório médico entre outros), este encontra-se numa cota superior à do edifício da buvette, que é acessível através de uma escadaria.

Uns metros à frente deste edifício podemos ainda encontrar a uma cota inferior um parque das merendas rodeado por uma mancha arbórea diversificada, esta rodeia todo o local desde a chegada as termas na cota superior até ao parque das merendas. Estas águas são ideais para tratar doenças com carência de ferro, como a anemia, assim como doenças gastroepáticas. A abertura da época termal tem início a 1 de Junho e termina a 31 de Outubro.

A Câmara mandou ainda abrir um furo para que futuramente seja feito um balneário, devido à realização de novas análises em conformidade com a universidade de Aveiro que provaram que esta água também pode ser boa dermatologicamente, levando assim à identificação da lacuna deste local, pois não tem instalações para este uso. A presidente da câmara anseia expandir estas termas num futuro breve.

10 | Alegre, Carlos (Abril, 2017), Vale da Mó, Aqua Nativa nº42, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.04



Fig. 20 | Garrafas e copo característicos das termas de Vale da Mó para uso dos aquistas para o seu tratamento



Fig. 21 | Buvette das Termas de Vale da Mó

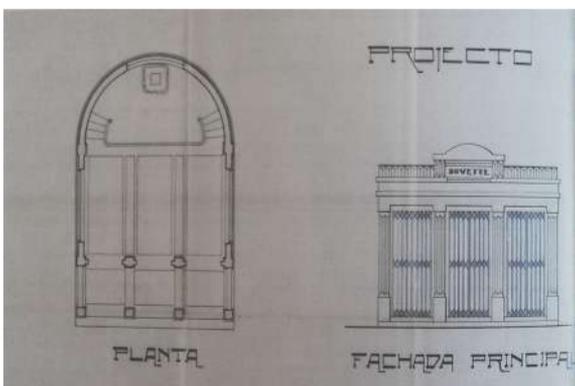


Fig. 22 | Planta e Fachada Principal do pavilhão da Fonte de Vale da Mó projetado pelo engenheiro António Rodrigues (1932)

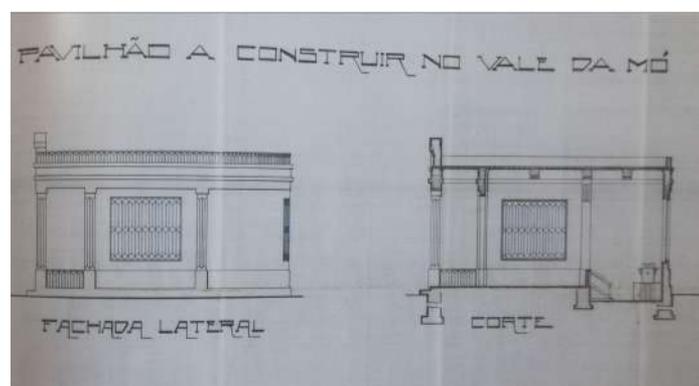


Fig. 23 | Fachada lateral e Corte do pavilhão da Fonte de Vale da Mó projetado pelo engenheiro António Rodrigues (1932)

Fig. 24 | Buvette das Termas de Vale da Mó (s.d., no entanto antes de 1939)



Fig. 25 | Postal da Buvette das Termas de Vale da mó (s.d.)



Termas da Curia

Curia Etimologia

Etimologicamente a palavra “Curia”, não nos leva apenas a uma resposta, remete-nos sim a mais que uma possibilidade para a sua origem. Uma das hipóteses para a origem do nome encontra-se numa placa logo à entrada do parque que diz:

““AQUAE CURIVA” era o nome ao tempo da ocupação da Península pelos romanos que conheciam as nascentes e as exploravam. Do topónimo “CURIVA” adveio o nome da atual povoação CURIA, uma das mais antigas e afamadas estâncias hidrológicas portuguesas” (transcrito da Fig.26).

Esta possibilidade terá sido levantada por Bento Lopes em 1980, quando este afirma que *“As suas águas deviam ter sido já exploradas pelos romanos como se infere do nome que deram Aqua Curiva, água que cura e daí ter-se-ia formado Curia com a natural evolução fonética”*⁰¹.

Esta é a teoria mais conhecida e mais usada nos dias de hoje, sendo encontrada nos livros, sites e como já referi à entrada das termas, no entanto não há elementos que confirmem a presença dos romanos nestas terras, como afirma Rosmaninho *“(…) durante as vastíssimas escavações e movimentações de terra realizadas para abrir o lago e construir os edifícios balneares não apareceu, que se conheça qualquer vestígio arqueológico.”*⁰²

Outras versões para a origem do nome vêm de Luís Navega (médico das termas), que remetia o nome à curaria que dizia respeito ao curtimento do linho que se fazia ali na época, e com o passar do tempo ficou Curia, no entanto, há ainda uma outra versão de Joaquim da Silveira que remete o nome à *“forma feminina de qualquer nome de relação arábica, tendo em vista que o apelido Curí, foi usado entre os moçárabes de Toledo no séc. XII, estando talvez representado em Portugal no topónimo Corim (freg.ª de Águas Santas- Maia), e o seu feminino seria Curia, aplicado a nome de mulher”*.⁰³

01 | Lopes, Bento (1980), Monografias do Concelho de Anadia, Anadia 1980, pág.88

02 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das termas da Curia. Das origens a 1950, Óbidos: Curia Associação, pág.9

03 | Soares da Graça em arquivo do distrito de aveiro, Curia: sua estância e aro Turístico, Aveiro pág.64, vol.XI nº41, 1945

Contudo, não podemos ter a certeza para a origem deste topónimo, no entanto quer seja de origem árabe, romana ou do curtimento do linho sabemos que não existe qualquer documento com referência a este nome antes de 1863 onde ele apareça, portanto, a verdadeira etimologia do nome será uma incógnita.



Fig. 26 | Placa de descrição à entrada das Termas



Escala | 1:5000



Fig. 27 | Orto de localização do perímetro das termas 2023

A água termal da Curia



Fig.28 | Copo por onde os aquistas bebiam a água da Buvette (neste caso, copo comemorativo da reunião do curso médico de 1959, em 1978)

“Tendo em consideração que a água da Curia deve a sua composição, e forte mineralização à presença das formações dolomíticas e gipsíferas, é possível estabelecer o seguinte modelo conceptual do circuito mineral. (...) A sua emergência na zona das termas será devida à existência de falhas e dos calcários do Lotaringiano com circulação cársica que, tudo indica, são os responsáveis pela ascensão da água mineral da Curia. Durante a ascensão da água mineral parece haver alguma mistura com águas mais superficiais.”⁰⁵

De acordo com as análises realizadas em 1982 esta seria uma água hipersalina, com reação ligeiramente alcalina, sulfatada cálcica e magnésiana, chegando a ser comparada com Vittel, Contrexéville e Capvern, todas estas sulfatadas cálcicas.

Sendo considerada uma água bacteriologicamente pura, tem uma aparência límpida, ou seja, sem cor e sem cheiro, tanto a nascente principal como a Albano Coutinho apresentam características bastantes similares, a fonte dos olhos a menos mineralizada, contudo é mais rica em magnésio.

É uma água que apresenta um Ph de 7,2 com uma temperatura de 19°C, esta é ideal para tratar doenças metabólico-endócrinas, ou seja, (litíase renal, infeções urinárias, reumatismo gotoso e hipertensão arterial) e pode ser administrada através de ingestão oral, balneoterapia completa (banho e imersão, duches e sauna), massagens, ginásio, eletroterapia e piscina de recuperação.

05 | Pereira, Alcides J.S.C (2012), Águas minerais naturais e de nascente da região centro, Aveiro: Mare Liberum, pág.452

A origem das termas da Curia

Inicialmente o lugar onde agora encontramos as termas da Curia era apenas um terreno onde a população local cultivava cereais, oliveiras e vinhas (que atualmente ainda são plantações características da região), no entanto entre 1884 e 1885 devido á invasão filoxérica, desapareceu tudo, deixando o local deserto.

“Lá estava, porê, no seu abandono de sempre, um enorme veio d’água a borbulhar numa poça de aspecto repelente, uma espécie de lameiro, ou, antes, um charco cheio de lodos, limos e ervas parasitárias que causava náuseas, e até pavor.”⁰⁶

Mas apesar do aspeto deste charco a população local continuava a banhar-se no local devido a acreditarem as propriedades curativas destas águas que continuavam a tratar dos seus problemas de pele. Contudo, em 1863, na altura da construção da linha do Norte o responsável pela sua construção La Chapelle curou-se das chagas que sofria numa perna há vários anos após as banhar neste charco inúmeras vezes.

Após este se curar, a fama destas águas tomou uma repercussão para além dos locais, levando a que populações vizinhas e não só, tivessem curiosidade de se banharem naquelas águas “milagrosas” que nada mais eram que um charco aberto num local ermo.

No entanto, em 1895, devido á grande afluência ao local, e a falta de condições fez com que fosse construído um barracão de madeira (pinho), caiado com uma bomba de sulfato, (este encontrava-se onde hoje estão os atuais balneários junto da Buvette, que na época era chamado de estabelecimento de banhos, onde nesse local funcionou o engarrafamento, e, posteriormente tornou-se o local de uma piscina para fins terapêuticos), este era o sítio onde trocavam de roupa para de seguida se banharem naquela água. A procura pela água já não ficava apenas pela população vizinha, mas *“no decénio de 1890 a 1900 eram pessoas de longe, rapazes de boa sociedade que se davam ao sport de tomarem o seu banho,*

06 | As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915, pág.5

*d'après nature, a horas mortas da noite”*⁰⁷, estes banhos chegaram a ter continuidade na noite de S.João.

Em 1897, foi cedida à que viria a ser a futura SAC uma autorização para proceder à limpeza dos terrenos. A sociedade das águas foi formalizada através de escritura pública, a 24 de Janeiro de 1900 mas viu os seus estatutos serem aprovados em Novembro de 1899, sendo constituída por algumas figuras notáveis da Curia que e ansiavam converter aquele charco numa estância termal que fizessem concorrência a outros complexos termais internacionais. Contudo, não se pode deixar de referir os três nomes dos maiores impulsionadores do desenvolvimento deste complexo termal, o Albano Coutinho⁰⁸, Dr. Luís Navega⁰⁹ e Maria Emília Seabra de Castro¹⁰, esta última, ainda que não estivesse diretamente ligada a esta estância, como os outros dois, era por correspondência que tratava de impulsionar e de promover não só o desenvolvimento deste complexo termal para que seja comparado com as mais luxuosas estâncias europeias, quer a nível urbanístico, quer a nível de as dotar dos últimos e mais sofisticados sistemas para os tratamentos termais, salientando também a promoção das águas e a sua comercialização.

07 | As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915, pág.6

08 | Albano Coutinho (1848-1935), jornalista, vitivicultor, foi membro fundador do partido republicano em 1876, foi dos maiores impulsionadores da SAC (entre 1902 e 1920) chegando ainda a ser presidente da SAC e vice presidente do sindicato agrícola do distrito de Aveiro.

09 | Luís Navega (1872-1944), médico, jornalista e poeta, foi subdelegado de saúde e diretor clínico do hospital da Mealhada. Tendo sido, inclusivamente, presidente do partido progressista deste mesmo concelho, foi ainda um dos pioneiros na formação da SAC, chegando a ser o primeiro diretor clínico desta estância. Herdou de sua tia o atual Palace, que na altura da sua edificação tratava-se do Challet Navega, que mais tarde acabou por vender a Alexandre de Almeida e chegou ainda a ser membro do sindicato agrícola da Bairrada.

10 | Maria Emília Seabra de Castro (1847-1933) foi esposa do chefe do partido progressista e várias vezes 1º ministro, esta não se sujeitou a ser a esposa de um poderoso político, arregaçando as mangas, envolveu-se na administração e promoção de vários negócios da família e usou a sua influência na promoção da estância termal da Curia, de modo que esta evolui-se ao ponto das melhores estâncias europeias.

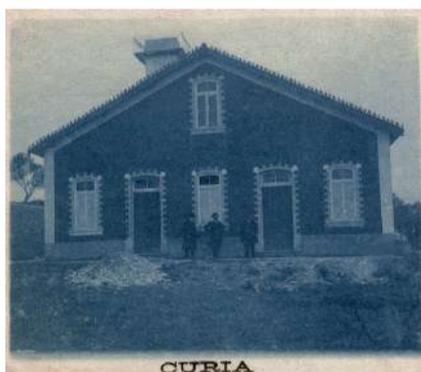


Fig. 29 | Postal com outra perspetiva do primeiro estabelecimento termal (por volta de 1905)

A primeira análise a estas águas realizou-se em 1897 (á fonte Principal) pelas mãos de Charles Lepierre¹¹ que concluiu que estas eram sulfatadas cálcicas, chegando mesmo a compará-las às de “Contrexéville, Vittel, Aulus e Capvern”.¹²

Com o aumento da venda de água em Portugal, e por consequência, com o engarrafamento e a venda da água da Curia em farmácias por todo o país, colocou uma maior notoriedade sobre estas águas a quantidade de aquistas que procuravam esta estância não parava de aumentar, dando início à cultura termal deste local. Consequentemente, levou a que fosse assinado o alvará de concessão destas águas por tempo ilimitado à SAC em Dezembro de 1902, sendo que, é ainda nesta altura que Maria Emília Seabra propõe que seja Raul Lino a traçar um plano de melhoramentos para a Curia. No último dia de 1902 o Rei D.Carlos I, assina o alvará de concessão para a exploração das nascentes da Curia.

O primeiro edifício termal foi projetado pelo engenheiro Leonardo de Castro Freire¹³ em 1901, este encontrava-se dotado dos últimos tratamentos e comodidade de acordo com as exigências higiénicas no qual, já vinha projetado a separação por classes, para a realização de tratamentos, no entanto foi apenas em 1903 que se deu a primeira época termal onde o balneário funcionou, como descreve a gerência da Sociedade das águas de 1903, “ao passo que se adiantavam os trabalhos de carpinteria na sala principal, escada interior e casa de engarrafamento, fazia-se o guarnecimento exterior, toda a pintura interior e exterior do edificio, revestiam-se de mosaico diversos pavimentos, alojavam-se os banhos de terceira classe numa dependencia contigua, que alugámos, e concluia-se a montagem das duchas na sala que primitivamente fôra destinada para estes banhos.”¹⁴. A época termal teve início a 15 de Maio, apesar de nesta

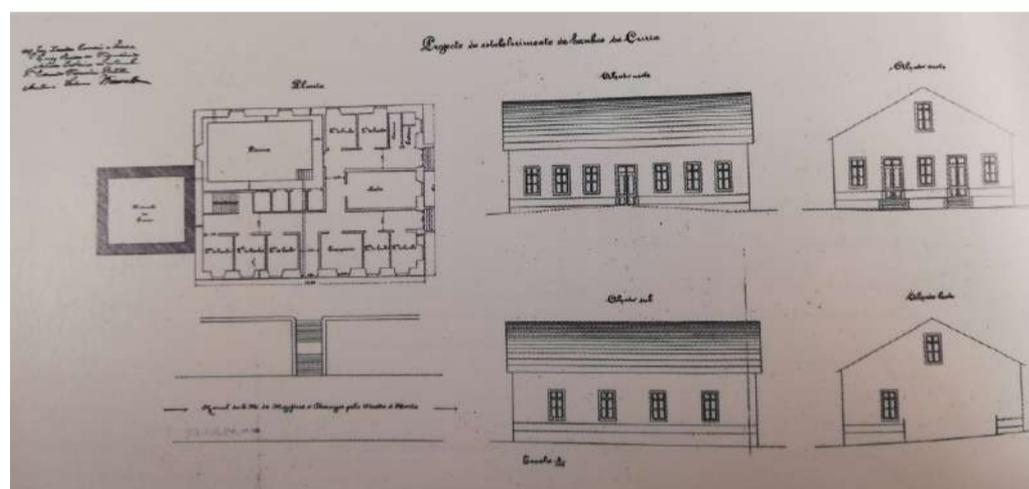
11 | Charles Lepierre (1867-1945), engenheiro químico e professor universitário, distinguiu-se no estudo de caracterização das águas minerais e minero medicinais de Portugal.

12 | Acciaiuoli, Luíz – História da Química na Hidrologia Portuguesa, academia das ciências de lisboa, lisboa 1949.

13 | Leonardo de Castro Freire (1855- 1907), foi tenente-coronel de engenharia e diretor de obras Públicas do distrito de Aveiro e de Lisboa.

14 | Sociedade das Aguas da Curia- Acta da sessão de 6 de março, Relatório e contas da direcção (Gerencia de 1903), Coimbra: Imprensa Academica (1904), pág.9 e 10.

Fig. 30 | Planta do balneário desenhado pelo Engenheiro Leonardo de Castro Freire (1901)



altura, não haver grande desenvolvimento do complexo a sociedade começa a repensar a evolução urbanística, e o desenvolvimento da estância de modo a tentar igualar-se com outras estâncias europeias, tentando assim tornar a Curia numa pequena Contrexéville.

Ainda neste ano (1903) foi realizada nova análise às águas e um plano para a construção de um hotel no qual o "Ex.^{mo} Sr. Alexandre José de Figueiredo encarregou a direcção de mandar tirar a planta d'um hotel para a Curia, o que fizemos, apresentando-lhe dois projectos (...).Do hotel é que ha de derivar, principalmente, o engrandecimento da nossa installação balnear, pela concorrência de doentes e visitantes, e todo o concurso de circunstancias favoraveis que haja de dar-se para a sua edificação"¹⁵.

No ano seguinte, foram adquiridos mais alguns terrenos, levou a que entre 1904 e 1905 se pudesse explorar a captação da água de mais duas nascentes,

15 | Sociedade das Aguas da Curia- Acta da sessão de 6 de março, Relatório e contas da direcção (Gerencia de 1903), Coimbra: Imprensa Academica (1904), pág. 10.

analisadas também por Charles Lepierre que seriam a Férrea e a dos olhos.

Com o aumento progressivo da procura termal neste local, foi o transporte ferroviário que mais aquistas trazia à Curia, contudo, o apeadeiro mais próximo era numa localidade vizinha, em Mogofores, logo para evitar este deslocamento, pois a paragem neste apeadeiro implicava que alguém tinha de trazer os aquistas de Mogofores à Curia, a SAC em 1907, tinha como objetivo que a paragem do comboio fosse realizada já na Curia, o que apenas acabou por acontecer em 1926 quando foi inaugurada a estação provisória, até ser feita a definitiva que ainda hoje encontramos no local (em 1944).

É em 1909 que é confiado a Raul Lino um plano de melhoramentos para a Curia, não obstante, que apenas no ano seguinte é que fica definido o perímetro termal reunindo assim condições para que o arquiteto possa traçar o plano urbanístico com hotéis e arruamentos de modo a satisfazer as necessidades e expectativas deste complexo. Este baseava-se em estâncias de referência europeia que estavam bastante desenvolvidas comparado com a Curia, levando assim a uma melhor perceção do desenvolvimento termal. No entanto Jaime Inácio dos Santos¹⁶ já se encontrava a tratar da melhoria do edifício balnear.

Após este arranque inicial nesta estância, era crucial tratar-se da arborização e criação de um parque termal dotado de espaços de lazer, bem como, dotar o edifício balnear com as últimas e mais avançadas tecnologias. A questão do transporte e do acesso dos aquistas era algo que apoquentava os acionistas desta estância e que infelizmente só viram essa questão ficar resolvida praticamente a meio do século XX.

16 | Jaime Inácio dos Santos (1874-1942), nasceu no Porto e foi lá que se formou em arquitetura na Escola de Belas Artes, entretanto após contrair matrimónio vem morar para Aveiro, local em que se torna arquiteto chefe na secção de obras da câmara municipal de Aveiro.

O desenvolvimento das Termas

O desenvolvimento termal deste local viu o seu pico evolutivo atingido na primeira metade do século XX, levando a que, de apenas um charco a céu aberto e um grupo de pessoas que reconhecia as potencialidades desta água, levassem a cabo um aglomerado de ideias e intenções que, gradualmente, transformaram um terreno baldio, no que viria a ser quase uma “cidade de água”.

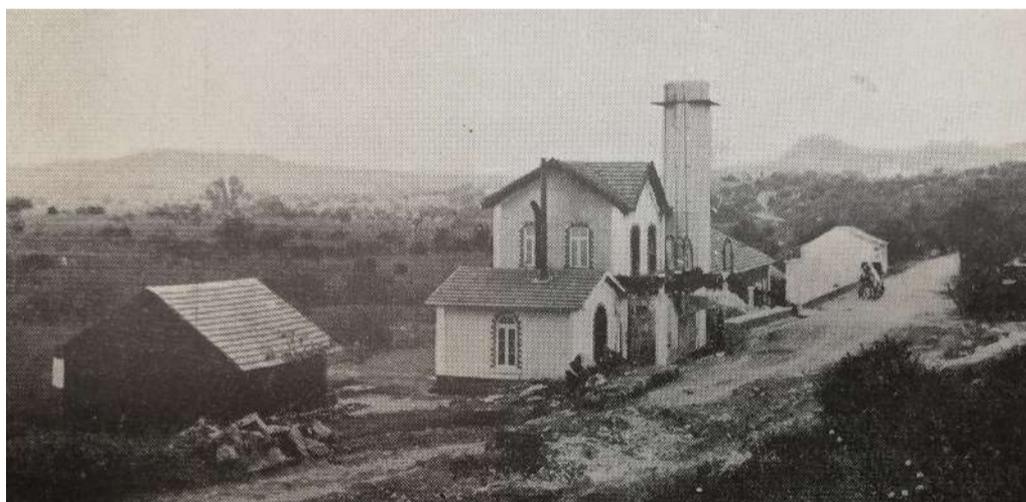
A expansão urbanística deu-se maioritariamente nos primeiros anos de existência, no entanto, estava a evoluir de uma forma bastante modesta, devido à falta de verba, mas com a promoção que Maria Emília fazia e o aumento da procura por estas águas fez com que a Curia crescesse e fosse dotada de alguns serviços antes de grandes cidades.

Em 1901, Leonardo de Castro Freire projetou um edifício modesto apenas para banhos de piscina, porém, quando abriu portas em 1903 já tinha sofrido uma ampliação, sendo descrito como modesto, funcionalmente, *“No pavimento do rés-do-chão estão o consultório médico, bilheteira e sala destinada à parte dirigente do estabelecimento e bem assim as instalações balneares e hidroterápicas. Possui dois gabinetes para banhos de primeira classe, com banheiras de mármore, quatro para banhos de segunda classe, com banheiras de zinco; e quatro para banhos de terceira classe com banheiras do mesmo metal. Tem uma piscina, que mede oito metros de comprimento por cinco de largo, com a capacidade de quarenta mil litros, aproximadamente, ladeada por três ou quatro vestiários. Numa outra sala tem instalado um duche de agulheta, duche circular e banho de chuva. Ao lado deste pavimento, em plano um pouco mais elevado, está a buvette, próximo da qual se faz o engarrafamento das águas. No primeiro andar do edifício há uma sala vastíssima, destinada às reuniões e diversões da estância, e, ao lado desta, outras dependências, que esperam um destino que lhes será determinado pelos progressos na concorrência termal”*.¹⁷

A falta de alojamento que já era uma preocupação no local fez com que na mesma altura da abertura do balneário em 1903 o “Hotel Santos” comece a receber hóspedes.

17 | Sarzedas, Tenreiro (1907), como citado em, Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág.42

Fig. 31 | Ampliação do primeiro balneário (s.d. mas será por volta de 1909)



A envoltura desta estância, seria também um fator a ter em consideração, fazendo assim com que em 1904 estivessem a ser realizados trabalhos tanto de concepção para um parque como para a estrada que hoje nos conduz á estação, no ano seguinte deu-se início á construção de uma avenida de frente ao edifício termal.

“Escusado seria dizer que, com a longa interrupção dos trabalhos, a Avenida que apenas tem de extensão 230 metros, se encontra num estado lamentável, e está perdido parte do dinheiro que ali se gastou, pela falta de reparações a tempo.”¹⁸

A falta de alojamento já se fazia sentir devido à procura por estas termas, o que levou a que um dos maiores acionistas da SAC, à data, o Conde de Sucena quisesse construir um hotel com a sua própria verba o “Hotel da Curia”, a construção deste teve início em 1905.

Já em 1907 para além da abertura de um novo hotel, o marido de Maria Emília tentava arranjar financiamento para a construção da desejada avenida, assim, ainda que o desenvolvimento deste local estivesse a ser feito de uma forma

18 | As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915, pág.10 e 11

acanhada, em 1907 o alojamento dos aquistas estava dividido em três locais que, o Grande Hotel (que tinha uma capacidade para 20 hóspedes), o Hotel Santos e o Hotel Rosa (mais tarde conhecido por Pensão Curia).

A compra dos terrenos para fazer um parque continua em constante negociação, no entanto a planta para este parque tinha sido elaborada por Ernest Pissard em 1908, sendo que no ano seguinte têm início os trabalhos das terraplanagens.

“Uma estância termal devia ser uma “cidade de águas”, proporcionadora de convívio, desporto e diversão. Isto significa que, em torno da nascente, devia existir um parque com dimensões capazes de proporcionar passeios, várias formas de divertimento e um estreito contacto com a natureza.”¹⁹

19 | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro,1994), Estância Termal da Curia- História e Arte (1ªparte), Aqua Nativa nº7, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.65.

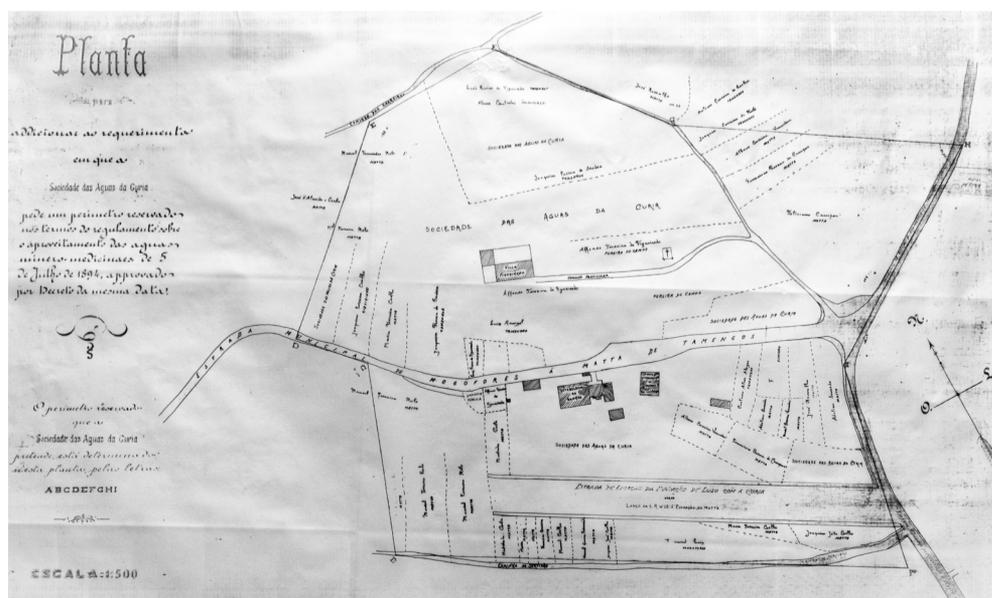


Fig. 32 | Planta urbana onde se encontra o balneário de Leonardo de Castro Freire e o Hotel Villa Figueiredo (s.d. após 1907)



Fig. 33 | Balneário e a sua envolvente (s.d.)



Fig. 34 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos (cerca de 1913/1914)



Fig. 35 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos com o jardim de frente a este (s.d.)

Em 1909, aparece Jaime Inácio dos Santos que viria a ser contratado para a ampliação do balneário, projetar um novo edifício e plano urbanístico, sendo o primeiro pavilhão a ser construído a norte, abrindo portas no ano seguinte, seguindo a construção da ala sul, para a realização deste plano, foi organizada pela SAC uma viagem a várias termas no norte do país, esta viagem serviria para que o arquiteto pudesse elaborar um anteprojeto para um novo balneário, dois anos mais tarde tanto o arquiteto como o presidente e alguns acionistas da SAC deslocaram-se às melhores estâncias europeias para conhecerem as técnicas e aparelhos mais avançados da época para os tratamentos termais e urbanisticamente como era constituída uma estância que posteriormente se torna numa “cidade” termal.

“Entretanto, havia que edificar as instalações termais, equipá-las, arborizar o local, criar acessos fáceis, construir hotéis e pensões, organizar um corpo clínico e divulgar a estância.”²⁰

Ainda neste ano, por questões de ordem política o Grande Hotel não abre portas, alguns terrenos que a SAC não consegue comprar passam a expropriar, e é contactado o arquiteto Raul Lino para elaborar os arruamentos e zonas para hotéis e outros edifícios, e uma planta para o parque. Também se dá o início da exportação de água para o Brasil.

Contudo, antes de todos estes planos para arruamentos e edificações, era essencial estabelecer o perímetro termal, tanto para proteção das nascentes como para perceber onde se poderiam colocar novos edifícios. *“O chefe da circunscrição mineira do norte despachou favoravelmente a concessão de um perímetro reservado, entendendo, porém, que a área deveria ser mais ampla (doze hectares) e com a forma rectangular.”²¹* Após estabelecido este perímetro termal, foram realizadas mais algumas expropriações, de modo a que a SAC pudesse proceder ao plano de ajardinamento deste estabelecimento termal

20 | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro,1994), Estância Termal da Curia- História e Arte (1ªparte), Aqua Nativa nº7, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.62.

21 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág.81

sendo Jerónimo Monteiro da Costa²² encarregue desta empreitada. Ora neste contexto, o paisagista definia que *“o hotel e o novo estabelecimento balnear serão rodeados de belos maciços de vegetação. Em frente do hotel será aberta uma avenida profusamente arborizada, com quatrocentos metros de extensão. Ao lado dessa avenida, que há-de constituir um magnífico passeio para cavaleiros, automóveis e carruagens, fica um amplo lago, alimentado por um riacho que ali corre, havendo um embarcadouro para barcos de recreio que navegarão no lago. As ruas do vasto parque são dispostas de modo que possam ser facilmente percorridas por trens ou automóveis.”*²³

22 | Jerónimo Monteiro da Costa (1885-1906) era jardineiro/ paisagista de profissão, tendo ainda sido diretor dos jardins municipais do Porto.

23 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág.92 e 93.

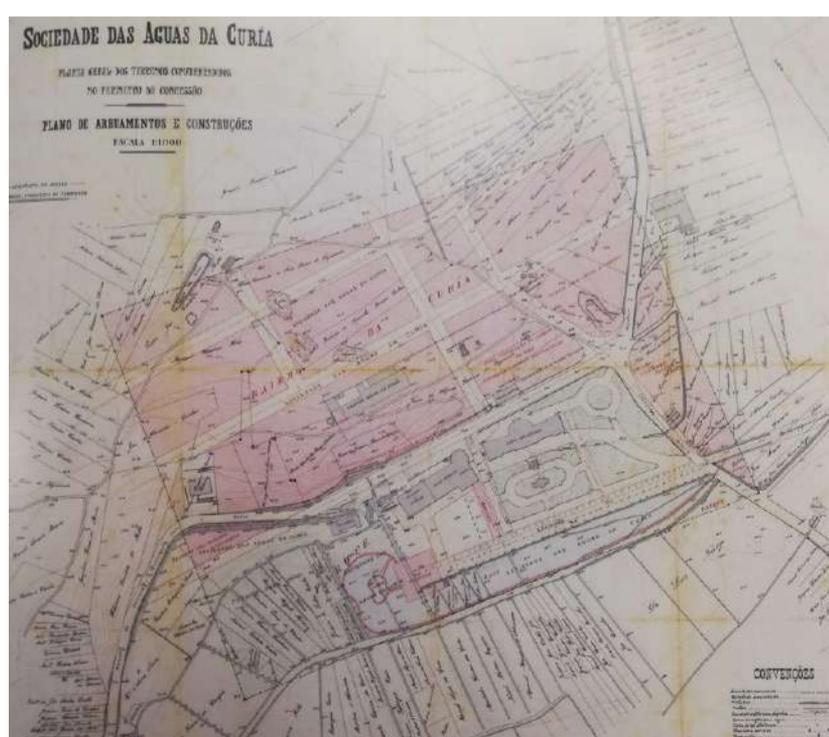


Fig. 36 | Planta urbana (1914) já com a Buvette e o balneário e o retângulo do perímetro termal definido



Fig. 37 | Fachada da Buvette onde se encontra inscrito o ano da sua construção. (s.d.)



Fig. 38 | Interior da Buvette (com ênfase na Fonte Albano Coutinho (s.d.)



Fig. 39 | Sala de espera da Buvette (s.d)

As estâncias oitocentistas encontram-se organizadas á volta do balneário e das buvettes, muitas vezes com hospital ou enfermaria, sendo rodeado por um parque ajardinado onde surgem novos edifícios relativos ao lazer e ao alojamento, não obstante, todos os serviços clínicos encontram-se no balneário. É baseado no modelo destas estâncias que em 1909, Jaime Inácio dos Santos projeta o novo balneário e a Buvette, esta só fica concluída em 1914 (data que se encontra inscrita na fachada 1912-1914). No ano seguinte (1913), como não era possível ter a buvette pronta a tempo da época termal, apenas se construiu o octógono desta, este era um dos edifícios mais chamativos do local devido à sua cúpula de planta octagonal num zimbório de cobre, onde alberga as três fontes que a Curia possui, a “fonte principal”, a dos “olhos” e a “Albano Coutinho” e ainda uma sala onde todas se encontram a uma cota inferior, no entanto, é a Fonte Principal que ganha maior ênfase pois localiza-se no centro da cúpula octagonal, encontrando-se ainda circundada por grades de proteção em ferro, entre balaustres.

Ainda em 1910 é aprovada pela Câmara a construção de um lavadouro, este nunca poderia encontra-se num local em que fosse possível prejudicar o curso da água e das suas propriedades, a água engarrafada que tanto sucesso fazia era também uma fonte de rendimento para esta estância, começando nesta altura a ser exportada para África. Abre ainda um cinematógrafo na Curia em 1911.

Jaime Inácio dos Santos é encarregue de um novo plano para a Curia, “Nesse plano se incluíram a recaptagem da água da Fonte Férrea, a construção da nova Buvette, a casa do engarrafamento, os escritórios da empresa, as instalações electricas, a conclusão do balneário, o delineamento do parque e das estradas para o futuro bairro ao norte dos hotéis, e outros melhoramentos que já em 1913 se iniciaram e que breve se concluirão.”²⁴, estes “seriam construídos dois andares na zona central do conjunto (balneário, engarrafamento e armazém) os quais tinham acesso por uma pequena ponte em madeira. / O primeiro pavimento destes espaços novos era dedicado aos correios (telégrafo postal), cozinha, sala, quarto e as arrecadações e o sótão com três quartos de apoio.”²⁵

24 | As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915, pág.14.

25 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág. 108.



Fig. 40 | Escadaria ao lado da Buvette contendo uma gruta por baixo. (s.d)

Em 1913, altura em que também a instalação elétrica surge na Curia, esta viria a iluminar o parque arborizado, o qual iria ver a sua construção a ter início no ano seguinte. Nesse ano, apesar de haver planos para fazer novos arruamentos e edificações em torno do parque termal, nunca chegaram a ser executados, não obstante de que seis anos depois surgem novos planos para estes arruamentos, contudo a questão das expropriações dos terrenos ainda não se encontrava resolvida o que levou a que mais uma vez não houvesse execução da obra.

Após a construção da buvette, o arquiteto ficou encarregado de desenhar o muro de suporte das terras e escadaria (apesar do projeto ter um gradeamento em ferro, não foi executado em obra), contudo, foi criada uma gruta sob a escadaria de qual nada se sabe (nem data nem autoria). (Rosmaninho e Simão, 2002).

O desenvolvimento deste complexo termal trouxe á Curia a rede elétrica, o

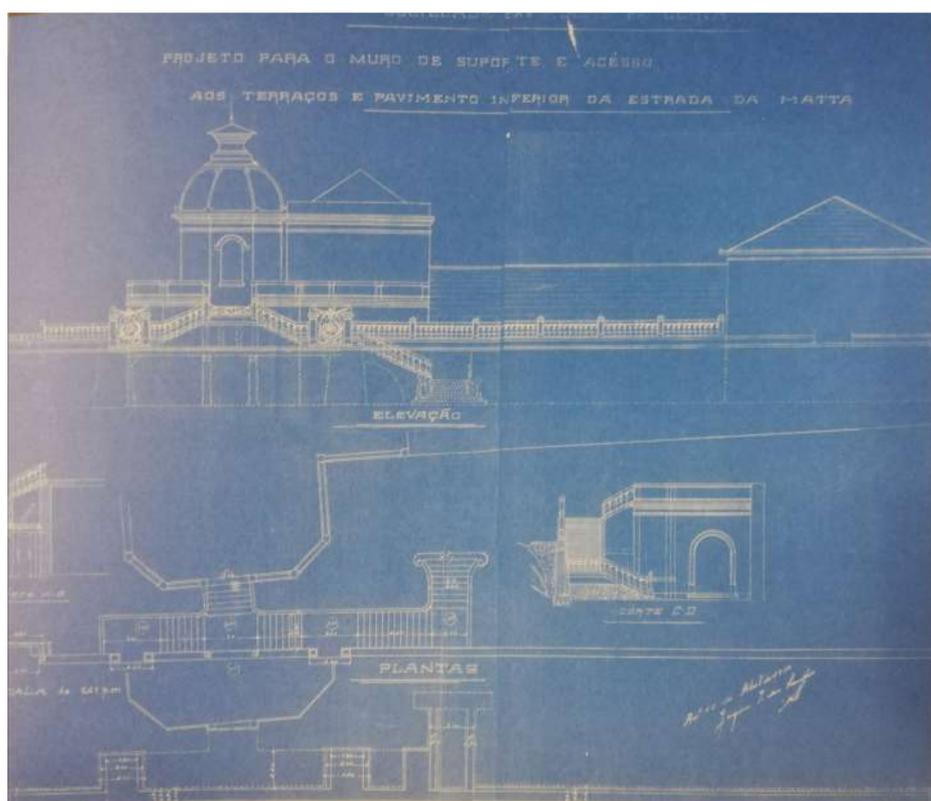


Fig. 41 | Planta da escadaria e muro de suporte de terras junto da Buvette de Jaime Inácio dos Santos. (1914)



Fig. 42 | Edifício termal, Challet Pinheiro e Grande Hotel (1915)



Fig. 43 | Buvette com o Grande Hotel como plano de fundo (cerca de 1915)



Fig. 44 | Balneário projetado por Jaime Inácio dos Santos (1914)

telégrafo e meios de comunicação via terrestre, enquanto em Aveiro, sede do distrito a luz elétrica apenas chegou em 1920, nesta localidade a luz apareceu em 1914, sendo que, a sua distribuição para os hotéis era feita a partir do balneário e do parque. Ainda com o balneário em fase de construção, outros espaços recreativos estavam a ser inaugurados, com isto, a procura por estas termas tinha cada vez mais afluência, fazendo com que o alojamento que cada vez mais era imprescindível de haver investimento, fosse ainda muito escasso havendo apenas cinco hotéis na época, o que, conseqüentemente levou a que ainda nesse ano tivesse início a construção da Pensão Oceano, atualmente designada por Hotel das Termas. A continuação da arborização do parque e alargamento do lago, passou para as mãos de Jacinto de Matos.²⁶

“Em 1915, o balneário, recém-concluído, era constituído por um edifício de três corpos ligados entre si. Os corpos laterais, simétricos, eram destinados aos banhos, separadamente para ambos os sexos. Cada sector tinha quartos para banhos de imersão de 1.ª e 2.ª classes, sala para duches e um quarto mais luxuoso para banhos de imersão”.²⁷ Este, foi construído segundo os seus congéneres europeus, encontrando-se à data, ligados à buvette através de uma galeria coberta.

“O corpo central tem, depois do átrio de entrada e bilheteira, um vasto e luxuoso hall com cadeiras, canapés, escrivaninhas e uma grande mesa ao centro com jornais diários e ilustrações de todos os géneros, absolutamente resguardado tanto das correntes de ar como de ruído exterior.

Em volta do hall: consultório médico, laboratório de análises clínicas, instalação de massagens manuais e vibratórias, gabinete de electroterapia, posto de cirurgia e sala de exames e tratamentos das vias urinárias.

No pavimento superior do mesmo corpo central, magnífico salão de baile, concertos e festas, sala de jogo, toilette das senhoras, galeria circular sobre o hall e terraços.

26 | Jacinto de Matos (1864-1948), natural do Porto, jardineiro/ paisagista, este conjugava jardins clássicos com modelos mais românticos e pitorescos criando uma harmonia.

27 | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor., pág.182

Fig. 45 | Planta do piso superior do balneário do Arq. Jaime Inácio dos Santos (1910)

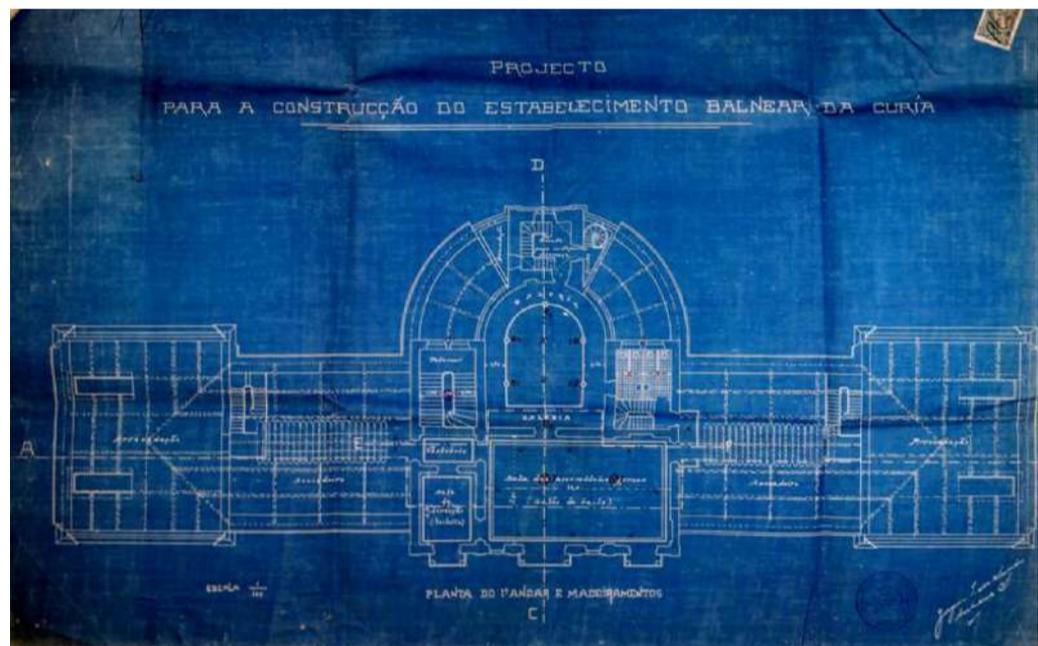


Fig. 46 | Planta do piso inferior do balneário do Arq. Jaime Inácio dos Santos (1910)

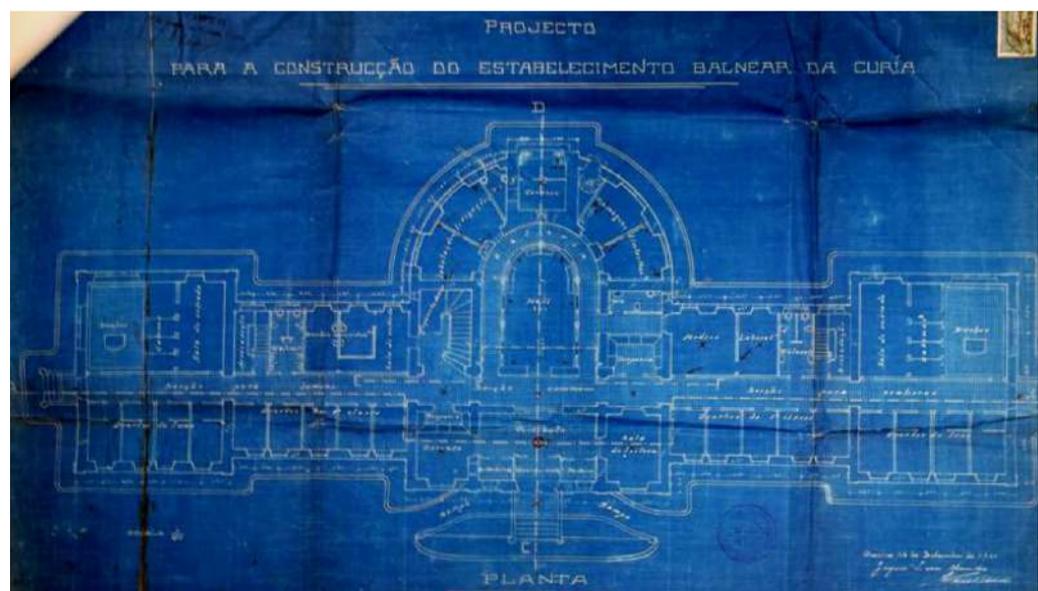




Fig. 47 | Barcos a passearem no lago (s.d.)

Sobre o balneário ergue-se uma torre contendo o depósito da água para os duches, donde um intenso foco electrico projecta luz a grande distância.”²⁸

A sala de engarrafamento nesta época encontrava-se a ser construída, esta seria usada não só para o engarrafamento mas também para embalar e expedir, encontrando-se dotada das últimas tecnologias de modo a igualar-se às outras estâncias congéneres como era o caso de Vittel e Evian-les-Bains, esta água já se encontrava a ser vendida em Cuba e em toda a América do Sul.

Adães Bermudes²⁹, é o arquiteto escolhido em 1917 para fazer um plano geral de melhoramentos, neste estavam incluídos planos para a construção de uma piscina, o lago iria sofrer um alargamento e o parque iria usufruir de maior zonas para passeio. É ainda nesta altura que tem lugar a construção da entrada neomedieval do parque.



Fig. 48 | Embarcadouro das gaivotas (s.d.)

A construção de um casino que não se encontrasse no edifício do balneário era um dos projetos que a SAC queria abraçar, para isso Raul Lino foi o escolhido para propor um novo local para este, ao qual deu o nome de “Palácio das diversões”. “Raul Lino avançou com o projeto do “Palácio de Diversões” no ano seguinte. O maior problema que surgiu foi qual seria o espaço indicado para a sua construção, pois poderia resultar em mais expropriações. Mas o arquiteto apresentou uma proposta de localização, o que não foi de acordo com a ideia de Albano Coutinho, que sugeriu alterar a localização de perto das casas das máquinas, para um espaço mais próximo do Grande Hotel e do Hotel Boa Vista pensado na comodidade dos visitantes.”³⁰



Fig. 49 | Barcos no lago e o hotel Boavista como plano de fundo (s.d.)

28 | As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915, pág.22 e 24.

29 | Adães Bermudes (1864-1964), natural do Porto, estudou arquitetura na academia portuense de belas-artes, após se formar, exerceu vários cargos na função público, seguindo o seu percurso sendo professor na escola de belas Artes de Lisboa, este ganhou ainda o prémio Valmor em 1908 e uma menção honrosa deste mesmo prémio no ano seguinte.

30 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 120.

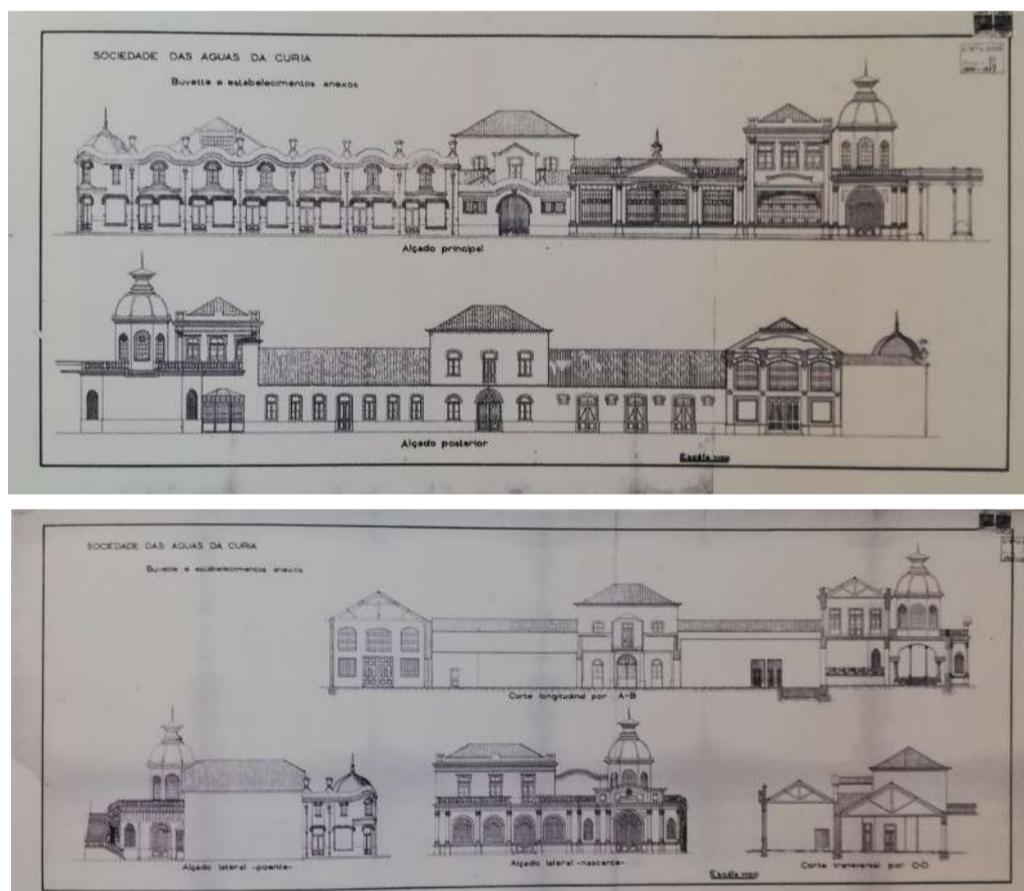


Fig. 50 | Alçados e cortes do da buvette, do primeiro balneário e engarrafamento (1935)

Contudo, no fim de 1918 é Norte Júnior o arquiteto chamado a tratar do plano de melhoramentos, vindo assim a substituir Raul Lino. Sem descorar os acessos é em 1919 que entra em construção as estradas de ligação quer interna quer externa ao parque, a SAC continuava a adquirir terrenos para poder construir estas vias de comunicação. Neste ano, ainda constava que *“O parque com as suas alamêdas e arruamentos, o lago com os seus barcos e veleiros, são já extensos e caprichosos campos d’exercício ao ar livre.”*³¹

31 | Navega, Luis (1919), Aguas medicinaes - Curia 1918, Oficinas “O commercio do Porto” (1919), pág.27.



Fig. 51 | Parte de trás do balneário e escadaria adjacente à Buvette vista do Grande Hotel (cerca de 1915).



Fig. 52 | Lago com o Grande Hotel e o balneário como plano de fundo (cerca de 1915).



Fig. 53 | Lago com o Grande Hotel ao fundo (1922).

Dois anos depois, em 1921, no projeto que a SAC almejava para este parque, *“Está patente a necessidade da ampliação do lago e do parque, alargamento e conclusão de avenidas, exploração e canalização de mais água potável e construção, a expensas nossas, de uma estação de caminho-de-ferro, cuja oferta fizemos à companhia de caminho-de-ferro Portugueses para que ela nos ceda tão grandiosos melhoramentos para a estância.”*³²

O lago que dois anos antes tinha já sofrido outro alargamento e tinha sido todo rodeado de choupos-chorão, o aparecimento/ desenvolvimento deste logo desde início esteve condicionado, pois apesar desta obra ter um caráter urgente, viu a falta de mão-de-obra atrasar o seu aparecimento, no entanto, foi Albano Coutinho que para que esta obra se concretizasse mais depressa, deu a ideia de empregar os pescadores da praia de mira que na altura viviam momentos de pobreza extrema pois era inverno e o frio e vento permitiam que estes praticassem a arte xávega que ansiavam.

No entanto, albano Coutinho que queria ver a obra acabada o quanto antes aceitou empregá-los dando-lhe um salário e um local para ficar, foram-lhes ainda fornecidos os cestos e as enxadas, pás, carrinhos de mão, para eles poderem trabalhar, os cestos seria o local de transporte da terra retirada do local onde seria o lago. Estes trabalhos decorriam lentamente devido a falta de experiência neste tipo de trabalhos, porém após receberem o primeiro pagamento estes pescadores voltaram para mira para as suas famílias e não regressaram mais. (Pereira, 2002).

Em 1919, Jaime Inácio dos Santos é chamado a construir o cinema, garagem e uma casa para correios. Não obstante, José Marques da Silva³³ também é um dos nomes ligados a esta estância, este foi contratado para ser o arquiteto desta

32 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág. 201.

33 | José Marques da Silva (1869-1947) natural do Porto, é lá que ingressa no curso de arquitetura na Academia Portuense das Belas Artes, local onde mais tarde veio a lecionar, chegando ainda a cargo de diretor desta escola, ainda obtém o grau de arquitetura na escola de Beaux-Arts em Paris. Exerceu ainda o cargo de arquiteto na Câmara Municipal do Porto.

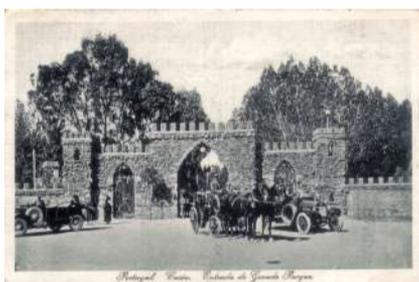


Fig. 54 | Entrada neomedieval do parque termal (s.d, acreditando ser após 1917/1918).



Fig. 55 | Jardim de frente ao balneário (s.d.)



Fig. 56 | Alameda do parque (s.d.).

sociedade para futuros melhoramentos, no entanto, apesar do projeto para este parque não ter tido continuidade sabe-se que apresentou uma proposta para a malha urbana e para melhoramentos relativos aos edifícios. Ainda neste ano, abriu uma praça de touros que funcionou alguns anos, dois anos mais tarde, as termas ofereciam alguns serviços como farmácia, barbearia, bazar, pastelaria, quiosque entre alguns outros, alguns bailes/ reuniões sociais eram uma constante na vida termal.

Jaime Inácio dos Santos chega ainda a projetar em 1926 uma padaria/ habitação para José Marques da Silva, porém não posso aferir se foi concretizado em obra ou não.

“A abertura de novas estradas para comunicação interna de todos os equipamentos e bairros circundantes também era uma das iniciativas mais marcantes. Para isso haveria de se adquirir terrenos, para desenvolver a melhor circulação pretendida principalmente no lado norte e sudoeste dos terrenos da empresa. Esta autorização foi dada já no ano seguinte, em 1920, quando também o arquiteto Norte Júnior é chamado, para avançar com uma planta para um Pavilhão de Duches, que pudessem ter dois espaços lúdicos para festas e jogo ou então aproveitar o balneário existente e dota-lo das mesmas atividades com uma possível ampliação.”³⁴

Apesar desta estância já se encontrar dotada de vários serviços externos à componente termal, deu-se a abertura do balneário (1922) dotado das últimas terapias. O alojamento que continuava a ser um fator preocupante para a SAC, viu neste ano ganhar terreno, abrindo o Hotel do Parque da autoria do arquiteto Ramos da Silva.

O projeto de ampliação do Hotel Boavista que tem início no ano seguinte (altura em que a sua denominação muda, passando assim de challet Pinheiro para como ainda hoje é conhecido, Hotel Boavista) executado pelo arquiteto Jaime Inácio

34 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 122 e 123.



Fig. 58 | Parque (zona arborizada de frente às atuais termas) (s.d.).



Fig. 59 | Piscina praia-paraíso do Palace Hotel (s.d.).



Fig. 60 | Parque (zona arborizada de frente às atuais termas) (s.d.).

piscina com forma de um transatlântico a qual deram o nome de piscina praia-paraíso esta teve o apoio do engenheiro Belard da Fonseca.

O plano de arborização e vedação do parque concluídos em 1925 (foi plantada uma vasta flora no local tentando sempre incorporar as espécies predominantes do concelho de modo a dar uma ideia de uma naturalidade local, assim, cedros, eucaliptos, plátanos, tílias, entre outros foram enaltecer este parque), assim como a conclusão das obras de ampliação do lago tiveram lugar em 1923.

“O lago constituía-se como um dos elementos mais expressivos, pela sua dimensão. Desenhado ao gosto romântico que ainda perdurava no nosso país, a disposição dos seus jardins toma como eixo central a avenida que segue da entrada do parque até ao cais.”³⁶

“O jornal O Século noticiou que o apeadeiro da Curia iria ser transformado em estação de quarta classe”.³⁷ A inauguração desta estação ferroviária deu-se em 1926, e era um modesto edifício em madeira que serviria de apeadeiro provisório até 1944, altura em que é inaugurada a estação ferroviária da Curia projetada por Cottinelli Telmo que ainda hoje se encontra erguida.

Houve ainda um projeto para a sociedade das águas que dizia respeito a uma casa e garagem para ser construída junto do hotel desta, este seria feito por Francisco Leandro Cardoso (1862-1943) o mestre de obras responsável pela maior parte dos estabelecimentos termais feitos na Curia.

Não só a estação era motivo de preocupação para a SAC como a avenida que a conduzia até ao estabelecimento termal, esta começou a ser construída por volta de 1905/1906, estagnando em 1910, mas nesta década como houve necessidade de ser alargada e de serem construídos passeios, tornou a ser alvo de obras, no entanto estas só viriam a ficar concluídas por volta de 1970. É ainda

36 | Mangorrinha, Jorge (2012), O que é uma cidade termal ?, Lisboa: Gráfica 99, 2ª edição. pág.47 e 48.

37 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág. 201.

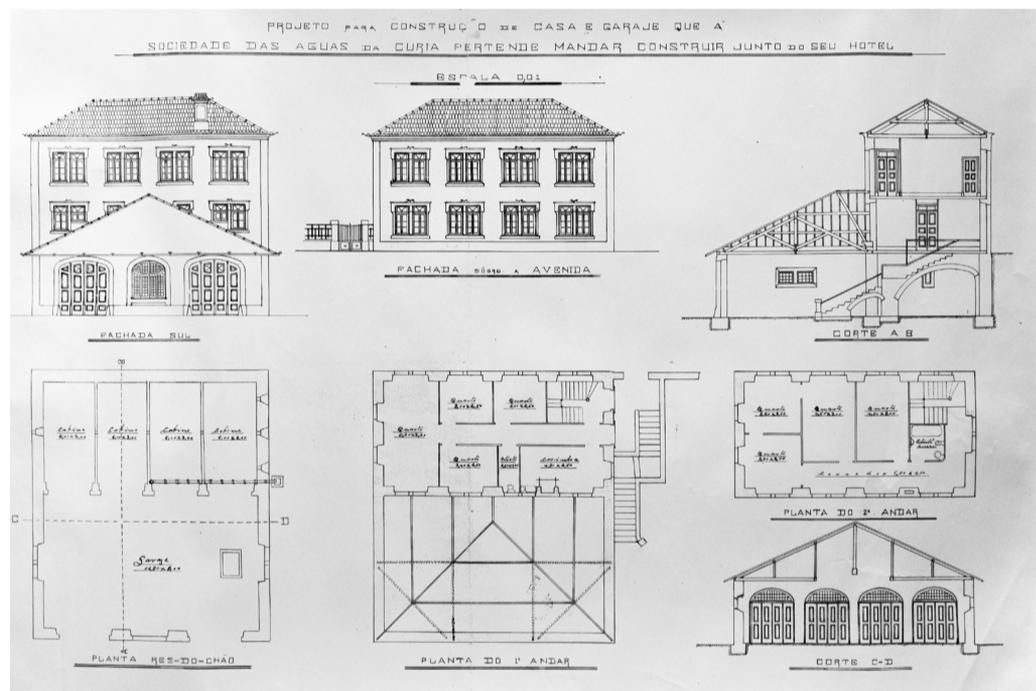


Fig. 61 | Planta para a construção de uma casa e garagem a construir pelo mestre de obras Francisco Leandro Cardoso (1926).

nesta altura que é construída a rotunda que se encontra de frente à entrada para o parque termal, que teria a configuração de um semicírculo, mas após as obras ganhou a forma que mantém até hoje, um círculo.

Na década de 20, “A Curia nesta altura já tinha iluminação elétrica nas várias avenidas que envolvem o parque, nos hotéis e no próprio espaço publico. As redes de esgotos e águas também estavam preparadas, estendendo este luxo as habitações envolventes. Uma das estratégias que marcam também esta altura em que a animação continuava a ser uma constante, era a componente desportiva, e por isso a ideia da sociedade ainda ter uma piscina ainda não teria sido descartada, mas nunca construída. A intercalar com todo o tipo de festas e todos os motivos para festas, infiltravam-se o water-polo, o ténis, o hóquei a patinagem, ou seja, tanto o parque termal como o Palace viravam-se a implantar



Fig. 62 | “Um trecho do lago” com uma das pontes de madeira que dão acesso à ilha central (1940).



Fig. 63 | Interior do salão do baile (s.d.).

estes novos equipamentos.”³⁸

“No final dos anos vinte deu-se uma evolução na forma de estar e nos ambientes destas diversões. Até aí elogiadas pela sua “elegância” e “diversão”, as festas passaram a ser admiradas pelo “requintado mundanismo”, pela “atmosfera europeia”, pelo “dinamismo recreativo da feição americana” pela “alta e requintada elegância”, pelas “atrações de um cunho de finíssimo parisianismo”, pela existência de “toilettes, últimos modelos de Paris” e pelas músicas modernas” das orquestras. A modernidade e o cosmopolitismo elevaram-se na consideração geral.”³⁹

Nos anos 30, Raul Lino foi novamente contactado para projetar novas melhorias no edifício balnear, porém, uma vez mais, o viu o seu trabalho a não ser concretizado em obra, o que torna a acontecer em 1941 quando projeta o pavilhão das fontes.

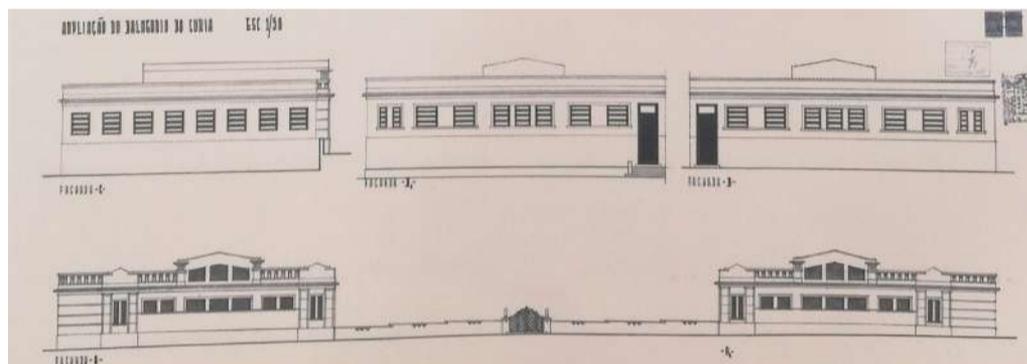
Entre 1943 e 1946 a Curia foi novamente alvo de melhorias quer no balneário (como a construção de novas instalações) quer na sua envolvente, foram criados campos de jogos, colocação de um elevador e a remodelação do Hotel das Termas isto devido a Manuel Pinto de Azevedo⁴⁰ um empresário do Porto que queria ver a Curia com a pujança evolutiva de outrora, assim, investe neste local não só a nível urbanístico como dentro do perímetro termal, para isso, chega a contratar os arquitetos Eduardo Martins e Manuel Passos para ampliar e remodelar o interior do balneário de 1ª classe (construído por Jaime Inácio dos Santos e posteriormente alterado por Norte Júnior).

38 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 124 e 125.

39 | Simão, Maria Cristina B. (Junho,1999), Vivências Termais- A Curia na primeira metade do século XX, Aqua Nativa nº16, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.7.

49 | Manuel Pinto de Azevedo (1874-1959), natural do Porto destacou-se na primeira metade do séc.XX como empresário no ramo alimentício e mais tarde como investidor em vários projetos, um dos quais a Curia.

Fig. 66 | Alçados do balneário dos arquitetos Eduardo Martins e Manuel Passos (1944/1945).



Desta ampliação resultou que “Assim o eixo principal – avenida central com um enfiamento de arvoredo – concorda no troço final com a extensa fachada do novo balneário de 62 metros de comprimento. Este edifício forma com aquela alameda um largo ângulo obtuso, delimitando a perspectiva de aproximação de forma ampla. O deambulatório segue ao longo do eixo longitudinal do edifício, comum a todos os aquistas, é uma alta galeria com 6 metros de pé direito, bem iluminada pelo alto e pavimentada a mármore. Transversalmente é cortada a meio por uma parede divisória que separa os géneros; e é composto por: sala de agulheta com vestiários; câmara de banho de imersão; sala de massagens; rouparia; e sanitários.”⁴¹



Fig. 67 | Cafeteria Biju (s.d.).

Esta era uma época de grandes mudanças nos hábitos e costumes que a Curia tinha vindo a desenvolver ao longo dos anos (e que proporcionava como os jantares à americana, chás dançantes, gincana automóvel, torneios desportivos,

41 | Lacerda, Rui; *Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal* (2011), Dissertação de doutoramento, Universidad de A Coruña, Escola Técnica Superior de Arquitectura, pág.161

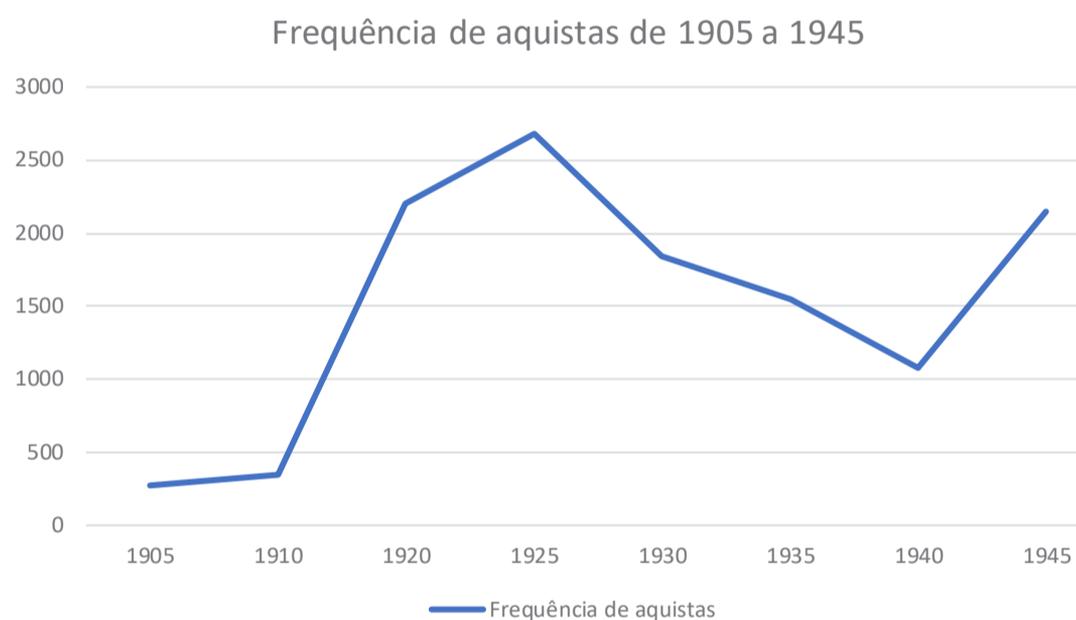


Fig. 68 | Gráfico relativo à frequência de aquisições na Curia entre 1905 e 1945

etc), estes hábitos começaram a mudar devido à quantidade de refugiados da segunda guerra mundial (1939-1945) que fugiam do regime militar alemão escolhendo a Curia para se exilar, estes chegavam maioritariamente entre Junho e Agosto, o que também condizia com a época termal, o que talvez tenha sido um dos motivos do aumento da procura termal entre 1940 e 1945. Esta procura atingiu os seus tempos áureos, na década de 20, como é possível verificar no gráfico seguinte estas termos apresentam-se em constante crescimento desde a sua abertura (com 273 inscrições), atingindo o seu auge em 1926 com cerca de 2687 inscrições, chegando à década seguinte em declínio, registando a menor afluência em 1940 com 1079 inscrições, voltando a partir desta altura a ter mais procura novamente.

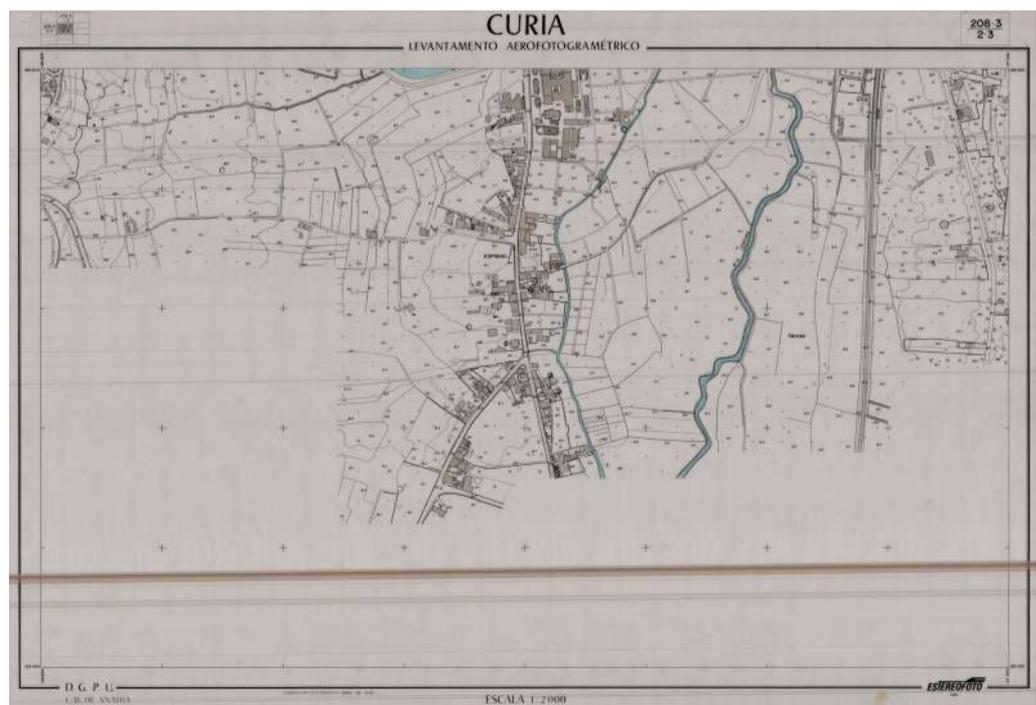
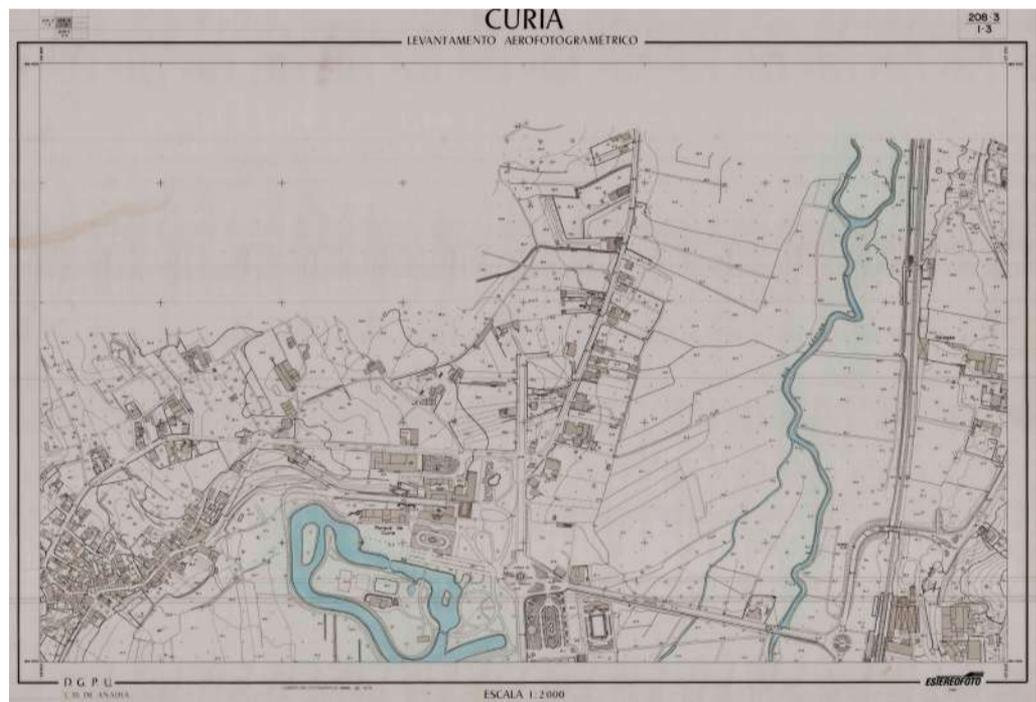


Fig. 69 e 70 | Ortofotomapa da Curia (Abril, 1979)

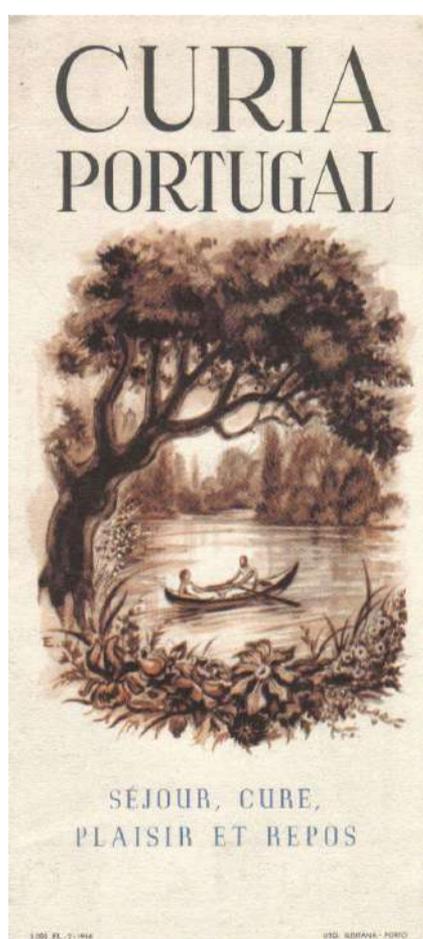


Fig. 71 | Folheto promocional da Curia (1954).

Em 1950, Luís Benavente⁴² era o arquiteto responsável pelo plano de urbanização deste estabelecimento termal, este, certa de dez anos antes tinha sido chamado para projetar o novo edifício sede para a Junta de Turismo, esta teve início em 1922 com o nome de comissão de iniciativa de turismo da Curia, vendo esta designação sofrer alterações em 1937 para Junta de Turismo da Curia, a proposta de Benavente não satisfez os responsáveis pela Junta de Turismo, levando assim a em que 1964 Cassiano Branco apresente uma proposta que agradou, sendo assim inaugurada três anos depois em 1967.

O edifício onde se fazia o engarrafamento e a lavagem de garrafas é alvo de uma ampliação em 1955, aqui foi possível a instalação das últimas e mais modernas técnicas, levando a que onze anos depois houvesse um novo projeto que *“visava em dotar a infraestrutura para este fim de melhores mecanismos e mais espaço, projeto da autoria do engenheiro civil Alberto Mendonça. Atividade que viria a acabar pela falta de procura comercial da água engarrafada da Curia.”*⁴³

Nesta altura, os desenvolvimentos que esta estância tinha vindo a ser alvo ao longo dos anos estagnaram, mas ainda foram feitas algumas melhorias, uma das mais notórias seria a criação de uma casa de chá na década de 60 da autoria de José Vieira de Oliveira e melhorias a nível das infraestruturas desportivas adjacentes.

Em 1983, estava para abrir uma sala de bingo na Curia, este alegadamente traria novas receitas para se poder dinamizar a Curia, sendo suposto entrar em funcionamento em 1984, outra preocupação como noticia o “Jornal de Notícias” de 19 de Setembro de 1983 era a Casa de chá, esta encontrava-se fechada

42 | Luís Benavente (1902-1993), natural de Lisboa, ingressou no curso de Arquitetura na escola de Belas Artes de Lisboa, pouco tempo após terminar o curso chegou a delegado do ministério das obras públicas e mais tarde foi diretor dos monumentos municipais (1952), representante de Portugal na comissão internacional responsável pela carta de Veneza, tendo ainda sido júri do prémio Valmor (1980-1981).

43 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 127.



Fig. 72 | Folheto promocional da Curia (1957/1958).

mas “tencionamos reabrir a “Casa de Chá”, efectuar melhoramentos no parque infantil e fazer obras no “court” de ténis. Só que todas estas obras continuam a aguardar disponibilidades financeiras que neste momento não possuimos.”⁴⁴

“A nível do planeamento urbano nesta mesma década os Serviços de Planeamento da Câmara Municipal de Anadia referem 1967, a elaboração de um Anteplano de Urbanização que vigorará até aos nossos dias, sendo apenas suspenso pela entrada em vigor do Plano Diretor Municipal. Plano fortemente criticado pela Junta de Turismo, que alguns anos mais tarde, em 1873, encomendou ao

44 | Amaro, Rui (Setembro, 1983). Termas da Curia com novas expectativas- Receitas do bingo trarão melhoramentos?. Jornal de notícias.

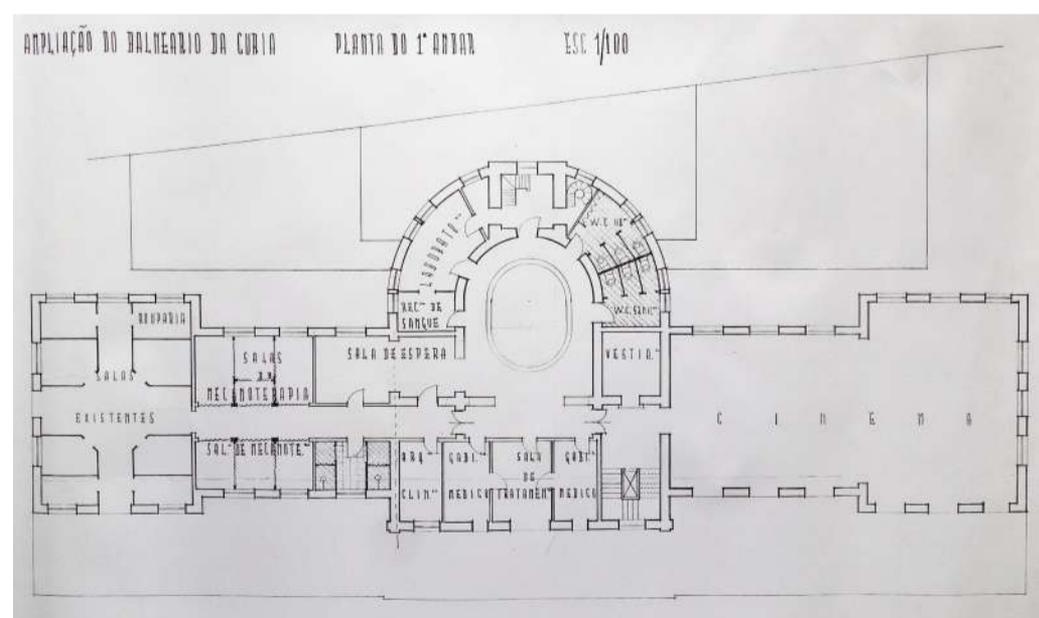
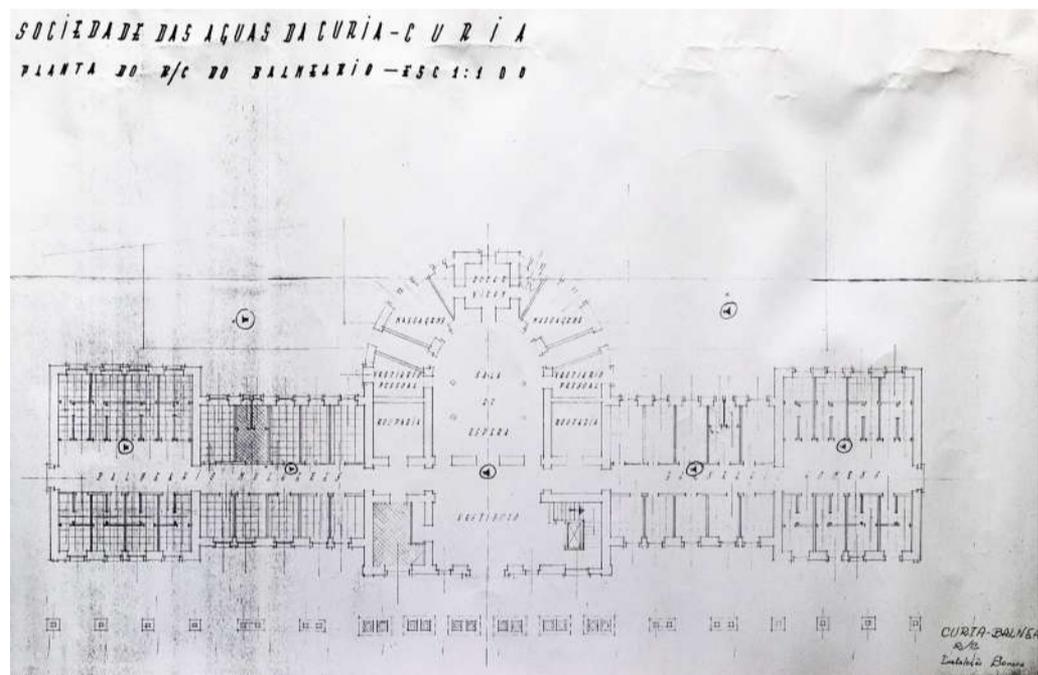


Fig. 73 | Planta do 1º andar do antigo balneário (anos 80/90).

Fig. 74 | Planta do rés do chão do antigo balneário (anos 80/90).



arquiteto Arriaga Tavares um projeto geral de obras para a Curia que previsse a construção de piscinas, restaurantes, cafés, cinema, lojas, etc. Projeto que não foi concretizado.”⁴⁵



Fig. 75 | Laboratório de análises clínicas (s.d.).

José Vieira de Oliveira que era o arquiteto responsável pelas obras da SAC, foi-lhe confiado o projeto de remodelação do Hotel das Termas na década de 70, tendo ainda a seu cargo um projeto de remodelação do balneário de 3ª classe (esta diz

45 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 127.

Fig. 76 | Planta do rés do chão (1993).

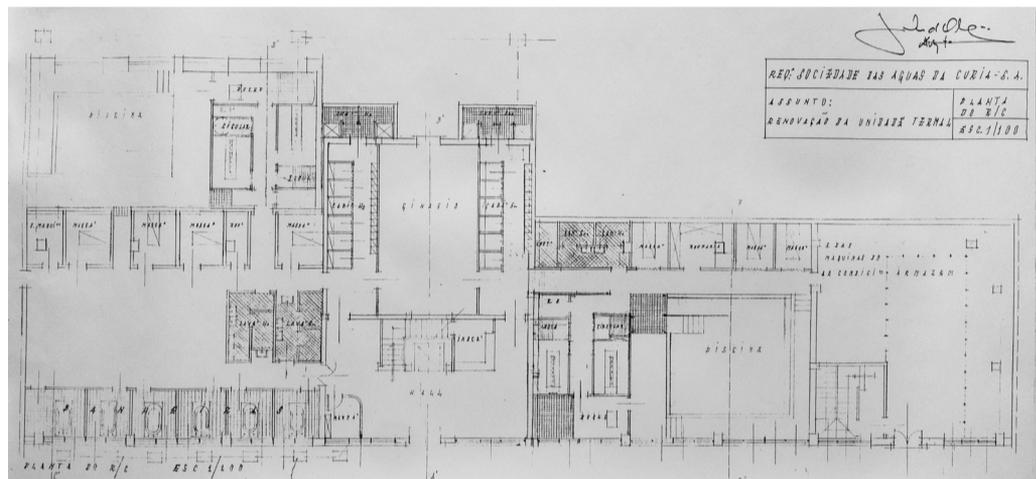


Fig. 77 | Planta do 1º andar (1993).

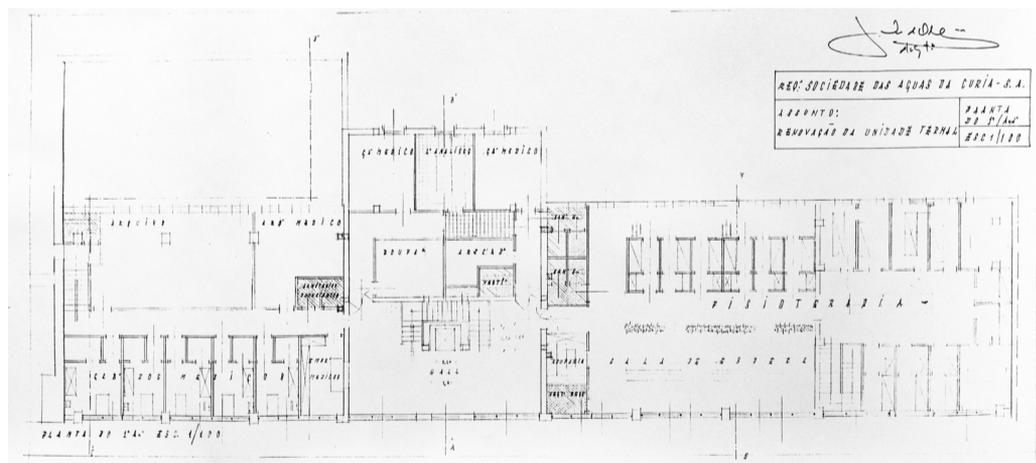


Fig. 78 | Alçado do novo balneário (1993).

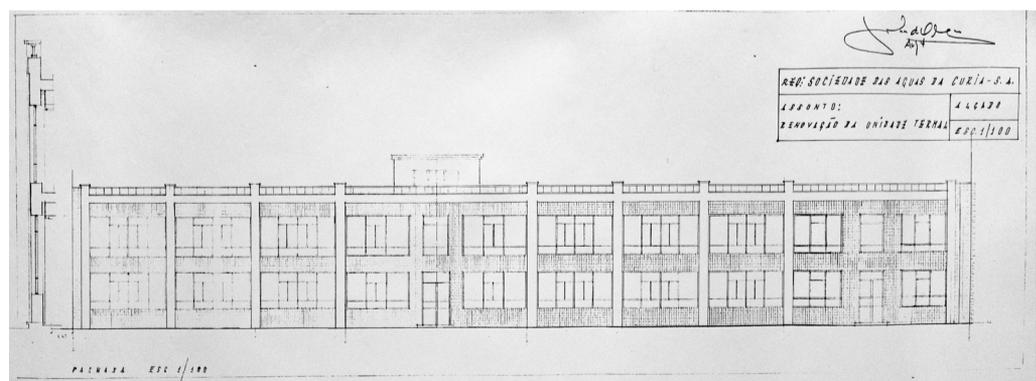




Fig. 79 | Casa de chá e campo de jogos anexo a esta. (s.d., após 1960).



Fig. 80 | Casa de chá (s.d., após 1960).



Fig. 81 | Cafeteria Biju (s.d.).

respeito à criação de um ginásio e uma piscina que serviria de recuperação. Este hotel volta a sofrer obras de ampliação e remodelação por volta de 1990, altura em que o antigo balneário também sofre obras de remodelação (após o projeto de Norte Júnior).

Em 1993, é construído um novo balneário pelas mãos deste mesmo arquiteto, erguendo-se no local do primeiro balneário existente e correspondia a uma adaptação de algumas alterações dos seus primórdios que visavam equipamentos mais recentes.

“De acordo com a memória descritiva em termos de organização dos espaços, no rés-do-chão, são reformulados todos os espaços, na parte central tem um grande átrio e um ginásio (o qual veio a desaparecer em alterações posteriores e veio a ser colocado no espaço onde era a piscina existente), que entre si tinham as comunicações verticais, elevador e escadas. Do lado direito ao ingresso seria apresentada uma nova piscina termal ladeada consultórios médicos e laboratório, como também fisioterapia e tratamentos elétricos. Em termos de ofertas destinadas ao bem-estar hoje, no espaço que seria somente dedicado à eletroterapia existe um Spa com tratamentos de estética e relaxamento.”⁴⁶

Em 1995, é ainda relatado a instalação de um parque de campismo, fazendo assim com que a Junta de turismo encerre o parque das merendas, esta seria uma lacuna que esta estância teria, pois a inexistência de um parque de campismo fazia com que fosse o parque das merendas usado para este fim (o parque das merendas estava localizado ao lado da estação de ferroviária) aquando da construção do parque de campismo foi cortado o acesso ao antigo parque às caravanas e às tendas que ali pernoitavam, levando á colocação de mobiliário urbano capaz de satisfazer as necessidades de quem ali pretenda fazer a sua refeição.

No ano seguinte (1996), o balneário estava equipado e capaz de fornecer vários serviços como tratamentos de balneoterapia completos, massagens, ginásio e

46 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág 145 e 146.

Fig. 82 | Fachada Norte do antigo balneário do Arq. Manuel Gil Graça (2002).



Fig. 83 | Planta do primeiro piso do antigo balneário do Arq. Manuel Gil Graça, (2002).

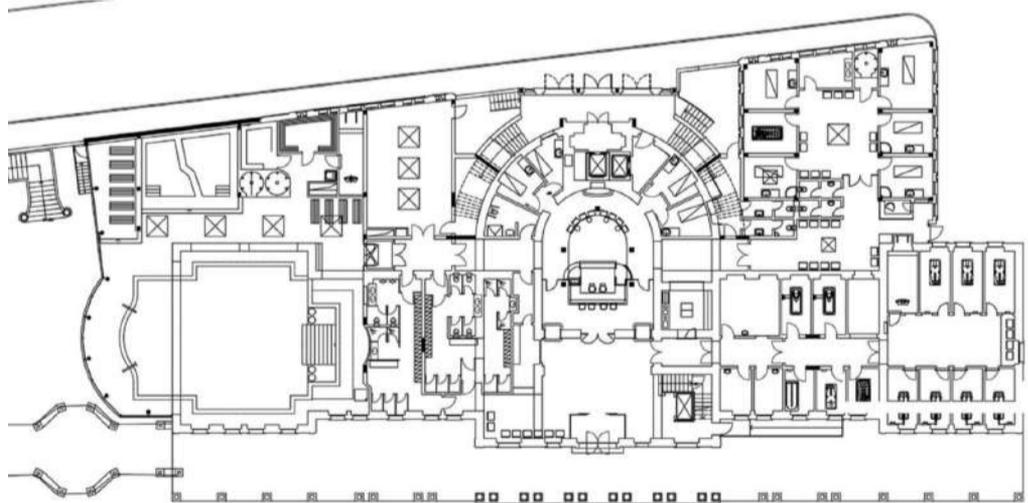


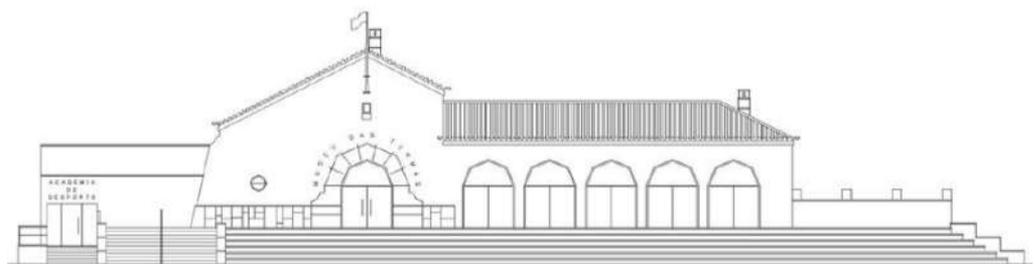
Fig. 84 | Alçado Sul do “novo” balneário (proposta de alterações do Arq. Manuel Gil Graça), (2002).



piscina de recuperação, eletroterapia e laboratório de análises clínicas, no parque também se anunciava os seus equipamentos de lazer, a casa de chá encontrava-se à data encerrada para obras, já havia um parque infantil (existente até aos dias de hoje), courts de ténis e o lago que era considerado um dos maiores da Europa era navegável tanto por gaivotas como por barcos, os pedestres tinham também oportunidade de passar “por cima” deste lago através das várias pontes de madeira que dão acesso á ilha que contém estes equipamentos de lazer (casa de chá, courts de ténis e parque infantil). A animação de outrora também entra em decadência, fazendo com que ficasse cada vez mais escassa, acabando eventualmente por ter um fim.

Em 2002 é encomendado a Manuel Gil Graça um projeto de remodelação e de requalificação das termas, este incluía um plano geral de melhorias ao longo de todo o parque que visava não só a requalificação da estrutura verde deste, mas também dos edifícios que se encontram dentro deste perímetro termal. Assim um dos edifícios que visa esta proposta é o balneário, aqui o arquiteto propõe usar ambos os balneários (o novo e o antigo), dotando ambos de tratamentos clínicos o que levava a que estas termas tivessem dois núcleos para tratamentos, preservando as fenestraçãoes e fachadas existentes, outro seria a requalificação da casa de chá para uma casa de chá museu, a ampliação do Hotel das Termas e ainda a adequação de espaços para eventos como reuniões. A nível da mancha verde do parque é proposto uma nova conceção espacial com a plantação de novas espécies arbóreas e redefinição de caminhos pedestres e rodoviários do perímetro termal. Em 2010, este programa ainda se encontrava

Fig. 85 | Alçado para a casa de chá museu do Arq. Manuel Gil Graça. (2002).



em fase de aprovação de acordo com (Lacerda,2011), porém, devido à falta de verbas nunca foi para a frente.

Este projeto terá vindo no âmbito do programa de valorização económica dos recursos endógenos (PROVERE), que diz respeito a um programa de valorização económica de uma propriedade endógena e tem como iniciativa requalificar as instalações e envolvente dos recursos hidrominerais com fundos estatais, assim tendo como principal promotor a Câmara Municipal de Anadia, em 2004 é ainda inaugurado o campo de golfe da Curia (este veio da iniciativa dos gestores dos três maiores hotéis, do Palace Hotel, do Grande Hotel da Curia e do Hotel das Termas), da autoria do arquiteto Jorge Santana da Silva com um total de 2485 metros e 9 buracos. Após 5 anos da sua abertura, o jornal de Notícias anunciava que já tinham sido adquiridos mais terrenos para a ampliação deste campo de 9 para 18 buracos, porém esta ampliação nunca ocorreu, chegando a anos mais tarde a fechar portas definitivamente, encontrando-se ao abandono até aos dias de hoje.



Fig. 86 e 87 | Fotografias do campo de golfe ainda em construção (2003).

Fig. 88 e 89 | Fotografias do campo de golfe atualmente (ao abandono) (Agosto, 2023).



Fig. 90 | Campo de golfe (2012).



Ainda no ano de 2002 o Hotel das Termas viria a ser alvo de mais uma modificação, pelo arquiteto António Romão, após esta alteração não tornou a ser alvo de obras. Outros hotéis também viram obras serem realizadas para a sua melhoria, é o caso do Grande Hotel que é alvo de obras em finais dos anos 80 abrindo portas em 1991, depois em 2001 e por último em 2016, que é quando lhe é acrescentado um corpo contemporâneo tentando assim, talvez, agregar um hotel centenário aos nossos dias, atualmente encontra-se encerrado

permanentemente. O Palace também sofre obras de melhoramentos em finais da década de 80 e novamente em 2004, estas obras incluem também uma redefinição dos jardins respeitaram a sua traça original, o hotel encontra-se atualmente.

Apesar da frequência termal desde 2010 se encontrar em constante declínio, em 2019 e 2020 com o aparecimento da pandemia do Covid-19 houve um decréscimo bastante acentuado registando menos 725 inscrições em 2020 (382 inscrições) relativamente a 2019 (807 inscrições). Apesar de nos últimos 2 anos se registar algum aumento da procura termal, este ainda se encontra bastante aquém do que se vivia à 10 anos atrás.

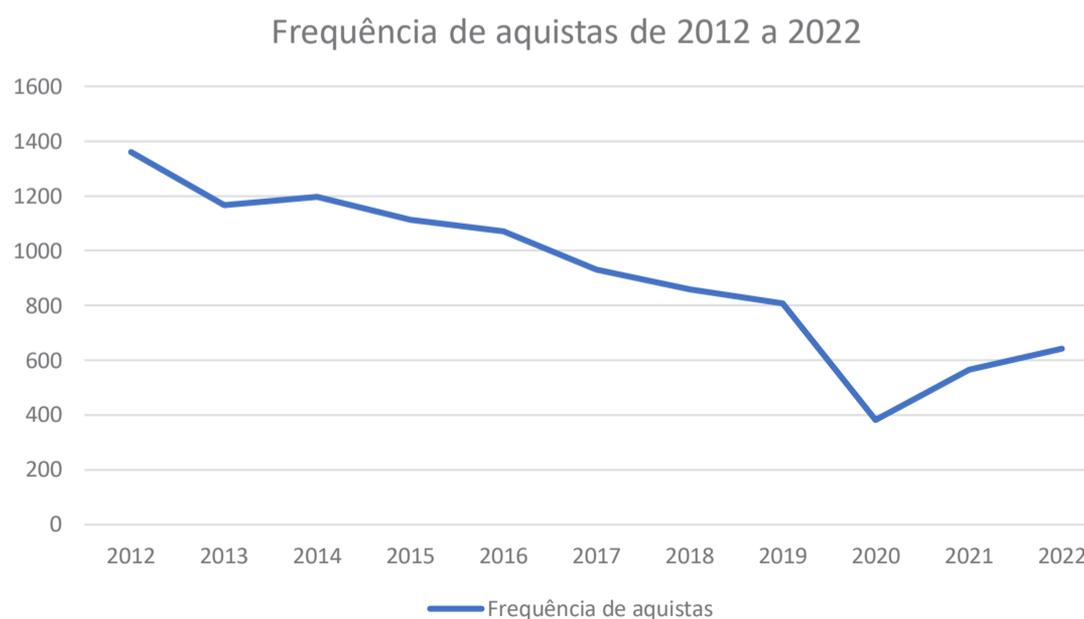


Fig. 91 | Gráfico relativo à frequência de aquisitas na Curia entre 2012 e 2022

Atualidade



Escala | 1: 3500



Fig. 92 | Planta de localização e identificação dos edifícios inerentes e que circundam o complexo termal

- 1 | Atuais Termas | (1993- José Vieira de Oliveira)
 - 1.1 | Buvette | (1912-1914- Jaime Inácio dos Santos)
- 2 | Antigo Balneário | (1914- Jaime Inácio dos Santos, 1921- Norte Júnior)
- 3 | Hotel das Termas | (1937- Eduardo Martins e Manuel Paços, 1960- José Oliveira, 2002- António Romão)
- 4 | Grande Hotel da Curia (desativado) | (1916 - Rafael Duarte e Deolindo Vieira, 2001- João Laranjo, 2016- JRCP (João Rodrigues e Costa Pereira))
 - 4.1 | Capela do Grande Hotel
- 5 | Hotel Boavista (em avançado estado de degradação) | (1922 - Jaime Inácio dos Santos)
- 6 | Embarcadouro para as gaivotas
- 7 | Campo Polivalente
- 8 | Parque Infantil
- 9 | Campo de ténis
- 10 | Casa de chá (desativado) | (década de 60- Arq. José Vieira de Oliveira)
- 11 | Edifício de apoio á manutenção (desativado)
- 12 | Hotel do Parque | (1922-1931- Arq. Ramos da Silva)
- 13 | Palace Hotel | (1913- Arq. Rafael Duarte de Melo , 1926- Arq. Norte Júnior, 1988- Arq. José Paulo dos Santos, 2004-2007 Arq. Capinha Lopes)
 - 13.1 | Jardins, Campos de ténis
 - 13.2 | Edifícios complementares ao Palace (como garagem, capela ..
 - 13.3 | Piscina Paraíso | (1934- Arq. Raul Martins)
- 14 | Challet Cruz (desativado)
- 15 | Posto de Turismo | (1964- Arq. Cassiano Branco)
- 16 | Edifício Comercial | (1999- Arq. Rui Rosmaninho)
- 17 | Villa Rosa (desativado)

Atualmente, ao chegarmos à Curia deparamo-nos com uma avenida rodeada de plátanos que nos conduz da estação ferroviária até à entrada neomedieval em arco ogival rodeada de um muro com ameias e merlões no topo.

Passando esta entrada, temos acesso a 14 hectares que dizem respeito ao perímetro reservado da Sociedade das Águas, logo à entrada encontra-se a antiga bilheteira, passando para uma alameda que conduz até o embarcadouro das gaivotas onde se encontra outra bilheteira igual à da entrada do parque. Do lado direito, encontra-se a zona de captação de água, o atual balneário e lojas presentes neste (das quais atualmente apenas se encontra aberta (e não é todos os dias, a cafetaria biju), a buvette e o antigo balneário desativado, mais perto da entrada/ saída do parque localiza-se o hotel das termas. Do lado esquerdo encontra-se o lago com pontes de madeira que dão acesso a uma ilha onde se encontra a casa de chá desativada, um parque infantil, um campo de ténis e um campo multusos, encontrando-se ainda um edifício de manutenção (em avançado estado de degradação).

Após o ano 2000 (tirando a ampliação no hotel das termas) pouca coisa foi feita neste local, apenas algumas obras de manutenção uma delas no ano de 2022 onde pintaram a fachada do antigo balneário de um tom amarelo bastante mais forte e os elementos decorativos dos pilares também foram danificados devido a repararem as fissuras visíveis de forma grotesca, não respeitando o trabalho decorativo característico da época da sua construção.

O edifício do antigo balneário encontra-se fechado, não tendo nenhum tipo de utilização atualmente, na buvette a fonte principal e a dos olhos encontram-se desativadas sendo apenas usada a fonte Albano Coutinho, o “novo” balneário encontra-se com boas condições oferecendo para além da componente termal, serviços de estética.

Nos últimos 6 anos várias notícias sobre este complexo termal e o seu futuro têm vindo a público, este que se encontra com uma dívida bastante avultada, viu parte desta ser-lhe perdoada como é noticiado pelo Jornal da Bairrada a 11 de Outubro de 2017 o Jornal da Bairrada noticia que : *“A maioria dos credores da Sociedade das Águas da Curia (SAC), proprietária do Hotel e das Termas da Curia, em Anadia, deu sinal verde ao plano de recuperação da empresa, que neste momento terá quase 13 milhões de euros de dívidas. Com este sinal dado em Assembleia de Credores, no passado dia 4 no Tribunal de Anadia, a administração*

terá agora que cumprir o plano, que prevê, entre outras obrigações, o investimento para renovação e obras de melhoramentos da unidade hoteleira e da unidade termal, sobretudo ao nível dos balneários termais e das zonas comuns, assim como diversos pagamentos, logo que o mesmo for homologado. (...)

Futuramente, logo que o plano de recuperação seja homologado, a empresa voltará a ser gerida pelos acionistas, depois de um processo que levou o Tribunal do Comércio de Aveiro a decretar a insolvência da Sociedade das Águas da Curia, em abril do ano passado, depois de ter sido encerrado, sem sucesso, o Processo Especial de Revitalização (PER) pedido um ano antes.

Agora, com a aprovação deste plano, a empresa compromete-se a fazer investimentos para renovação e obras de melhoramentos, num acordo que estabelece igualmente que metade da dívida aos trabalhadores seja paga, logo após a homologação, ficando a outra metade para pagamentos em prestações mensais, durante quatro anos.”⁴⁷

Esta terá sido uma das últimas notícias relativas a este complexo termal e à dívida que esta acarreta, porém, 6 anos depois pouquíssimo trabalho de melhorias foi feito no local. Contudo, com a falta de resposta por parte da Sociedade das Águas e de quem se encontra à frente destas, a autora não pode confirmar ou afirmar se haverá previstas obras de profunda reabilitação do local ou se existe alguma estratégia de revitalização para os próximos anos.

47 | Cerca, Catarina (2017), Anadia: Credores dão luz verde à recuperação das Termas da Curia, Jornal da Bairrada (Consultado a 2023, Outubro), disponível em: <https://www.jb.pt/2017/10/anadia-credores-dao-luz-verde-a-recuperacao-das-termas-da-curia/>



Fig. 93 | Folheto informativo dado pelas termas.

Registro fotográfico “*in situ*”

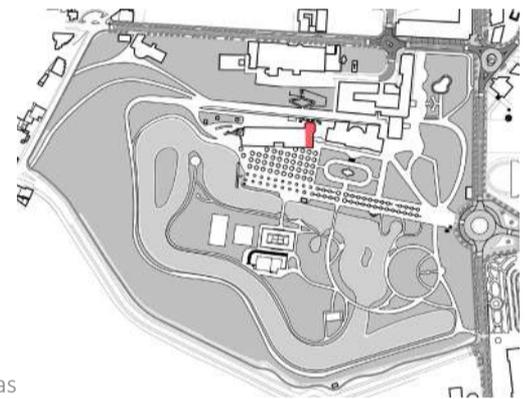
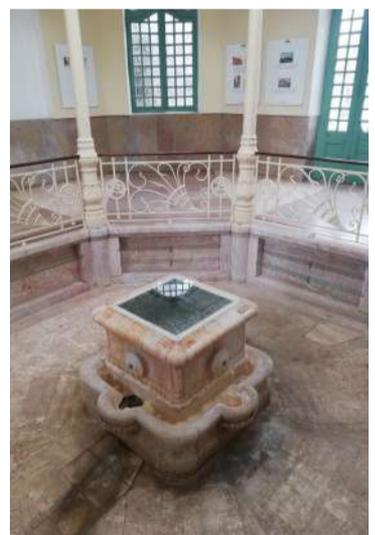


Fig. 94 | Planta de localização das fotografias da Buvette.





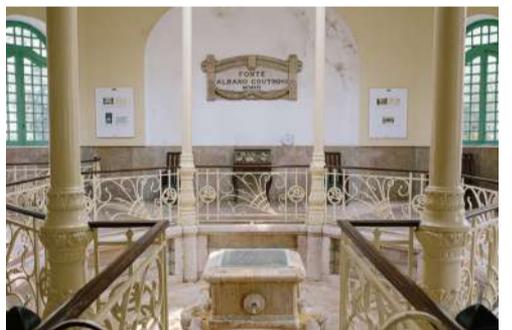


Fig. 95 | Conjunto de imagens da Buvette exterior e interior (2023).

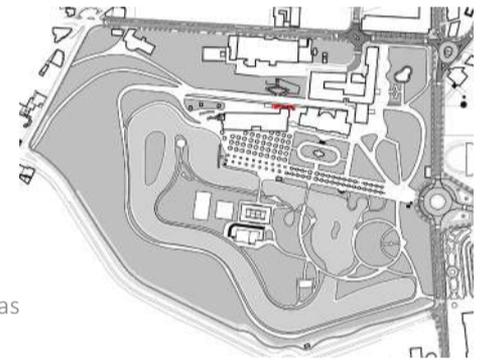


Fig. 96 | Planta de localização das fotografias da gruta dos amores.

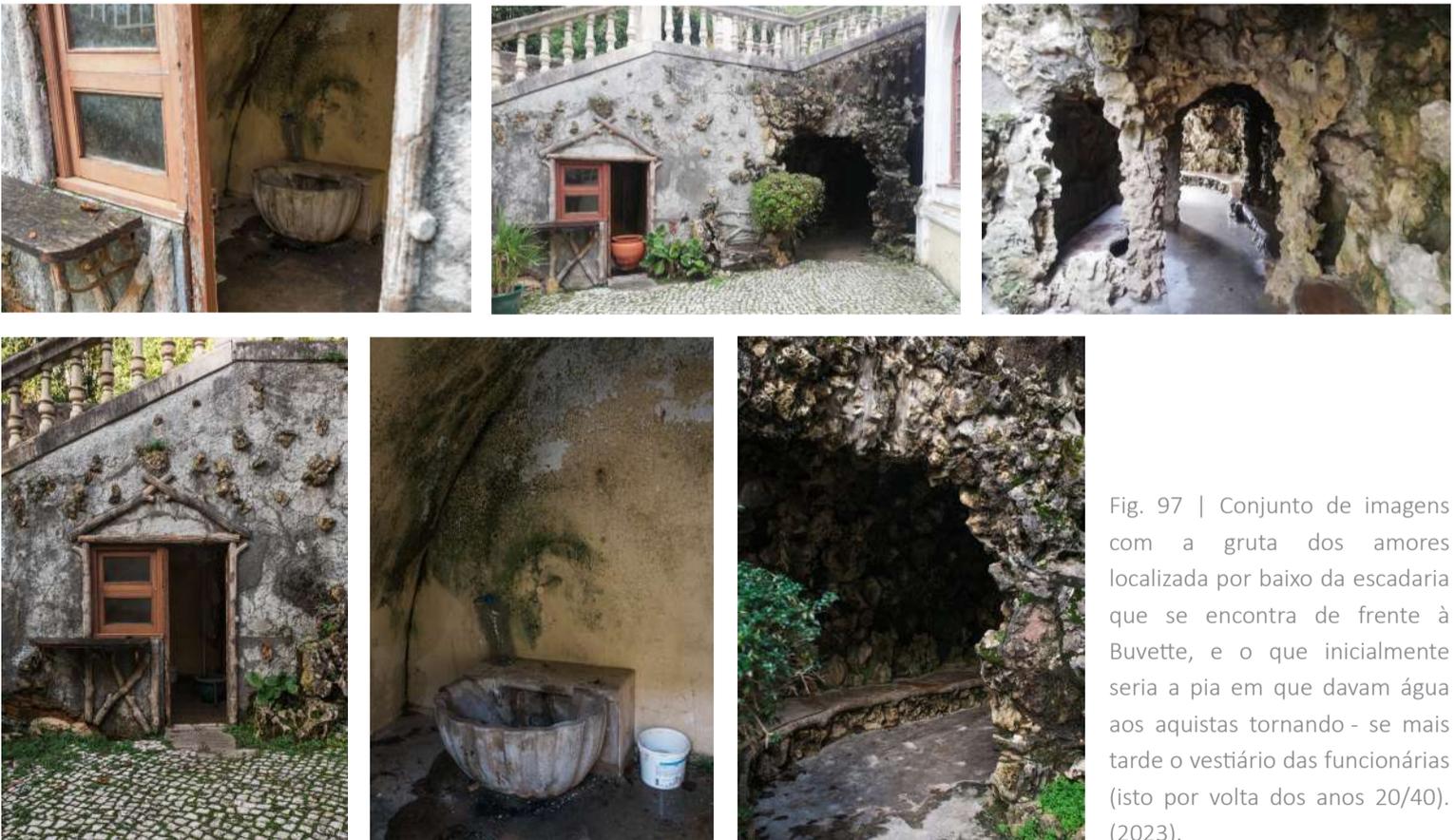


Fig. 97 | Conjunto de imagens com a gruta dos amores localizada por baixo da escadaria que se encontra de frente à Buvette, e o que inicialmente seria a pia em que davam água aos aquistas tornando - se mais tarde o vestiário das funcionárias (isto por volta dos anos 20/40). (2023).

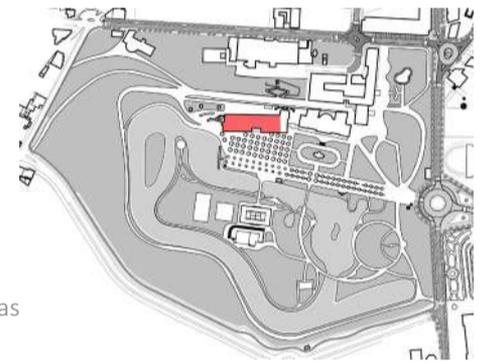
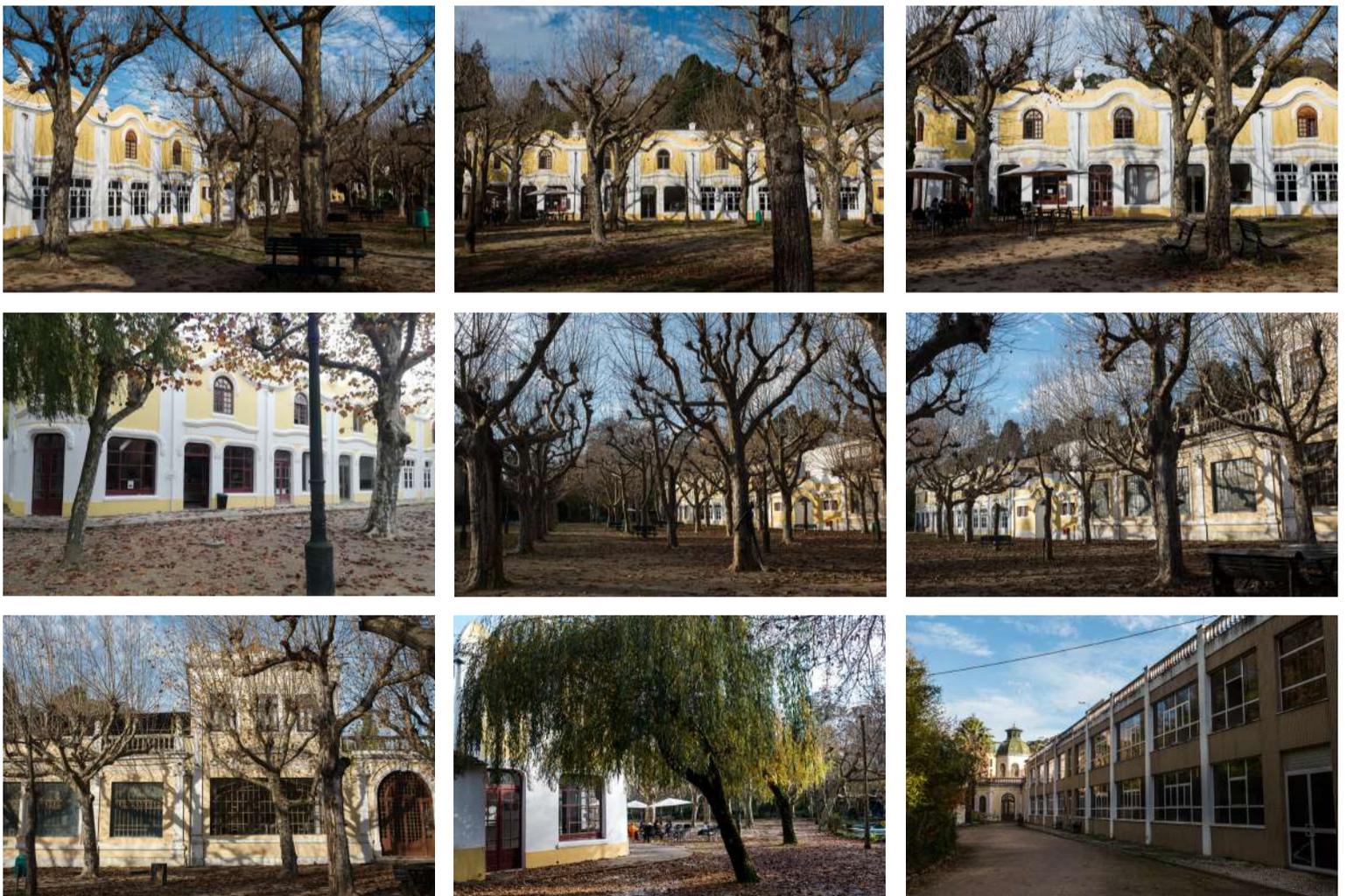
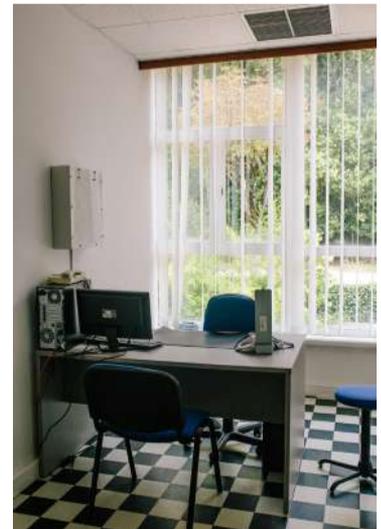


Fig. 98 | Planta de localização das fotografias do novo edifício termal.







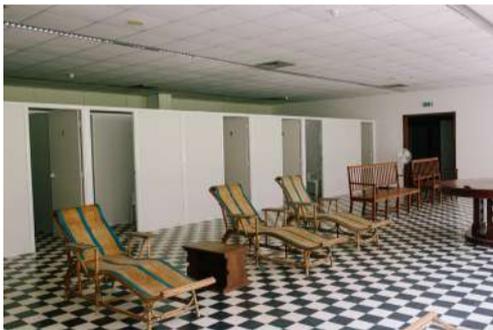




Fig. 99 | Conjunto de imagens do “novo” edifício termal exteriormente e interiormente (salas de tratamentos e banhos consultório médico, ginásio, salas de espera, piscina e salas de estética) (2023).



Fig. 100 | Conjunto de imagens do estado da antiga sede da SAC (2023).

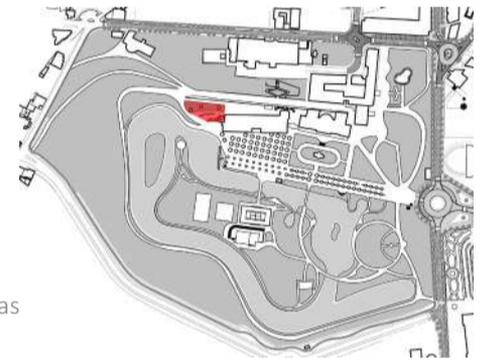


Fig. 101 | Planta de localização das fotografias da zona de captação de água.



Fig. 102 | Conjunto de imagens da zona de captação da água e local onde esta desagua (2023).

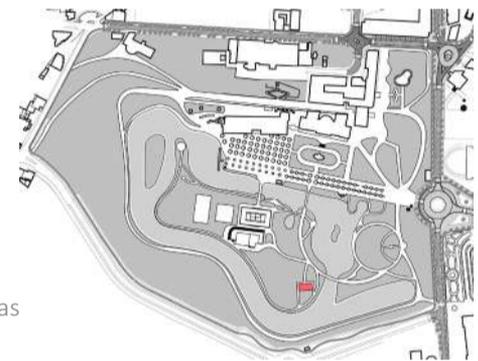


Fig. 103 | Planta de localização das fotografias do edifício de manutenção.



Fig. 104 | Conjunto de imagens do edifício de apoio à manutenção (em avançado estado de degradação) (2023).

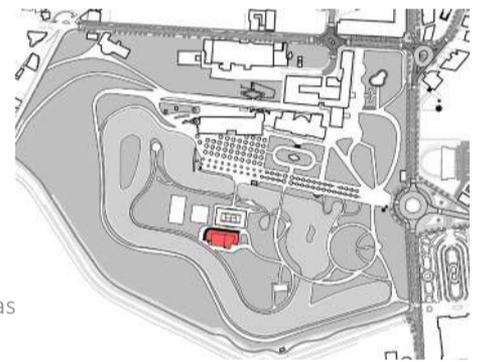


Fig. 105 | Planta de localização das fotografias da casa de chá.





Fig. 106 | Conjunto de imagens das fachadas da casa de chá, pormenor de um vão e imagem do que foi possível ver do interior (2023).

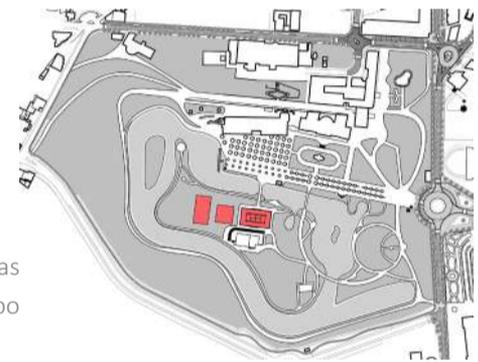


Fig. 107 | Planta de localização das fotografias do campo polivalente, casa de chá e campo de ténis.



Fig. 108 | Campo polivalente (2023).



Fig. 109 | Parque infantil (2023).



Fig. 110 | Campo de ténis (2023).

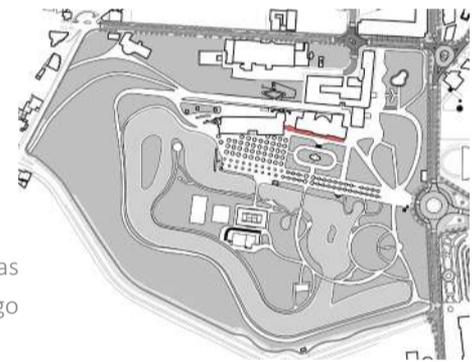


Fig. 111 | Planta de localização das fotografias da passagem coberta que liga o antigo balneário às novas termas.



Fig. 112 | Antes (1ª linha), durante (2ª linha), e depois (3ª linha) das melhorias realizadas, respetivamente (2019, 2021 e 2023).



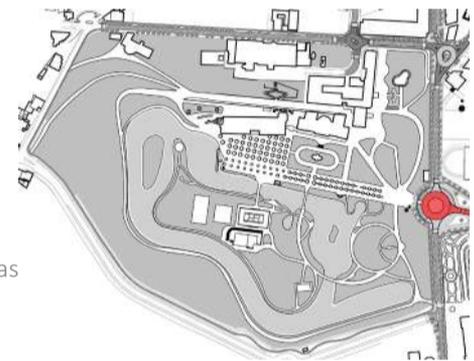


Fig. 113 | Planta de localização das fotografias da rotunda à entrada do parque.

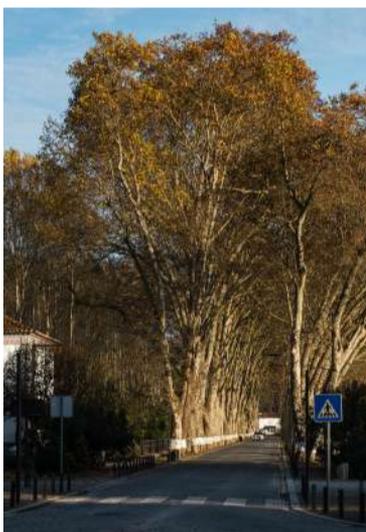


Fig. 114 | Alameda e rotunda de frente à entrada do parque (2023, 2012 e s.d. respetivamente).



Fig. 115 | Escultura "A gota da Curia" durante a fase de construção (2020) e após ser feita (2023).

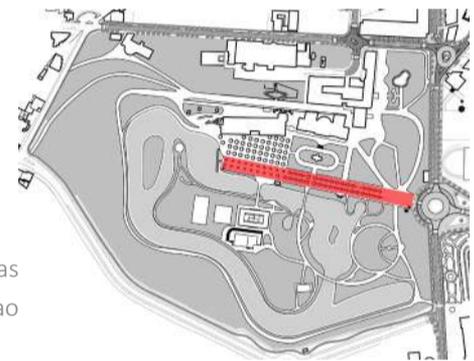


Fig. 116 | Planta de localização das fotografias da alameda que vai da entrada do parque ao lago.





Fig. 117 | Conjunto de imagens do caminho que vai desde a entrada do parque até ao lago (2023).

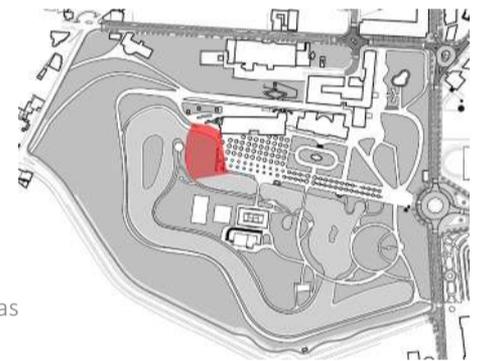


Fig. 118 | Planta de localização das fotografias da zona junto ao lago.



Fig. 119 | Conjunto de imagens do lago com bilheteira e fonte de homenagem a Manuel Pinto de Azevedo (2023).

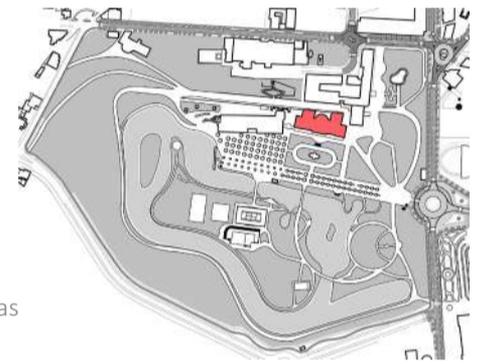
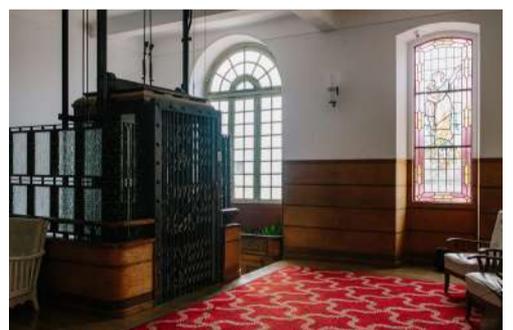


Fig. 120 | Planta de localização das fotografias do antigo balneário.









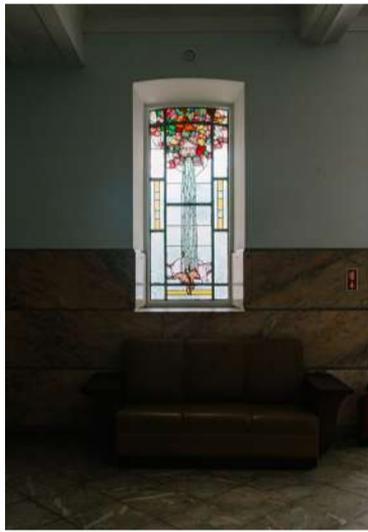
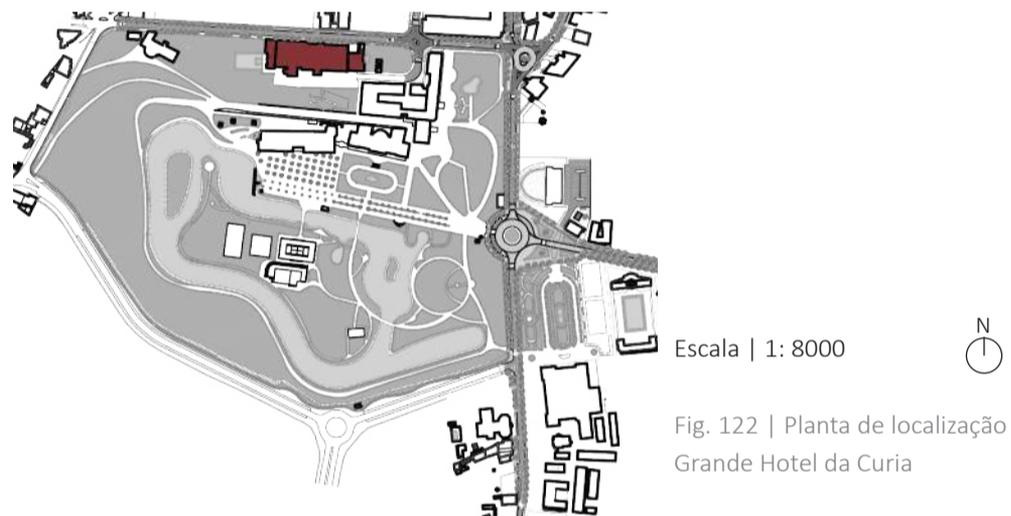


Fig. 121 | Conjunto de imagens exteriores/interiores do antigo balneário/ casino (2023).

Alojamento

Grande Hotel da Curia



Escala | 1: 8000

Fig. 122 | Planta de localização do Grande Hotel da Curia



Fig. 123 | Primeira fase do Grande Hotel da Curia (s.d.)



Fig. 124 | Postal já com o novo corpo que compõe o Grande Hotel (s.d)

À medida que a Curia cresce a necessidade de criar alojamento para todos os aquistas aumenta substancialmente, levando a que enquanto não sejam construídos/ remodelados hotéis/pensões, sejam alugados quartos em casas particulares.

Assim, acredita-se que o Grande Hotel foi um dos primeiros edifícios contruídos na Curia, datado assim a 1905 tendo duas fases de identificação distintas na qual a primeira diz respeito ao Villa Figueiredo (pertencente à família figueiredo daí essa designação), altura em que a SAC apesar de não ser detentora deste edifício, foi uma grande impulsionadora do seu desenvolvimento.

*“O hotel sempre se construirá por conta do sr.Figueiredo, senão o Grande Hotel delineado, ao menos um hotel mais modesto.”*⁴⁸. Este foi inaugurado em 1907.

Esta Villa posteriormente veio a pertencer a Afonso Costa que fez uma parceria com Conrad Wissman (um dos grandes hoteleiros da época) que a alugaram

48 | Sociedade das Aguas da Curia- Acta da sessão de 6 de março, Relatório e contas da direcção (Gerencia de 1903), Coimbra: Imprensa Academica (1904), pág. 7.



Fig. 125 e 126 | Projeto de um Grande Hotel na Curia de Deolindo Vieira e Rafael Duarte de Mello, publicação na revista “A Construção Moderna” (1916).

logo após a sua construção, adotando o nome de Grande Hotel quando a família Wissman se colocou a frente deste edifício.

A primeira fase de ampliação deu-se em 1912 na qual foi feito o segundo corpo do hotel, no entanto em 1922 houve novamente obras de beneficiação, havendo obras de ampliação do hotel e da garagem anexa. *“tratar-se-á de uma ampliação do challet ou de edificio de raiz? O Grande Hotel beneficiou de duas ampliações nas duas décadas seguintes, facilmente descortináveis no exterior que não sabemos até que ponto alteraram o challet original.”*⁴⁹

Em 1916 Rafael Duarte de Mello e Deolindo Vieira apresentam na revista “A Construção Moderna” um projeto para um Grande Hotel da Curia, o que se acredita que será a proposta para este hotel, no entanto, não se pode afirmar como uma certeza absoluta. Ainda neste ano (Agosto e Setembro), sofre algumas obras de ampliação, voltando a ser alvo de obras em 1922. Entre 1927 e 1928 é novamente alvo de obras de ampliação sendo construída nesta altura uma cozinha, um salão e uma sala de jantar.

Em 1933, o hotel dispunha de 100 quartos, e estava no seu auge, no entanto, com a decadência das termas também este foi deixado para trás, levando a que apenas em 1988 após ser adquirido pelo grupo Belver sofresse novas obras de remodelação e restauração, reabrindo ao público em 1991 com novos serviços mais voltados para a saúde.

*“No rés-do-chão existem uns grandes vãos referentes à área da biblioteca, também resultantes da ampliação dos anos 20, onde se vêem as mesmas linhas curvas e características mísulas com elementos florais, procurando-se assim, manter o estilo dos anteriores edificios. A entrada coberta foi um acrescento das alterações de 1988, mas a porta datará do período da ampliação de 1914.”*⁵⁰

49 | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro,1997), Estância Termal da Curia- História e Arte (6ªparte): O Grande Hotel da Curia, Aqua Nativa nº13, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.56.

50 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 150



Fig. 127 | Fachada do Grande Hotel vista do Casino (s.d, acreditando ser após 1912).



Fig. 128 | Fachada já com nova ampliação do Grande Hotel (s.d.).



Fig. 129 | Postal já com nova ampliação do Grande Hotel (s.d. acreditando ser após 1929).



Fig. 130 | Postal do hotel e do seu interior (s.d.)

No entanto, em 2001 voltou a sofrer obras de remodelação da autoria do arquiteto João Laranjo, em 2016 houve uma nova proposta de remodelação da parte dos arquitetos JRCP (João Rodrigues e Costa Pereira).

Este hotel, nos últimos anos de uso era constituído por cerca de 80 quartos, possuía ainda salão de cabeleireiro, bar, restaurante e lavandaria, ainda era dotado de sauna, banho turco, gabinete de massagens, ginásio e piscina interior, já no exterior encontra-se uma piscina exterior com uma zona ajardinada dotada de espreguiçadeiras.

A capela que se encontra ao lado do Grande Hotel, acredita-se que já seja alusiva ao início do século XX, pois esta já aparece em algumas plantas datadas de 1908, mas a sua construção terá sido por volta de 1910, no entanto, em 1916 sofre obras de ampliação.

Este hotel atualmente encontra-se encerrado permanentemente, ainda que algumas obras de remodelação tenham tido início antes da pandemia, no entanto, nunca tornou a reabrir.



Fig. 131 | Capela anexa ao hotel (s.d.)



Fig. 132 | Entrada principal do Hotel (s.d).

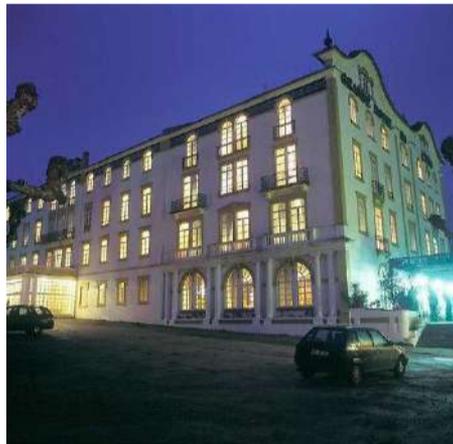


Fig. 133 | Fachadas exteriores do Hotel (s.d).



Fig. 134 | Piscina interior (s.d) .



Fig. 135 e 136 | Piscina exterior (s.d).



Fig. 137 | Quarto (s.d).



Fig. 138 | Sala de espera e zona de recepção (s.d).



Fig. 139 | Fachada Este e zona de entrada para a zona de estacionamento do Hotel (s.d).



Fig. 140 | Fachada Este do Grande Hotel da Curia, onde é visível parte da intervenção exterior (provavelmente datada a 2016) (2023).



Fig. 141 | Fachada Sul do hotel onde é notório a intervenção na entrada principal (não é possível precisar a data desta intervenção) (2023).



Fig. 142 | Corpo realizado na última intervenção de frente à fachada Este (2023).



Fig. 143 | Capela adjacente ao Grande Hotel da Curia (2023).



Fig. 144 | Fachada Sul do Grande Hotel da Curia (2023).



Fig. 145 | Fachada Sul com ênfase nas janelas em arco, produto de uma outra intervenção (2023).



Fig. 146 | Parte da fachada Este com a capela (2023).

Palace Hotel

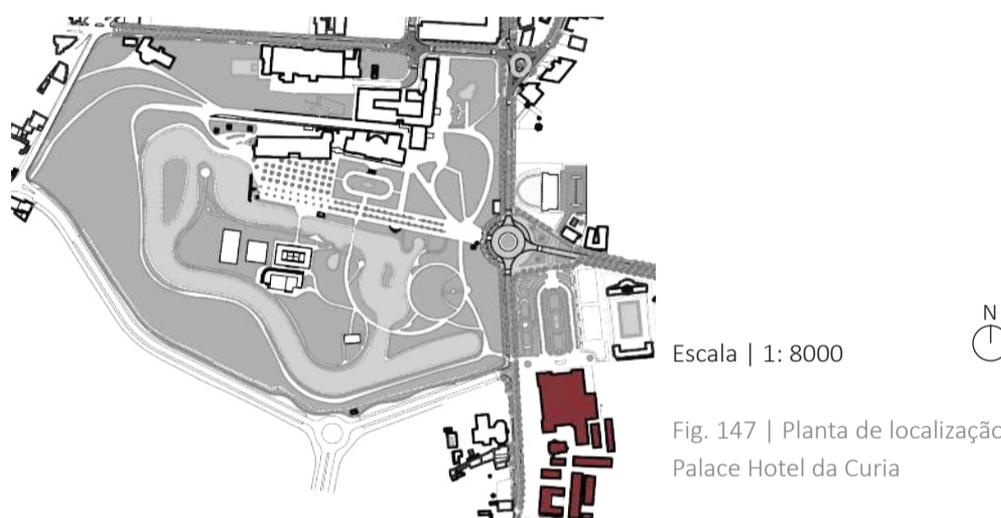


Fig. 147 | Planta de localização do Palace Hotel da Curia



Fig. 148 | Postal com o Challet Navega e com o edifício primitivo do Palace hotel (s.d)

“A história remota do Palace Hotel começa em 1873, quando a extensa quinta em que se insere foi alienada em praça pública. A propriedade que constituía até então um dos dois passais da freguesia de Tamengos, foi arrematada por José Ferreira da Portela, de Aguiçã, e passou em seguida, por herança, para sua filha, Branca Rangel Seabra Portela, casada com Luís Navega.”⁵¹ Este edifício foi projetado para servir de habitação e uma farmácia, logo se viu que podia vir a preencher uma das lacunas que se vivia na Curia na época, a falta de alojamento. Este nunca teve a função inicial, trabalhando sempre como “hotel”, o que ajudou a financiar a construção do hotel adjacente, o Palace.

As obras iniciais deram-se no Challet Navega projetado por Rafael Duarte de Melo, datado a 1913, encontra-se localizado entre a capela e o atual hotel e era composto por “dois pisos, elegantes grades nas varandas, pitorescos beirais nas entradas e sardas de remate semicircular”.⁵² Este entra em funcionamento em 1914.



Fig. 149 | Fachada principal e anexos datada a Julho de 1926.

51 | Simão, Maria Cristina B. (Junho,1998), Estância Termal da Curia- História e Arte (última parte): O Palace Hotel da Curia, Aqua Nativa nº14, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.23.

52 | Ibidem, pág.24.

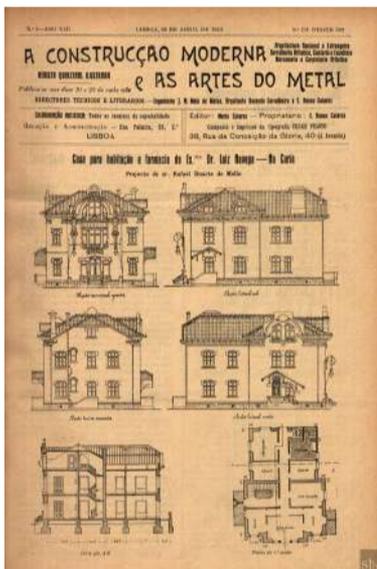


Fig. 150 e 151 | Projeto para uma casa para o Dr. Luís Navega na Curia, acredita-se ser a primeira planta do Palace projetada por Deolindo Vieira e Rafael Duarte de Mello, publicação na revista “A Construção Moderna e as artes do metal” de 25 de Abril de 1913.

Este novo hotel que se erguia previa uma “planta aproximadamente quadrada, com a frente virada a poente, na direcção do Parque das Termas, desenvolvendo-se as alas habitacionais em torno do pátio interior segundo um modelo então comum em grandes hotéis europeus”.⁵³ No entanto após constantes obras e falta de verba que fazia com que alterações fossem feitas constantemente, o primitivo edifício do Palace era constituído por dois edifícios perpendiculares inicialmente com a forma T, este foi feito faseado ganhando depois a forma de U.

Ainda que em construção, a sociedade do hoteleiro Conrad Wissman alugou em 1915 o Palace Hotel de forma a explorá-lo que o fez até cerca de 1921, quando foi adquirido por Alexandre d’Almeida que encomendou a Norte Júnior um projeto de melhorias para este hotel, estas obras decorreram entre 1922 e 1926 levando a fechar o U outrora feito. Com um estilo Art Nouveau característico da época e com a sua monumentalidade revolucionou não só o edifício em si, mas também o próprio turismo da Curia.

Este edifício é composto por um núcleo central e nos seus extremos dois torreões assimétricos. Devido á união dos edifícios e ao facto de o “U” ficar fechado formou-se um quadrado dando origem a um pátio interior.

Os detalhes decorativos não foram descorados por Norte Júnior, desde os vitrais ao relógio exterior de Paul Garnier, e o elevador que ainda hoje se mantém, o elevador original Maschinenfabrick Wiesbaden, dos mais antigos em vidro biselado, cabine de madeira e proteções de ferro forjado inaugurado a 25 de Julho de 1926. Exteriormente, os jardins deste hotel foram vedados em 1917, com uma vedação com cerca de 100 metros de comprimento.

Como as melhorias no hotel eram constantes, em 1928, é construída a Capela de Nossa Senhora do Livramento e a Garagem, é ainda inaugurado os campos de ténis. No entanto é no ano seguinte que é encomendado a Raul Martins o projeto de uma piscina olímpica que é inaugurada em 1934 com uma configuração de um transatlântico, esta é composta por vários serviços e equipamentos e com o

53 | Mimoso, João (Junho. 1998), O Curia Palace, Evasões nº2, Lisboa: Volta ao Mundo 1997-1998, pág. 76



Fig. 152 | Postal do salão de festas do Palace (s.d)



Fig. 153 | Fachada Poente (s.d).



Fig. 154 | Salão de baile do Palace (s.d).

nome de Piscina Praia-Paraíso. Como o desporto era e sempre foi um importante marco na Curia Alexandre de Almeida dotou ainda o seu hotel de campos de ténis para a prática desportiva.

Como grande dinamizador/impulsionador de inúmeras atividades realizadas na Curia, Alexandre de Almeida trouxe para a Curia atividades como a gincana automóvel, os chás dançantes, os jantares á Americana, teatros, bailes entre outras. Chegou a encarar o desporto como uma componente de animação termal o que levou á formação em 1929 do Palace Sports Club, levando a que várias infraestruturas para a prática de desportos fossem criadas estas seriam uma pista para patinagem, zona para jogar críquete, ginásio, courts de ténis e piscina , esta última é construída com medidas olímpicas (na época estas dimensões diziam respeito a 33 metros de comprimento por 18 metros de largura), sendo projetada pelo arquiteto Raul Martins e executada pelo Engenheiro José Belard da Fonseca.

Devido ao declínio termal que ocorreu nos anos 60 este hotel também entra em decadência, contudo a tentativa de elevar nunca foi descorada, por isso chega a sofrer obras de remodelação entre 1987 e 1988 pelas mãos do arquiteto José Paulo dos Santos, no entanto, anos mais tarde, em 2004 chegou a fechar portas para uma nova remodelação, agora, por parte do arquiteto Capinha Lopes, tentando preservar acima de tudo o espírito dos anos 20 e o estilo Belle Époque e Art Nouveau.

Estas obras de remodelação duraram cerca de três anos, tornando assim a abrir portas em 2007, quando lhe foi anexado uma nova ala onde se encontra um spa e piscina interior, sala de reuniões para mais de 200 pessoas e iria ter também um acesso direto ao campo de golfe. Não só o edifício foi alvo de remodelações, mas também o jardim foi sujeito a melhorias por parte do gabinete paisagista de Claudia Schwarzer e Udo Schwarzer que preservaram o padrão original deste jardim, fazendo com que as espécies arbóreas usadas similares com o paisagismo praticado nos anos 20, podendo assim ao percorrer estes jardins reviver o estilo “Belle Époque”. O hotel encontra-se aberto atualmente com a classificação de hotel de quatro estrelas.



Fig. 155 | Piscina Praia-Paráíso (s.d).



Fig. 156 | Fachada Nascente do Palace Hotel (s.d).



Fig. 157 | Hall de entrada e recepção do Palace (s.d).



Fig. 158 | Jardins do Palace após renovação (2008).



Fig. 159 | Capela, Challet das Rosas e Palace (1951)



Fig. 160 | Jardins do Palace (anos 80/90)



Fig. 161 | Garagem do Palace (1985)



Fig. 162 | Parte da Fachada principal (1985)



Fig. 163 | Challet das Rosas, edifício anexo ao Palace (s.d).



Fig. 164 | Postal da entrada do Palace (s.d).



Fig. 165 | Fachada principal do Palace e dos seus jardins (s.d).



Fig. 166 | Capela anexa ao Palace (1943).



Fig. 167 | Piscina Praia-Paraíso (2022).



Fig. 168 | Fachada principal do Palace e dos jardins (2023).



Fig. 169 | Fachada principal do Palace e dos jardins, num plano mais aproximado (2023).



Fig. 170 | Entrada da capela atualmente (2023).



Fig. 171 | Fachada principal da capela (2023).



Fig. 172 | Entrada da capela com a vegetação envolvente (2023).



Fig. 173 | Antigo challet Navega atualmente (2023).



Fig. 174 | Antigo challet Navega visto do Hotel do Parque (2023).



Fig. 175 | Entrada para o antigo Challet Navega (2023).



Fig. 176 | Garagem do Palace atualmente (2023).



Fig. 177 | Fachada principal do Palace Garage (2023).



Fig. 178 | Fachada principal do Palace Garage e envolvente (2023).



Fig. 179 | Caminho entre a Garagem e a capela do Palace (2023).



Fig. 180 | Fachada lateral do Palace (2023).



Fig. 181 | Fachada lateral do Palace, vista do Hotel do Parque (2023).

Vila Rosa



Escala | 1: 8000

Fig. 182 | Planta de localização do Villa Rosa na Curia



Fig. 183 | Postal do Hotel Rosa (s.d)

Por iniciativa privada, Manuel Joaquim Rosa mandou construir um hotel em perto das termas, este só viu a sua licença de construção aprovada pela Câmara após o parecer positivo da SAC, acredita-se que tenha sido construído em 1911, porém não é possível precisar a data correta de construção, com o nome de hotel Rosa.

No entanto, apesar de não haver muitas informações sobre este edifício sabe-se que as suas fachadas apresentam um estilo Art Nouveau característico da época, chegou ainda, após os anos 30, devido aos estatutos/exigências relativos aos alojamentos terem aumentado os seus critérios, a sofrer uma troca de nome de Hotel Rosa para Pensão Rosa.

O Hotel Rosa em 1951 já era considerado pensão de 2ª classe com 24 quartos, e sofreu algumas adaptações ao longo do tempo como por exemplo um anexo que foi barbearia, escola primária e galeria de arte.



Fig. 184 | Villa Rosa (s.d. mas será por volta dos anos 2000).

Em 1998, sofre obras de reabilitação, já nas mãos do novo proprietário Rui Lopes Carloto, tornando a abrir com a nova funcionalidade de Restaurante, altura em que adquire um novo nome, Villa Rosa, deixando a função de alojamento para trás. Este é constituído por 4 andares com cerca de 700 m² de construção, onde o restaurante se encontra no Rés-do-Chão, já o primeiro andar é dotado de um salão para festas e um bar, o segundo piso dotado de um outro salão de festas e

na cave encontram-se áreas de serviço e escritórios.

Atualmente encontra-se fechado á vários anos, mas está a sofrer algumas obras de melhorias, no entanto encontra-se para venda, e não se sabe ainda o propósito destas atuais obras.



Fig. 185 | Postal dos tempos áureos do Villa Rosa (s.d).



Fig. 186 | Fachada principal do Villa Rosa (Maio, 2023).



Fig. 187 | Fachada sudoeste do Villa Rosa (Maio, 2023).



Fig. 188 | Fachada principal do Villa Rosa (Maio, 2023)



Fig. 189 | Fachada sudoeste do Villa Rosa (Maio, 2023)



Fig. 190 | Fachada sudoeste do Villa Rosa num plano mais afastado (Maio, 2023).

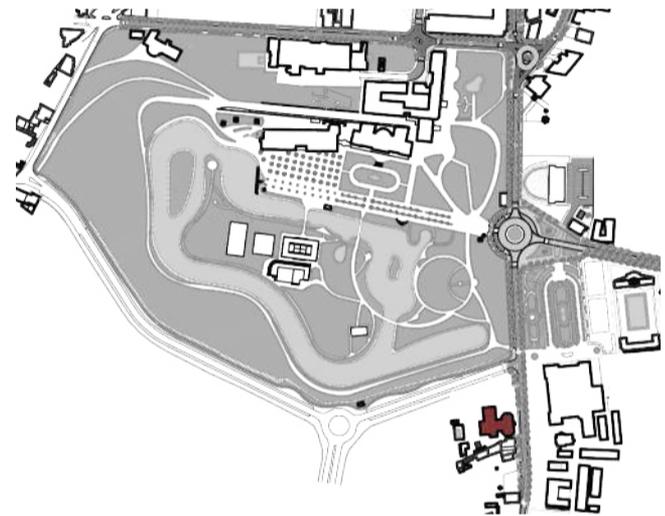


Fig. 191 | Fachada principal do Villa Rosa, com nova pintura exterior (Agosto, 2023).



Fig. 192 | Fachada sudoeste do Villa Rosa, com nova pintura exterior (Agosto, 2023).

Hotel do Parque



Escala | 1: 8000



Fig. 193 | Planta de localização do Hotel do Parque na Curia



Fig. 194 | Postal do Hotel do Parque (s.d).



Fig. 195 | Hotel do Parque com vista da zona do Palace (s.d).

Fundado por José Cerveira Rosmaninho em 1922, é um dos edifícios que foi construído com a finalidade de ser um hotel desde sempre, ao contrário dos seus vizinhos (Palace e Grande Hotel por exemplo), este teve duas fases de construção datadas a 1922 e 1931 sob a influência pombalina. Este hotel é da autoria do arquiteto Ramos da Silva e viu a sua primeira fase de construção terminar em 1922, em 1930 devido á afluência á estância termal é alvo de uma ampliação.

“O hotel do Parque foi criticado, desde 1928, pela sua rampa de acesso que avançava sobre o passeio da avenida”, no entanto, este problema apenas ficou resolvido em 1966 com a “criação de dois acessos paralelos à avenida, com um varandim ao centro.”⁵⁴

Desde 1922 que este Hotel se encontra nesta família, já lá vão quatro gerações, no entanto tanto por dentro como por fora se preserva o estilo Belle Époque característico dos anos 20, apesar de ir sofrendo algumas obras restauração ao longo dos anos, este hotel centenário continua aberto atualmente.

54 | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro,1995), Estância Termal da Curia- História e Arte (3ªparte): Urbanismo, Aqua Nativa nº9, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.29.



Fig. 2196 e 197 | Piscina (s.d).



Fig. 198 e 199 | Quartos (s.d).



Fig. 200 | Fachada Principal (s.d).



Fig. 201 | Sala de jantar (s.d).



Fig. 202 | Sala de estar (s.d).



Fig. 203 | Entrada para o Hotel do Parque (s.d).



Fig. 204 | Fachada principal do Hotel do Parque (2023).



Fig. 205 | Fachada lateral e parque de estacionamento do Hotel (2023).



Fig. 206 | Parte da fachada do Hotel do parque e a proximidade com o Palace Hotel (2023).



Fig. 207 | Rampa de entrada para o Hotel (2023).



Fig. 208 | Vista da estrada da entrada do Hotel (2023).

Hotel Boavista



Escala | 1: 8000



Fig. 209 | Planta de localização do Hotel Boavista na Curia



Fig. 210 | Hotel Boa Vista com vista sobre o lago (1926)



Fig. 211 | Fachada voltada para o parque (s.d.)

À semelhança do Grande Hotel e do Palace, também este hotel originalmente era um challet. Isto levou a que no início do Séc. XX surgissem vários hotéis inseridos em moradias, sendo que no caso do hotel em apreço, inicialmente era conhecido por “Challet Pinheiro”, uma vez que pertencia ao general Almeida Pinheiro, foi alugado pela Sociedade das Águas durante três anos para o seu guarda-livros. Não obstante do desconhecimento do ano de construção o mesmo já se encontrava edificado em 1912, ainda que sem certezas sobre o seu autor, acredita-se que tenha sido o arquiteto Francisco Leandro Cardoso.

“A direcção da SAC resolveu vender ao general Almeida Pinheiro um terreno contíguo ao seu chalet, que depois de ampliado, veio a converter-se no Hotel Boavista.”⁵⁵

Em 1916, José dos Santos Ferreira proprietário de um outro alojamento, chegou a alugar o Challet em apreço durante um ano, de seguida, foi Eduardo José Simões que alugou este por um período de 5 anos, sendo ainda sobre a sua direcção que

55 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág. 115.



Fig. 212 | Hotel Boa Vista da zona da entrada e galeria (s.d.)



Fig. 213 | Hotel Boa Vista com vista sobre o lago (s.d.)



Fig. 214 | Hotel Boa Vista com vista sobre o parque (s.d.)

passou de “Challet Pinheiro” para “Hotel Boavista”, devido a obras que sofreu em 1920. Este nome, Maria Cristina Simão acredita que tenha tido origem devido á localização do hotel que se encontra no que outrora seria chamado de Alto da Boa Vista devido á sua posição relativa ao Vale do Rio Cértima.

Responsável por inúmeras obras da SAC, Jaime Inácio dos Santos foi chamado em 1917 a realizar obras de ampliação no hotel, o que devido a questões financeiras não fosse para a frente, anos mais tarde, em 1923, foi responsável pelo projeto de recuperação deste Challet em que era composto por dois corpos distintos, *“No corpo superior a verticalidade era reforçada com duas agulhas na cumeeira, enquanto que uma janela em mansarda na outra ala equilibrava o conjunto. As fachadas principais orientavam-se naturalmente para a estrada da Mata e era nelas que se desenhavam, no primeiro andar, as portadas de arco abatido com o aparelho de tijolo à vista, e varandas com grades à espanhola assentes sobre mísulas. O último andar do bloco mais alto apresentava uma portada de maior realce.”*⁵⁶

Assim, o arquiteto propôs um prolongamento do edificado no sentido oeste mantendo o corpo mais alto intacto, e no sentido poente, propõe um terceiro corpo, no entanto, num artigo Maria Cristina Simão descreve as alterações de Jaime Inácio dos Santos dizendo que *“a portada nobre do segundo andar, que reproduz a existente na ala primitiva, foi sobrepujada por um frontão de segmento, com o nome do hotel inscrito no interior. No entanto, o elemento de maior realce passou a ser, sem dúvida, o alpendre semicircular do rés-do-chão, que confere ao edifício uma feição pitoresca. O lado norte do edifício, virado para a actual estrada da Mata, foi enobrecido com uma torre cilíndrica, encimada por um telhado piramidal com base évasé. Refiram-se também, os vitrais da portada e o trabalho de ferro dos suportes do pequeno alpendre”*⁵⁷. Esta ampliação do hotel tem fim em 1923.

Apesar de a SAC ter feito várias obras de remodelação ao longo dos anos, este

56 | Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 2001), Hotel Boavista: In Memoriam?, Aqua Nativa nº21, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.40.

57| Ibidem, pág.41



Fig. 215 | Entrada do hotel, dando ênfase aos vitrais da entrada (2023).

hotel sempre ficou descurado de cuidados e apesar de não poder precisar a data do seu encerramento, em 1984 ainda se encontrava publicitado em uma revista sobre turismo. Contudo, atualmente encontra-se em avançado estado de degradação e algumas partes em ruínas.



Fig. 216 | Fachada exterior voltada para a estrada que vai para a Mata (2023).



Fig. 217 | Fachada voltada a Nascente (2023).



Fig. 218 | Parte da fachada dando ênfase à zona circular onde se encontra inscrito o nome do hotel e a data (2023).



Fig. 219 | Fachada exterior num plano mais afastado (2023).

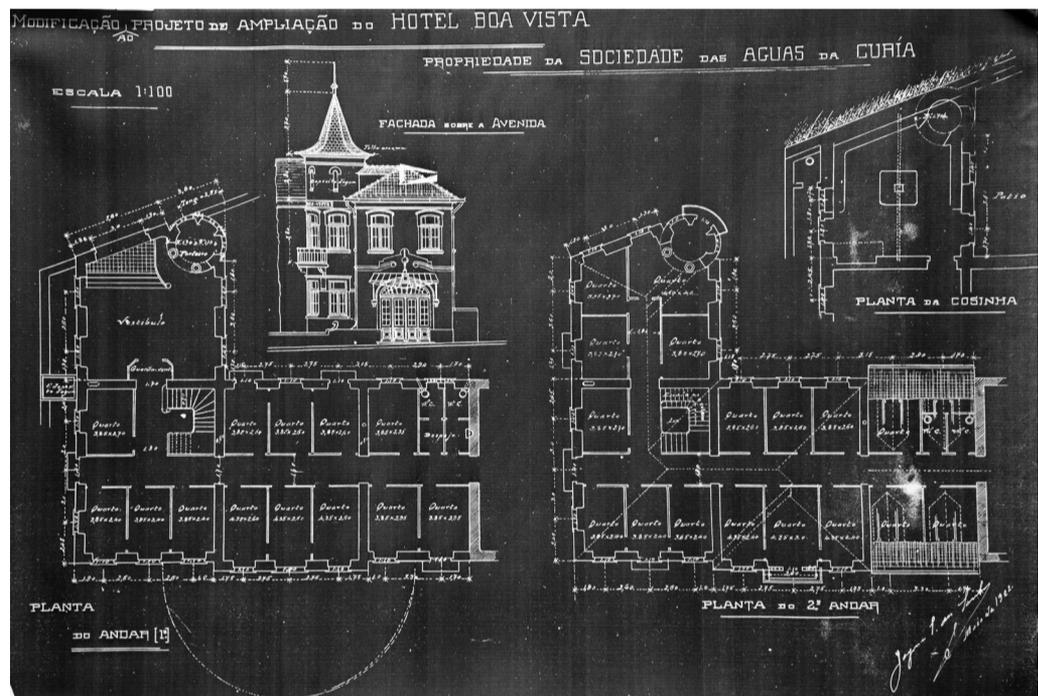


Fig. 220 | Planta do hotel Boavista do arquiteto Jaime Inácio dos Santos (1922).

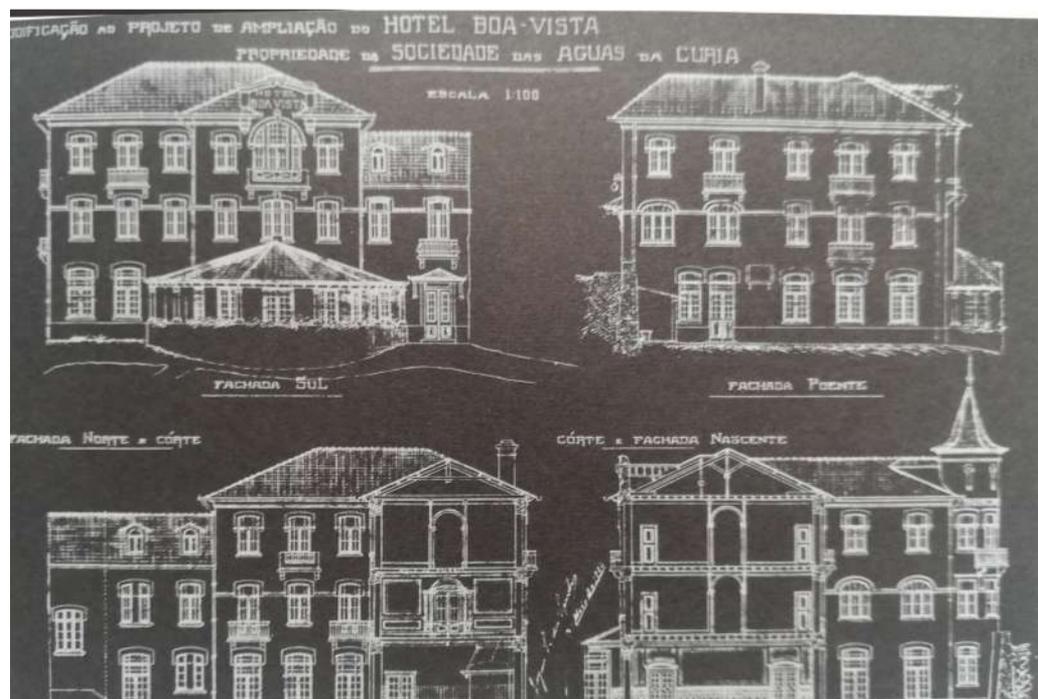


Fig. 221 | Alçados do hotel Boavista do arquiteto Jaime Inácio dos Santos (1922).



Fig. 222 | Fotografia interior onde o teto cedeu (2012/2013).



Fig. 223 | Zona onde partes do edifício já cederam (2012/2013).



Fig. 224 | Antiga instalação sanitária (2012/2013).



Fig. 225 | Avançado estado de degradação do edifício (2012/2013).



Fig. 226 | Corredor (2012/2013).



Fig. 227 | Zona da escadaria (2012/2013).



Fig. 228 | Fotografia interior de uma janela (2012/2013).

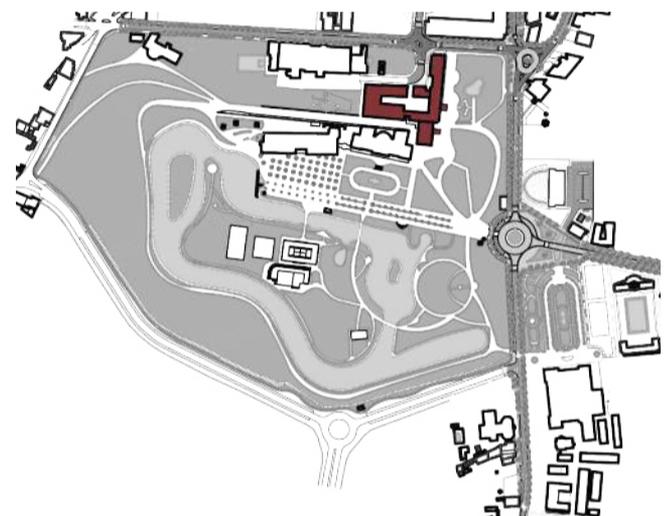


Fig. 229 | Área usada para arrecadação de mobiliário antigo (2012/2013).



Fig. 230 | Corpo circular da fachada sul (2012/2013).

Hotel das Termas



Escala | 1: 8000



Fig. 231 | Planta de localização do Hotel das Termas na Curia



CURIA - PENSÃO OCEANO - ÚNICA DENTRO DO PARQUE - JUNTO AO BALNEÁRIO E CASINO

Fig. 232 | Postal da Pensão Oceano (s.d., entre 1920 e 1937).



Fig. 233 | Postal do que já era Hotel das Termas (s.d., após 1937).

Foi entre 1915 e 1920 que foi erguida e inaugurada na Curia a Pensão Oceano junto do edifício balnear onde o seu proprietário era a Sociedade das águas da Curia, e era composto por três andares onde os pisos superiores eram a zona dos quartos, contendo ainda uma garagem.

“O edifício com planta em L, onde vértice era chanfrado, o que veio a comportar-se como um novo alçado entre os principais, mas era mais cuidado apresentando algum detalhe, pois criando uma linguagem gradual o autor desconhecido teria no piso térreo apresentado um vão igual a todos os outros presentes no resto do edifício, no primeiro piso uma janela de sacada e no segundo piso, uma ausência maior de massa com um varandim de esquina. Esta característica terá sido mantida ao longo das várias ampliações que este estabelecimento foi sujeito. Este edifício foi classificado pela Junta de Turismo como sendo de segunda classe, o que veio a reforçar a necessidade pela Sociedade de melhorar a sua unidade hoteleira.”⁵⁸

58 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 158.



Fig. 234 | Postal do Hotel das Termas (s.d., após 1937).



Fig. 235 | Postal do Hotel das Termas (s.d.).



Fig. 236 | Postal do Hotel das Termas Termas (s.d., após 1960).

Esta pensão viria a sofrer uma ampliação em 1937, altura em que se acredita que passou de pensão para Hotel o intitulado “Hotel das Termas”, foi encomendada esta ampliação aos arquitetos Eduardo Martins e Manuel Paços e ainda o arquiteto estagiário José Oliveira, desta resultou um aumento do número de quartos e o acrescento de dois corpos nas extremidades do edifício já existente.

Em 1960, voltou a sofrer novamente uma ampliação pelas mãos do agora arquiteto José Oliveira onde este propõe a construção de dois novos corpos a norte e a sul.

*“Alguns anos mais tarde esteve ainda prevista nova ampliação para norte que tornaria o Hotel com forma de L e eventualmente mais tarde nova ampliação consagrando a forma de U em torno da atual piscina, que se encontra para o lado oposto do Balneário, mas tal não obteve autorização da autarquia. Em 1990 o mesmo arquiteto vinha já a conceber novas alterações para o Hotel das Termas, mas só em 1994 é que viria o seu projeto aprovado. Este projeto veio a exercer maiores alterações no edificado existente, desde conceber reabilitações de espaços dando-lhe novos usos como é o caso do bar e sala ao lado esquerdo da receção; e sala de estar e sala de leitura ao lado direito da mesma.”*⁵⁹

No entanto, é em 2002 já nas mãos dos atuais administradores que o arquiteto António Romão propõe uma ampliação e remodelação de todo o hotel deixando os espaços comuns em planta livre tornando-os mais espaçosos, nunca descurando do conforto, nos pisos superiores houve um aumento do número de quartos, melhorias nos já existentes e a criação de suítes.

“Esta ampliação viria a substituir a velha casa das máquinas que teria sido construída em 1911, numa nova ala de quartos com planta em U, onde permaneceu a tão marcante chaminé da antiga função. Esta nova ala no piso térreo tem todos os espaços técnicos para alimentação do hotel, mesmo agarrado à zona de serviços, como cozinha, copa, lavandaria. No primeiro piso,

59 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 157 e 158.



Fig. 237 | Postal do Hotel das Termas (s.d., após 2002).

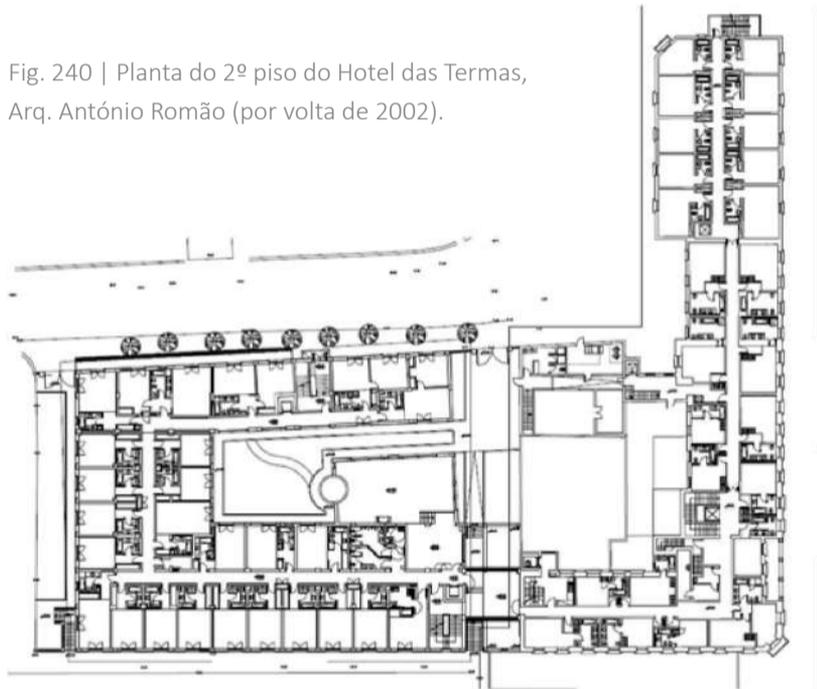


Fig. 238 | Postal da sala de jantar do hotel (s.d.).



Fig. 239 | Postal da sala de estar do hotel (s.d.).

Fig. 240 | Planta do 2º piso do Hotel das Termas, Arq. António Romão (por volta de 2002).



para além dos quartos tem a sala chaminé destinada a eventos onde também existem dois espaços de comunicações verticais com acesso direto ao exterior. No segundo piso existem quartos com variadas dimensões e tipos, onde também tal como no primeiro existem quartos para pessoas de acessibilidade reduzida. O último piso, existe por cima da cobertura um espaço para quartos de empregados e armazém.”⁶⁰

Atualmente, o hotel encontra-se a funcionar, dispondo de 102 quartos com decoração clássica com um toque de contemporaneidade.

60 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 158.



Fig. 241 | Detalhe do nome “Hotel das Termas” (2022)



Fig. 242 e 243 | Ênfase na cobertura na zona da entrada (2022)



Fig. 244 e 245 | Zona da entrada com envolvente (2022).



Fig. 246 | O Hotel visto da estrada que vai para a Mata (2022).



Fig. 247 | Fotografia da zona do restaurante (2022).



Fig. 248 | Fotografia da zona onde estão as bicicletas (2022).



Fig. 249 | Detalhe da única varanda nesta fachada (2022).



Fig. 250 | Zona da receção voltada para a sala de estar (2023).



Fig. 251 | Núcleo de acesso aos pisos superiores (2023)



Fig. 252 e 253 | Vão da sala de estar voltado para a receção (2023).



Fig. 254 e 255 | Escadaria de entrada para a sala de estar (2023)



Fig. 256 e 257 | Salas de estar de cada lado da escadaria (2023).





Fig. 258 | Detalhe da caixa do elevador (2023).



Fig. 259 | Porta antiga na zona da sala de estar (2023).



Fig. 260 e 261 | Sala de jantar (2023).



Fig. 262 | Quarto com cama de casal (s.d.)



Fig. 263 | Quarto duplo (s.d.)



Fig. 264 | Porta de acesso à sala de bilhar (2023).



Fig. 265, 266 e 267 | Sala onde se encontra a mesa de bilhar (2023).



Fig. 268, 269, 270 e 271 | Zona do bar (2023).

Cronologia comparada dos protagonistas da arquitetura na Curia durante o Séc. XX

Manuel Joaquim Norte Júnior

(1878-1962)



Fig. 272 | Retrato de Norte Júnior

Manuel Joaquim Norte Júnior nasceu a 24 de Dezembro de 1878 em Santa Engrácia, Lisboa. Filho de Manuel Joaquim Norte (carpinteiro) e de Maria Joaquina de Sousa, naturais de Estói, Faro⁰¹.

Ingressa em 1891 na Escola de Belas Artes de Lisboa no curso de desenho que conclui em 1896, ingressando de seguida no curso de Arquitetura Civil, onde foi discípulo de José Luís Monteiro (1848-1942), acabando por o concluir em 1900.

Em 1903 casa com Mariana Rodrigues Godinho e candidata-se a uma bolsa do legado Valmor em países estrangeiros ao lugar de pensionista, onde é admitido, rumando assim a Paris, para ingressar na Escola de Belas Artes, (...) "*mas certo é que Norte Júnior não se adaptou ao ensino francês, e seis meses depois regressava a Portugal*"⁰², mas antes de regressar, frequenta o atelier Pascal do arquiteto Jean Louis Pascal ((1837-1920) este tinha orientado José Luís Monteiro, outrora seu mentor), porém, a busca pelo conhecimento levou-o a viajar por alguns países como Bélgica, Espanha e França.

Após regressar a Portugal, apesar de ser em Sintra a sua habitação, é em Lisboa que vai trabalhar com os arquitetos Adães Bermudes (1864-1948) e Rosendo Carvalheira (1861-1919), é também na capital que vai abrir o seu próprio atelier na Praça Ilha do Faial, que consegue estabelecer em pouco tempo, tendo a sua primeira encomenda em 1904, feita pelo seu amigo José Malhoa (pintor) que pretendia uma casa/atelier em Lisboa (casa com que irá ganhar o seu primeiro prémio Valmor, em 1905).

No período de tempo de 1905 a 1929, existem documentadas 32 obras do arquiteto, sendo a altura em que Norte Júnior projeta alguns dos edifícios mais emblemáticos, onde ganhou com sete destes projetos, cinco prémios e duas menções honrosas relativas ao prémio Valmor.

01 | Fevereiro, António Cota (2012), Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX; Raízes & Memórias. Nº 29, (Dezembro de 2012).

02 | Folgado, Deolinda; Oliveira, Catarina (2015), Norte Júnior: Um inventário, um autor, uma obra. Revista Património, Nº 3, (Dezembro 2015), pág. 139.



Fig. 273 | Fachada da Casa Malhoa Prémio Valmor de 1905.

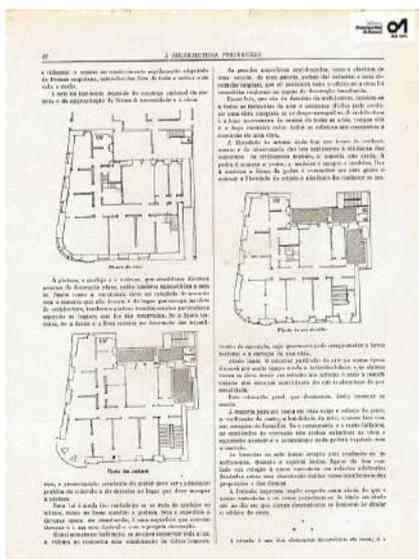


Fig. 274 | Planta de um prédio para rendimento.

Salienta-se os prémios/ menções honrosas Valmor nos edifícios:

- Casa Malhoa (Casa/ Atelier para o pintor José Vital Branco Malhoa, construída em 1904 na Avenida 5 de Outubro, foi Prémio Valmor de 1905), hoje conhecida como Casa-Museu Anastácio Gonçalves.

- Casa José Cândido Rodrigues (Casa para José Cândido Branco Rodrigues construída em 1906 na Avenida da República nº36, foi condecorada com uma Menção Honrosa em 1908).

- Villa Sousa (moradia unifamiliar para José Carreira de Sousa, construída em 1911 na Alameda das Linhas de Torres nº22, foi Prémio Valmor em 1912).

- Casa Nuno de Oliveira (Casa para Nuno Pereira de Oliveira, construída em 1910 na Praça Duque de Saldanha, foi condecorada com uma Menção Honrosa em 1912)

- Palacete José Maria Marques (Palacete para José Maria Marques, construído em 1911 na Avenida Fontes Pereira de Melo nº 28, foi Prémio Valmor em 1914)

-Prédio do Visconde de Salreu (Prédio para Domingos Joaquim da Silva, Visconde de Salreu, construído entre 1912/1914 na Avenida da Liberdade nº206-218, foi Prémio Valmor em 1915)

- Hotel Liz (Projetado para José de Sousa Braz em 1923-1925, (em 1930 Norte Júnior alterou o projeto inicial de um piso para um projeto com dois pisos), construído na Avenida da Liberdade nº180, foi Prémio Valmor em 1928).

A sua obra foi bastante versátil, incutindo nela várias expressões artísticas destacando-se a Art Nouveau, a Art Déco, e o modernismo, inspirando-se no neoclássico, neorromânico e na arquitetura tradicional portuguesa, as soluções construtivas e as tipologias das suas obras eram bastantes inovadoras e funcionais, exemplo disso é o Royal cine.

Em todos os edifícios que projetou incutiu sempre uma a sua veia de decorador como refere o artigo da revista património onde diz: *“Soube conjugar frisos de azulejo a gosto português com grandes janelas de inspiração beaux-artiana, como as bow Windows, optou quase sempre por um neorromânico aplicado a*



Fig. 275 | Fachada da Voz do Operário.

colunas e pilares, incorporou mascaras de grandes dimensões nas fachadas, e concebeu volumetrias cénicas reforçadas pelos elementos escultóricos ou pelos pormenores de arte nova, nomeadamente elementos de ferro forjado.”⁰³

Apesar de muitas das suas obras serem edifícios habitacionais também foi autor de outros projetos, onde se ressalta na cidade de Lisboa o Royal Cine (1916), a sede da associação/escola da instituição voz do operário (1912-1917), o Hospital de Sant’Ana em Cascais (1904, onde colaborou com Rosendo Carvalheira e Álvaro Machado), os cafés Nicola (1929) e A Brasileira (1922), o Bairro Estrela D’ouro(1904-1923), as cocheiras de Santos Jorge (1914), os armazéns Abel Pereira da Fonseca (1917), o Palácio Pombeiro (1909-1911), o casino de Sintra (1923), projetou ainda alguns palacetes, como o Palacete Seixas (1916), Palacete da Avenida Fontes Pereira de Melo (1910) e Palacete da Avenida de Berna (1908).

Fora de Lisboa, salienta-se os projetos realizados em Faro, na Curia e no Bussaco como o Palácio Fialho (1913, Faro), Palacete Belmarço (faro,1912), Palace Hotel da Curia (1905, Aveiro), Casa dos brasões do Palace Hotel do Bussaco (1905, Aveiro).

Estes são os edifícios que marcam uma época de uma arquitetura mais eclética de Norte Júnior, pois a partir de 1930, nessa primeira década, devido ao modernismo que emergia na altura, o arquiteto tenta adaptar-se a este novo movimento moderno, os elementos classicistas, e o ecletismo afrancesado característicos da sua obra deixam de estar tão presentes, porém em cada obra que realizou deu sempre o seu toque pessoal ao projeto.

É então a partir de 1930 que Norte Júnior começa a fazer maioritariamente prédios habitacionais para a zona de Lisboa, porém a novidade nas suas obras de outrora parece que sofre um impasse, no entanto, ainda são algumas as obras realizadas nestes anos do modernismo imposto pela ditadura vivida na altura. Estão registados vários prédios de habitação deste arquiteto na Avenida da Liberdade nos anos 1933, 1934, 1935, 1937, 1940 e 1947, nas Avenidas Novas



Fig. 276 | Fachada do prédio Visconde de Salreu (Prémio Valmor 1915).

03 | Folgado, Deolinda; Oliveira, Catarina (2015), Norte Júnior: Um inventário, um autor, uma obra. Revista Património, Nº3, Dezembro, pág.134-142.

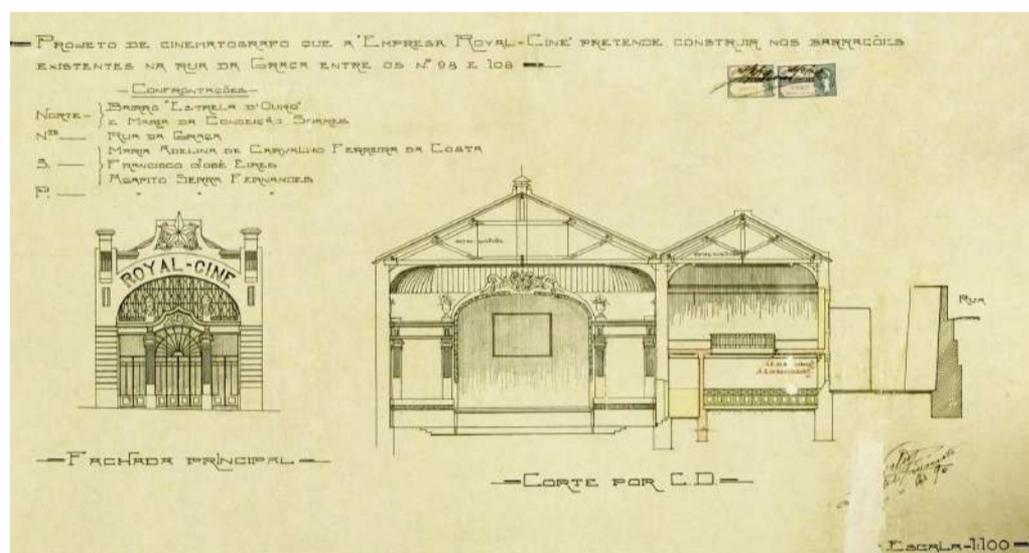


Fig. 277 | Planta do Royal Cine

em 1933 e 1934 na Baixa Pombalina em 1931 o Teatro Variedades em 1938, dois Palacetes em 1936 e (1929-1932), na zona do Parque Eduardo VII em 1933, 1935, 1942, e 1944, no Bairro do Restelo em 1943, 1946 e 1947 e na Alameda em 1946. Salienta-se ainda o teatro Carlos Manuel (1945), assim como duas moradias unifamiliares uma em 1941 e outra em 1948 todos em Sintra.

Acaba por falecer a 11 de Dezembro de 1962, em Sintra na sua habitação, no entanto, após a sua morte, em 1978, o edifício onde se encontrava o seu atelier foi demolido, perdendo-se assim uma vasta obra documental do arquiteto.

(...) "Norte Júnior foi um arquiteto exímio, revelando-se não apenas excecional no desenho do exuberante ornato que ao eclétismo se pedia, mas também extraordinário nas soluções estruturais dos espaços que projetou, apresentando soluções construtivas atuais e funcionais. E nesta simbiose foi, também, o eclético por excelência."⁰⁴

04 | Folgado, Deolinda; Oliveira, Catarina (2015), Norte Júnior: Um inventário, um autor, uma obra. Revista Património, Nº 3, Dezembro, pág.134-142.

Intervenção na Curia - Transformação do estabelecimento balnear, casino e Palace Hotel

Como já foi referido anteriormente, em 1919 Marques da Silva foi o arquiteto chamado a dar o seu parecer acerca do projeto para a Curia, no entanto, Norte Júnior foi chamado de novo em 1921 para “que fizesse um estudo para ver se sobre o edifício do actual balneário, e a todo o seu comprimento, era possível construir salões para jogos e danças, bem como fazer a planta para um novo balneário em harmonia com as indicações do director clínico e as impressões agora trocadas entre todos, bem como estudar a forma de construção de uma piscina”.⁰⁵

“O projecto de Norte Júnior prevê grandes alterações na edificação projectada por Jaime Inácio dos Santos, que passa para uma posição secundária, tendo-lhe a Sociedade oferecido também a possibilidade de projectar as casas para correio,

05 | Rosmaninho, Nuno ; Simão, Maria Cristina B. (Agosto, 2002), Seis Projectos de Arquitectura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.63 e 64.

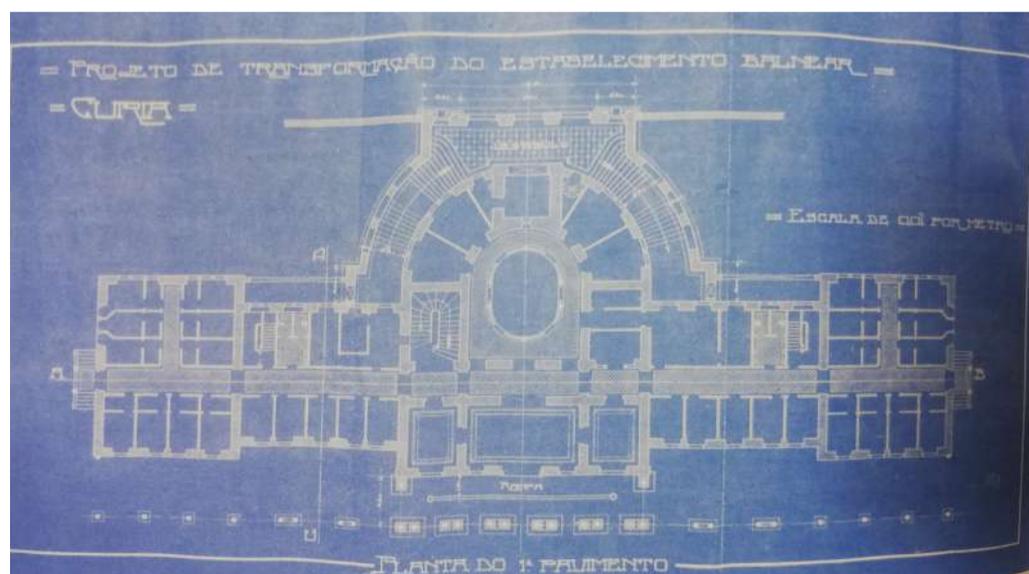
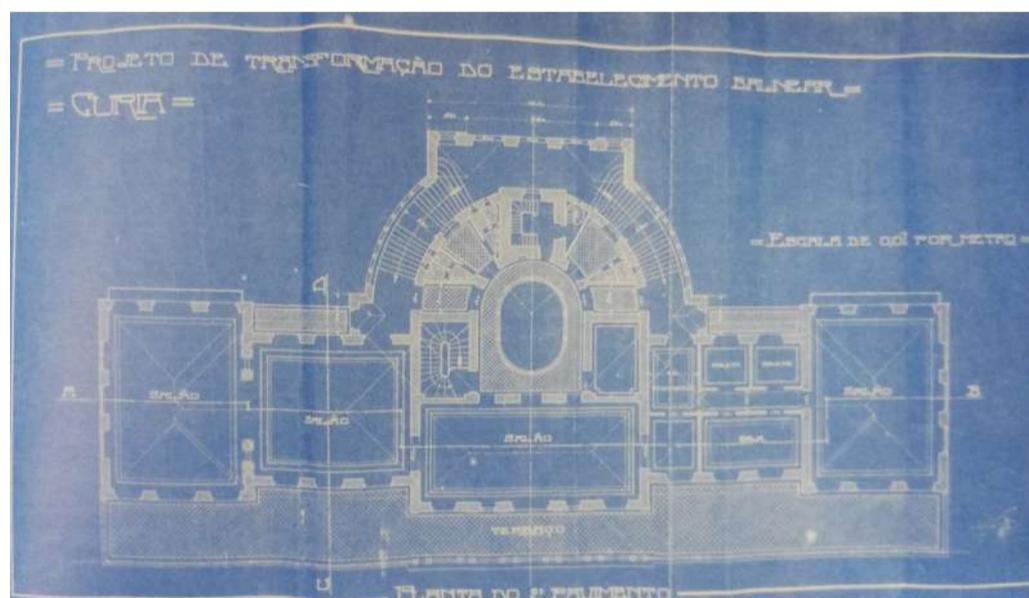


Fig.278 | Planta do rés-do-chão (1920).

Fig. 279 | Planta do 1º piso (1920).



cinema, garagem e, ainda, a ampliação do Hotel Boavista. O balneário foi ampliado em mais um piso nos corpos laterais, sendo-lhe adossada na fachada uma galeria de ligação com a buvette e aproveitando a cobertura para terraço exterior em complemento aos salões para casino que, em projecto, se previam separadamente.”⁰⁶

De modo a complementar esta edificação, encontrava-se ainda destinado a haver uma área dedicada a barbearia, café e bazar no piso térreo e zona de lembranças, fotógrafo e livraria no piso superior. A resultante desta intervenção, traria uma certa harmonização entre o existente e o novo edificado tendo a sua união feita através do piso superior e do seu terraço que formava uma galeria no piso térreo que servia de zona de passeio. O estilo art nouveau e neoclássico foram ambos utilizados por este arquiteto tanto no uso dos vitrais, e gradeamentos como nas escadarias, cúpulas e colunas.

06 | Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor., pág.184

Fig. 280 | Casino, Fachada posterior (1935).



Fig. 281 | Alçados do balneário (1935).



O projeto do casino inicialmente previa a realização de duas fachadas principais, uma estaria voltada para o balneário e o jardim adjacente e a outra seria voltada para a estrada da Mata, estas, encontravam-se bem ao gosto do arquiteto com varandas de arcos redondos, no entanto a fachada voltada para a mata não chegou a ser construída devido a contenção de custos na obra. Contudo, a fachada do balneário apesar de não ficar dotada de todos os detalhes definidos projetualmente tinha a sua imagem neoclassicizante e elementos decorativos característicos da Art Nouveau.

Interiormente era composto por um hall central quase como uma antecâmara dando acesso aos corpos laterais, estes, eram lados praticamente simétricos separados por sexos, no agora átrio principal existiam três consultórios médicos, arquivo da clientela, rouparia e uma sala de pensos. No piso superior havia uma galeria interior que proporcionava uma vista sobre o átrio do piso inferior, esta dava acesso a duas salas de massagens e banhos e uma escadaria que dava acesso a uma cúpula (que ao longo do tempo desapareceu).

Outra obra deste arquiteto foi o Palace Hotel, este foi chamado para fazer uma remodelação ao hotel em 1922, como já foi anteriormente referido, o edifício foi sofrendo alterações ao longo do tempo desde ter passado de um Challet para um edifício em forma T e posteriormente em forma de U, altura em que Norte

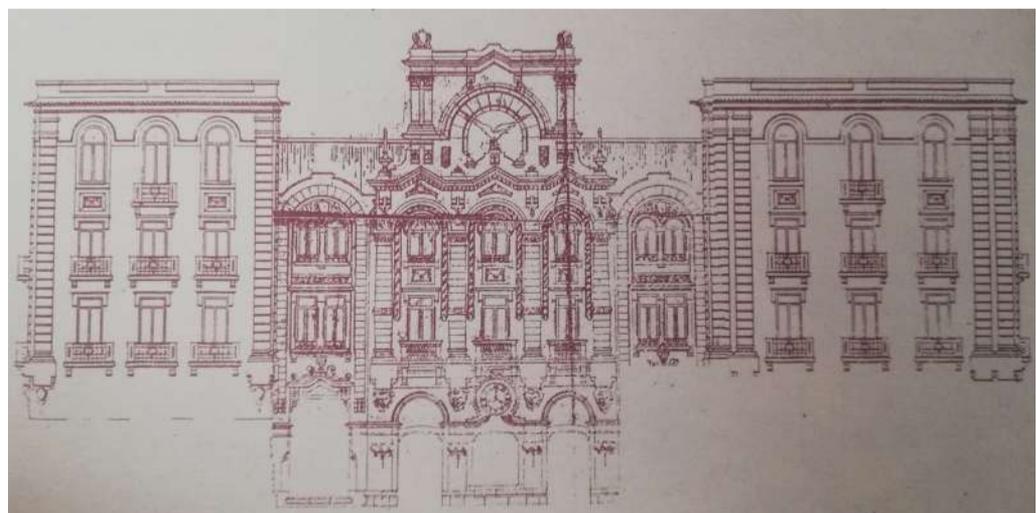


Fig. 282 | Fachada principal do Palace Hotel (s.d.anos 20).

Júnior foi contratado para o remodelar. Assim, o arquiteto propõe a construção de uma nova ala que fechava a forma de “U” previamente existente, integrando assim todos os edifícios, valorizando a fachada através da fachada nobre contendo uma composição assimétrica bastante visível nos dois torreões que devido aos edifícios previamente existentes apresentam diferentes volumetrias.

O hotel é composto por um hall de entrada bastante amplo onde se encontra uma escadaria em forma de caracol e o elevador, contudo, mesmo ao lado da zona de receção encontra-se um bar. *“Ao lado esquerdo deste hall, apresentam-se os salões de jantar e de baile, este último atualmente um espaço de conferências, uma elegante mezzanine se destaca no duplo pé direito no salão de baile iluminados por grandes vãos com remate semicircular, característica que o salão de jantar também é presenteado, onde uma galeria interior em toda a volta se destaca e corta o alto pé direito, sendo um segundo piso com a mesma finalidade. Do lado direito do espaço de ingresso a Sala de Leitura e Sala de Chá com dimensões mais modestas, não deixava de ser imponente, pelos materiais utilizados e traça arquitetónica.”*⁰⁷

07 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 156.

Raul Lino da Silva

(1879-1974)



Fig. 283 | Fotografia de Raul Lino no ciclo de conferências "Raul Lino . Exposição retroespectiva da sua obra" de 18 de Novembro de 1970.

Raul Lino da Silva nasceu a 21 de Novembro de 1879 em Lisboa, filho de José Lino da Silva (empresário no ramo da construção) e Maria Margarida de La Salette da Silva.

Em 1890 o seu pai enviou-o para Inglaterra para estudar num colégio interno em Windsor, este ficou por lá durante três anos seguindo depois para a Alemanha em 1893, onde ficou até 1897 a estudar no instituto superior técnico de Hannover, frequentando aí o curso de Arquitetura e a escola de Artes e ofícios, sendo nesta escola que, sobre a influência de John Ruskin (1819-1900) e William Morris (1834-1896) obtém conhecimentos que vai usar ao longo da sua carreira, "(...) *Em Ruskin e também em Morris, ambos fundadores do movimento Arts and Crafts, encontra ainda Lino o reconhecimento da defesa do artesanato por oposição à, então, afirmação de uma produção marcadamente industrial*"⁰⁸.

É ainda durante o seu tempo de estudante na Alemanha, que conhece o professor, arquiteto e historiador de arte Albrecht Haupt que era um grande apreciador da arquitetura portuguesa e um amante de Portugal. Foi no gabinete deste que Raul Lino trabalhou durante dois anos ao mesmo tempo que ainda estudava no instituto superior técnico e na escola de Artes, tornando-se assim Haupt o seu mestre e mentor.

*"Os fundamentos do seu carácter e do seu percurso projectual (e também teórico) aportam indubitavelmente nas influências que recebe na sua juventude, período em que estuda no estrangeiro. Raul Lino é, à semelhança de alguns dos seus contemporâneos, um estrangeirado de formação. Porém, enquanto a maioria tem formação e/ou inspiração francófonas, o jovem Lino recebe sólida e erudita formação germânica"*⁰⁹.

Em 1897 aos 18 anos retorna a Portugal, época em que o país se encontrava sobre uma grande influência francesa, fazendo com que nos anos seguintes decida inteirar-se da arquitetura portuguesa, levando-o assim a conhecer o país

08 | Santos, Joana (2011), Raul Lino: Coleção Arquitectos Portugueses; Vila do Conde: Quidnovi pág.18

09 | lbedem; pág.13

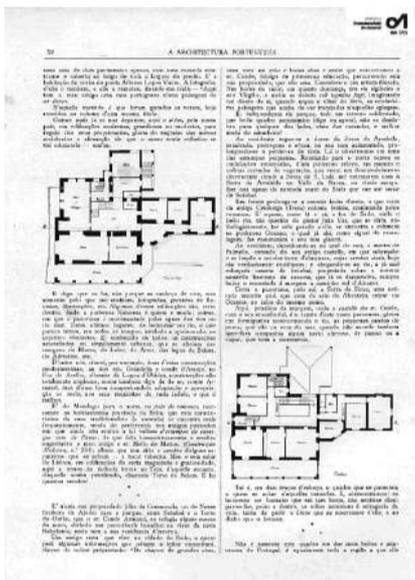


Fig. 284 e 285 | Planta e fachada da Quinta da Comenda do Conde Armand (1903-1908)

através de“(...) longas caminhadas que cobrem todo o país, a pé, de bicicleta, usando qualquer dos meios de transporte então disponíveis¹⁰, sendo que é em Lisboa que fica a morar e a trabalhar na empresa do seu pai.

Influenciado pelo pianista Alexandre Rey Colaço (1854-1928), decide em 1902 fazer uma viagem a Marrocos, o que observa durante estas suas viagens vai ser essencial pois irá ser uma fonte de inspiração em várias das suas obras. Para além da Alemanha, Inglaterra e Marrocos ainda chegou a conhecer outros países como Itália, França, Brasil, Noruega, Moçambique Turquia e Grécia.

Após regressar, começa a sua carreira nas oficinas do seu pai, iniciando-se na arquitetura ainda nesse ano (1897) num concurso da Câmara Municipal de Lisboa, onde ganhou o primeiro prémio (concurso para mastros ornamentais no contexto do Centenário da Índia).¹¹ Em 1899 projeta tal como outros arquitetos o pavilhão português para a exposição Universal de Paris de 1900, do qual foi desclassificado, acabando por vencer esse concurso Ventura Terra.

Ainda no início da sua carreira alguns dos seus primeiros clientes foram os seus amigos, onde projetou maioritariamente para Cascais e Estoril, encomendas essas como a Casa Monsalvat (1901) de Alexandre Rey Colaço, Casa de Santa Maria (1902, Cascais) de Jorge O’Neill, Casa dos Patudos (1904, Alpiarça) de José Relvas, a Quinta da Comenda (1903-1908, Setúbal) do Visconde Abel Armand e a Casa do Cipreste (1912, Sintra) a sua própria habitação. Como clientes teve ainda Columbano e Rafael Bordalo Pinheiro, Roque Gameiro, Fialho de Almeida, Almada Negreiros entre outros nomes bastante ilustres na época.

A influência marroquina esteve bastante presente especialmente em quatro das suas obras, a Casa Monsalvat (1901), a Casa Silva Gomes (1902), a Casa de Santa Maria (1902) e a Vila Tânger (1903) pois “*poder agrupar as quatro casas feitas entre 1901 e 1903, através de uma linha comum de inspiração moura- marcando*

10 | Godinho, Aulo-Gélio Severino (1972), Raul Lino: O Artista e a Obra; Porto: Associação Portuense de Ex-Libris Nº57 pág. 2 e 3.

11 | Santos, Joana (2011), Raul Lino: Coleção Architectos Portugueses; Vila do Conde: Quidnovi pág.30 e 31



Fig. 286 | Alçado casa dos Patudos de José Relvas (1904), em Alpiarça.

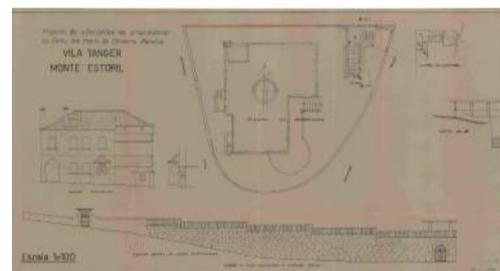


Fig. 287 | Vila Tânger (1903), Monte Estoril

assim um revivalismo árabe de princípio de século- tem importância mesmo para além da obra de Raul Lino."¹²

Em 1907 casa com Alda Decken dos Santos com quem tem duas filhas, Isolda Lino e Maria Cristina Lino. Porém em 1911, retorna novamente á Alemanha durante seis meses, onde vai estudar artes gráficas, desenho a nu e artes decorativas, entrando também no mundo do teatro, inscrevendo-se nas obras de Max Reinhardt, onde participa como figurante, o que mais tarde faz com venha a desenhar alguns figurinos e cenários.

Ainda no ramo teatral, colaborou em inúmeras peças infantis com Afonso Lopes Vieira sendo responsável pela sua ilustração destas, entre essas peças encontra-se "Auto da Barca do Inferno", "Monólogo do Vaqueiro" de Gil Vicente e "Salomé" de Oscar Wilde, e ainda o "Bartolomeu Marinheiro" de Bartolomeu Dias, sendo o seu último trabalho neste ramo mais uma obra de Gil Vicente em 1965. Também foi responsável pela programação de inúmeros espetáculos como concertos, filmes, teatros, entre outros, levando-o assim a ilustrar também alguns livros. Raul Lino

12 | Almeida, Pedro Vieira de, "Raul Lino, Arquitecto Moderno", In Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pág.138



Fig. 288 | Ex-Libris de Raul Lino (1900)

como multifacetado que é, desenha ainda vitrais, mobílias, azulejos, cerâmicas e tecidos.

Participou também graficamente em algumas revistas, postais, desenhou ainda alguns carimbos e capas de livros infantis, sendo também responsável por vários Ex-Libris que desenhava maioritariamente providos pela ausência de cor, exceto o seu próprio que desenhou em 1900 que era provido de alguma cor e que usava sempre como carimbo na sua correspondência, porém apenas foi considerado ex-libris em 1971.¹³

No âmbito arquitetónico publicou algumas obras ao longo da sua vida como “A Nossa Casa” em 1918, “Casa Portuguesa” e “Casas Portuguesas” em 1929 e 1933 respetivamente, “Quatro Palavras sobre Urbanizações”, “Quatro Palavras sobre Arquitetura e Música” em 1945 e em 1947 respetivamente, em 1937 escreveu ainda “L’èvolution de l’architecture domestique au Portugal” e em 1948 publicou “Os Paços Reais da Vila de Sintra) com o qual recebeu um prémio.



Fig. 289 | Ex-Libris para a Academia Nacional de Belas Artes (desenhado em 1914)

Pedro Vieira de Almeida considera que a obra de Raul Lino pode ser classificada por quatro momentos diferentes, o primeiro momento remete de 1900 a 1920 do qual chama de “Formação e Proposta”, seria esta a sua fase mais criativa, o segundo momento compreendido de 1920 a 1930 ao qual chama de “Estabilização”, o terceiro momento entre 1930 e 1940 ao qual chama de “Descolamento” e o quarto momento que se dá a partir de 1940 o qual considera ser o momento de “rotura”. Apenas em 1926 durante o momento de “estabilização” da sua obra é que recebe oficialmente o seu diploma de arquiteto.¹⁴

Em mais de 700 projetos que realizou sempre tentou inculcar nas suas obras o carácter português, que tanto estudou para conferir a aceção de “casa portuguesa” onde a valorização da natureza é parte integrante das suas obras. Nestes projetos salienta-se para além de inúmeras habitações unifamiliares,

13 | Godinho, Aulo-Gélio Severino (1972), Raul Lino: O Artista e a Obra; Porto: Associação Portuense de Ex-Libris Nº57 pág. 12

14 | Almeida, Pedro Vieira de. “Raul Lino, Arquitecto Moderno”, In Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pág.115-188.

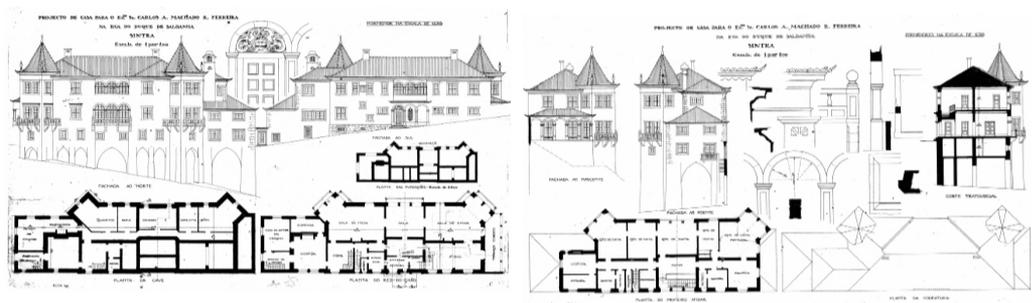


Fig. 290 e 291 | Planta, Alçados e Pormenores da Casa dos Penedos (1922), Sintra

alguns edifícios escolares como é o caso dos onze jardins-escola João de Deus, do qual o seu primeiro projeto realizado em 1908 e inaugurado em 1911 em Coimbra tendo os restantes sido feitos até 1957, por várias zonas do país. Foi ainda o autor de vários projetos-tipo de escolas para o Alentejo e Ribatejo, Estremadura, e Algarve, projetos estes aprovados pelo ministro das obras públicas da época, Duarte Pacheco em 1935. Projetou ainda outras escolas (sem serem primárias) ao longo da sua vida.

*"Em 1935, no exercício da profissão liberal, elaborou os projectos tipo regionalizados para as escolas primárias a construir nas regiões do sul do país (Algarve, Alentejo-Ribatejo e Estremadura)."*¹⁵ Consoante a região em que se localizava as escolas, era usada a mesma planta-tipo, porém, consoante a sua localização e clima, a materialidade mudava como é o caso do Alentejo-Ribatejo (tijolo) e a Estremadura (cantaria).

15 | Beja, Filomena; Serra, Júlia; Machás, Estella; Saldanha, Isabel (1990), Muitos anos de Escolas: Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941 (vol. 1), Lisboa: Ministério da Educação, pág.254



Fig. 292 | Planta do Jardim Zoológico de Lisboa (1935-1972)

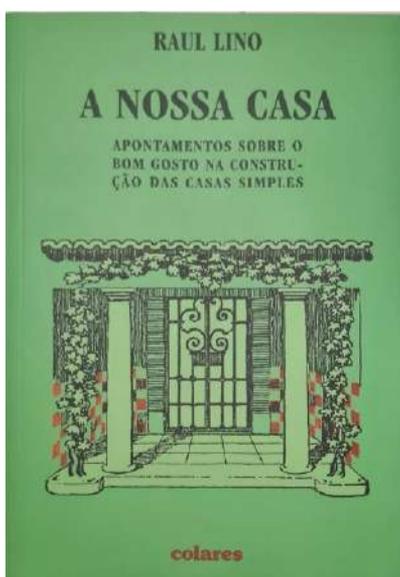


Fig. 293 | Capa do Livro "A Nossa Casa"

Em 1923 projeta uma moradia na rua Castilho para o comandante Sacadura Cabral que acaba de ser construída em 1930, e é com esta moradia que nesse mesmo ano se sagra vencedor do prémio Valmor. Por ser um dos grandes arquitetos de séc.XX, pertencendo á primeira geração de arquitetos modernistas, por volta de 1930 mostra alguma relutância e até mesmo contra algumas ideias modernistas da segunda geração de arquitetos modernistas.

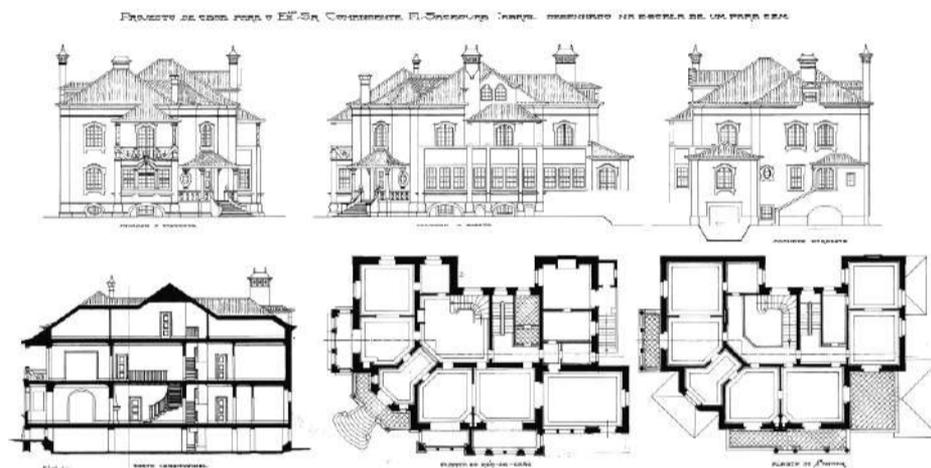
Entre as suas obras salienta-se ainda o bairro económico das Terras de Forno (1933-1938) em Belém, o Cinema Tivoli (1918-1924), o jardim zoológico de Lisboa (1935-1972), a Casa dos Penedos (1922) em Sintra, arranjos dos palácios nacionais quando da exposição dos centenários em 1940 e o Pavilhão do Brasil na exposição do mundo português de Lisboa (1940), foi ainda responsável por três projetos para o Palácio Nacional da Ajuda (1934-1956), projetou também para o Palácio de Queluz e para o de Sintra, e foi responsável não só pela "(...) *decoreação interior mas todas as peças de mobiliário, candelábrs de prata, louças, talheres, tapetes, panos, etc*"¹⁶ da embaixada portuguesa em Berlim em 1941.

Tem ainda nas suas obras vários projetos de edifícios públicos como bancos e repartições, jazigos, estabelecimentos comerciais, edifícios de escritórios e vários projetos de modificações e renovações de edifícios, dispensários e hotéis e monumentos como é o caso do monumento ao Infante D.Henrique. É também autor do Sanatório Sousa Martins (inaugurado em 1907) na Guarda, e teve algumas obras não concretizadas no âmbito termal como o anteprojecto do balneário e da transformação das fontes da Curia (1939-1941), Hotel para as termas do Luso (1920), (que mais tarde foi feito por Cassiano Branco) e o Hotel e Balneário para as Caldas do Carlão (1920) em Vila Real.

Para além de arquiteto, designer, escritor, acumulou também bastantes cargos ao longo da sua vida, como é o caso de em 1932 ter ajudado a fundar a Academia Nacional de Belas Artes, mas apenas em 1967 assumiu a sua presidência.

16 | Almeida, Pedro Vieira de. "Raul Lino, Arquitecto Moderno", In Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970, pág.124.

Fig. 294 | Planta, Corte e Alçados da Casa Para Sacadura Cabral, Rua Castilho, Lisboa (1923), Prémio Valmor em 1930



Entre 1934 e 1949 torna-se funcionário de Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (do qual tem início em 1934 o serviço de construção de casas económicas), fazendo assim, "(...) trabalhos para a secção de Casas Económicas e, com o Arq. Luís Benavente, foi encarregado do estudo prévio e do ante-projecto para um novo envolvimento urbanístico da Universidade de Coimbra."¹⁷

Foi ainda, nomeado em 1936 Chefe de Repartição de Estudos e Obras de Monumentos do Ministério das Obras Públicas até 1949, altura em que foi nomeado Diretor dos Monumentos Nacionais, cargo que usufruiu apenas por 9 meses, pois após atingir os 70 anos reformou-se (devido á idade), porém manteve-se a trabalhar como colaborador até á data da sua morte e preservou o cargo honorifico como superintendente dos Palácios Nacionais.

Acaba por falecer a 13 de Julho de 1974 com 94 anos em Lisboa.

17 | Beja, Filomena; Serra, Júlia; Machás, Estella; Saldanha, Isabel (1990), Muitos Anos de Escolas: Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941 (vol.1), Lisboa: Ministério da Educação, pág.254

Intervenção na Curia- Projeto do novo balneário, transformação do pavilhão das fontes e palácio das diversões

Raul Lino foi responsável pelas obras do novo balneário, do pavilhão das fontes e do palácio das diversões.

A localização do anteprojeto para o novo balneário ficava na edificação onde se encontravam as lojas e oficinas, este edifício era próximo da buvette e ficava ligado à restante estância por um passeio coberto.

O edifício do balneário, não era para ser construído todo de uma vez, de acordo com a memória descritiva do arquiteto. Inicialmente (1939) era só para ser construída a zona nascente que liga ao pavilhão da Buvette, este foi pensado de modo a ser delineado com maior economia do espaço sem prejudicar a comodidade dos clientes, apesar de haver uma separação por sexos, ao longo do eixo longitudinal há um deambulatório comum a todos.

O balneário, encontra-se dividido a meio no sentido transversal por uma parede divisória destinada a separar os lados do balneário por sexos, sendo na entrada que ficam as divisões destinadas à bilheteira e administração, tendo a galeria 6m de pé direito e pavimentos em mármore por todo o edifício, devido a este

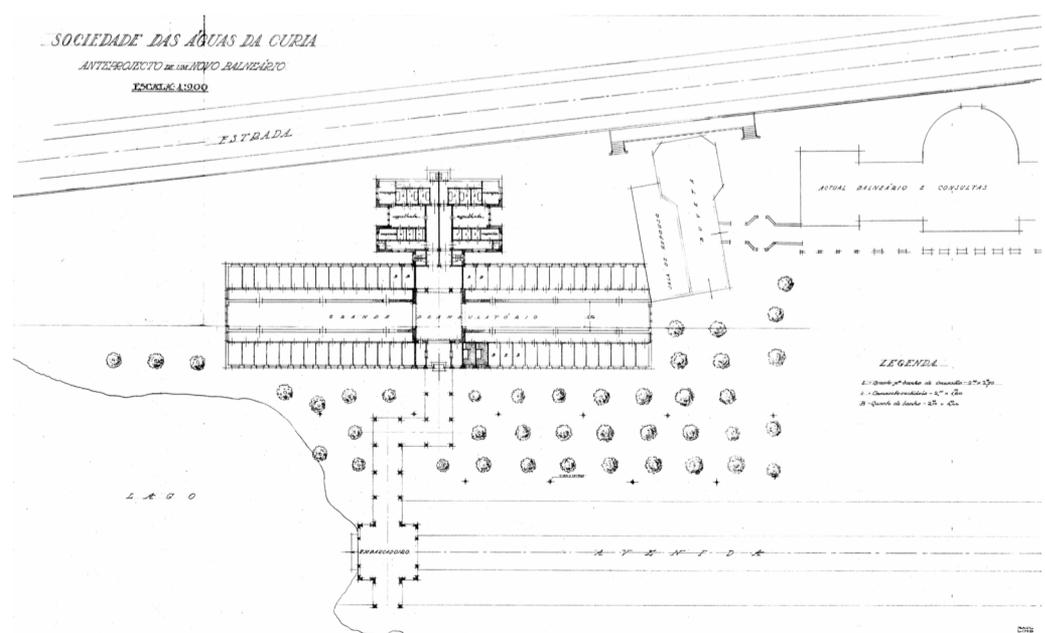


Fig. 295 | Planta do anteprojeto para o novo balneário.

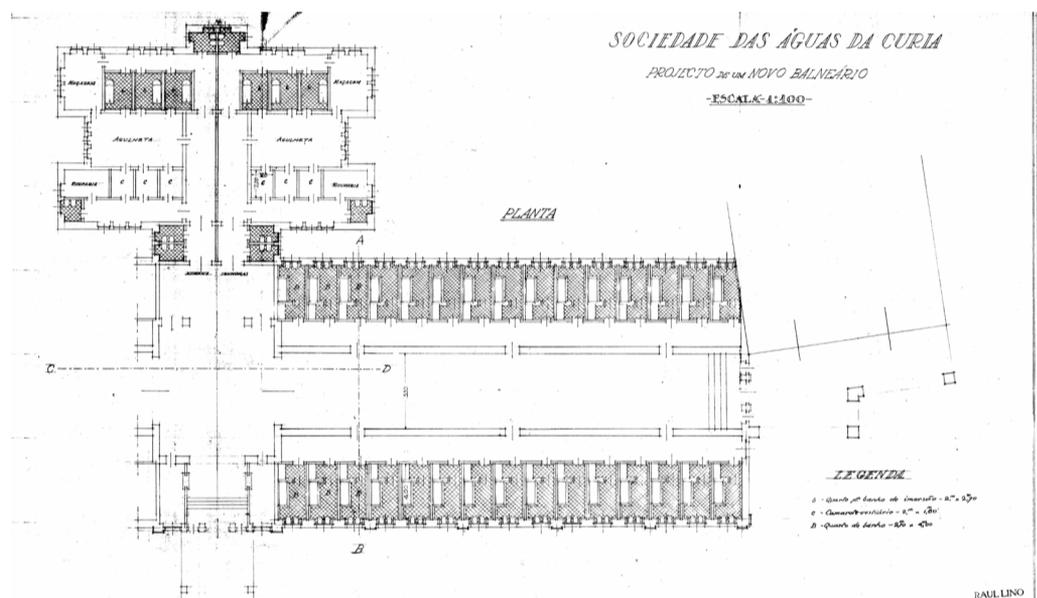


Fig. 296 | Planta do projeto para o novo balneário.

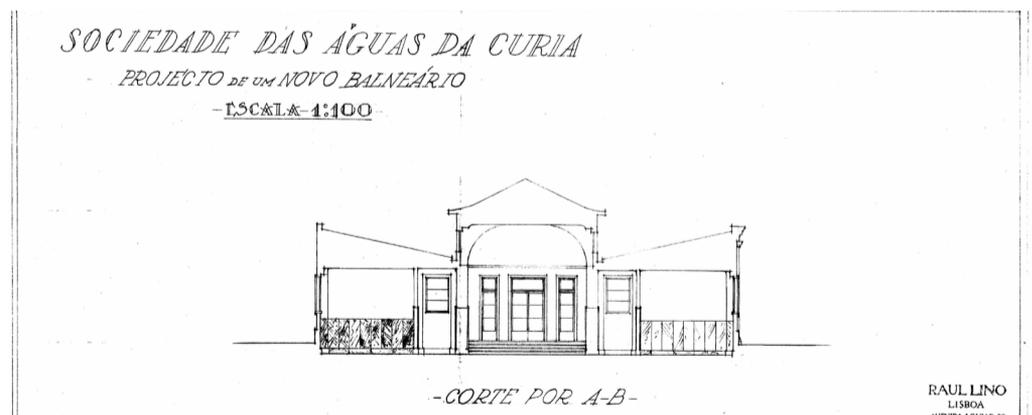


Fig. 297 | Corte do projeto para o novo balneário.

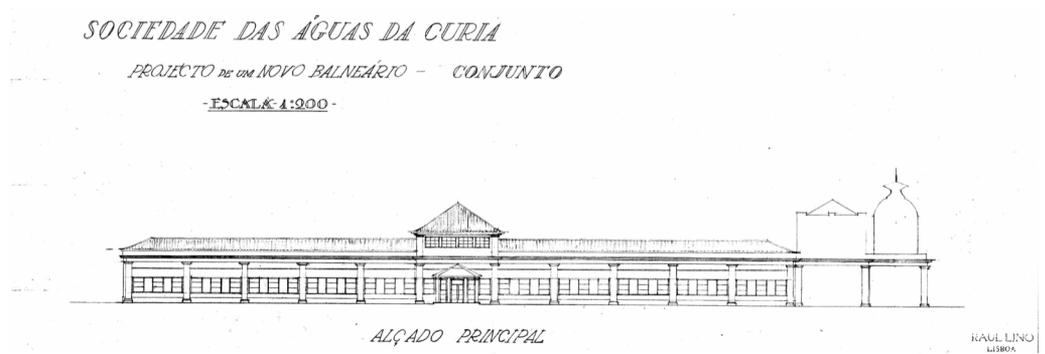


Fig. 298 | Alçado principal do projeto para o novo balneário.

edifício responder a todas as questões de ordem técnica, ficando a sua disposição separada por sexos, sendo desenhado de modo a um maior aproveitamento espacial sem nunca descorar a comodidade dos aquistas.

Este, seria um edifício destinado sobretudo à parte terapêutica, no entanto as consultas médicas não seriam realizadas neste edifício, porém, nunca chegou a ser concretizado em obra.

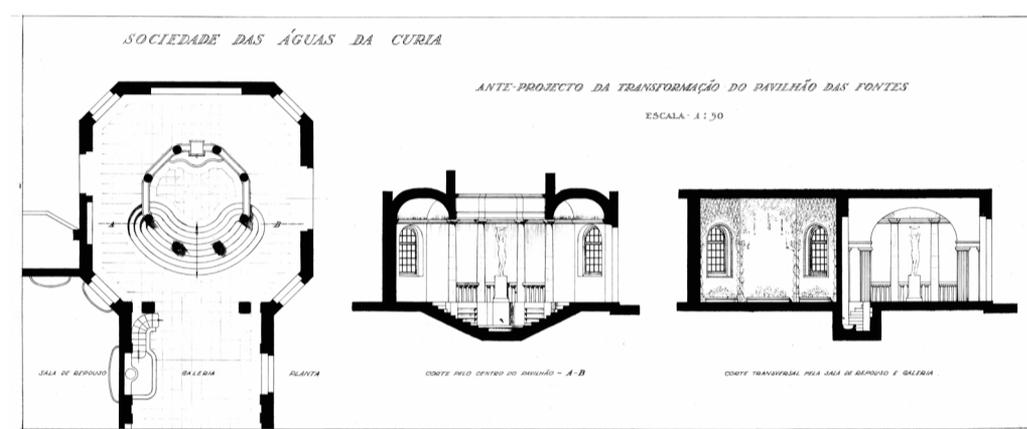
No edifício das fontes (1941), ainda que o objetivo fosse fazer uma transformação completa, por motivos financeiros, não foi possível mexer na estrutura do edifício, assim sendo, foi proposto o aproveitamento das colunas centrais do pavilhão ficando também a iluminação zenital que iluminava diretamente a fonte. Esta fonte encontrar-se-ia a uma cota inferior, revestida a mármore, conservando o pavimento existente, de resto as colunas seriam em pedra de lioz polido e o restante em mármore, no entanto, este projeto também não foi concretizado em obra.

“Este projeto por razões de contenção de custos não chegou a ser erguido, mas já teria chegado à fase de aprovações visto que existe o caderno de encargos, memória descritiva e variadíssimos desenhos. O edifício com características imponentes apresentava uma planta praticamente simétrica onde no piso térreo apresentava um deambulatório, um vasto átrio e ainda no eixo central um grande espaço para teatro. Nos corpos laterais teria então as salas para jogos, um café e outras salas. No piso superior o espaço mais marcante seria no corpo central um grande salão para festas com duplo pé-direito onde existiria uma galeria em toda a volta superior, o espaço das galerias do teatro, um restaurante e uma outra sala multiusos.”¹⁸

A parte central que continha partes metálicas ficava coberta com a nova arquitetura, sendo o acesso à fonte feito através de uma ampla escadaria que abrangia três intercolúnios.

18 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 141 e 142.

Fig. 299 | Planta e cortes do anteprojecto para o pavilhão das fontes.



A fonte secundária seria transferida para perto da lateral da parede da galeria, sendo que, ficaria igualmente rebaixada como a fonte principal. A sala de repouso apresentaria um aspeto leve e sereno, de modo a contrastar com o aspeto nobre do pavilhão.

No caso do casino ou palácio das diversões viu ser consultado a vários arquitetos antes de se chegar a uma proposta definitiva, assim, desde 1916 que têm vindo a ser pedidas propostas a diferentes arquitetos, inicialmente foi Adães Bermudes que deu o primeiro parecer acerca desta obra, de seguida Raul Lino em 1917 apresentou a sua proposta, porém por discordância sobre a sua localização e que, por consequência poder resultar expropriações, a SAC não chegou a aceitar esta localização, após esta proposta de Raul Lino, em 1919 foi o arquiteto Marques da Silva que foi chamado para este trabalho, no entanto, foi Norte Júnior que propôs um novo projeto para o casino.

Fig. 300 | Alçado frontal e posterior do projeto para o palácio das diversões.

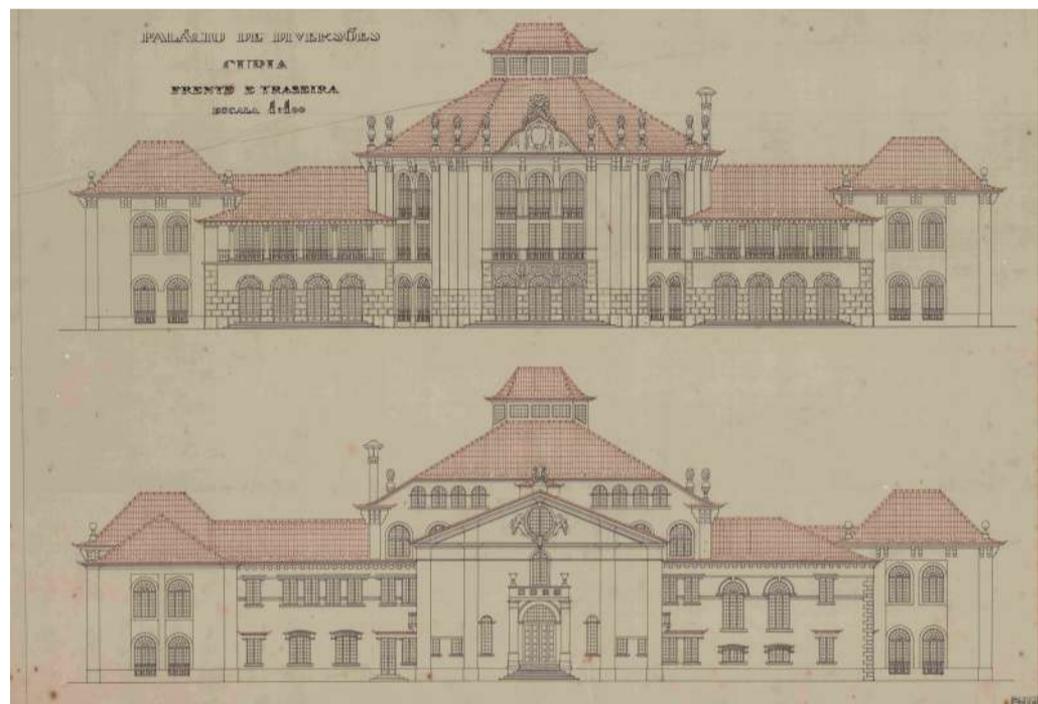
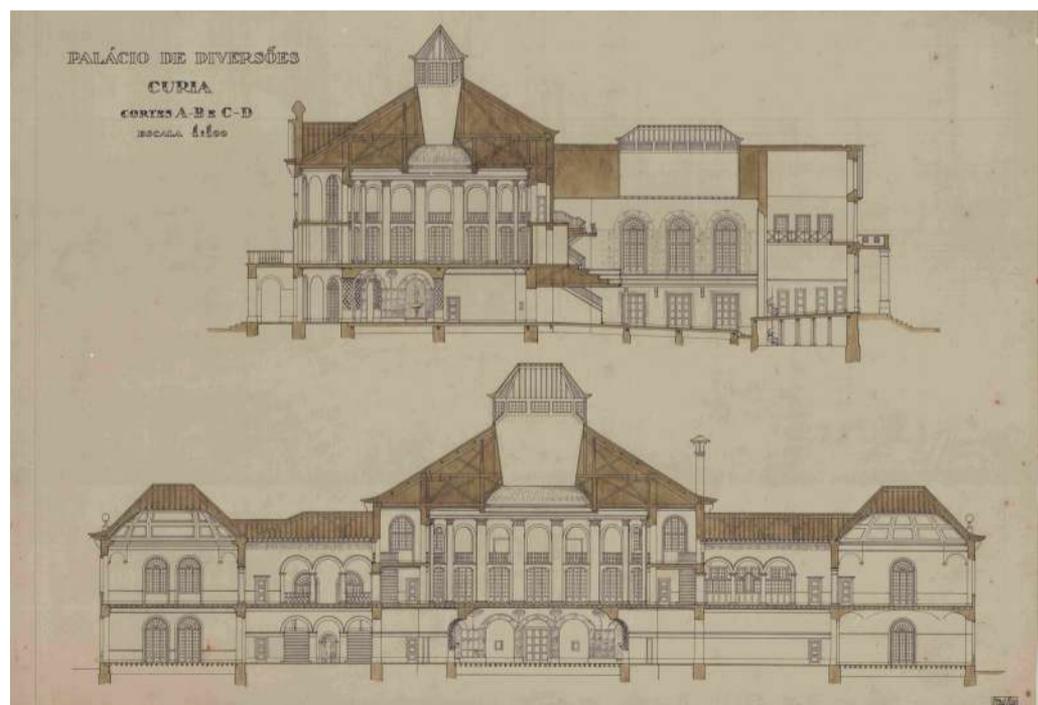


Fig. 301 | Cortes do projeto para o palácio das diversões.



Cassiano Viriato Branco

(1897-1970)



Fig. 302 | Retrato de Cassiano Branco (1933, Péllys fotografia)

Cassiano Viriato Branco nasce a 13 de Agosto de 1897 em Lisboa (no nº51, Rua do Telhal)¹⁹, filho de Cassiano José Branco e Maria da Assunção, provenientes respetivamente de Alcácer do Sal e Castelo de Vide, estabelecendo-se em Lisboa devido à comercialização de perfumes.

Foi na escola primária que existia entre a calçada da glória e as escadinhas do duque que iniciou o seu ciclo de estudos em 1903. Mais tarde, ingressa na Escola de Belas Artes de Lisboa (EBAL), porém um ano depois com 14 anos, chega a ser suspenso durante quatro dias, acabando por abandonar a EBAL por achar que o ensino se encontrava desatualizado (pois baseava-se no modelo Francês) em relação a outros países (como Itália, Reino Unido e Alemanha) e ingressa no ensino técnico-industrial, altura em que também começa a trabalhar com o seu pai na fábrica de perfumes que este possuía.

Em dezembro de 1917, casa com Maria Elisa Soares Branco, deste casamento nasce uma menina, mas profissionalmente para além de continuar a colaborar com o seu pai também trabalhava num banco.

O ensino técnico-industrial que frequentava é concluído em 1919, altura em que realiza algumas viagens (Paris, Bruxelas e Amsterdão, chegando ainda a ir a Inglaterra em 1939), de regresso retoma o curso de Arquitetura que termina em 1926 devido a reprovar várias vezes à cadeira de Desenho de Figura Humana, acabando por não participar na primeira etapa do movimento moderno em Portugal com nomes como Pardal Monteiro, Cottinelli Telmo, Cristino da Silva entre outros.

Para além de apenas receber o diploma de arquiteto em 1932, foi em 1921 que começou a sua carreira na arquitetura com o projeto do Mercado Municipal da Sertã, mais tarde, também projetou o edifício da Câmara Municipal projeto de (1925-1927) e a residência de magistrados desta mesma vila.

“Efectivamente, Cassiano passou a ser conhecido a partir dos anos 30, tanto

19 | Bártolo, José (2011), Cassiano Branco: Coleção Arquitectos Portugueses; Vila do Conde: Quidnovi pág.12



Fig. 303 | Fachada do Teatro Eden (1930)

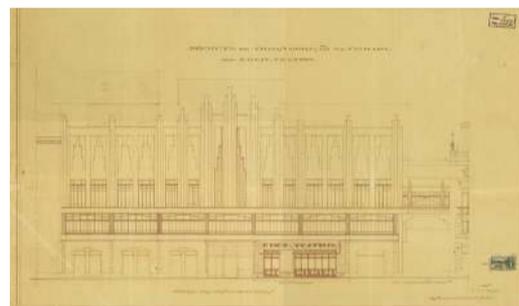


Fig. 304 | Desenho da Fachada do Teatro Eden (1929)

*pelo seu grande talento como pela sua vida boémia e predilecção pelas tertúlias de café e vida nocturna, que aliava a uma prática profissional pouco ortodoxa em termos de clientela*²⁰, sendo nesta altura que a arquitetura que praticava assume um carácter moderno.

Exemplo desse modernismo é o teatro Eden (este é sujeito a três propostas das quais apenas a primeira e a segunda têm a assinatura de Cassiano, apesar de se acreditar que a Câmara Municipal de Lisboa não tenha feito grandes alterações á última proposta de Cassiano, relativamente á segunda proposta, segundo Raul Hestnes, Cassiano participou á policia o desaparecimento dos planos do teatro que chegaram a ser usados posteriormente por outro projetista, sendo a terceira proposta assinada pelo arquiteto Carlos Dias).

Cassiano regia a sua arquitetura pelo princípio da arquitetura que era ensinada pela Escola da Belas Artes em Lisboa, no entanto, *“Em 1929, com 32 anos, Cassiano conheceu do arquiteto Raul Lino o Livro «Casas Portuguesas»*²¹, o que

20 | Ferreira, Raúl Hestnes; Silva, Fernando Gomes- Catálogo Cassiano Branco. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1986, pág.11

21 | Carvalho, Maria de Jesus Mendes de; Cassiano Branco: A Obra (1998), Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa.pág.58



Fig. 305 | Plano urbano da Costa da Caparica (1930)



Fig. 306 | Proposta para a Cidade do Cinema Português, Cascais 1932

levantou a problemática dos novos edifícios de estilo moderno que estavam em ascensão especialmente em Lisboa, servindo ainda este livro de inspiração para algumas das suas obras como o Portugal de Pequenos onde todas as casas têm um estilo mais clássico, inspirado em várias casas de diferentes regiões de Portugal.

Ainda em 1930, Cassiano desenha a proposta urbana para a Costa da Caparica, com uma consciência urbana aliada a medidas de promoção ao turismo, tentando criar espaços como casinos, cinemas, hotéis, entre outros de maneira a prolongar a linha costeira com atrações que fizessem com que houvesse uma diferente percepção do lugar que era uma pequena vila de pescadores com condições precárias ²². Em 1932 chega ainda a desenhar a Cidade do Cinema Português em Cascais.

“A fase francamente moderna da arquitectura de Cassiano Branco revelou-se a partir de 1933 com grande fertilidade, e praticamente sem interrupção, até

22 | Tradução autoral , informação retirada de: Pinto, Paulo Tormenta (2016), Cassiano Branco: Modern Visions of an “Inconvenient” Architect; DOCOMOMO Journal 55, Lisboa: Instituto Superior Técnico pág. 34

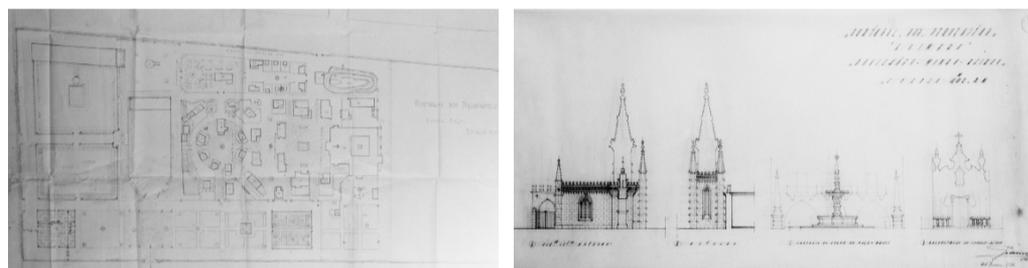


Fig. 307 e 308 | Planta geral e alçados dos pavilhões do Minho e Beiras do Portugal dos Pequenitos (1937-1961)

1939"²³, sendo ainda em 1933 que Cassiano se candidata ao cargo de professor de Arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa, juntamente com Cristino da Silva, Paulo Montez e Carlos Ramos, porém não fica colocado, concorrendo novamente ao cargo no ano seguinte, mas também não consegue o lugar, desistindo assim do ensino.

Entre 1937 e 1964 Cassiano tem maior contacto com o centro de Portugal, "(...) uma área geográfica a que viria a ficar ligado, não só por possuir uma residência de férias na Curia, como pela obra futura no Portugal dos Pequenitos em Coimbra"²⁴, este vai desenhar os planos da Junta de Turismo da Curia (1964), o Grande Hotel do Luso (1937), e o Portugal dos Pequenitos (tendo a sua construção início em 1937, porém o arquiteto continuou a trabalhar nos planos para que fosse completado ao longo do tempo, fazendo assim com que houvesse três fases de construção, sendo a última em 1961, no entanto, a sua inauguração deu-se em 1940).

23 | Carvalho, Maria de Jesus Mendes de; Cassiano Branco: A Obra (1998), Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa. pág. 59 apud Silva, Fernando Gomes- "Cassiano Branco uma obra para o futuro", O poder da imagem e a imagem do poder, pág. 210

24 | Ibidem, . pág. 63 apud Ibidem



Fig. 309 | Alçado do Hotel Victória
(assinatura de 12 de Junho de 1946)

Estes últimos dois projetos, focam num estilo mais monumentalista e regionalista, Cassiano foge assim um pouco do “modernismo”, porém mais tarde acaba por ter várias encomendas públicas coordenadas por Cottinelli Telmo, que o convidou ainda em 1939 a participar na elaboração dos planos para a Exposição do Mundo Português de 1940. *“Efectivamente a transformação arquitectónica dos finais dos anos 30 (de que a Exposição do Mundo Português constituiu o «ensaio» ideal pela precaridade e rapidez de execução), não poderá ser explicada a não ser pela dificuldade que os arquitectos da época teriam na evolução das suas formas arquitectónicas com exclusão da componente «clássica» com que se formaram e a que amiúde recorriam”*.²⁵

A obra de Cassiano é caracterizada por vários elementos nas suas obras, em Lisboa por exemplo encontramos obras como o Eden que tem volumetrias simples, porém tem elementos cilíndricos e prismáticos, em alguns prédios, como refere Raul Hestnes *“Dos primeiros prédios que desenhou, ao da Av. Rovisco Pais, Rua Eiffel e Av. Santos Dumont exploram a temática das varandas salientes prismáticas, cilíndricas e poligonais, agregadas a uma fachada plana”*²⁶.

No entanto, a maioria da sua obra é proveniente de privados, sendo a maior parte dos seus projetos até 1938, inúmeros prédios em Lisboa, contudo, após essa data as os prédios da capital com a sua assinatura são escassos.

A partir de 1940, altura em que começa a haver alguma escassez de trabalho e por essa razão as obras que desenhou nesta época foram poucas e algumas nem saíram do papel, pois nunca chegaram a ser construídas como foi o caso do Café Cristal (1942), o cinema Império (1948), a Cervejaria Portugália (1940), o anteprojecto de alterações nos CTT de Coimbra (1964) o projeto dos CTT de Portimão (1964-1969), o Hotel D. Infante Sagres (1950-1957) e a ampliação do Edifício da Junta Nacional do Vinho (1957, Lisboa).

25 | Ferreira, Raúl Hestnes; Silva, Fernando Gomes- Catálogo Cassiano Branco. Lisboa: Associação de Arquitectos Portugueses, 1986, pág.11

26 | Ibidem, pág.15

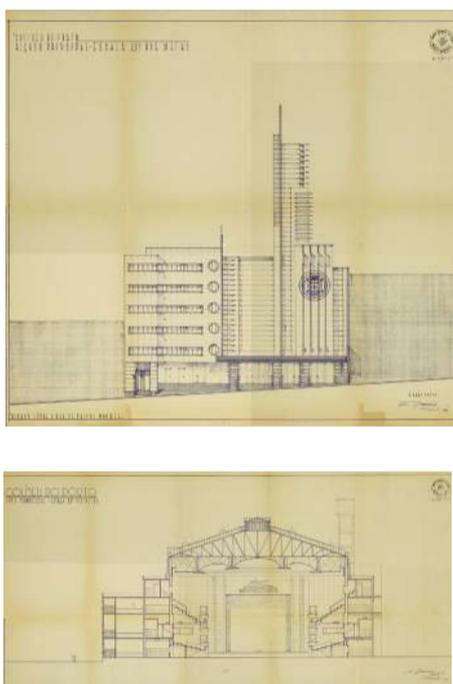


Fig. 310 e 311 | Alçado e Corte do Coliseu do Porto (1939)

Entre inúmeras moradias e prédios de rendimento Cassiano Branco tem ainda entre a sua vasta obra, o Hotel Vitória (1934-1936), e alterações no Coliseu dos Recreios (1929), um arranha-céus na Avenida da Liberdade (1943), a Estação de Caminho de Ferro de Benguela (1935-1938), a esplanada do café Palladium (1943), a Junta de turismo da Curia (1964), um Hotel em Bragança (1944) e o Coliseu do Porto (1939).

Desenha em 1945 a sua própria moradia na travessa da fábrica das Sedas, e participou em 1938 e em 1955 no concurso para o Monumento ao Infante D. Henrique em Sagres. Salienta-se ainda entre as suas obras a Central Hidroelétrica de Belver (1947), o Café Londres (1951, Lisboa), o Bar Europa (1951-1952), a proposta para a ponte sobre o Tejo (1958), o Posto Fronteiriço de Galegos (1964-1969, Marvão), a Agência do Banco de Portugal em Évora (1965) e o restaurante Furnas Lagosteiras no Guincho (1963).

Em 1957 fez parte do secretariado que apoiava a candidatura de Humberto Delgado á Presidência da República, sendo no ano seguinte eleito chefe de campanha do general, o que fez com que fosse preso pela PIDE a 12 de Junho.

Cassiano manteve a sua atividade profissional até aos seus últimos dias, acabando por falecer a 24 de Abril de 1970, ficando o cemitério do Alto S. João a sua última morada. *"(...) Cassiano fora ainda o profissional cuja actividade se estendia pela noite, envolvendo os seus colaboradores e amigos mais chegados, num prolongado convívio, marcado pela sua personalidade de espírito polémico (falava muito e com brilhantismo, desenhava sempre...segundo testemunhos de amigos seus)"*²⁷.

27 | Ferreira, Raúl Hestnes; Silva, Fernando Gomes- Catálogo Cassiano Branco. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses, 1986, pág.19.

Intervenção na Curia- Posto de Turismo

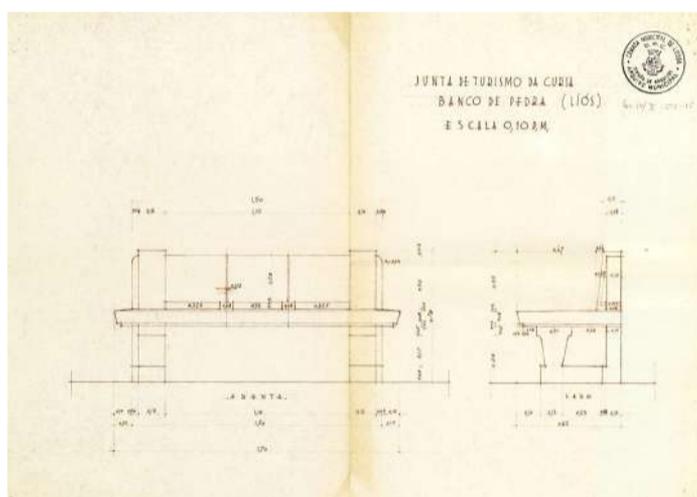


Fig. 312 | Planta do banco de pedra

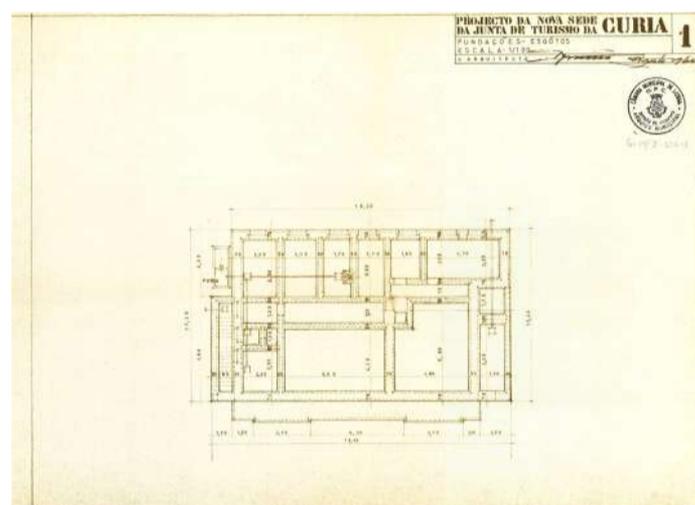


Fig. 313 | Planta de fundações e esgotos

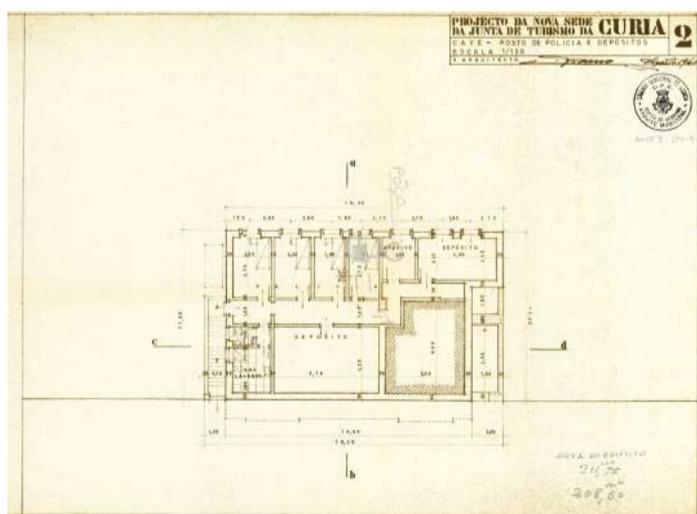


Fig. 314 | Planta da cave (Posto da Polícia e depósitos)

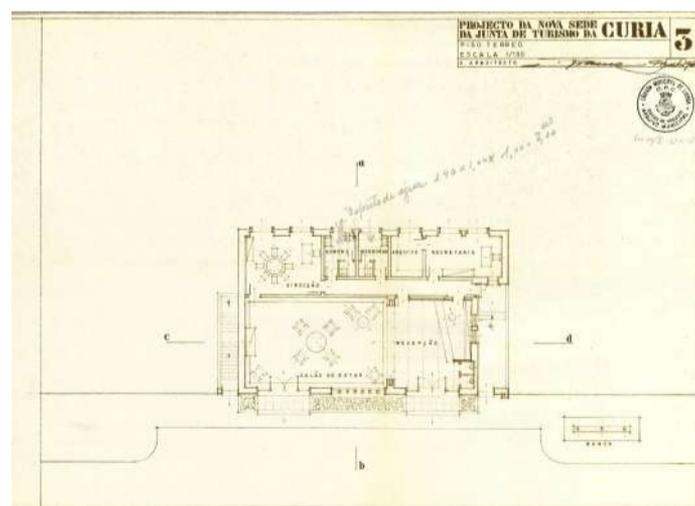


Fig. 315 | Planta do piso térreo

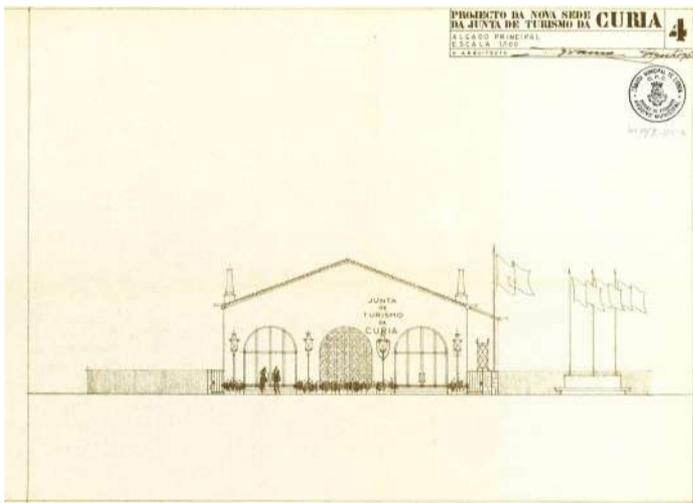


Fig. 316 | Alçado principal

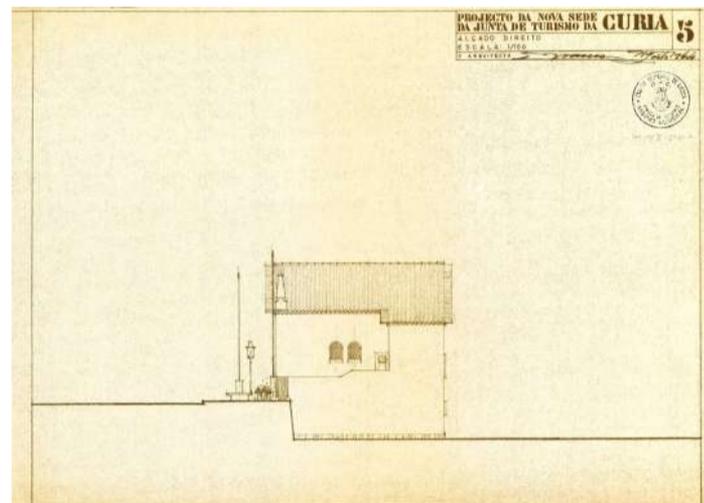


Fig. 317 | Alçado lateral direito

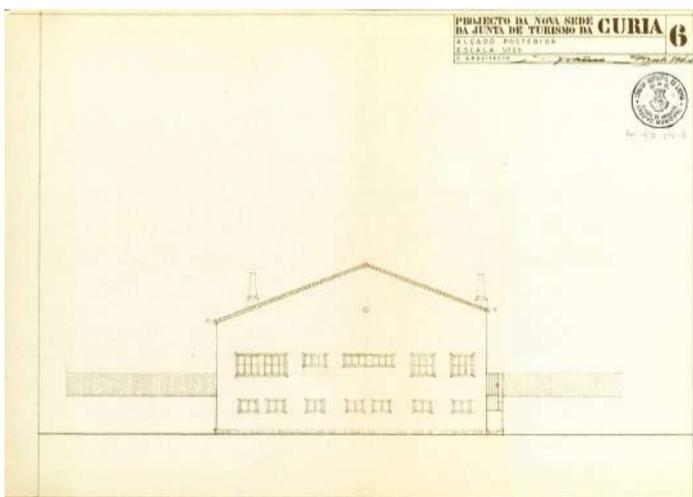


Fig. 318 | Alçado posterior

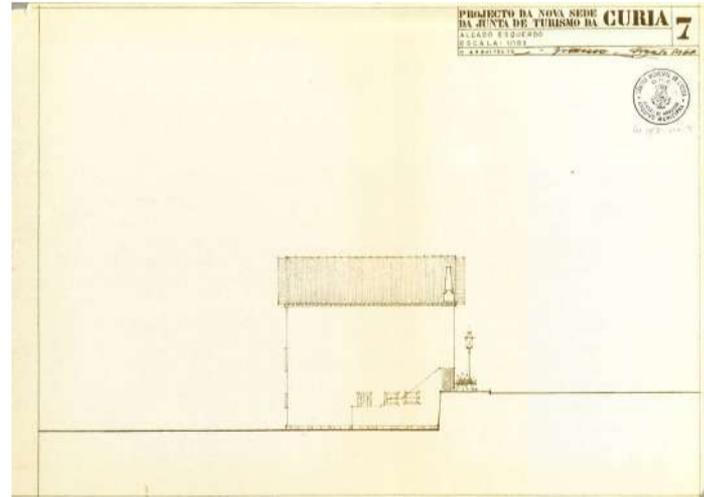


Fig. 319 | Alçado lateral esquerdo

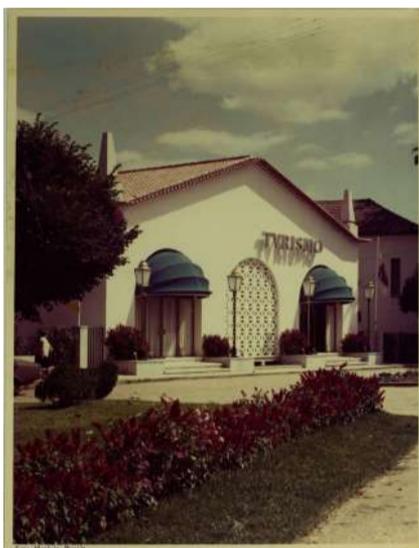


Fig.320 | Postal do Posto de Turismo (s.d.)

O posto de turismo da Curia é da autoria do arquiteto Cassiano Branco, e foi inaugurado em 1967. Este foi começado a ser pensado em 1936, onde inicialmente estava destinado a ficar junto do Hotel do Parque, contudo, mesmo sem edifício, começou por funcionar num compartimento autónomo dos escritórios da SAC que foi arrendado para este efeito.

Foi Luís Benavente quem inicialmente (em 1938) foi consultado para fazer esta obra, no entanto, com tanta discordância com o que o arquiteto apresentou e as expectativas da SAC esta obra prolongou-se por vários anos até que em 1964 a SAC concedeu 200m² de um terreno de frente ao Palace para a realização deste projeto que Cassiano aceitou fazer com memória descritiva de forma gratuita.

O edifício era descrito pela Junta de Turismo como tendo *“uma cave destinada ao Posto de Polícia e arquivos e de um rés-do-chão composto por um salão de exposições e leitura, sala de recepção que servirá de posto informativo, secretaria, gabinete para as reuniões da Junta e instalações sanitárias para os dois sexos”*.²⁸

Apesar de ter recebido pequenas alterações o projeto foi adjudicado em 1965, no entanto, devido a algumas restrições monetárias, apenas em 1967 foi inaugurado.

Este, é constituído por paredes exteriores de alvaria de pedra e nos interiores de alvenaria tijolo, este contém uma escadaria de acesso ao edifício, com floreiras, composta por alvenaria hidráulica forrada com cobertores de espelhos de cantaria de primeira qualidade.

A fachada principal é composta por vãos em forma de arco onde, o arco central é composto por uma grelha de tijoleira, e na sua cobertura encontra-se a telha lusa.

28 | Rosmaninho, Nuno ; Simão, Maria Cristina B. (Agosto, 2002), Seis Projectos de Arquitectura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.67.

Atualmente, a grelha de tijoleira central já não se encontra presente na fachada dando lugar a um grande vão em forma de arco, igual aos que o rodeavam, de resto o edifício encontra-se igual, aberto ao público diariamente e em excelente estado de conservação quer no seu interior quer no exterior (a cave, no entanto necessita de algumas obras).



Fig. 321 | Fotografia do Posto de Turismo (2022).



Fig. 322 | Posto de Turismo (2022) e avenida que vai para a estação ferroviária

José Ângelo Cottinelli Telmo

(1897-1948)



Fig. 323 | Retrato de Cottinelli Telmo

José Ângelo Cottinelli Telmo nasceu a 13 de Novembro de 1897 em Alcântara (Lisboa), filho de Cristiano da Luz Telmo e Cecília Cottinelli Telmo, cresce no ceio de uma família de artistas pois o seu pai era tenor lírico e a sua mãe professora de piano.

Em 1906, com 9 anos de idade conclui o ensino primário, seguindo o seu ciclo de estudos em 1907 no liceu central de Pedro Nunes, onde termina a 7ª classe (curso complementar de Ciências) aos 16 anos, no ano letivo de 1913/1914. Ainda durante esta altura participou em diferentes atividades extracurriculares que o liceu oferecia como por exemplo dança e desenho.

Ingressa no curso de arquitetura na Escola de Belas Artes de Lisboa em 1915, acabando por o concluir em 1920. Ainda enquanto estudava, trava amizade com Cristino da Silva, José Júlio Leitão Barros e Porfírio Pardal Monteiro, nomes que irão cruzar o seu futuro profissional e com os quais irá colaborar em alguns projetos, como em 1918, que juntamente com Leitão Barros abraça um projeto cinematográfico, o Lusitania Film, participando ainda enquanto bailarino numa peça de Almada Negreiros.

Em 1920, Cottinelli cria para a revista "ABC", as "Aventuras inacreditáveis (e com razão) do "Pirilau" que vendia balões", com o sucesso desta banda desenhada, no fim de 1921 é criada uma publicação ABCzinho, onde Cottinelli continuou a publicar estas aventuras do tio "pirilau", chegando na feira de amostras do Estoril em 1925 a projetar o pavilhão para o ABCzinho. Este é considerado um "excelente gráfico, ilustrador e letrista, dentro das tendências art déco do seu tempo, foi igualmente notável a sua actividade na publicidade."²⁹

Já na época de 1920/1922, altura que começa a trabalhar como arquiteto, "o primeiro projeto de arquitectura concebido por Cottinelli Telmo de que temos registo era destinado a um pavilhão de aulas para o Liceu Gil Vicente, em Lisboa (com Luís Cunha, 1920-1921, não construído)"³⁰, este tem muito presente a,

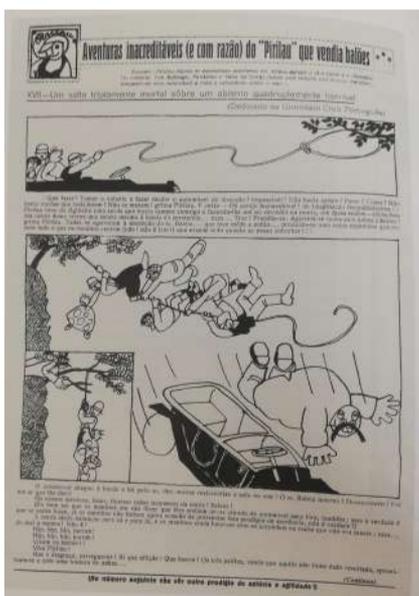


Fig. 324 | Revista ABC, "Aventuras inacreditáveis (e com razão) do "Pirilau" que vendia balões" N°16 de 28.10.1920

29 | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015, pág.60.
30 | Ibidem, pág.23.



Fig. 325 | Torre de Sinalização de Ermezinde, 1935.

influência clássica, conforme o que aprendeu no curso de Arquitetura. No Brasil em 1922, é responsável também pela exposição internacional do Rio de Janeiro do Pavilhão de honra de Portugal.

Em 1922 casa com Maria Luísa Marques Leitão de Barros Cottinelli Telmo, irmã do seu amigo José Júlio Leitão de Barros, e com esta tem duas filhas, Isabel Maria da Conceição Leitão de Barros Cottinelli Telmo e Maria Teresa Leitão Barros Cottinelli Telmo.

No ano seguinte, 1923, torna-se arquiteto da companhia de Caminhos de Ferro portugueses (CP), onde para além de ser arquiteto é também o ilustrador, ficando na companhia durante 25 anos. Durante os primeiros anos fez várias obras, algumas não chegaram a ser executadas em obra como por exemplo o dormitório para os funcionários da estação do Entroncamento (1923) e as casas para habitação de funcionários na Estação de Coimbra C (1924), no entanto, nas obras que foram construídas, temos como exemplo o dormitório para os funcionários da estação da Campanhã, Porto (1923-1925), Escola Camões (1923-1928) e o Bairro Camões (1924-1927), ambos no Entroncamento.

Tal como outros modernistas Cottinelli também procurou o conhecimento através de viagens, sendo a partir de 1930 que a sua arquitetura deixa o estilo clássico para trás e começa a ter características modernistas, exemplo disso são as torres de sinalização do Pinhal Novo e de Ermesinde, que serviram de protótipo para as torres de sinalização da capital.

“(...) Cottinelli adquiria a segurança e a autonomia profissional necessária para se afirmar como arquitecto modernista. Mesmo no trabalho desenvolvido na CP, uma estrutura muito condicionada (...) Cottinelli ia afirmar o seu estatuto de autor, promovendo uma crescente disponibilidade para a adopção de princípios formais e estruturais modernistas e um quase total abandono das práticas regionalistas e historicistas que outros arquitectos ali insistiam prolongar”.³¹

31 | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015, pág.32.

Fig. 326 | Standard elétrica (1945-1948), Lisboa



Salienta-se também vários edifícios de passageiros que projetou como é o caso do edifício da estação de Coimbra A (1923-1931), o da estação de Tomar (1928-1931), da estação fluvial de Sul e Sueste (1928-1932), da estação do Carregado (1930-1931), da estação da Azambuja (1934-1935), da estação de Vila Real de Santo António (1936-1945), edifício da estação da Curia (1937-1944), sendo que para além destes edifícios de passageiros projetou também torres de sinalização, armazéns de viveres, colónias de férias e Standards elétricas.

Cottinelli foi também o autor do Sanatório Ferroviário da Covilhã, encomendado em 1927, porém foi em 1936 que a sua construção terminou, no entanto, apenas em 1944 foi inaugurado, sendo possível verificar ainda o estilo mais clássico do qual Cottinelli ainda mantinha nas suas obras.

É em 1934 que é eleito como arquiteto da comissão das construções prisionais, cargo que ocupa até 1948 e por essa razão é autor de várias remodelações e adaptações de algumas cadeias de Norte a Sul do país. Este foi ainda *“o arquitecto-chefe e autor do plano geral das decorações do Pavilhão dos Descobrimentos (projecto do arquitecto Pardal Monteiro) e autor do risco do Pavilhão dos Portugueses no Mundo, da parte arquitectónica do Padrão dos Descobrimentos (esculturas de Leopoldo de Almeida), da enorme Porta da Fundação e dos Jardins da Praça do Império.”*³²

32 | Saial, Joaquim (Setembro, 1990), Cottinelli Telmo: O "Conquistador de Belém"; Artes Plásticas nº3, pág. 61 e 62



Fig. 327 | Estação fluvial de Sul e Sueste, Lisboa.



Fig. 328 | Porta da fundação da exposição do Mundo Português (1940).



Fig. 329 | Guia oficial da Exposição do Mundo Português de 1940

Ainda em 1932, projeta o estúdio Tobis, este estúdio vem com a ideia de preencher a lacuna da falta de um local para a produção de grandes filmes que havia em Portugal como foi o caso da “Severa”, gravado em França. Apesar deste estúdio ainda não estar pronto, nada impediu Cottinelli de realizar “A canção de Lisboa” (1932), o primeiro filme sonoro rodado em Portugal sendo um dos maiores êxitos cinematográficos portugueses.

Em 1938, é eleito diretor da revista do sindicato de arquitetos por três anos (1938, 1940 e 1942), ainda neste ano é eleito arquiteto chefe da Exposição do Mundo Português (do qual é autor do plano geral), chegando ainda neste ano a entrar na organização das comemorações centenárias, promovidas pelo estado.

Após três anos, em 1941, continua a somar cargos pois é na academia Nacional de Belas Artes que é nomeado vogal por Raul Lino, assume o cargo de secretário da direção do sindicato de Arquitetos (sendo em 1945 que assume a Presidência do sindicato), é também durante 1941 que se junta à Comissão Administrativa do Plano de Obras da Praça do Império e da Zona Marginal de Belém (até 1945), e à Comissão administrativa do plano de obras da Cidade Universitária de Coimbra (1942-1948), eleito nesta última como arquiteto chefe, (onde se mantém até à sua morte, altura em que é substituído por Cristino da Silva), chegou ainda a ser responsável pelo Plano de Urbanização de Fátima (1943-1948).

Para além de inúmeras obras públicas promovidas pela CP e pela exposição do Mundo Português (sendo nesta exposição que trabalha lado a lado com outros grandes nomes da arquitetura naquela altura como por exemplo Raul Lino, Cassiano Branco, Cristino da Silva e Porfírio Pardal Monteiro), também é autor de várias obras privadas como edifícios habitacionais, instalações industriais para diferentes empresas, garagens entre outros. Ao longo da sua vida, foi responsável por algumas coleções de selos, pela realização de alguns documentários e é autor de alguns logótipos e Ex-libris.

Na cidade de Coimbra é autor do plano geral da cidade quem tem início em 1942 terminando em 1948, da escadaria monumental da cidade (1943-1950), do banco de pedra do jardim Botânico (1944), Casa do reitor da Universidade (1944), da faculdade de Ciências (1947, projeto que não chegou a ser concluído), e do monumento a D.João III no Pátio da Universidade (1947).

Já nos seus últimos anos de vida, em 1947 é eleito presidente da comissão

executiva do I congresso nacional de arquitetura, acabando a 18 de Setembro de 1948 com apenas 50 anos a falecer tragicamente, em Cascais (devido a durante uma aula de pesca cair ao mar)³³.

"Quando se sabe que o autor de A Canção de Lisboa foi, nos anos 20, o autor solitário e multifacetado da primeira revista de banda desenhada feita em Portugal, e uma das percursoras na Europa (ABCzinho), que improvisava versos prodigiosos ao desafio, que aprendeu a tocar, de cor, todos os instrumentos (com excepção do saxofone), que, como Midas, transformava em arte tudo em que tocava (desenho, música, cinema, poesia, ensaio, arquitectura), quando se sabe quem foi Cottinelli morto precocemente aos 50 anos, quando estava à pesca, não surpreende que ele tenha escolhido um género popular e considerado pouco nobre para inaugurar o cinema português da nova era do «sonoro»".³⁴

33 | Vasconcelos, António-Pedro; Ferreira, Leandro (2015.01.31), Cottinelli Telmo: Uma Vida Interrompida [Vídeo]. Arquivo RTP. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cottinelli-telmo-uma-vida-interrompida/>

34 | Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015, pág.75 e 76

Inaugurado a 22 de Agosto de 1944, viu algumas propostas para este apeadeiro serem apresentadas mas nenhuma foi aprovada por não reunir todas as condições necessárias para o apeadeiro definitivo, e por esse motivo, esteve desde 1926 com umas instalações provisórias, até Cottinelli ter apresentado a sua proposta. Antes destas instalações os aquistas tinham de se deslocar de comboio até Mogofores e de lá até à Curia, fazendo com que a falta de apeadeiro neste local fosse uma lacuna a ser preenchida.

*“A necessidade de acesso à estância termal, favorecida pela proximidade da linha do Norte, são factores decisivos na criação da estação da Curia”.*³⁵

Já em 1914 a direção da SAC queria que os comboios tivessem paragem na estação de Mogofores, no entanto, o facto da linha do Norte estar tão próxima da estância termal da Curia, fez com que desde logo a SAC tentasse ter um apeadeiro próprio de modo a não depender de Mogofores. Assim, passados 12 anos, em 1926 surge o primeiro apeadeiro provisório. *“Este edifício provisório era constituído unicamente por duas plataformas e um pavilhão de madeira”.*³⁶

35 | Moreira, José A. M.. (Dezembro, 1997), O Edifício de Passageiros da Estação de Caminho de Ferro da Curia, Aqua Nativa nº13, Anadia: Associação Cultural de Anadia, pág.34.

36 | Ibidem, pág.35

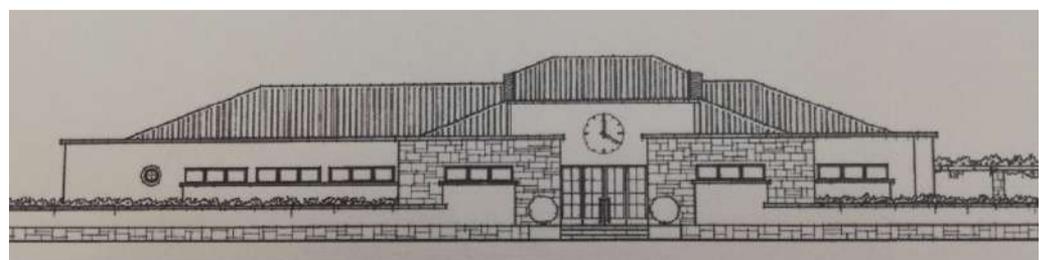


Fig. 332 | Alçado principal do apeadeiro da Curia

“As suas instalações rudimentares não tinham capacidade para a função apesar de terem sido arrastadas até aos anos quarenta. Ao longo destes dezoito anos de insatisfação e falta de resposta do equipamento, solicitou-se várias vezes a C.P. para a elaboração de um novo edifício e melhoramentos das suas imediações.”³⁷

Em 1943, a CP queria elevar o apeadeiro da Curia para estação, assim de acordo com a *“Memória descritiva e justificativa de ampliação do apeadeiro da Curia, compreendendo a sua elevação à categoria de estação, a construção de um novo edifício de passageiros de rés-do-chão, ampliação das duas plataformas para o lado norte até perfazer 250 metros, criação de um jardim com uma pérgola... a construção de uma passagem superior, a criação de “um amplo largo ajardinado e com espelho de água” em frente do edifício e a construção de um cais com linha privativa para o tráfego de mercadorias”*.³⁸

Esta estação provisória esteve erguida durante dezoito anos, para descontentamento de todos, não obstante, Cottinelli Telmo que há data era o arquiteto da CP propôs um edifício para a Curia que foi aprovado, tendo sido inaugurado a 22 de Agosto de 1944, ainda hoje se encontra erguido. O edifício possui apenas um piso orientado no sentido NE-SO, contendo um núcleo central assimétrico onde se agregam dois corpos, sendo a SO as salas de espera (corpo menor) e a NE os serviços e instalações sanitárias (corpo maior).

Este edifício de 38,50m de comprimento por 9,20m de largura é composto no seu corpo central pelo vestíbulo, o corpo menor por salas de espera de 1ª, 2ª e 3ª classe, posto de turismo e tabacaria e o corpo maior é composto por zona de bilheteira, arrecadação e zona de bagagens, telégrafo e instalações sanitárias.

A bilheteira encontra-se dotada de ferro forjado para proteção nos postigos, encontrando-se o edifício composto com piso de mármore e paredes de azulejo.

37 | Coimbra, Ana Rita Freire; Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal (2012), Dissertação de mestrado, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa. pág.163.

38 | Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das Origens a 1950, Óbidos: Curia Associação. pág. 439.

As fachadas são compostas por alvenaria de pedra calcária e os vãos em cantaria de pedra calcária aparelhada, a fachada principal contém muretes lineares baixos com elementos ajardinados para o lado da linha do comboio, existe um alpendre apoiado em cinco colunas de pedra com secção circular e paredes exteriores em reboco liso e rodapé em cantaria, a sua cobertura é uma continuidade da do corpo principal, sendo a cobertura do edifício todo constituído por um telhado de várias águas rematada por platibanda continua.

Após ser inaugurada ainda houve alguns melhoramentos que foram feitos, no ano seguinte, como os painéis de azulejo pintados a mão por Jorge Barradas, que só foram assentados nesse ano, foi também nesta altura que se construiu um passeio e se terminou a construção do abrigo para os passageiros, dando assim à Curia as condições que à muito almejavam.

Em 2010, após um protocolo com a Câmara Municipal, este edifício transformase no “Espaço Bairrada”, assim ganhou uma nova função, onde promove produtos regionais, em particular produtos vinícolas sendo ainda composto por sala de convívio, café e uma pequena biblioteca. Encontrando-se aberto até hoje com o seu interior intacto.



Fig. 333 e 334 | Fachada principal da estação ferroviária.



Fig. 335 | Antiga zona de bilheteira, com proteções em ferro forjado. (s.d., após 2010)



Fig. 336 | Antiga sala de espera da 3ª classe (s.d., após 2010)



Fig. 337 | Zona de receção dos visitantes (s.d., após 2010)



Fig. 338 | Antiga entrada para a sala de espera de 1ª, 2ª e 3ª classe. (s.d., após 2010)



Fig. 339 | Antiga zona de despacho do volume de mão (2023).

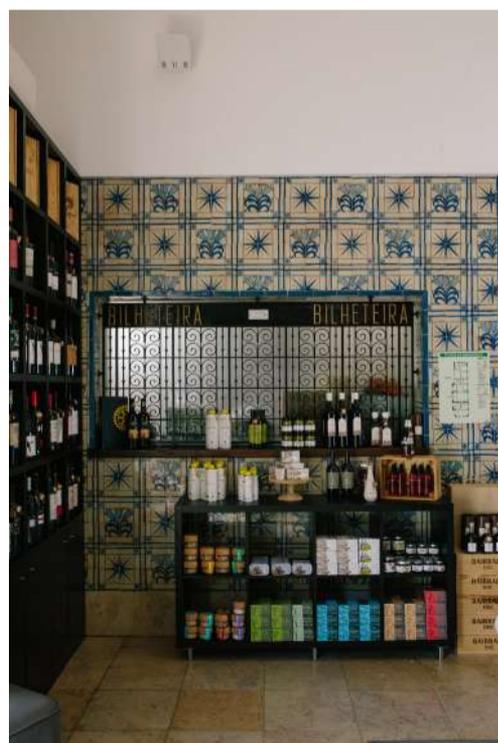


Fig. 340 | Antiga bilheteira (2023).



Fig. 341 | Átrio de entrada com a sala de espera de I, II e III classe (2023).



Fig. 342 | Local onde era a antiga tabacaria (2023).



Fig. 343 | Antiga zona de Turismo (2023).



Fig. 344 | Sala de espera da I e II classe, atualmente é uma sala para prova de vinhos.(2023).



Fig. 345 e 346 | Antiga sala de espera da III classe, atualmente é uma pequena biblioteca (2023).



Fig. 347 | Átrio de entrada da estação (2023).



Fig. 348 e 349 | Apeadeiro da estação da Curia com a linha de caminho de ferro (2023).

Em suma, como se pode constatar, estes quatro arquitetos têm algumas características em comum durante o seu percurso profissional, chegando inclusive a cruzarem-se em algum momento das suas carreiras.

Como para qualquer cidadão, o conhecimento de outros locais/países se torna fundamental para o conhecimento de novas vivências quer espaciais quer sociais, para um arquiteto é imprescindível recorrer ao ato de viajar quer dentro do seu país natal quer fora, assim, para estes arquitetos não só as viagens foram algo recorrente a todos foram essenciais para obter referências/ inspiração para as suas obras.

Após conhecer sucintamente a vida destes arquitetos, não se pode deixar de reparar que apesar de todos pertencerem à mesma geração Norte Júnior e Raul Lino têm uma arquitetura baseada na influência francesa, que era ensinada nas escolas de Belas Artes na altura, já Cassiano Branco e Cottinelli Telmo, enveredaram desde cedo na fase moderna que estava a ganhar relevância no século XX.

Assim, podemos verificar que Júnior e Lino, baseados na influência francesa, era a arquitetura tradicional portuguesa que os inspirava chegando Lino a escrever um livro sobre o assunto, tendo, ambos sido detentores de prémios Valmor. Já Cassiano Branco e Cottinelli desde cedo colocaram de lado a influência francesa regendo as suas obras pelo movimento moderno. Branco, Lino e Telmo chegaram a ver o seu percurso profissional cruzar-se durante a Exposição do Mundo Português trabalhando lado a lado.

Não obstante, há que salientar que todos estes arquitetos eram multifacetados, incutindo nas suas obras de arquitetura sempre um “toque pessoal”, quer através da decoração ou até mesmo mobiliário. Todos estes arquitetos encontravam-se ligados ainda a outras vertentes artísticas (desde ilustração, design, cinema,...) e a cargos públicos que ocuparam ao longo das suas carreiras.

Considerações Finais

O termalismo e o seu desenvolvimento que se viu erguer no passado levamos a um entendimento da origem, progresso e condicionantes não só a nível termal, mas a nível urbanístico também, pois no local onde nasciam estas águas, essenciais a esta prática não levava apenas a que se desenvolvesse um edifício, mas sim toda a região crescia de modo a ir ao encontro de proporcionar equipamentos suficientes para o desenvolvimento da prática termal.

Em boa verdade poucos são os concelhos que contêm dois complexos termais, no entanto, Anadia é um dos que apresenta duas termas bastante distintas em vários aspetos, umas termas públicas pertencentes à câmara municipal de Anadia onde apenas existe uma buvette, enquanto as outras termas, as quais incide esta dissertação, pertencem a uma entidade privada, que desde a sua origem se tornou num núcleo autossuficiente que fez com que todo o local crescesse em função destas termas quer dentro do perímetro termal quer em torno destas. Ilustres nomes da arquitetura no século passado foram responsáveis por vários edifícios deste local o que atribuí um grande valor arquitetónico ao local, porém, após duas décadas onde pouco ou nada foi feito, a degradação deste complexo é mais que evidente.

Ao entrar na Curia deparamo-nos à esquerda com um parque das merendas seguido da estação ferroviária onde atualmente no edifício da estação se encontra ocupado pela intitulada “rota da Bairrada” que se destina a um espaço promocional relativo à Bairrada, este foi inaugurado em 2010 tendo como objetivo o aproveitamento deste edifício histórico.

O acesso ao complexo termal é feito através de uma alameda com cerca de 500m composta em ambos os lados de grandes árvores, apelidado de “Avenida dos Plátanos”, esta tem início junto do apeadeiro da Curia, e termina junto da entrada desta estância.

De frente a esta entrada, encontra-se uma rotunda onde está um conjunto escultórico intitulado “A gota da Curia” da autoria de Pedro Figueiredo, (esta escultura foi inaugurada em Setembro de 2020, e é uma homenagem à água termal), é exatamente nesta rotunda que se desenvolve a rede viária que tem ligação às localidades vizinhas.

No início da construção deste complexo termal a avenida dos plátanos era apenas uma estrada de terra batida, no entanto com o desenvolvimento desta também



Fig. 350 | Estrada de terra batida (s.d.).

estes elementos urbanísticos evoluíram, logo, houve a criação de passeios, e colocação de cubo de granito nas estradas. Anos mais tarde, por volta do ano 2000 a Câmara Municipal mandou alcatroar o local, mudando assim o aspeto perante a entrada medieval deste complexo termal.

No entanto em 2011/2012, como a degradação do espaço/mobiliário urbano era evidente, este foi alvo de uma reabilitação pelas mãos do arquiteto Rui Rosmaninho, este fez uma *“remodelação profunda da pavimentação em zonas de circulação pedonal e rodoviária, com reordenamento de circulação de trânsito e estacionamento; construção de uma ciclovia; aplicação de mobiliário urbano atual e funcional; substituição da rede de iluminação pública com aplicação de uma linha de luminárias de tecnologia LED; remodelação das infraestruturas de drenagem das redes de saneamento,*

- Auto- Estrada do Norte
- IC2
- Linha do Comboio
- Estrada Nacional 235
- Estrada Municipal 619
- Caminhos Complementares
- Termas da Curia

Escala | 1:200 000



Fig. 351 | Mapa de acessibilidades de Anadia, de modo a perceber o acesso às termas da Curia



Fig. 352, 353 e 354 | Mobiliário urbano autoral e estradas de acesso ao parque termal em cubo de granito (2012).



Fig. 355 | Mobiliário urbano do arq. Rui Rosmaninho na atualidade (2023).

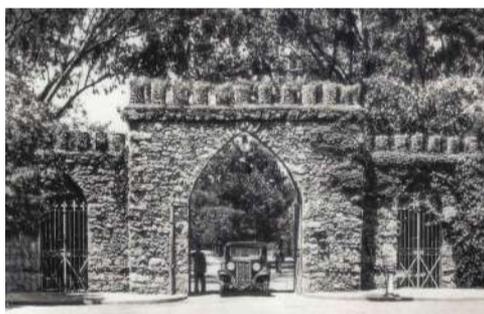


Fig. 356 | Desenvolvimento urbano em relação ao postal anterior, onde já é possível ver que já existem passeios e estrada em cubo de granito (s.d.).



Fig. 357 | Entrada medieval do parque termal (2023).

águas pluviais e abastecimento de água pública; requalificação da arborização existentes; e redução de custos de manutenção e consumos energéticos.”⁰⁴

Para além da criação de ciclovias e o mobiliário urbano, umas das intervenções mais notórias foi na rede viária onde mandou remover o alcatrão e colocou paralelo de granito por cima do cubo antigo, devolvendo ao local a sua beleza de outrora.

Assim, após entrarmos no parque, deparamo-nos com uma alameda arborizada que nos conduz até ao embarcadouro das gaivotas e ao lago. Para o lado esquerdo (ou seja, a Sul) deparamo-nos para além de uma zona arbórea diversificada, com o lago que envolve uma ilha acessível através de pontes de madeira, onde se encontra um campo de ténis, uma casa de chá (desativado), um parque infantil, um campo polivalente, e um edifício de apoio à manutenção (desativado). Para o lado direito (ou seja, a norte), encontramos o Hotel das Termas, seguido pelo Antigo Balneário e casino (desativado), seguindo através de um corredor coberto que serve de elo de ligação entre o antigo balneário e a Buvette, chegamos ao edifício onde atualmente se encontram as termas este tem duas frentes, a voltada a sul que era local de comércio, e a norte as atuais termas servido de um corpo contemporâneo, sem o monumentalismo da fachada sul. Posteriormente (ainda a Norte), destes dois edifícios ainda nos deparamos com o grande hotel da Curia e o Hotel Boavista (ambos desativados).

Logo, após o estudo que fiz para a realização deste trabalho, deparei-me com a falta de informação patrimonial relativa ao local, assim parece-me que seria essencial fazer-se um estudo aprofundado sobre a hierarquia de valores através de um levantamento arquitetónico e paisagístico.

Como não existe nenhum tipo de classificação relativa a este parque termal, seria essencial que fosse feito um levantamento arquitetónico e paisagístico, de modo a hierarquizar os valores patrimoniais do local, como vimos anteriormente,

04 | Rosmaninho, Rui. Memória Descritiva, arquiteturuirosmaninho (2010-2012), Disponível em : <https://www.arquiteturuirosmaninho.pt/portfolio/requalificacao-urbana-da-curia/>



- Ciclovia
- Alcatrão
- Paralelo de granito
- Cubo de granito 11 x 11
- Cubo de granito 5 x 5
- Zonas Verdes
- Casca de Pinheiro
- Saibro

Escala | 1:5000



Fig. 358 | Proposta da revitalização urbana da Curia do arquiteto Rui Rosmaninho (2010 / 2011)



Fig. 359 | Caminho e lago da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa).

temos elementos bastante interessantes como vitrais, ferros, mármore, pinturas, estuques, entre outros, que poderiam/deveriam receber algum tipo de classificação. Assim seria essencial que após esse levantamento se depreendesse proceder à classificação destes edifícios tendo em os referidos valores.

Contudo, ainda que de um ponto de vista especulativo, relativamente ao parque arbóreo e, tendo como exemplo o que Gonçalo Ribeiro Telles fez nos jardins da Gulbenkian, onde criou uma relação entre os edifícios e os jardins, acredito que na Curia também se poderia criar uma melhor interligação entre os edifícios e o parque, quer pela substituição de algumas espécies arbóreas quer por uma nova redefinição dos caminhos.



Fig. 360 | Waterfall, (Palácio de Versailles, 2016).

Outra forma de dinamização deste local poderia partir de uma intervenção artística tal como Olafur Eliasson fez no parque de Serralves e em Versailles, criando uma relação entre o espaço natural e o edificado através de um trabalho escultórico.

Relativamente aos edifícios, após a sua classificação poder-se-ia pensar em intervir neles tal como o Arquiteto Álvaro Siza Vieira fez em Vidago e em pedras Salgadas, onde manteve a monumentalidade destes edifícios termais adaptando-os às necessidades atuais.



Fig. 361 | Esculturas do parque de Serralves.

Penso assim que a Curia iria ser valorizada se algo deste género fosse concretizado, no entanto, como pudemos ver nas imagens ao longo deste trabalho, antes de se proceder a qualquer tipo de intervenção a um nível global deveria começar-se a fazer algumas intervenções pequenas que possam valorizar o local, exemplo disso seria por exemplo na Buvette, na qual contém a pia de mármore danificada, esta deveria ser substituída e as fontes que estão desativadas (a fonte Principal e a dos Olhos) deveriam voltar a funcionar.

Porém, estas são apenas de um modo conceptual ideias do que poderia ser feito, pois, apesar do risco deste local fechar portas ser inerente não podemos deixar de ter em conta o património arquitetónico, paisagístico e histórico que ele nos proporciona.



Fig. 362 | Vidago, Palacete Hotel e Parque Termal. Arq. Siza Vieira



Fig. 363 | Antigo Balneário das Pedras Salgadas

Bibliografia

Acciaiuoli, Luiz (1941), Águas de Portugal: relatório referente à exploração das nascentes de águas minerais e de mesa durante o ano de 1939, Lisboa (1941 ou MCMXLI)

Acciaiuoli, Luiz (1949), História da Química na Hidrologia Portuguesa, Academia das Ciências de Lisboa, Lisboa (1949)

Alegre, Carlos (Abril, 2017), Vale da Mó, Aqua Nativa nº42, Anadia: Associação Cultural de Anadia.03-15

Almeida, Álvaro Duarte; Belo, Duarte (2008), Portugal: atlas do património, Lisboa: círculo dos leitores.

Almeida, Pedro Vieira de. “Raul Lino, Arquitecto Moderno”, In Raul Lino: Exposição retrospectiva da sua obra. Lisboa : Fundação Calouste Gulbenkian, 1970

Águas de Portugal (2016), Águas de Portugal, Lisboa: By The Book

As águas da Curia e sua Estancia- Sociedade das aguas da curia, typographia Pereira, Porto 1915

Amaro, Rui (Setembro, 1983). Termas da Curia com novas expectativas- Receitas do bingo trarão melhoramentos?. Jornal de notícias.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE ÁGUAS MINERAIS NATURAIS E DE NASCENTE (APIAM). Águas Minerais Naturais e Águas de Nascente - Livro branco. Lisboa, 2015

Associação Nacional dos Industriais de Águas Minero- Mediciniais e de Mesa (1984), Termas de Portugal, Lisboa: Associação Nacional dos Industriais de Água Minero- Mediciniais e de Mesa.

Bártolo, José (2011), Cassiano Branco: Coleção Arquitectos Portugueses; Vila do Conde: Quidnovi

Beja, Filomena; Serra, Júlia; Machás, Estella; Saldanha, Isabel (1990), Muitos Anos de Escolas: Edifícios para o ensino infantil e primário até 1941 (vol.1), Lisboa: Ministério da Educação.

Boliqueime, Susana (2013), “O Germinar do Cipestre”, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra.

Cabrita, António Russo (1988), Turismohotel- A Bairrada e as suas raízes: a propósito do X Grande capítulo da confraria dos enófilos, Turismohotel nº99, Porto.

Cardoso, Rui (2020). Termas: O mundo das águas abençoadas, Memória de Portugal: dois séculos de fotografia. Atlântico Press

Carneiro, Mário Gonçalves (2004), As caldas de Chaves, Coimbra 1945.

Carriço, Ana (2013) Metamorfoses do espaço termal: O caso das termas de S. Pedro do Sul, Tese de Doutoramento, Universidade da Beira Interior.

Carvalheira, Rozendo ; Colares, E.N. (25 de Abril, 1916), A Construção Moderna nº8, Lisboa: Centro Tip. Colonial

Carvalheira, Rozendo ; Colares, E.N.; Matos, J. (25 de Abril, 1913), A Construção Moderna e as Artes do Metal nº8, Lisboa: Cesar Piloto.

Carvalho, Margarida Kol de; Cameira, Cecília; Martins, João Paulo (eds.). Cottinelli Telmo. Os arquitectos são poetas também. Lisboa: EGEAC, Padrão dos Descobrimentos, 2015

Carvalho, Maria de Jesus Mendes de; Cassiano Branco: A Obra (1998), Dissertação de Mestrado, Faculdade de Arquitectura e Artes, Universidade Lusíada de Lisboa

Coimbra, Ana (2013) Termas da Curia: abordagem da arquitetura termal, Tese de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa

Collares, Nuno (Fevereiro, 1909), Projecto da casa do Sr. José Malhõa- Architecto, Norte Júnior; A Architectura Portuguesa nº2, Lisboa: Centro typographico Colonial, 5-10.

Collares, Nuno (Novembro, 1910), Projecto da propriedade do Sr. Brandão- Architecto, Norte Júnior; A Architectura Portuguesa nº11, Lisboa: Typographia de Adolfo de Mendonça, 41-46.

Cortez, José António Simões (Coord.) (2012), Águas Minerais Naturais e de Nascente da Região Centro, Aveiro: MareLiberum-Fedrave (dezembro 2012).

Dicionário do termalismo (s.d.)

École Française de Rome de Rome (Novembre 1988), Les Thermes Romains: Actes de la table ronde, Rome: École Française de Rome 1991.

Fernandes, José M. (2003), Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo, Lisboa: Instituto português do património arquitetónico.

Fernandes, Mariana (2010), “O Gato Enroscado ao sol”: Raul Lino e a Casa do Cipestre, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra.

Ferreira, Claudino (1994), Os usos sociais do Termalismo: Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das Termas da Curia, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra.

Ferreira, Claudino (Dezembro, 1996), As Metamorfoses da Vida Termal- As Termas da Curia e o Termalismo Português do Século XX à Actualidade, Aqua Nativa nº11, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 25-44.

Ferreira, Raúl Hestnes; Silva, Fernando Gomes - Catálogo Cassiano Branco. Lisboa: Associação de Arquitetos Portugueses

Fevereiro, António Cota (2012), Genealogia, dados biográficos e obra de arquitetos, artistas e construtores civis portugueses do século XIX e XX; Raízes & Memórias. Nº 29, (Dezembro de 2012)

Folgado, Deolinda; Oliveira, Catarina (2015), Norte Júnior: Um inventário, um autor, uma obra. Revista Património, Nº 3, (Dezembro 2015)

Freitas, João J.R. (1984) Termas de Portugal, Lisboa: Associação nacional de águas minero medicinais e de mesa.

Godinho, Aulo-Gélio Severino (1972), Raul Lino: O Artista e a Obra; Porto: Associação Portuense de Ex-Libris Nº57.

Godinho, Rui (Dezembro, 1993), Curia História e Urbanismo, Aqua Nativa nº5, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 48-53.

Godinho, Rui (Julho, 1994), Curia História e Urbanismo (conclusão), Aqua Nativa nº6, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 57-63.

Gomes, Ana (2015), Turismo de saúde no centro de Portugal, DESCLA nº 24, Viseu, 48-69.

Henriques, Francisco (1998), Aquilégio medicinal, Lisboa: Instituto geológico e Mineiro: Ministério da Economia.

Lacerda, Rui; Arquitectura Termal em Portugal: em busca do balneário ideal (2011), Dissertação de doutoramento, Universidad de A Coruña, Escola Técnica Superior de Arquitectura.

Leal, José; Faria, Pedro (1998), O nosso concelho- Anadia, V.N.Gaia: P.B.G. Lda.

Lino, Raul (2015), "A nossa Casa: Apontamentos sobre o bom gosto na construção das casas simples", Sintra: Colares Editora

Lopes, Bento (1980), Monografia do Conselho de Anadia, Anadia: 1980.

Lopes, Luís; Barreira, Maria da Encarnação (1989), Aveiro- Ria, Mar, Terras e Gentes, Porto: LEMA- Cultura e Divulgação Regional, 56-59.

Mangorrinha, Jorge (2012), O que é uma cidade termal ?, Lisboa: Gráfica 99, 2ª edição.

Machado, Manuel A.F. (1983), Tamengos e sua estância termal da Curia : monografia da freguesia, Coimbra 1983.

Mangorrinha, Jorge, (2000). O lugar das termas: património e desenvolvimento regional: as estâncias termais da Região Oeste, Lisboa: Livros Horizonte.

Mangorrinha, Jorge; Guerra, Luís (2002), À volta das termas: viagens no espaço e no tempo, Caldas da Rainha: Livraria Nova Galáxia, 1ª edição.

Mangorrinha, Jorge; Pinto, Helena Gonçalves (2009), O desenho das termas: história da arquitetura termal portuguesa, Odivelas: Edição do autor.

Marques, Litério; Carvalho, José (2013), Novos Urbanismos, Novas Paisagens: Monólogos de Memória, Anadia, Museu do Vinho da Bairrada.

Mimoso, João (Junho. 1998), O Curia Palace, Evasões nº2, Lisboa: Volta ao Mundo 1997-1998.

Moreira, José A. M.. (Dezembro, 1997), O Edifício de Passageiros da Estação de Caminho de Ferro da Curia, Aqua Nativa nº13, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 33- 48.

Mota, Arsénio (1993), Estudos Regionais sobre a Bairrada, Porto: Figueirinhas.

Município de Anadia (2019), Anadia, Terra de Paixões, Anadia (1ª edição).

Narciso, Armando (Junho, 1944), Termas de Portugal, Revista Portuguesa de Arte e Turismo (PANORAMA) nº21, Edição do secretariado da propaganda nacional.

Navega, Luis (1919), Aguas medicinaes- Curia 1918, Officinas “O commercio do Porto” (1919).

Neves, Amaro; Semedo, Énio; Arroiteia, Jorge (1989), Aveiro- Do Vouga ao Buçaco, Lisboa: Editorial Presença Lda.

Neves, Henrique (Junho, 2008), Projecto da casa do Sr. Conde Armand- Architecto Raul Lino; A Architectura Portuguesa nº6, Lisboa: Centro typographico Colonial, 21-26.

Nogueira, José Couto (1995), Portugal Passo a Passo- Beira Litoral, Amadora: Clube Internacional do Livro.

Ortigão, Ramalho (2008), Banhos de caldas e aguas mineraes, Porto: Livraria Universal de Magalhães e Moniz.

Pereira, Alcides J.S.C (2012), Águas minerais naturais e de nascente da região centro, Aveiro: Mare Liberum.

Pereira, Francisco Cardoso (Dezembro, 2002), Uma História Sobre o Lago da Curia, Aqua Nativa nº23, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 69-72.

Pinto, Paulo Tormenta (2016), Cassiano Branco: Modern Visions of an “Innconvenient” Architect; DOCOMOMO Journal 55, Lisboa: Instituto Superior Técnico, 31-37.

Pires, Ana (2010), Recursos e Território: uma geografia da esperança, comissão de coordenação e desenvolvimento regional do Centro.

Ramos, Adília (2005) O Termalismo em Portugal: Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística, Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro

Rosmaninho, Nuno (2018), Cronologia das Termas da Curia: Das origens a 1950, Óbidos: Curia Associação.

Rosmaninho, Nuno; Santos, Ana Paula Figueira; Gonçalves, Rui Miguel Rosmaninho (2007), Relance Histórico/ Artístico e Etnográfico, Paredes: Reviver Editora.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 1991), História Local- O Exemplo de Anadia, Aqua Nativa nº1, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 8-12.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 1992), Algumas Cartas do Nascimento da Curia, Aqua Nativa nº2, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 15-19.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 1995), A História local de Anadia, Aqua Nativa nº9, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 56-61.

Rosmaninho, Nuno; Simão, Maria Cristina B. (Agosto, 2002), Seis Projetos de Arquitetura: Jaime Inácio dos Santos, Francisco Leandro Cardoso, Norte Júnior e Cassiano Branco, Aqua Nativa nº22, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 59-67.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2003), Cronologia da Curia (Das origens a 1905), Aqua Nativa nº25, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 55-72.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 2004), Cronologia da Curia (1906-1910), Aqua Nativa nº26, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 41-52.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 2005), Cronologia da Curia (1911-1915), Aqua Nativa nº28, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 21-37.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 2005), A Sociedade das Águas da Curia na primeira metade do século XX, Aqua Nativa nº28, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 38-49.

Rosmaninho, Nuno (Agosto, 2006), Cronologia da Curia (1916-1917), Aqua Nativa nº30, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 57-66.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2006), Cronologia da Curia (1918-1920), Aqua Nativa nº31, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 49-57.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 2007), Cronologia da Curia (1921-1925), Aqua Nativa nº32, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 42-59.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2007), Cartas do Nascimento da Curia Trocadas entre Albano Coutinho e Maria Emília Seabras de Castro (1902-1910), Aqua Nativa nº33, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 19-35.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2009), Cronologia da Curia (1930), Aqua Nativa nº37, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 66-72.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2012), Cronologia da Curia (1932-1933), Aqua Nativa nº40, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 28-38.

Rosmaninho, Nuno (Abril, 2017), Cronologia da Curia (1931, 1934, 1935 e 1936), Aqua Nativa nº42, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 31-51.

Rosmaninho, Nuno (Junho, 2008), Cronologia da Curia (1926-1927), Aqua Nativa nº34, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 46-55.

Rosmaninho, Nuno (Dezembro, 2008), Cronologia da Curia (1928-1929), Aqua Nativa nº35, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 51-60.

Saial, Joaquim (Setembro, 1990), Cottinelli Telmo: O “Conquistador de Belém”; Artes Plásticas nº3.

Santos, Joana (2011), Raul Lino: Coleção Arquitectos Portugueses; Vila do Conde: Quidnovi

Sauvat, Catherine (1999), Villes d’eaux en Europe, Paris: Éditions du chêne.

Silveira, Joaquim (Junho,1991), Toponímia Portuguesa, Aqua Nativa nº0, Anadia: Associação Cultural de Anadia.

Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 1994), Estância Termal da Curia- História e Arte (1ªparte), Aqua Nativa nº7, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 59-71.

Simão, Maria Cristina B. (Junho, 1995), Estância Termal da Curia- História e Arte (2ªparte), Aqua Nativa nº8, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 50-55.

Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 1995), Estância Termal da Curia- História e Arte (3ªparte), Aqua Nativa nº9, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 26-35.

Simão, Maria Cristina B. (Setembro, 1996), Estância Termal da Curia- História e Arte (4ªparte), Aqua Nativa nº10, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 41-48.

Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 1997), Estância Termal da Curia- História e Arte (6ªparte): O Grande Hotel da Curia, Aqua Nativa nº13, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 50-60.

Simão, Maria Cristina B. (Junho, 1998), Estância Termal da Curia- História e Arte (última parte), Aqua Nativa nº14, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 22-33.

Simão, Maria Cristina B. (Junho, 1999), Vivências Termais- A Curia na primeira metade do século XX, Aqua Nativa nº16, Anadia: Associação Cultural de Anadia, 4-17.

Simão, Maria Cristina B. (Dezembro, 2001), Hotel Boavista: In Memoriam?, Aqua Nativa nº21, Anadia: Associação Cultural de Anadia,37-42.

Schmidt, L., Prista, P., Rebelo, F., Martins, J., Teixeira, F., Graça, M., Almeida, T., Azevedo, A., Marques, J., Costa, C., Pires, A. (2009), *Á beira da água*, Comissão de coordenação e desenvolvimento regional do centro.

Sociedade das Aguas da Curia- Relatorio clinico da epocha thermal de 1907 pelo medico- Luis Navega, Coimbra: Imprensa Academica (1908).

Sociedade das Aguas da Curia- Acta da sessão de 6 de março, Relatório e contas da direcção (Gerencia de 1903), Coimbra: Imprensa Academica (1904).

Sociedade das Aguas da Curia - Relatorio de contas da direcção e parecer do conselho fiscal (Gerencia de 1919), Porto: Officinas do “commercio do Porto” (1920).

Sociedade das Aguas da Curia - Relatorio de contas da direcção e parecer do conselho fiscal (Gerencia de 1927), Coimbra editora 1928.

Sousa, Artur Fernando Dias de (1999); *Actualidades Concelhias*, Matosinhos: Clara publicações Lda.

Tamengos e sua Estância Termal da Curia (s.d.) Junta de freguesia de Tamengos (s.i.).

Termas da Curia, época de 95 (s.i)

Termas da Curia, época de 96 (s.i)

Vasconcelos, António-Pedro; Ferreira, Leandro (2015.01.31), Cottinelli Telmo: *Uma Vida Interrompida* [Vídeo]. Arquivo RTP. <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/cottinelli-telmo-uma-vida-interrompida/>

Webgrafia

Arquitecturas das saúde. ([s.d.]). Arquitecturasdasaude.Pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <http://www.arquitecturasdasaude.pt/main/termas.html>

Arquivo digital: Curia em postais ilustrados. ([s.d.]). Aeje.pt. (Consultado a 2023, Outubro), disponível em: <http://ww3.aeje.pt/avcultur/avcultur/Postais/CuriaPt30.htm>

Associação Rota da Bairrada. ([s.d.]). Visitportugal.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/content/associacao-rota-da-bairrada>

Assembleia da República. ([s.d.]). Parlamento.pt. R(Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://app.parlamento.pt/>

Biblioteca - Destaques. ([s.d.]). Ulisboa.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://biblioteca.fa.ulisboa.pt/>

Biblioteca de Arte Gulbenkian. (2015, junho 2). Biblioteca de Arte Gulbenkian. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/>

Câmara Municipal Anadia. ([s.d.]). Câmara Municipal Anadia. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.cm-anadia.pt/>

Cronologia das Termas portuguesas / 6. (2016, dezembro 4). Wordpress.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://arquitecturasdasaude.wordpress.com/cronologia-das-termas-portuguesas-6/>

De Portugal, C. ([s.d.]). Momentos e factos ferroviários. CP.PT | Comboios de Portugal. (Consultado a 2023, Agosto), disponível em: <https://www.cp.pt/institucional/pt/cultura-ferroviaria/sabia-que>

Dias, B. (2013, maio 13). Hotel Boavista. Cacadevolutos.pt. (Consultado a 2023, Agosto), disponível em: <https://www.cacadevolutos.pt/hotel-boavista/>

Do Porto, U. ([s.d.]). U.Porto - Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto: Adões Bermudes. Sigarra.up.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível

em: https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?p_pagina=antigos%20estudantes%20ilustres%20-%20ad%c3%a3es%20bermudes

Hemeroteca Digital. ([s.d.]). Cm-lisboa.pt. (Consultado a 2023, Março), disponível em: <https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

Home Mais Lisboa- FCSH+Lisboa. (2018, julho 11). FCSH+Lisboa. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://maislisboa.fcsh.unl.pt/>

Hotel Curia Palace Hotel Spa & Golf Anadia, Portugal - reservar agora, 2023 preços. ([s.d.]). Centro-portugal-hotels.com. (Consultado a 2023, Outubro), disponível em: <https://grande-da.centro-portugal-hotels.com/pt/>

Hotel Termas da Curia- Curia- Hotel WebSite. (2023, setembro 25). Com-hotel.com. (Consultado a 2023, Outubro), disponível em: <https://hoteltermasdacuria.com-hotel.com/pt/>

Início. ([s.d.]). GolfDesign. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://golfdesign.pt/pt/>

Leonardo de Castro Freire. ([s.d.]). Geni_family_tree. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.geni.com/people/Leonardo-de-Castro-Freire/6000000029703694711>

Luís Benavente- Arquivo Nacional da Torre do Tombo- DigitArq. (n.d.). DigitArq.arquivos.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://digitArq.arquivos.pt/details?id=4222690>

Mealhada. Notáveis da Minha Terra! (2019). (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://adavr.dglab.gov.pt/2019/12/16/mealhada-notaveis-da-minha-terra/>

Monumentos. ([s.d.]). Gov.Pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <http://www.monumentos.gov.pt/>

Padrão dos Descobrimentos. ([s.d.]). Padrão dos Descobrimentos. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://padraodosdescobrimentos.pt/padrao-dos-descobrimentos/>

“Quem Foi Quem na Toponímia do Município da Mealhada.” (2020, Junho 7). Ruas Com História. (Consultado a 2023, Agosto), disponível em: <https://ruascomhistoria.wordpress.com/2020/06/07/quem-foi-quem-na-toponimia-do-municipio-da-mealhada-3/>

Ramalho, A. (2018, maio 2). Hotel Boavista. Abandonados.pt - Lugares Abandonados em Portugal. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.abandonados.pt/hotel-boavista/>

Redacção PortaldoJardim.com, & Peddle, R. ([s.d.]). O Hotel Palace da Curia é único.... Portaldojardim.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.portaldojardim.com/pdj/2015/12/01/o-hotel-palace-da-curia-e-unico/>

Regiões- Centro- Campos- Curia Golf Club- Apresentação. ([s.d.]). Portugalgolf.pt. (Consultado a 2023, Agosto), disponível em: https://www.portugalgolf.pt/campos/centro/curia_menu.htm

Requalificação urbana da Curia. (2022, fevereiro 1). Rui Rosmaninho Arquiteto. (Consultado a 2023, Março), disponível em: <https://www.arquitetoruirosmaninho.pt/portfolio/requalificacao-urbana-da-curia/>

Revistas de Ideias e Cultura - Portugal. ([s.d.]). Revistas de Ideias e Cultura. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://pt.revistasdeideias.net/>

([S.d.]-b). Turismodocentro.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://turismodocentro.pt/poi/espaco-bairrada/>

([S.d.]). Mapei.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: https://cdnmedia.mapei.com/docs/projects-documents/en-0dc2f368-25c2-49fd-85f3-f78a54d7fae0.pdf.pdf?sfvrsn=58a04f50_8

([S.d.]-b). Tripadvisor.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: https://www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189139-d15123653-Reviews-Associacao_Rota_da_Bairrada-Anadia_Aveiro_District_Northern_Portugal.html

([S.d.]-b). Booked.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://termas-curia-hotel.booked.com>

SABIA QUE... MANUEL PINTO DE AZEVEDO FOI UM DOS INDUSTRIAIS MAIS MARCANTES DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX? – Associação Comercial do Porto. ([s.d.]). Cciporto.com. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://cciporto.com/2020/06/29/sabia-que-manuel-pinto-de-azevedo-foi-um-dos-industriais-mais-marcantes-da-primeira-metade-do-seculo-xx/>

Secretaria-Geral da Economia. ([s.d.]). Gov.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.sgeconomia.gov.pt/>

Secretaria-Geral da Educação e Ciência. ([s.d.]). Mec.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.sec-geral.mec.pt/>

Termalismo. (n.d.). Www.dgeg.gov.pt. (Consultado a 2023, Agosto), disponível em: <https://www.dgeg.gov.pt/pt/estatistica/geologia/recursos-hidrogeologicos-e-geotermicos/termalismo/>

Termas de Portugal. ([s.d.]). Termasdeportugal.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://termasdeportugal.pt/>

The metropolitan museum of art. ([s.d.]). The Metropolitan Museum of Art. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://www.metmuseum.org/>

Turismo, D. E. ([s.d.]). PUBLICAÇÃO MENSAL TURISM-0. Cm-lisboa.pt. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RevistadeTurismo/1923/N143/N143_master/RevistadeTurismoVol8N143.pdf

+lisboa, F. (2016, novembro 12). Arquitetos de Lisboa do século XX: Norte Júnior. FCSH+Lisboa. (Consultado a 2023, Setembro), disponível em: <https://maislisboa.fcsh.unl.pt/arquitetos-de-lisboa-do-seculo-xx-norte-junior/>

Anexos









Fig. 364 | Conjunto de Imagens 3D, do parque termal da Curia e edifícios/ terrenos circundantes.

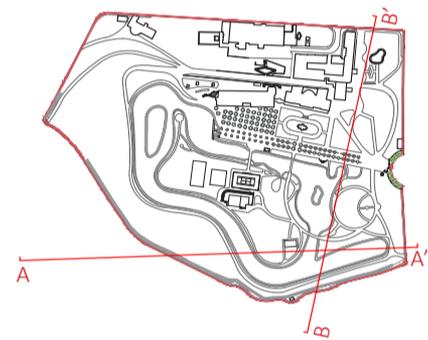


Fig. 365 | Planta de localização dos Cortes



Fig. 366 | Corte AA'



Fig. 367 | Corte BB'

